

Eva G. Sáenz de Urturi

OS
RITUAIS
DA ÁGUA

VOLUME II DA TRILOGIA
O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA



Ficha Técnica

Título: Os Rituais da Água
Título original: Los ritos del agua

Tradução: Tânia Sarmento

Revisão: Catarina Sacramento

Capa: Rui Rosa/Lua de Papel

Fotografias da capa: © Ams22 - Dreamstime; © Marina Endermar - Dreamstime;
© Sergio Rodriguez - Unsplash; © Edric photography - Freepik; © Alexkoral - freepik.
ISBN: 9789892351551

LUA DE PAPEL

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Eva García Sáenz de Urturi, 2017

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leya.pt

www.luadepapel.pt

www.leya.pt



Índice

[Capa](#)

[Ficha Técnica](#)

[Prólogo. O túnel de San Adrián](#)

[1. O monte Dobra](#)

[2. A serra de Aizkorri-Aratz](#)

[3. A fronteira dos malfeitores](#)

[4. A ermida de San Adrián](#)

[5. O povoado cantábrico](#)

[6. O cantão da Soledad](#)

[7. Praça da Virgen Blanca, 2](#)

[8. O infantário de La Senda](#)

[9. Lakua](#)

[10. O jardim da muralha](#)

[11. O cemitério de Santa Isabel](#)

[12. A ilha de Man](#)

[13. Txagorritxu/text>](#)

[14. A praia de Portío](#)

[15. A faculdade de Hist](#)

[16. A casa de Pando-Argüelles](#)

[17. A rua San Francisco](#)

[18. A avenida Fray Francisco](#)

[19. O charco de Villaverde](#)

[20. Sandaili](#)

[21. O estanque de La Barbacana](#)

[22. O hotel Doña Blanca](#)

[23. O cantão de San Roque](#)

[24. A cripta da Catedral Nova](#)

[25. O verão de Kraken](#)

[26. Os jardins de Collado](#)

[27. O hospital de Txagorritxu](#)

[28. Os jardins do hospital](#)

[29. A ara das Matres](#)

[30. A cruz de Gorbea](#)

[31. O jogo da forca](#)

[32. O hospital de Valdecilla](#)

[33. San Juan de Gaztelugatxe](#)

[34. A encosta das Viúvas](#)

[35. O alto de Villaverde](#)

[36. A pista de gelo](#)

[37. A noite das velas](#)

[38. A encosta do Resbaladero](#)

[39. O pico Dobra](#)

[40. O Barba Azul](#)

[41. O cantão das Pulmonías](#)

[42. O hospital de Santiago](#)

[43. O jardim da Sequoia](#)

[44. As três ondas](#)

[45. O local arqueológico de Atxa](#)

- [46. Amesterdão](#)
- [47. Deba](#)
- [48. Em Arnía](#)
- [49. O urro de Manzano](#)
- [50. A Costa Quebrada](#)
- [51. A horta do avô](#)
- [52. O palácio Conde de San Diego](#)
- [53. O Portalón](#)
- [54. A torre dos Anda](#)
- [55. A Malquerida](#)
- [56. Santillana del Mar](#)
- [57. A fonte dos Patos](#)
- [58. A erva daninha](#)
- [59. A capela do hospital](#)
- [60. O hotel Real](#)
- [61. Somocuevas](#)
- [62. O rio Zodorra](#)
- [63. O Palácio da Justiça](#)
- [64. O casebre de Santillana](#)
- [65. Um altar no céu](#)
- [66. O palácio de Escoriaza-Esquivel](#)
- [67. A ermida de Okon](#)
- [68. Puente Viesgo](#)
- [69. A casa do avô](#)
- [70. A casa de Alba](#)
- [Epílogo. Deba](#)
- [Agradecimentos](#)

Os Rituais da Água

Eva García Sáenz de Urturi

Traduzido do espanhol por
Tânia Sarmento

Para os meus filhos, para que nunca vivam
onde habita o esquecimento

O melhor truque do diabo foi convencer
toda a gente de que não existia.

Diálogo de Verbal em *Os Suspeitos do Costume*
citando CHARLES BAUDELAIRE

PRÓLOGO

O túnel de San Adrián

17 de novembro de 2016, quinta-feira

– Estou grávida desde agosto – murmurou-me Alba, expectante da minha reação –, desde as festas da Virgen Blanca, Unai.

Lembro-me da intensidade daquela sensação. O sorriso involuntário que me iluminou novembro. Alba estava grávida. De mim. Fiz contas de cabeça, catorze semanas. Aquele filho já tinha vivido mais do que os meus gémeos. Catorze semanas. Fora dos perigos do primeiro trimestre. Um filho, uma filha. Alba e eu íamos ser pais.

Fechei os olhos, saboreei aquele momento, o mais feliz em anos. Voltei a cabeça em direção à janela da minha sala; lá fora, uma Vitoria entorpecida desfazia-se em chuva e mal se conseguiam ver as varandas brancas do outro lado da praça da Virgen Blanca. Não me importava. O calor que senti, a correr-me nas veias, podia ter aquecido o universo inteiro.

Mas quando olhei para o rosto dela, adivinhei um aviso mudo no seu olhar, uma má notícia que se avizinhava.

– O que foi? – escrevi sem compreender. – O que se passa? Sei que não é a melhor maneira de começar uma relação, mas...

Alba parou os meus dedos no ecrã.

– Não tenho como saber, neste momento, se o filho que espero é teu ou do Nancho.

A menção àquele que foi o seu marido e o som que isso provocava explodiu nalgum lugar do meu cérebro e deixou-me hirto, como a detonação de uma bala. Ele estava morto, mas a sua semente continuava viva no ventre de Alba?

Para aqueles que ainda não conhecem a minha história, vou resumi-la em poucas linhas: chamo-me Unai López de Ayala, trabalho como especialista a traçar perfis na Unidade de Investigação Criminal da esquadra de Vitoria. Em termos práticos, todos me conhecem por Kraken. Sofro de afasia de Broca; o assassino em série do último caso que resolvi a custo quase me levou com ele e plantou-me uma bala no cérebro. Ainda não sou capaz de falar, exceto algum

grito que emito quando não tenho outra opção. Mas consigo comunicar eficazmente graças a um programa de edição no meu telemóvel.

E era exatamente isso que eu estava a conseguir fazer com a minha chefe, a subcomissária Alba Díaz de Salvatierra, a mulher que além disso... bem: ela.

Mas naquele momento, no pior momento possível, recebi pelo WhatsApp uma mensagem de Estíbaliz, a minha colega. Amaldiçoei-a por aquela intromissão inoportuna:

– Kraken, desculpa interromper o-que-quer-que-seja-que-estás-a-fazer-agora-e-fico-feliz-por-ti, mas a equipa da Polícia Científica está a analisar o local de um crime na zona alavesa do túnel de San Adrián. A subcomissária Salvatierra tem o telemóvel desligado. Gostava que viesses comigo, é importante.

Fiz um gesto a Alba para que lesse a mensagem também. Trocámos um olhar preocupado e ela apressou-se a tirar o telemóvel do bolso do casaco e ligou-o.

– Esti, sinto muito que tenhas sido chamada, mas eu estou de baixa. A subcomissária vai ligar-te agora mesmo. O que aconteceu? – escrevi.

– Mulher jovem, pendurada por uma corda de cabeça para baixo, possível morte por afogamento.

– Afogamento, no alto de uma montanha? – respondi sem pensar.

Penso que o especialista em perfis acendeu o interruptor sem a minha autorização, assim que detetou aquela incongruência.

– É verdade. O corpo estava submerso à altura dos ombros num caldeirão de bronze cheio de água, Kraken. Uma peça arqueológica, de museu. Precisamos de consultar um especialista, mas parece ser um caldeirão da época celta. Uma morte muito estranha, um cenário bastante elaborado. Não é um homicídio qualquer. Quero pedir à subcomissária que fale com o juiz Olano para te autorizar a estar presente no local do crime como especialista. Espero estar enganada, espero que não tenhamos de enfrentar de novo um assassino em série, mas tu és um dos melhores especialista a traçar perfis que conheço e preciso que, se me atribuírem o caso, estejas ao meu lado para me aconselhar.

Não consegui deixar de fazer suposições, não consegui evitar imaginar o local do crime, e desejei vê-lo com os meus próprios olhos. Mas controlei-me. Continuava de baixa, continuava sem conseguir falar, ainda não estava no ativo. Não a podia ajudar.

– Concordo. Parece bastante estranho, mas podes tratar disso sozinha, eu não posso nem devo ir – frisei, na esperança de que não continuasse a insistir.

– Kraken... antes que venhas a saber pela imprensa, que vai falar disto, prefiro ser eu a contar-te. Estou a dar-te a oportunidade de vires comigo, de veres o local do crime e a vítima. Penso que me vais culpar a vida inteira se não te disser agora.

- Não estou a perceber nada, Esti.
- A mulher tinha documentos. Não lhe roubaram a carteira, que estava no chão, possivelmente caiu-lhe do bolso.
- Quem diabo é? – escrevi, inquieto.
- É a Ana Belén Liaño, a tua primeira namorada. A rapariga com quem saíste antes do que aconteceu naquele verão no acampamento na Cantábria...
- Certo, Esti, certo – interrompi-a, incomodado. – Como é que sabes tudo isso?
- O Lutxo contou a história toda ao meu irmão.
- “A Annabel Lee”, pensei, sem conseguir aceitar. Nunca a imaginei morta, apesar do quanto ela gostava de brincar com a morte e com os seus rituais.
- “A Annabel Lee está morta.”
- Há outra coisa que precisas de saber.
- O que mais pode haver?
- Estava grávida.

O monte Dobra

4 de setembro de 2016, domingo

Hoje regressei ao lago, pai.

A minha madrinha proibiu-me de o fazer. Era a única regra que a magoaria realmente se eu transgredisse. Não voltar a procurar-te. Não voltar por ti. Sabíamos demasiado bem do que era capaz o Barba Azul quando se sentia ameaçado.

Hoje leio, com perplexidade, o título infame no *El Periódico Cántabro*:

*

JOVEM DE 23 ANOS ENCONTRADA MORTA

NO CIMO DO MONTE DOBRA

Continua o mistério dos jovens suicidas

Apareceu o cadáver da jovem G.T., de 23 anos, natural de Santander. Já são três os jovens que, em montes diferentes da costa cantábrica, foram encontrados mortos por hipotermia depois de despirem as roupas e de passarem a noite ao relento. Nenhum deles apresentava sinais visíveis de violência. Trata-se de uma moda, de um efeito de imitação...? A polícia não encontra nenhuma explicação ou qualquer relação entre as vítimas.

*

Os investigadores estão novamente desconcertados. É o terceiro, com os mesmos padrões: jovens, alguns quase adolescentes, que sobem a um monte na província da Cantábria, despem-se ao cair da noite e aparecem mortos de frio na manhã seguinte. Nenhum indício, nenhuma motivação depois de se passar a pente fino as vidas das suas famílias.

Claro que não.

Como é que alguém haveria de encontrar alguma coisa se não quer reparar no que tem diante de si?

Depois de uma busca sinuosa, encontrei a foto da rapariga, Barba Azul. Partilha dos meus traços, à sua maneira. Disseste-me que ela tinha morrido. Olhaste-me nos olhos e disseste-me que estava morta, maldito sejas. Ficaste com ela.

Prometi à minha madrinha não me aproximar, não te procurar, mas hoje vou cuspir nessas promessas porque não fazes ideia da raiva que se está a formar e me afoga estas entranhas que tu apodreceste.

Apesar de tudo, o pior é que sinto a tua falta, pai. Tenho saudades das tuas atenções, dessa tua maneira tão própria de fingir diante de todos que te importavas comigo, antes do último verão e de tudo o que aconteceu naquele lugar entre o povoado e as falésias onde perdi a minha primeira vida.

Às vezes fechava os olhos e fazia um esforço por me juntar ao teu público e fingir que também eu acreditava, que existia realmente um universo paralelo em que eras um bom pai e me amavas, não daquele teu modo tão nocivo.

Inútil. Nunca consegui acreditar.

Estou a fumar e a beber mais do que é hábito. Ontem envolvi-me numa briga. Tenho de me reinventar uma vez mais, pôr ordem na minha vida. Ser outra pessoa, uma qualquer, que não seja eu.

Estou de volta, pai.

A serra de Aizkorri-Aratz

17 de novembro de 2016, quinta-feira

Quem era Annabel Lee? Vejamos, naquela época eu ia fazer dezasseis anos. Ana Belén Liaño apareceu em Cabezón de la Sal, a vila cantábrica perto da costa, no primeiro dia da colónia de férias onde eu, o Lutxo, o Asier e o Jota – o núcleo duro do grupo de amigos de San Viator – tínhamos decidido passar o melhor julho das nossas curtas e ainda incertas vidas.

Ela tinha o cabelo preto e liso até à cintura, uma franja direita sobre os olhos que não lhe permitiam ter uma visão da vida minimamente segura e as ideias tão claras que nem os adultos a questionavam.

No início a atitude dela irritou-me, depois intrigou-me e na terceira noite de acampamento não consegui pregar olho, pendente daquela mistura de gemidos e sussurros que lhe escapavam quando dormia a vários sacos-cama de distância. Estava já, digamos, bastante rendido à sua causa.

Numa idade em que a maioria de nós não fazia a mínima ideia do que iria estudar quando acabasse o secundário, e muito menos do que queria ser na vida, Ana Belén Liaño era já uma talentosa ilustradora de banda desenhada, e o pseudónimo com que assinava os seus rabiscos artísticos e negros, Annabel Lee, a personagem do poema de Edgar Allan Poe, tinha, apesar da sua juventude, já algum peso no mundo nacional: erótico, gótico, pós-apocalíptico...

Ninguém lhe resistia, ia além dos limites e géneros, apesar de as suas referências criativas serem Gustavo Adolfo Bécquer, Lord Byron e William Blake. Era uma rapariga que andava sempre agarrada a um marcador *Staedtler* preto e frequentemente tinha os antebraços pintados com vinhetas improvisadas de que se lembrava a qualquer momento: enquanto lavávamos as tigelas de metal do pequeno-almoço, ou quando Saúl Tovar, o diretor do acampamento, nos enchia a cabeça de histórias repletas de rituais e vestígios antigos enquanto nos levava num autocarro a cair aos bocados a lugares com uma certa magia em toda a costa norte, como San Juan de Gaztelugatxe, na Biscaia, ou a praia de Deba, em Guipúzcoa.

Annabel Lee tinha mais idiossincrasias. Havia uma névoa permanentemente colada ao seu estado de espírito, era vaga nas respostas, todos sabíamos que lhe fascinava mais o seu selvagem mundo interior do que a nossa entediante idade de passagem para a vida adulta. Era como uma mulher sem idade, nem jovem nem adulta. Preocupava-se muito com a sua solidão e mimava-a como alguns viúvos aos seus gatos persas: com dedicação e dando-lhes o melhor do seu dia.

De modo que lhe bastaram quatro dias e três noites para conquistar o meu coração até então bastante virgem e com poucas cicatrizes para lambar. Infeliz. Levou-o, alimentou-o, deixou que se acostumasse à sua silenciosa e inquietante companhia e cuspiu-o quando... ainda não sei.

Não sei que maldita razão a levou a desprender-se dele com aquela... ia dizer indiferença, mas não. Alguém arrogante é indiferente, ela podia chegar a ser calorosa. O que acontecia, na verdade, é que Annabel vivia num mundo paralelo que às vezes confluía com o nosso e outras vezes não, mas ela agia a partir de outro lugar, de outra ordem das coisas: as suas próprias e as suas fantasias fantasmagóricas. Por isso, a morte dela não me parecia muito real nem concreta, apenas um final alternativo de uma das suas bandas desenhadas.

Tende-se a pensar que quem cria esse tipo de histórias não parte nem envelhece, simplesmente permanece: foi o que sempre pensei da Annabel Lee, apesar de há anos não ter qualquer contacto com ela depois do modo como acabou aquele verão.

...

Assim que chegámos, desci do *Nissan Patrol* da Unidade e um vento gélido atingiu-me o rosto em modo de boas-vindas violentas à realidade. Por pouco não levava pelos ares Estíbaliz com o seu metro e sessenta. A minha colega tirou o cabelo ruivo da boca e continuou a avançar. Depois das chuvas dos dias anteriores, todo o caminho que nos levava ao túnel de San Adrián estava lamacento, e as previsões meteorológicas adivinhavam-se certas, pois anunciavam tempestades com granizo e as nuvens cinzentas que avistávamos a norte pareciam dar razão aos meteorologistas.

– Estás preparado, Kraken? – perguntou-me Estíbaliz um pouco preocupada. – A subcomissária deu-me autorização para que estejas presente como perito, mas não sabe que a conhecias.

– E prefiro que, por enquanto, não saiba – escrevi no meu telemóvel e mostrei-lhe.

Ela piscou-me o olho, em sinal afirmativo.

Aquele era eu, o amigo-confidente.

– Sim, agora no início é melhor – concordou. – Vamos, daqui a duas horas vai anoitecer. É verdade, há alguma coisa que eu deva saber a respeito da vítima? Alguma coisa no seu estilo de vida que possa estar relacionado com o modo como acabou?

– Não, que eu saiba não – disse eu com um encolher de ombros.

“Não te vou contar tudo o que aconteceu naquele verão, Estíbaliz. Não estou preparado, nem quero partilhá-lo”, pensei.

Tínhamos chegado ao túnel de San Adrián, no Parque Natural de Aizkorri-Aratz, pela estrada de Zegama, pois era no caminho de Guipúzcoa que se encontrava o parque de estacionamento mais próximo do topo. Ali encontrámos dois carros da Polícia Científica, de modo que começámos a subida.

Um estreito caminho de gravilha que tanto eu como Esti já tínhamos percorrido uma dezena de vezes guiou-nos até ao início do túnel. Atravessámos o arco ogival da entrada e percorremos os quase sessenta metros da gruta, deixando à direita uma ermida restaurada e o pequeno sítio onde um grupo de arqueólogos trabalhava todos os verões.

A luz estava a ir-se naquela tarde tensa que já desaparecia. No bosque de faias atrás de nós, as folhas verdes e douradas moviam-se inquietas, atingidas por um vento bastante forte.

Durante as noites de vendaval gostava de ouvir o som das folhas das faias e dos carvalhos da minha serra, quando dormia em casa do avô em Villaverde. Era como um concerto onde os humanos estavam a mais, se bem que naquele dia o som das plantas não me pareceu tão magnífico. Na verdade, senti-o assustador, e não me relaxou como das outras vezes, nem pensar.

O túnel de San Adrián terminava numa grande boca perfurada na rocha. Um orifício natural por onde haviam passado caminhantes e viajantes desde a Pré-história, e durante séculos tinha sido uma das passagens do Caminho de Santiago do Norte.

Dizia-se que até Carlos V teve de se inclinar pela primeira vez na sua vida para o atravessar e, apesar de não saber qual era a altura do monarca, eu tive de baixar a cabeça para aceder à parte de Álava que naquela tarde desagradável se transformara no cenário de um homicídio.

Subimos alguns metros por um caminho estreito e vimos Andoni Cuesta, um colega da equipa Científica. Um homem na casa dos cinquenta, muito metódico, daqueles que ficam até ao último minuto sem se queixar, que nos indicou a entrada para o local do crime. O perímetro já estava todo selado e só se podia aceder por uma parte ainda por selar.

– Como estás, Cuesta? – perguntou-lhe Estíbaliz com um gesto cúmplice. Sabia que ele e Esti se davam muito bem e que costumavam tomar café quando

coincidiam na esquadra da avenida Portal de Foronda, no bairro de Lakua. – Diz-me que foste tu o misterioso vitoriano que ganhou os três milhões de euros da lotaria, porque assim não te livras de me convidar amanhã.

Já há várias semanas que todo o mundo falava em Vitoria do boletim premiado num posto de venda de lotaria no centro e da identidade do vencedor. Toda a gente especulava se o vencedor seria o seu vizinho do quinto andar, que há dias que não aparecia à porta e tinha perdido o jogo de domingo do Alavés, ou o cunhado que não atendia o telefone e se tinha despedido do seu trabalho na Mercedes sem dar explicações.

– Quem me dera. Mas não, não fui eu. Em relação à análise do local do crime, acabámos de começar, inspetora Gauna. Mas ainda nos falta recolher bastante. E quero chegar a casa e dar um beijo de boa-noite aos meus filhos. O mais velho tem jogo com os cadetes este fim de semana e está uma pilha de nervos. É verdade, se eu tivesse ganhado a lotaria, comprava ao meu filho a equipa inteira do Baskonia, com a direção e o treinador incluídos, para que não o ponham sempre como suplente – disse Cuesta meio risonho e meio preocupado, agachado junto à sua mala. Era um tipo rechonchudo e afável, de braços curtos, e a sua pequena silhueta era facilmente identificável em todos os locais de crimes, apesar do macacão branco, o seu uniforme e dos outros técnicos. – Calcem as proteções para os pés e tenham cuidado onde pisam. Isto está cheio de pegadas de botas de caminhada e vai ser um suplício identificá-las todas.

Obedecemos e calçámos também umas luvas que nos estendeu.

O juiz Olano tinha autorizado a análise do local do crime, mas apostei e ganhei que sua senhoria não se tinha apresentado em plena serra de Aizkorri para ordenar o levantamento do cadáver; em vez disso, enviara o secretário judicial para tratar de tudo por ele.

Obedecemos a Cuesta e avançámos para uma zona arborizada, até encontrarmos a doutora Guevara, a médica-legista, a tomar notas junto à árvore onde vimos o corpo pendurado de uma mulher. A alguns metros de distância, o secretário judicial e o inspetor Goyo Muguruza, o chefe dos técnicos da equipa da Polícia Científica, conversavam em voz baixa, apontando para um casaco de capuz com caveiras que claramente pertencera à defunta.

O secretário, um homem canhoto, com o cabelo grisalho e um grande nariz, assentia com expressão séria e tomava nota das indicações de Goyo.

Aos pés dele, havia uma mala aberta com todo o material necessário para preservar a cadeia de custódia das provas físicas que estavam a recolher.

Encontrar Annabel passados tantos anos, além da minha conhecida aversão a cadáveres, foi demasiado para o meu estômago e tive de me voltar para esconder

o vômito. Esti deu-me cobertura, adiantando-se e estendendo a mão à técnica forense.

– Inspetora Gauna, fico feliz em vê-la. Vejo que o inspetor Ayala está de novo connosco – disse a doutora Guevara, e fingiu não se ter apercebido do meu mal-estar.

Era uma mulher na casa dos cinquenta anos, bastante pequena e com umas bochechas lisas que estavam sempre coradas pela rosácea. Era calada e eficiente, como um robô em modo silencioso.

Gostava bastante dela, ao fim de tantos anos de trabalho em conjunto. Jamais torcia o nariz se lhe pedia para dar prioridade a uma autópsia e tinha a rara qualidade de se entender bem com todos os juízes que lhe eram designados, por mais insuportáveis que fossem. Era totalmente de confiança.

– Hoje veio na qualidade de perito em traçar perfis, mas voltará ao serviço em breve – mentiu Estíbaliz, com a maior naturalidade do mundo. – Pode adiantar-nos alguma coisa, doutora?

Olhei para a morta que um dia foi minha namorada, o meu primeiro amor, a minha primeira noite de... Olhei para ela, apesar de estar pendurada pelos pés de cabeça para baixo, com o seu longo cabelo preto e algumas das suas madeixas ainda molhadas a varrer o chão de pedra, e a franja grossa a deixar pela primeira vez a testa à vista. De olhos abertos. Não os fechou, apesar de ter morrido com a cabeça enfiada dentro de um caldeirão de bronze cheio de água.

“Foste tão corajosa, Annabel.”

Tinha as mãos amarradas atrás das costas com abraçadeiras de plástico, sem aliança, umas calças de montanha e um forro polar que graças à lei da gravidade deixava à mostra parte de uma barriga inchada... quatro, cinco meses? Tinha uma linha negra já um pouco pigmentada. Os tornozelos firmemente presos a uma corda pendurada num ramo sólido, a uns dois metros e meio do chão.

Era preciso ser-se uma grande besta para lhe ter feito aquilo, apesar dos seus jogos, apesar de ter passado toda a vida a repelir aqueles que a sua presença atraía.

“Em que confusões andavas metida desta vez?”, murmurei-lhe na minha cabeça danificada.

E enquanto Estíbaliz e a médica-legista deram alguns passos para se aproximarem do caldeirão de bronze, sem me aperceber ajoelhei-me diante dela e recitei:

“Aqui termina a tua caça, aqui começa a minha.”

E por breves momentos acreditei ser eu de novo, o inspetor Ayala, não um pálido reflexo do que fora, e tinha um trabalho que me absorvia e uma nova

obsessão que se sobrepunha às minhas carências e aos traumas que estava a acumular.

Como, por exemplo, que a minha chefe estivesse grávida e não soubesse se o filho era meu ou de um assassino em série.

A fronteira dos malfeitores

17 de novembro de 2016, quinta-feira

De modo que regressei ao presente e foquei-me no que tinha diante de mim, para deixar de pensar em algo que doía, doía muito.

Por agora ignorei a peça de metal a que Estíbaliz parecia estar a dar tanta importância e esperei que voltasse com a doutora Guevara e partilhasse connosco as suas impressões:

– A defunta é uma mulher jovem, grávida, poderei indicar com precisão de quantas semanas depois da autópsia. Encontrámo-la numa posição de suspensão totalmente invertida, amarrada pelas pernas com um agente constritor que neste caso é uma corda comum de esparto, sem que o corpo toque no chão. Entendemos que as duas testemunhas a encontraram numa posição de submersão incompleta, com o corpo parcialmente submerso na água à altura do pescoço ou dos ombros, e com a cabeça dentro do líquido. Os técnicos da Polícia Científica confirmarão os dados, mas estas abraçadeiras de plástico parecem-me bastante comuns, das que se podem encontrar em qualquer loja de *bricolage*.

– Explique-me melhor a questão das duas testemunhas, por favor – interrompeu-a Estíbaliz.

– Ela foi encontrada por dois montanhistas que subiam do lado de Álava; eles são de Araia e estavam a fazer a rota de Zalduondo, tinham deixado o carro estacionado no parque de Petroleras. Ambos afirmam que correram para lhe tirar a cabeça da água, no caso de ainda estar viva, mas que pela sua lividez deduziram que devia estar morta há algum tempo. Não quiseram tocar em nada enquanto lhe pegavam no pulso e tocavam no pescoço para confirmarem que não respirava. Pelo menos é o que dizem. Já estava morta quando chegou a Unidade de Vigilância e de Resgate das Montanhas de Ertzaintza. Eles já se foram embora.

– Sim, foram eles que nos avisaram ao início da tarde – explicou Estíbaliz.

Nesse momento aproximou-se o inspetor Muguruza, um homem de gestos enérgicos com uma curiosa cabeça quadrada. Usava uns daqueles óculos que escurecem com o sol, mas as suas lentes estavam sempre mais opacas do que a

clareza do dia pedia, dando-lhe um ar ligeiramente antigo, dos anos setenta. Cumprimentou-nos com um rápido levantar de sobrelhas e substituiu a médica-legista:

– Existem impressões digitais por todo o lado, sobretudo na parte de fora do caldeirão, tal como a médica-legista mostrou à inspetora Gauna. Mas temo que as impressões digitais pertençam às testemunhas. O que encontrámos até agora vai ao encontro do relato deles. Temos de lhes tirar as impressões digitais por exclusão de partes.

– Não há sinais de luta no corpo da vítima, à falta de uma busca mais exaustiva de feridas durante a autópsia e de restos de pele debaixo das unhas, mas estava viva quando a penduraram, de modo que morreu quando foi mergulhada no caldeirão cheio de água – continuou a médica. – O que há são evidências de golpes e arranhões na cabeça, que provavelmente foram provocados por ela contra as paredes do caldeirão, imagino que para tentar levantar a cabeça para não morrer afogada.

– Onde está agora a água? – perguntou Estíbaliz, adiantando-se ao meu ar desconcertado.

– Infelizmente temo que os montanhistas a tenham entornado toda ao tentar salvá-la.

– E onde acha que o assassino a arranjou?

– Ao longo da subida existem nascentes e pequenas cascatas que, no inverno, brotam de qualquer ponto do caminho. Ou pode ter escondido o caldeirão ou algum outro recipiente num lugar próximo daqui. As chuvas destes dias teriam sido suficientes para o encher. Bem, é melhor apressarmo-nos – respondeu a doutora Guevara, preocupada ao ouvir um trovão distante. – Temos de meter o cadáver na mortalha.

– Demasiados preparativos, não achas? – sussurrou-me a minha colega.

Estíbaliz tinha razão, toda aquela encenação era demasiado complicada para um homicídio normal. Era uma forma muito estranha de matar, como se, ao entrarmos no túnel de San Adrián, tivéssemos atravessado o túnel do tempo, aterrando numa outra época em que o ritual tinha tanta importância como a morte em si mesma.

Havia algo de intemporal naquela cena, que não batia certo com a época em questão.

O especialista em perfis que existia dentro de mim começou a traçar, pelo menos intimamente, as primeiras impressões de um perfil: cenário, *modus operandi*, assinatura e geografia. A vitimologia ficava para Estíbaliz.

A existência de um caldeirão, de uma corda e a necessidade de o encher com água mostravam-me um cenário organizado, próprio de um psicopata, e não fruto

dos impulsos de um psicótico. O assassino ou os assassinos, um plural que não descartei à partida, tinham planeado aquele ritual até ao último detalhe. O caldeirão era uma arma fetiche, um objeto que em si mesmo não era uma arma, mas que o assassino transformara numa. Havia também um sentimento de controlo, as mãos atadas atrás das costas diziam-me que era alguém com medo de que a vítima se defendesse e deitasse por terra a sua elaborada encenação.

Por seu lado, o rosto tapado *post mortem* podia significar um certo sentimento de culpa ou de que talvez conhecesse Annabel Lee. Ou o assassino podia ter sido interrompido pelas testemunhas antes de ter acabado o ritual. Era demasiado cedo para saber. Apesar de me dar a impressão, pelo aspeto arqueológico de toda aquela encenação, de se tratar da recriação de algo. Uma árvore, um lugar histórico, uma peça arqueológica como um caldeirão de bronze...

Mas não tinha a certeza de que aquilo fosse obra de um puro psicopata. Via traços mistos naquela personalidade criminosa, havia algo de messiânico, como se estivesse a cumprir uma missão encomendada ao executar ritualmente Annabel Lee. E isso, para minha grande preocupação, tinha muito de psicótico, de doente mental, de um cérebro patológico que tinha perdido o contacto com a realidade. Em resumo: delirante.

Isso preocupava-me, porque os assassinos psicóticos são imprevisíveis, e eu gosto do mundo ordenado e catalogado. Ou seja, controlável.

– Fluidos, doutora? – perguntou Estíbaliz, voltando-se na sua direção.

– Não me parece que haja vestígios de sangue ou de esperma – disse, e olhou para o céu uma vez mais. – Como vai anoitecer e não poderemos acabar isto, terei oportunidade de verificar com luminol e com a luz ultravioleta da Luz de Wood. Estou disposta a fazer-lhe uma necro-identificação, vou tirar-lhe uma impressão digital do dedo indicador direito, apesar de me parecer que já se sabe de quem se trata. De qualquer maneira, quero ter a certeza.

– O que nos pode dizer da data da morte?

– Há *rigor mortis*, logo já passaram mais de três ou quatro horas desde o seu falecimento, embora vocês saibam que o frio e outros elementos podem fazer variar o *algor mortis*, a temperatura do corpo, e com isso a estimativa, mas diria que morreu às primeiras horas da manhã. Durante a semana e no inverno, este lugar é muito solitário e os arqueólogos da empresa Aranzadi, que explora o sítio arqueológico, só escavam no verão, por isso quem fez isto teve tempo para a amarrar, colocar o caldeirão, vê-la morrer e ir-se embora.

– Então os montanhistas, se é verdade que chegaram no início da tarde, já a encontraram morta – interrompeu a minha colega.

– Sim, se é verdade que chegaram a essa hora, então ela já estava morta de certeza.

– Muito obrigada, doutora. Por agora é tudo – despediu-se Estíbaliz, e aproximou-se de um dos técnicos para lhe pedir a ata da análise ao local do crime.

Vimos o desenho de um croqui das árvores mais próximas, da entrada alavesa do túnel, da posição do cadáver e da do caldeirão. Também tinham numerado todos os indícios físicos para a sua transladação. Um técnico ainda estava a fotografar lenços de papel e cigarros identificando-os com o seu numerador e marcadores métricos. Apesar de não ser um aterro, as imediações do túnel sofriam da desvantagem de serem um local de passagem de pessoas descuidadas ou pouco conscienciosas, de modo que ali havia de tudo: sacos de plástico de batatas fritas, papel de alumínio para sanduíches, latas amassadas...

Tinham recolhido restos de terra das solas das botas de Annabel para comparar com a terra do parque de estacionamento de Petroleras em Álava e com o da parte de Guipúzcoa, com o objetivo de saber de onde subira o túnel e quais tinham sido os seus últimos passos. Também iam ter de analisar as marcas dos pneus dos veículos ali estacionados.

Em relação às pegadas... era uma enorme confusão, havia várias dezenas de solas diferentes, muito provavelmente dos caminhantes que tinham vindo escalar o Aizkorri no fim de semana. O bom e velho Andoni Cuesta tinha razão: ia ser um inferno compará-las com as da SoleMate, a base de dados com todos os modelos de calçado que usávamos na Unidade.

Deixei Estíbaliz a estudar os pormenores do relatório e aproximei-me do misterioso caldeirão de bronze que descansava no solo coberto de erva, a poucos metros de Annabel. Tinha cerca de sessenta centímetros de diâmetro na parte mais larga, arrebites e um par de pegadas dos lados. Não era uma peça contemporânea, e eu sabia muito bem quem me podia ajudar a determinar a sua origem.

Tirei duas fotos, uma de lado e outra de frente, e enviei ambas pelo WhatsApp a um velho conhecido.

– Preciso do arqueólogo. Já aterraste em Los Angeles? – escrevi.

– Ainda estamos a pisar solo de Álava – respondeu Tasio, de imediato. – O que é isto que me mandaste? Agora tratas de delitos contra o património histórico?

Tasio Ortiz de Zárate foi quem levou com a pior parte no caso do duplo crime do dólmen: vinte anos atrás das grades, acusado de oito assassínios que não cometeu. Começava agora uma nova etapa da sua vida como guionista de uma série norte-americana baseada naqueles acontecimentos. Tínhamos mantido a amizade, ou a relação, ou fosse o que fosse que nos unia.

– Explico-te tudo a troco da tua descrição e dos teus conselhos em matéria de objetos do passado, está bem? – respondi-lhe.

– Ofende-me que duvides de mim, e estou um pouco enferrujado ao fim de duas décadas sem exercer. De qualquer maneira, isto que me enviaste aprende-se no primeiro ano do curso: é o Caldeirão de Cabárceno.

– Cabárceno... Cantábria?

– Exatamente. Trata-se de uma peça muito particular, não se encontraram muitas em toda a zona norte da península. É um caldeirão do tipo irlandês, próprio da cultura celta. Este foi encontrado em 1912 no Parque Natural Macizo de Peña Cabarga, se bem me lembro. É uma peça do final da Idade do Bronze, tem entre dois mil e novecentos a dois mil e seiscentos anos, para que saibas do que estou a falar.

– Onde era suposto estar?

– Na vitrina de um museu, penso que no de Pré-história da Cantábria, mas dá-me uns minutos para confirmar.

– Dá gosto falar contigo – escrevi. – Outra coisa, do ponto de vista de alguém que estudou tanto Arqueologia como Criminologia, e isto é informação confidencial, que sentido faz que tenha sido usado no túnel de San Adrián?

– Caramba.

– Sim.

– Usado como?

– Não te posso contar mais nada, Tasio. Pensa na minha pergunta e responde-me depois, está bem?

– O Ignacio manda-te cumprimentos. Como é que voltaste ao ativo tão depressa?

– Ainda não voltei.

– Claro, como queiras. Deixo-te; vou desenferrujar os meus conhecimentos celtas. Ah... Kraken, obrigado por te teres lembrado de mim. Sabes que gosto de ser útil à sociedade alavesa.

– É impossível esquecer-te. Fico contente por estares do lado do bem.

– Sempre estive.

– Eu sei, eu tirei-te de lá. Diz-me alguma coisa, assim que souberes.

Terminei a conversa, feliz por ter sido tão simples eu conseguir ser tão operacional como antes. Talvez não precisasse da minha voz tanto como pensava.

Aproximei-me da pouca água que restava no caldeirão, e foi então que o vi: um reflexo daquele que fui em tempos, um Kraken a quem podiam atingir, mas não quebrar, sem exoesqueleto, flexível e forte, assustador até. Um *profiler* mais obstinado do que brilhante, uma pessoa que nunca desistia de um caso até o concluir, preenchendo os relatórios devidos e levando o suspeito diante do juiz de

instrução criminal de plantão. Aquele tinha sido eu, numa outra vida que terminou a 18 de agosto, quando Nancho me cravou uma bala na cabeça e contaminou de medo cada uma das minhas ações.

Tinha-me isolado, estava muito bem no meu micro-universo em Villaverde, mais do que confortável, mas agora era só alguém que fazia doces de amora. Muito bons, na verdade, mas eram apenas doces de amora.

Procurei Estíbaliz e quando me apercebi de que ela já não estava no local do crime, descí a encosta que dava para a entrada do túnel e vi-a dentro da gruta, praticamente escondida atrás da parede da pequena ermida no interior. Aproximei-me tentando não fazer barulho nem interromper a sua conversa telefónica.

– Quero que seja o nosso especialista em *profiling* – murmurava para alguém do outro lado da linha. – Sim, estou consciente das suas limitações e da falta de prática devido à sua lesão, mas o inspetor Ayala tem mais recursos para além da sua língua. Perdão – autocorrigiu-se –, da fala. Subcomissária Salvatierra, mesmo que forcemos a Unidade, continuamos coxos sem ele, como sabe. Esta é a maneira de o empurrar de volta ao ativo. Peço-lhe apenas que aceite que ele seja o nosso assessor externo até voltar a estar a cem por cento e regressar oficialmente.

Estíbaliz ouviu a resposta do outro lado em silêncio. De onde eu me encontrava não conseguia ouvir o que dizia a nossa chefe. Teria dado um caldeirão de ouro e algo mais para saber.

– Alba – continuou num tom muito mais confiante –, contaste-me que a Diana Aldecoa, a neurologista, te disse que ele tinha de ser posto num ambiente onde fosse constantemente desafiado. E que quantos mais avanços fizesse nos próximos tempos, maiores seriam as suas melhorias a longo prazo. O Unai está em plena forma, garanto-te. Pode fazer corretamente o seu trabalho.

Fiquei surpreendido por Estíbaliz e Alba se tratarem por tu. Sabia da admiração que Estíbaliz sentia pela nossa chefe e de como se davam bem sempre que estavam juntas, mas só então percebi que durante a minha ausência elas se tinham tornado íntimas e que a relação entre ambas transcendera o campo profissional, e fiquei feliz por isso. Por ambas. Fariam bem uma à outra. Alba para sair do seu isolamento em Vitoria, e Esti para se centrar e esquecer as suas várias adições. Ou talvez as tivesse unido um luto por superar: uma pelo marido, a outra pelo irmão.

Fiquei comovido por a minha chefe e a minha colega conspirarem e forçarem a máquina oficial para me obrigar a regressar. E ainda mais por a minha melhor amiga e a mulher-que-não-sabia-se-o-filho-que-esperava-era-meu cuidarem de

mim nas minhas costas e me forçarem a sair da minha zona de conforto para que eu recuperasse.

E foi ali, naquele lugar em plena serra de Aizkorri, a mesma a que os antigos chamavam Fronteira dos Malfeitores, que decidi – por mim, por Annabel Lee, por Alba e por aquele filho ainda por nascer – dar tudo por tudo para voltar a ser o Kraken de novo.

De seguida, esperei durante alguns minutos e a uma distância segura que Estíbaliz desse por terminada a sua conversa, e não deixei de reparar no sorriso de triunfo com que acabou a chamada.

Aproximei-me e mostrei-lhe o ecrã do meu telemóvel.

– Tens a certeza do que acabas de pedir, Esti? – tinha-lhe escrito.

Ela olhou-me com picardia, não estava surpreendida por me ver ali, não sei se teria sentido o meu cheiro mesmo estando de costas, ou se conseguia distinguir a cadência dos meus passos da dos outros. Estíbaliz tinha essas particularidades comigo, parecia quase sobrenatural. Que eu me tivesse habituado a isso não significava que não me continuasse a espantar, mas disfarcei.

– Vamos voltar ao cenário do crime, espero que se despachem, porque não gosto nada destes trovões e muito menos do vento que se levantou – disse-me, e subimos pelo lado sul do túnel. – Sei que não queres voltar à Unidade, que não tens por que complicar a tua vida, mas és um bom *profiler* e eu sou uma boa vitimologista. Não sei se isto é o início de uma série ou se o assassino já o fez antes, isso devias ser tu a avaliar, mas é óbvio que esta forma de matar não é habitual, e tu podes ajudar muito a esclarecer que tarado fez isto à Ana Belén Liaño. Preocupa-me muito que esteja grávida; espero que, se houver uma série, as vítimas não cumpram esse requisito, porque dá-me a volta ao estômago só de pensar nisso.

“Não, Estíbaliz. Ninguém se vai pôr a matar as mulheres grávidas de Álava. Nem por sombras. Nem penses nisso”, pensei.

“E ponto final.”

Mas olhei para o céu negro e para as terríveis nuvens que se aproximavam por cima das nossas cabeças e tive a impressão de que as forças da natureza iam seguir novamente o seu curso sem me ter em conta.

A ermida de San Adrián

17 de novembro de 2016, quinta-feira

– Fá-lo por ela e pelo filho – insistiu, e olhámos ambos para o topo porque começaram a cair umas gotas frias que não pressagiavam nada de bom.

“Por ela e pelo filho”, pensei observando como examinavam o cadáver de Annabel Lee. Mas não foi nela nem no seu filho ainda por nascer que eu pensei, mas sim na mulher que acabava de desligar a chamada à minha colega.

– Vamos ao local do crime – disse Estíbaliz. – Se chover, isto vai ser um desastre. A ver se nos deixam ajudar na recolha de indícios. Vamos ter de protegê-los no túnel. Não me parece que cheguemos aos carros sem nos molharmos.

Assenti com a cabeça e segui-a.

– É verdade que, chegados a este ponto e depois de tudo o que vi, não era capaz de estar em Villaverde, à margem da investigação. Ia passar os dias a ligarte e a insistir até à exaustão para que me pusesses a par das novidades – reconheci por escrito enquanto nos aproximávamos.

A chuva já não era uma tímida sucessão de gotas geladas; tinha começado a chover a potes, mas o que mais me preocupava era aquele vento, cada vez mais intenso, que descia do cume.

– Sim, e ias acabar por aparecer lá na esquadra como um louco quando a investigação não corresse como esperavas. Já te aturámos antes, Kraken. – Riuse, quase feliz e com um brilho de esperança no olhar. – Anda, volta para casa, para a nossa casa, de uma vez por todas.

– Estou apavorado – escrevi. – Esta manhã levantei-me nervoso porque tinha de enfrentar uma multidão de vitorianos e as autoridades para receber uma homenagem. A minha principal preocupação era que não se visse muito a cicatriz da bala. – Parei de escrever o meu discurso para a tapar com uma madeixa de cabelo, num gesto automático.

“E é melhor nem te contar do meu encontro com a Alba”, omiti, cerrando o maxilar para conter aquela raiva bem dentro de mim.

– Mas tenho um mau pressentimento em relação a este assassinio, Esti. Vais precisar de um especialista a traçar perfis.

Ela sorriu, eu sorri. Era um “sim” tácito, e ambos sabíamos.

Mas não lhe contei toda a verdade.

A verdade era que, durante a análise do local do crime, eu fui capaz de me esquecer de uma realidade que não sabia como iria enfrentar: a maternidade de Alba e a minha possível paternidade. Precisava de estar completamente envolvido naquela investigação, que se adivinhava complexa e desconcertante, porque os doces de amora e as castanhas assadas não me iam impedir de enlouquecer em Villaverde a dar voltas à cabeça por causa daquela gravidez.

– Sabes? – disse-me a minha colega. – O meu irmão Eneko contava-me as histórias deste lugar sempre que vínhamos cá com o nosso grupo de amigos. Há centenas delas. Por aqui passaram peregrinos do Caminho de Santiago, cavaleiros, carruagens, mulheres nobres e mercadores durante milénios. Mas há uma história que adoro, a de um eremita que vivia perto do hospital dos peregrinos que se construiu na Idade Média um pouco mais abaixo, onde agora é a ermida de Sancti Spiritu. Conta-se que ele ajudava as crianças que demoravam a aprender a falar.

Enquanto me contava a história, reparei no seu gesto inocente de procurar um *eguzkilore*^l de prata que levava pendurado ao pescoço num fio de couro. Ali estava a memória de Eneko, o Eguzkilore. Esti também ainda não estava completamente recuperada.

Foi nesse momento que fomos interrompidos por Cuesta. O secretário judicial cruzou-se connosco procurando proteger-se da chuva no túnel. Os outros dois técnicos, a médica-legista e o inspetor Muguruza meteram o corpo de Annabel numa mortalha a toda a pressa. Cuesta trazia uma carteira num saco de plástico e aproximou-a de nós.

– Penso que deviam ver isto – disse, com a água a escorrer pelo seu macacão de plástico branco.

– O que é isso exatamente? – perguntou Estíbaliz, mais interessada no que faltava recolher no local do crime.

Mas começou a cair granizo em cima de nós e fomos fustigados por umas pedras de gelo do tamanho de berlindes que nos atingiram com fúria.

– O caldeirão! E o blusão! – gritou o inspetor Muguruza. – Venham ajudar-nos!

Corremos os três, sem tempo para mais conversa.

– Aguentam com o corpo? – perguntou Estíbaliz à médica-legista.

– Sim, entremos no túnel, se bem que não sei se vamos ficar a salvo aí. Se depois da tempestade de granizo vier uma tromba de água, isso pode ser uma

ratoeira que nos vai levar a todos por diante. De qualquer maneira, tragam o caldeirão e o blusão.

Ainda tínhamos as luvas postas, por isso tirei o blusão do chão, que ainda não estava completamente encharcado, e Cuesta e Estíbaliz apressaram-se a pegar no caldeirão.

Mas vi que a médica-legista e o inspetor Muguruza não iam conseguir suportar o peso do cadáver, de modo que preendi o casaco debaixo do braço e aproximei-me deles para ajudar a carregar a mortalha com o corpo de Annabel.

A minha colega e Andoni também se aperceberam de que nós os três íamos ter dificuldades, por isso pousaram o caldeirão no chão e os cinco descemos pela encosta de pedras que já era uma ladeira branca de um granizo cada vez mais violento.

– Não conseguimos chegar aos carros nem ao refúgio – disse o inspetor Muguruza extenuado –, e se cair uma enxurrada, vai levar-nos a todos por aí abaixo. Temos de nos abrigar na ermida.

– Está fechada – indicou-nos o secretário judicial, como se não fosse evidente.

– Precisamos de a abrir, não vejo outra opção – disse a médica-legista.

Olhámos uns para os outros, conscientes de que não tínhamos muito tempo. À falta de um aríete, eu, Estíbaliz e Cuesta revezámo-nos para abrir a porta de madeira à base de pontapés. Pareceu-me um pouco herege profanar daquela maneira um lugar protegido pelo relevo da concha de Santiago, mas senti um imenso alívio ao verificar que a porta ia cedendo aos poucos. Assim que se abriu, os três técnicos, a médica-legista, o secretário judicial e o inspetor Muguruza, Esti e eu subimos os dois degraus da entrada e passámos com o corpo protegido de Annabel.

Entreguei também o blusão da falecida ao inspetor, para que pelo menos não ficasse contaminado pelo chão da ermida, que era uma pequena sala com apenas um altar e a imagem de um santo protegido por umas barras pretas de ferro e uma janela de grades.

Lá fora ouvia-se o estrondo de uma tempestade de granizo que ia oscilando: às vezes aumentava, outras amainava. No exterior tinham ficado as malas dos técnicos e o Caldeirão de Cabárceno. Felizmente tinham conseguido salvar o equipamento fotográfico.

Mas ao fim de pouco tempo, Cuesta aproveitou um breve amainar da tempestade para sair da ermida.

– Aonde pensa que vai? – repreendeu-o Muguruza.

– Vou subir para ir buscar o caldeirão, chefe! Não o podemos deixar lá em cima – gritou.

E antes que alguém a pudesse impedir, Estíbaliz juntou-se a ele.

– Eu vou com ele! – disse, e passou por mim a correr para se juntar à expedição suicida de Andoni.

Quis gritar-lhe que ficasse na ermida, comigo, conosco, mas fui incapaz de articular uma palavra, e quando corri atrás dela, tanto o inspetor como a médica-legista me barraram à porta e me impediram de sair para aquele inferno branco.

– Dois é suficiente, Ayala – deteve-me firmemente Muguruza. – Não nos podemos pôr todos em perigo.

– Se souber rezar, reze. Tem ali um altar – murmurou-me a doutora Guevara.

E ali fiquei, impotente, à espera de Estíbaliz à entrada da ermida. O barulho dos trovões juntou-se ao das bolas de granizo a bater nas rochas ásperas do túnel.

E foi então que veio a primeira avalanche.

Assustei-me realmente.

Pela primeira vez.

Não era a minha primeira tempestade no cimo de uma montanha, mas o túnel tinha deixado de ser um refúgio, o local por onde tantos peregrinos haviam passado tinha-se transformado numa armadilha mortal por onde começou a jorrar sem controlo uma onda branca de granizo.

E foi então que aconteceu o inimaginável.

Diante dos meus olhos espantados, vi descer pela encosta, descontrolado, o Caldeirão de Cabárceno. Emiti um grunhido e os outros juntaram-se a mim à entrada da ermida. O caldeirão bateu nas paredes do túnel e acabou por desaparecer pelo buraco do arco ogival da entrada norte e perdemo-lo de vista.

Horrorizados, tememos o pior, e o pior aconteceu: vimos passar rapidamente o corpo de Andoni Cuesta, praticamente camuflado pelo seu fato branco e levado pelo leito de granizo ladeira abaixo, como se fosse uma correia de transporte.

Foi como uma visão do inferno, aconteceu tudo em poucos segundos, e também o perdemos de vista.

Mas era impossível tentarmos sair do nosso abrigo: o vento, a chuva e as pedras ter-nos-iam matado.

E apesar de tudo, arrisquei.

Faltava Estíbaliz.

Tinha de a encontrar. Não passaram nem dez segundos quando o corpo dela também resvalou à minha frente.

E aquela visão, os seus braços, o seu tronco e as suas pernas à mercê da tempestade, foi o suficiente para quebrar a muralha que o meu cérebro erguera meses antes.

– Tu não! – gritei, e pela primeira vez desde agosto saíram-me duas palavras que toda a gente compreendeu.

“Tu não.”

E a força do meu próprio grito, e o que ele significava para mim, deixou-me chocado.

Lancei-me em modo *kamikaze*, sabendo que eu também ia deslizar pela encosta do inferno, mas uma mão firme, no último momento, segurou-me o braço.

Uma corrente humana.

Daquela vez houve. E lembrei-me do que aconteceu no passado, há vinte e quatro anos.

As mãos que não chegaram, que escolheram não arriscar a vida, que não... e apercebi-me de que não os tinha perdoado. A nenhum dos quatro, muito menos a Annabel Lee.

E lembrei-me do corpo inerte da rapariga que segurava nos braços durante o que, para mim, foram horas num penhasco da Cantábria.

¹-Eguzkilore, ou a planta do Sol, era um antigo símbolo de proteção na cultura basca que se colocava nas portas das casas para impedir a entrada de bruxas e outros demónios. (N. da T.)

O povoado cantábrico

29 de junho de 1992, segunda-feira

Os quatro jovens do grupo e uma morena que não conheciam desceram do comboio com um salto enérgico e deixaram-se ir com as suas mochilas carregadas de expectativas pela austera estação de Cabezón de la Sal, uma nobre vila de salinas da Cantábria.

Ali esperava-os o diretor do projeto, Saúl Tovar, um jovem professor vestido de modo informal com uma camisa aos quadrados, que lhes deu as boas-vindas rodeado de estudantes que tinham passado outros verões na mesma localidade.

Na verdade, não eram assim tantos: várias raparigas do segundo e terceiro ano de História que pululavam à volta de Saúl e um aluno mais velho que conversava, distraído, com uma estudante grandalhona que os trouxera de Santander no seu *Ford Fiesta* em segunda mão. Marian Martínez sabia que esse era o único motivo por que a tinham convidado, para fazer de taxista e visitar Saúl, o omnipresente Saúl. Marian não partilhava da devoção de toda a Universidade da Cantábria em torno do professor de Antropologia Cultural. Tinha ouvido histórias...

Um pouco afastada da algazarra dos jovens, uma rapariga morena observava-os esperançada, sentada num banco público, onde o pai lhe ordenara que esperasse. Eram as primeiras pessoas de fora do seu mundo que via desde o seu internamento. Até então, só tinha estado com a sua tia e o seu pai. Ele mostrava-se carinhoso, como se estivesse arrependido do que lhe fizera.

Contudo, a rapariga sabia que a sua mente ainda não estava a cem por cento, tinha de limpar toda a medicação que lhe haviam metido no corpo, e tinha-se autoconvencido de que a água lhe eliminaria os vestígios dos fármacos.

De modo que passou a beber água, a toda a hora, com a sua garrafa de plástico. Estava sempre a ter de ir à casa de banho fazer chichi.

Um incómodo.

Mas era necessário, dizia a si mesma. Não queria continuar a sentir-se atordoada. Talvez aquele acampamento fosse a sua única oportunidade de voltar à escola em setembro.... Bah, impossível. Ali todos conheciam o seu pai e o seu

pai ali era deus. Além disso, ela tinha reprovado, e isso nunca lhe ia perdoar. O desgosto que lhe causava ter de repetir o oitavo ano.

Não fazia tenções de desperdiçar aquela oportunidade. Tinha simplesmente de observar e escolher qual deles a podia ajudar.

Juntou-se ao grupo quando o pai os guiou pelas ruas da vila até ao palácio Conde de San Diego, uma mansão imponente com telhados negros em bico, que a família proprietária doara à Câmara Municipal. Precisava de umas obras de restauração, mas para os gostos pouco exigentes daqueles miúdos era mais do que suficiente.

Duas horas depois, passadas as apresentações e com a chegada do almoço, a rapariga ainda não se tinha decidido. Aquele, o moreno alto com braços de orangotango? Parecia o mais velho dos quatro rapazes de Vitoria. Talvez. Não se conseguia decidir.

Preferiu concentrar a sua atenção naquele que lhe pareceu mais sério e responsável, com o nariz torto, Asier. Não se fazia de parvo como os outros, não se ria das piadas porcas e, mais importante, não o vira a falar com o seu pai em nenhum momento.

Isso era fundamental.

Os rituais de boas-vindas repetiram-se, pela terceira vez, em mais um verão. Ela tinha estado presente desde que o projeto de construir uma recriação de um povoado cantábrico começara. De uma coisa tinha a certeza: ia ser arqueóloga. Sabia tudo sobre os Celtas. Como o seu pai, quem lhe ensinara tudo.

Durante aquelas três semanas, Saúl Tovar encarregava-se de receber e guiar a pequena fornada de voluntários que se tinham oferecido para terminar de construir as quatro cabanas da Idade do Ferro.

Todos eles estudantes dos últimos anos do ensino secundário, jovens responsáveis e motivados. Barro para modelar e tentar incutir-lhes a sua paixão pela História e vender-lhes a experiência de estudar na UC, a Universidade da Cantábria, onde Saúl Tovar era professor associado. Precisava de fazer boa figura diante do reitor, ser o seu homem de confiança, conseguir um lugar de efetivo. Dar estabilidade a Rebeca, a sua diminuta família. Pela sua filha, tudo por ela.

Tinha alugado um minibus para se esquecer do problema do transporte durante aquele mês de julho. Sabia pela experiência dos anos anteriores que aqueles jovens trabalhariam como mulas nos primeiros dias, no fim de semana tentariam ir sair à noite a Torrelavega ou à festa de Carmen de San Vicente de la Barquera, e que o seu entusiasmo diminuiria com o passar das semanas. Sabia que perderiam cada vez mais o interesse pela história e cultura celtibérica e que as raparigas acabariam a pensar nos rapazes, e os rapazes a pensar nas raparigas.

Precisava de fazer com que mudassem de ares, tirá-los dali durante alguns dias, voltar a motivá-los com as suas histórias.

A meio da tarde, depois de ter arrumado o material de trabalho nas entranhas do minibus, Saúl fez com que todos os jovens de Vitoria entrassem no miniautocarro e arrancou em direção ao Picu la Torre, onde, na sua encosta, os esperavam os esqueletos de madeira das cabanas da Idade do Ferro em construção.

A distância não era muita entre o palácio Conde de San Diego e a vila cantábrica, mas imaginou que estivessem cansados da viagem e não queria queixas no primeiro dia.

Baixou o volume do rádio, incomodava-o demasiado ouvir Eric Clapton a chorar o seu *Tears in Heaven*, a história do pai que tinha perdido o filho de quatro anos porque a criança caíra do 53.º andar de um arranha-céus.

O minibus teve de se desviar de alguns ciclistas sessentões voluntariosos que, tal como milhares de fãs, naquele verão se tinham lançado à estrada enlouquecidos pelo triunfo de Indurain no Giro pelo seu previsível segundo lugar no Tour de France.

Saúl conduziu concentrado, com Rebeca a seu lado, ambos fingiam não pensar em nada, mas ambos estavam atentos a ouvir a conversa dos quatro jovens.

– Espero que haja uma cabina telefónica próxima, tenho de ligar para o hospital todas as noites – disse preocupado o mais novo de todos, o jovem louro, o giraço.

Ele já tinha chamado a atenção de Rebeca. Levava uns ténis novos de marca e umas *Levi's 501* com etiqueta vermelha. Dinheiro. O jovem, Jota, além de bonito tinha dinheiro.

“Como assim, o que se passa no hospital?”, perguntaram Saúl e Rebeca ao mesmo tempo. Mas nenhum deles fez a pergunta em voz alta.

“Paciência”, pensaram em uníssono, como pai e filha. “Acabaremos por descobrir”, decidiram ambos.

– Claro que vai haver, Jota – disse o alto e moreno, um tal de Unai. – Não te preocupes, digo-te que nesta vila vai haver uma cabina telefónica.

– Claro, meu. Sabes que se piorar, ligo ao meu pai e em duas horas estamos em Txagorritxu – disse o gordinho com a franja oleosa e a *t-shirt* preta dos Pearl Jam, um tal de Lutxo. Falava muito depressa, muito seguro de si, muito agressivo.

Causou aversão a Rebeca desde o primeiro momento.

Mas dava para ver que todos cuidavam do menino bonito, do mais novo, de José Javier, ou melhor, Jota.

– Rebeca, filha, como estás? – murmurou o seu pai de repente, sem deixar de olhar para a estrada de asfalto enquanto conduzia calmamente. Nunca conduzia depressa, por isso Rebeca não o podia recriminar.

– Estou bem, papá.

– Olha, quero que saibas que... que passei muito mal estes três meses sem ti. Senti muito a tua falta.

Como queria acreditar nele.

– Sim, eu também, papá.

– Não voltaste a ter dores de cabeça?

– Não, papá, estou bem, a sério. – “Para. Eu não quero falar disso, papá.”

– Tiveste tempo de ler os livros que te enviei, o *Atlas de Arqueologia* de Cunliffe e os outros?

“Quando não estava grogue, sim, lia. Era a única coisa que me mantinha... sã?”

– Sim, papá. Muito obrigada pelos livros.

– Pensei que amanhã, quando explicarmos aos novos alunos a oficina de Construção, podias ser tu a ensiná-los como se fazem tijolos de barro e a seguir o telhado de palha. Faz-te bem praticar para quando fores professora na universidade. Sabes que te vou guardar o meu lugar quando me reformar – disse, e sorriu com os seus dentes magníficos e o queixo quadrado que, na verdade, faziam dele o pai mais bonito do mundo, porque não se parecia

em nada com os pais das suas colegas de turma, carecas, com barriga, ou seja, uns senhores.

O seu pai era bastante atraente e ela sempre o soube. Os olhares das amigas quando ele a ia buscar à escola lembravam-na diariamente.

Ajudava muito o cabelo preto, quase com reflexos azuis, que Rebeca também herdara. E o empenho de Saúl em aparentar menos idade do que a que tinha, com as suas calças de ganga de professor enroladas, a sua *t-shirt* branca e a camisa de lenhador. A filha não herdara os seus olhos verdes rasgados, metade bruxo, metade anjo.

O sorriso de Rebeca iluminou-se com a proposta. E apercebeu-se de que os músculos da cara se contraíam. Tinha passado meses sem sorrir.

“Talvez me ame, afinal de contas, talvez seja verdade que se preocupa comigo”, pensou, mas não se permitiu acreditar completamente nisso.

Esses pensamentos desviavam-na do seu plano, e ela não ia ter segundas oportunidades.

O cantão da Soledad

17 de novembro de 2016, quinta-feira

A corrente humana em que todos participámos salvou Estíbaliz de cair pela ribanceira no último momento. Conseguimos resgatá-la, aturdida e à beira da hipotermia, e fechámos a porta da ermida para deixar do lado de fora aquela cópia barata do *big bang* que estávamos a viver.

– Verifiquem os vossos telemóveis, acho que não temos rede. – O inspetor Muguruza teve de levantar a voz. O granizo continuava a atacar as paredes do lado de fora da ermida de San Adrián e ecoava com intensidade no interior.

Todos lhe devolvemos um olhar de pesar ao confirmarmos nos nossos telemóveis que estávamos isolados e não podíamos pedir ajuda.

– Vamos manter a calma. Os nossos colegas da Unidade de Vigilância e Resgate de Montanhas sabem que ficámos aqui a terminar a análise do local do crime. Pode ser que deduzam que a tempestade de granizo nos surpreendeu no túnel e que não pudemos descer. A equipa de resgate pode estar à espera de que as condições climáticas melhorem para nos vir resgatar. Só temos de aguentar.

Todos concordámos, sem vontade de falar.

Eu remexi nos bolsos do casaco, procurando o toque da minha serra. O avô oferecera-me no meu aniversário uma pequena peça de madeira que eu usava presa ao chaveiro. Era uma lembrança eterna da minha casa, do lugar aonde queria regressar sempre.

E tocando na silhueta em miniatura de San Tirso encontrei o saco de plástico transparente com as amêndoas caramelizadas que o meu avô nos tinha dado, a mim e a Germán, naquela manhã a seguir ao pequeno-almoço, antes de nos pormos a caminho para a homenagem do mural no cantão da Soledad. Parecia que tinha sido numa outra vida.

Sobrava apenas uma dúzia. Frutos secos e glicose. Precisamente aquilo de que precisávamos. Racionámo-las, mas pareceram-nos tão deliciosas como a última refeição de um condenado à morte.

Os sete sobreviventes – o secretário judicial, a doutora Guevara, Muguruza, os dois técnicos, Estíbaliz e eu – sentámo-nos encostados à parede mais resguardada

da ermida, muito próximos, para não perdermos o calor corporal, e esperámos que aquela tempestade mortífera acalmasse e regressasse para o inferno de onde tinha saído.

Tentei não olhar para a mortalha de Annabel Lee, que repousava no canto mais frio da ermida, junto à porta. Como é que eu ia adivinhar que aquela seria a última noite que passaria com ela? Mas com Annabel sempre foi tudo assim: envolvia-a um cheiro a morte e a destruição. Nunca a imaginei como mãe, como criadora de uma vida.

Não sei porquê.

Ela dizia que preferia viver na ficção dos seus livros de banda desenhada porque no mundo real ela destruía tudo. Digamos que a sua imersão criativa a mantinha ocupada e travava a força destruidora que ela sabia ser. Continha o dique. Pelo menos tinha consciência disso. No entanto, jamais se desculpou pelo mal que nos fez.

A noite foi avançando, e com ela a humidade que se colava à minha roupa e ao cabelo, ao rosto, ao pescoço, às mãos. Toda a pele exposta estava a sofrer as consequências de passar a noite a mil e duzentos metros de altitude num mês de novembro bastante agreste. As bolas de granizo lá fora não ajudavam, estávamos metidos numa arca frigorífica.

Não sei porque fiquei obcecado com os pés gelados de Estíbaliz, esfreguei-os, aninhei-a dentro do meu blusão de penas, ela aproximou-se mais do meu calor em posição fetal. Os nossos corpos fundidos pareciam uma gravidez de grandes dimensões.

“E a cabeça”, pensei, preocupado.

Sabia que os recém-nascidos perdiam calor pela cabeça, por isso todos aqueles gorros azuis e cor-de-rosa nas fotos do Facebook. Abriguei como pude a cabeça exausta da minha colega, que se deixou ir, obediente e praticamente apática devido ao choque térmico, no ninho de penas que criara para ela.

“Tu não. Tu não. Nem penses em morrer, porque me deixas sem uma parte de mim e não te perdoarei.”

E enchi-a de beijos na testa e na cara, para o caso de os meus lábios aquecerem um pouco aquela pele gelada cheia de sardas.

“Tens de continuar a salvar-me, és tu quem acaba com os maus”, quis dizer-lhe.

E percebi que era verdade, de que por uma vez na vida estava a dizer a mim mesmo a verdade. Estíbaliz era a minha guarda-costas, apesar de a sua constituição indicar precisamente o contrário. Era o meu muro, a minha muralha, o fosso à volta da fortaleza. Era a minha protetora. Se a tinha por perto, sentia

que uma força da natureza cuidava de mim. E essa revelação, naquela noite, fez-me pôr em perspetiva umas quantas prioridades.

“Pedes-me ajuda, eu apoio-te. Que se lixe a afasia de Broca. Que se lixe a minha situação complicada com a Alba. Se me chamas, eu vou. Ponto final. Vou recuperar-me, não seja eu neto do meu avô.”

Mas o nome de Alba fez-me lembrar da conversa que tínhamos tido naquele dia à hora de almoço, depois da homenagem, quando ela apareceu no cantão da Soledad e me pediu se podíamos ir a minha casa porque tinha uma coisa importante para me dizer. Um fraco eufemismo que, na verdade, queria dizer: hoje a tua vida vai mudar, quer queiras, quer não.

...

– Vais agora dizer-me exatamente porque vieste? – tinha-lhe escrito no telemóvel, assim que chegámos ao terceiro andar e nos sentámos no sofá confortável da minha sala de estar.

Imagino que eu olhava para ela com um brilho de esperança no olhar, mas também me apercebi do seu rosto indiferente ao meu sorriso e soube que alguma coisa não estava bem. Ela despiu o grosso casaco branco e pendurou-o no bengaleiro à entrada. Vestia uma camisola larga de lã que a protegia daquele outono de Vitoria.

– Voltei ao trabalho há um mês. Continuo a ser tua superiora, mesmo tu estando de baixa.

– Eu sei, acredita que sei.

– Tive uma conversa com a tua neurologista que me deixou muito preocupada.

Sei que cerrei o maxilar, não gostava do rumo que estava a tomar aquela... reunião?

– Já passaram três meses desde que dispararam sobre ti, e ainda não foste a uma consulta com ela, nem lhe pediste que te encaminhasse para um terapeuta da fala. A doutora Aldecoa está seriamente preocupada, Unai. Diz que quanto mais tempo deixares passar, mais difícil será voltares a falar normalmente. A plasticidade neurológica tem um limite, e as tuas perspetivas eram relativamente boas em agosto, mas a cada mês que passa sem que trabalhes essa área do cérebro...

– Sim, já me disseste – interrompi-a com a mão.

No início tinha ido às consultas da doutora Diana Aldecoa com um fervor religioso. A minha neurologista era uma mulher morena com os olhos muito separados, mais perto das têmporas do que do nariz, com uma cabeça pequena emoldurada por pequenos caracóis que pareciam fios de telefone. Especialista na matéria, era tão enérgica e falava tão depressa que me custava acompanhá-la

durante as minhas primeiras semanas de recuperação. Angustiava-me. Angustiava-me tanto que comecei a faltar às consultas. Não estava preparado.

– Foi por isso que vieste – escrevi no ecrã.

– Em parte, sim. Mas não vim só por isso. Tenho de te contar uma coisa, mesmo que vá pagar por isso, e não tenho a certeza se dentro de alguns minutos voltaremos a ter o que quer que seja que tivemos antes.

– De que raio estás a falar agora? – teclei confuso.

Alba levantou-se e pôs-se à minha frente. Deixou que a observasse e esperou em silêncio que eu dissesse alguma coisa, mas eu estava demasiado perdido, por isso preferi deixar que ela conduzisse aquela conversa desconcertante.

– Não reparaste? – perguntou como se fosse óbvio.

Fiz uma expressão de estranheza, não compreendia nada. Nada.

Levantou a camisola e mostrou-me a barriga. Uma pele lisa e branca como a neve, que eu continuava a desejar.

– Estou grávida desde agosto, desde as festas da Virgen Blanca, Unai.

Foi inconsciente, saiu-me.

O sorriso.

Imenso.

Mas durou poucos segundos, os mesmos que demorei a perceber a sua expressão reticente.

– O que foi? O que se passa? Sei que não é a melhor maneira de começar uma relação, mas...

Interrompeu a avalanche de incoerências que eu estava a escrever, certamente para me poupar a um embaraço posterior.

– Não tenho como saber, neste momento, se o filho que espero é teu ou do Nancho.

Nancho. Claro. Sempre o Nancho. O omnipresente Nancho.

– Uns dias antes dormi com ele, sem vontade, sem deixar de pensar em ti, como parte de uma rotina tácita que não podia atrasar mais. Com fastio, porque ele não eras tu. Mas depois do que se passou entre nós, no dia 8, não pude voltar a estar com ele. Era como se te estivesse a ser infiel. Queria que o soubesses, nunca te fui infiel. Mas engravidei naquela semana, e pelo crescimento do bebé, agora estou de...

“Catorze semanas”, calculei, olhando fixamente para os tacos de madeira da sala de estar. Doía-me a cabeça, doía-me muito. O osso que rodeava a cicatriz provocada pela bala começou a incomodar-me, como quando estava para vir uma tempestade em Villaverde.

– Catorze semanas – concluiu.

– O bebé está bem? Contaste-me que o teu primeiro filho sofreu de uma doença rara – consegui escrever. Não sei porque foi essa preocupação a minha primeira reação instintiva.

“Tem de estar bem, não podes passar por isso outra vez.”

– Osteogénese imperfeita tipo II. Ainda não sei. Podem detetá-la na ecografia das catorze semanas, talvez das dezasseis. Estou a ser muito controlada, é uma gravidez de risco. Em parte, por causa da história do meu primeiro filho, mas também por causa da minha idade. Primípara idosa, como diz o meu médico. Unai, não te podia esconder isto, mas não to contei para tomares conta do meu filho.

– Talvez seja meu também.

Ela sentou-se novamente ao meu lado no sofá, ficou a olhar para a minha mão, não se decidiu a pegar nela.

– Espero que sim. Espero mesmo que seja teu. Quando descobri que estava grávida, fiquei em estado de choque durante algumas semanas. Ainda estava a assimilar que o Nancho matara vinte e uma pessoas, que se casou comigo porque eu era um acesso à investigação, que vivi com um psicopata integrado, como tu dirias. Escolhi começar do zero, um passo de cada vez, foi a minha mãe quem me veio buscar ao hospital quando estive internada por causa do *Rohypnol* e das picadas das abelhas. Ela levou-me de novo para Laguardia, e pedi-lhe que se encarregasse da casa onde vivi com o Nancho em Vitoria. Doou toda a roupa dele, mas também a minha. Também todos os objetos de decoração e mobílias foram parar a uma feira da ladra. Ela tratou de arrendar o apartamento. Não queria voltar a vestir nada que tivesse tocado nele. Mudei de número de telemóvel, deitei fora todas as fotografias daqueles anos. Agora é uma espécie de buraco negro de recordações. Quando alguma aparece, bloqueio-a. É a minha maneira de lhe devolver a manipulação, com o esquecimento.

– Mas podes vir a ter um filho dele – escrevi, e os dedos tremeram-me de raiva ao escrever as três últimas palavras.

“Maldito sejas, Nancho. Maldito sejas por me fazeres isto. O teu pior crime, o teu último ato. Lixar-nos o futuro, a mim e à Alba.”

Levantei-me, com frio nos ossos. Apoiei a testa no vidro húmido da janela. A meio centímetro de mim, lá fora, Vitoria chorava por alguma coisa. E eu só sentia frio.

– Tu salvaste a vida do meu filho. É justo que o saibas – disse Alba atrás de mim.

– O que queres dizer? – perguntei-lhe por gestos.

– Aquele telefonema que me fizeste naquele dia, quando estavas em San Tirso, lembraste?

– Sim, lembro-me – assenti.

– Eu estava em Laguardia, na torre da minha casa, a olhar para a serra quando me ligaste. Naquela semana tinha marcado uma consulta numa clínica em Burgos, precisava de privacidade e de anonimato, não queria que fosse em Vitoria ou em Logroño.

Doeu-me só de pensar em perdê-lo. Não sabia se o bebé era meu, mas um ácido que magoava percorreu-me as veias e chegou à ponta dos dedos da minha mão, que se fecharam, sem que eu desse por isso, na janela.

– Estava horrorizada com a possibilidade de o filho poder ser do Nancho. Pensei que as náuseas das primeiras semanas eram a forma de o meu corpo rejeitar um filho daquele monstro. Durante a minha primeira gravidez não tive enjoos. Não sei porque me continuo a enganar, dizendo que esta gravidez é diferente porque o filho é teu. Mas deixa-me acabar. Quando me ligaste, eu percebi que não podia perder um filho quando havia a possibilidade de tu seres o pai.

– O que vais fazer, Alba? Dá-lo para adoção, se sair ruivo? – escrevi.

– Aí estaria a fazer o mesmo que fizeram ao Nancho. Não seria melhor do que os pais dele. Não. Seja de quem for, também é meu filho. Decidi que teria de aprender a amá-lo, tomei a minha decisão. Mas a verdade é que o amor veio sozinho. Amo-o tal como amei o meu primeiro filho, não te sei explicar. É como se houvesse uma ligação direta entre mim e ele ou ela. Simplesmente abarca tudo.

– E o que abarco eu, Alba? Que papel tenho nisto tudo?

– O papel que quiseses desempenhar. Conte-te porque mereces saber a verdade. Mas não tens qualquer responsabilidade se não quiseses. Só que não vou fazer um teste de paternidade.

Olhei para ela, horrorizado.

“Não me faças isso.”

– Porque não? Assim acabariam as dúvidas.

– Porque ele não merece, Unai. Ele não merece. Seja quem for o pai, um assassino ou o homem que eu amo, este filho não merece que o julguemos por algo de que não tem culpa. De qualquer forma, sou eu que tenho de aceitar as consequências.

“Ela disse *o homem que eu amo*”, pensei. Fiquei pendente daquela frase. Uma frase que teria matado para ouvir apenas umas horas antes, mas que agora era tão secundária.

Havia uma nova vida a reclamar as nossas decisões salomónicas.

Voltei a encostar a testa ao vidro. O frio fazia-me bem.

Não gostava que me vissem chorar, dá-me muita vergonha o exibicionismo emocional, mas tive de controlar o ardor das lágrimas que se formavam.

Aquele não era, de todo, o reencontro que eu fantasiara durante meses. Durante aquele final de verão e aquele outono ameno, enquanto eu me escondia em Villaverde com as minhas compotas de amora e a minha recusa em me recuperar, Alba tivera de superar a morte do seu marido e o facto de ele a ter querido matar, aceitar que viveu com um psicopata que assassinou uma vintena de crianças e jovens, assumir uma gravidez e decidir levá-la até ao fim, embora fosse uma recordação constante do pior da sua vida.

Mas para mim também não era fácil. Quem me dera que a notícia tivesse chegado com a certeza de que era meu, a sua palavra ter-me-ia bastado. E naquele momento seria o homem mais feliz do mundo, e não me importaria nada de começar a relação ao contrário, chegar à vida de Alba com um bebé no colo e tornarmo-nos uma família mesmo antes de sermos um casal. Um filho ou uma filha com Alba.

Ainda podia ser.

Existia essa possibilidade.

Mas a dúvida... a maldita dúvida.

Não, não podia. Eu conhecia-me. Não conseguia lidar com aquilo, era demasiado para mim.

O meu cérebro de *profiler* só era capaz de pensar nas possibilidades estatísticas de o filho de um psicopata herdar a sua tendência para a psicopatia. A que tipo de pessoa estava disposto a chamar “filho”?

Amaldiçoei Nancho novamente, o seu pai médico e a sua mãe maltratada, até amaldiçoei a minha tia-avó Felisa por entregar Nancho àquelas bestas que o criaram e o transformaram num monstro.

– Alba – escrevi –, não te consigo dar agora uma resposta. Preciso de processar...

Ela aproximou-se e leu no ecrã, enquanto eu escrevia a nossa sentença de morte como futuro casal, ou o que quer que seja que tenhamos sido durante alguns microssegundos das nossas vidas.

Penso que foi o pior daquele dia de que me vou lembrar como tendo sido um dos mais duros da minha vida. Aquela expressão, tão própria de Alba, de dignidade perante a imensa decepção que eu lhe estava a provocar. Mas ela estava preparada, e isso também ofendeu o meu amor-próprio. Tinha vindo ao meu apartamento preparada para o pior, e eu estava a confirmar os seus piores receios.

Foi nesse momento que recebemos por WhatsApp a mensagem de Estíbaliz, avisando-nos da morte de Annabel Lee. Tinha sido um dia terrivelmente longo e a noite sem dormir só serviu para juntar todos os meus fantasmas: os do passado,

com o corpo inerte de Annabel à minha frente na mortalha, e os do presente, o de Alba e da sua gravidez incerta.

...

Amanhecemos à beira do esgotamento mental. Houve momentos de vigília interminável, outros em que nós, os sete sobreviventes, caímos num sono leve, creio.

Um sol reparador, embora fraco, entrou finalmente pela pequena janela da ermida. Com o amanhecer chegaram também os colegas da Unidade de Montanha para nos resgatar. Envolveram-nos em mantas térmicas, hidrataram-nos, verificaram que estávamos bem e fora de perigo. O dia tinha nascido claro e calmo, mas ninguém confiava naquela montanha silenciosa depois do castigo da noite anterior.

Goyo Muguruza olhou com o seu semblante sério para a colega que nos auxiliou.

– E o Andoni Cuesta? Conseguiram... resgatá-lo?

– Encontrámos o corpo dele duzentos metros mais abaixo. Sinto muito.

Foi demasiado para os sete. Nenhum de nós foi capaz de dizer nada. Chamar-lhe-ia desolação.

A única pessoa que reagiu foi Estíbaliz, que afastou a manta e se precipitou para fora da ermida. Segui-a, tive de a segurar, ela começou a dar pontapés à parede do túnel.

E eu nem a consegui consolar com palavras, só lhe murmurei: “Chega, Esti. Chega. Vamos voltar para casa. Aqui já não há nada para nós.”

Praça da Virgen Blanca, 2

18 de novembro de 2016, sexta-feira

Três horas depois, já a salvo em Vitoria, arrastei-me como um caracol até casa vindo do hospital Santiago, para onde nos levaram para garantir que não tínhamos mais nada além de uma leve hipotermia e exaustão. Eu só queria dormir. Um colchão seco e um cobertor familiar e acolhedor. A escuridão de um quarto em que confiava e que não ia desabar sob nenhuma tempestade. Um lar, na verdade.

Devia ser meio-dia quando ouvi alguém a abrir a porta do meu apartamento. Levantei-me da cama de um salto, não tinha dormido muito nem descansara o suficiente. Estava demasiado inquieto e não tinha conseguido pregar olho. Alerta, quis gritar: “Germán, és tu?”, mas da minha boca só saiu um som gutural que nem eu compreendi. Frustrado, saí do meu quarto e encontrei o avô na cozinha com dois sacos do talho.

– O teu irmão contou-me que passaste a noite na montanha, apanhado pela tempestade, filho.

Assenti, espreguiçando-me.

– Deves estar todo partido. Senta-te, trouxe-te carne para repores as forças.

– Obrigado, avô – respondi-lhe com um sorriso.

Não havia maneira de convencer o avô a parar de cuidar de mim. Não era que me mimasse, teria cortado uma mão antes de nos tornar, ao Germán e a mim, crianças malcriadas. Mas ele sabia exatamente em que momentos a sua ajuda era necessária.

Sentei-me no sofá da sala, olhando sem ver as esplanadas do lado leste da praça da Virgen Blanca.

Liguei o telemóvel e vi que tinha imensas mensagens no WhatsApp.

Mas antes fui ao meu *email* e enviei uma mensagem há muito adiada: escrevi à minha neurologista, Diana Aldecoa, e pedi-lhe o contacto do terapeuta da fala para começar a recuperar o mais depressa possível. Respondeu de imediato. Pedi uma consulta e jurei a mim mesmo que não a cancelaria ou adiaria.

Depois abri diretamente o WhatsApp de Tasio. Pelos vistos, tinha encontrado mais informações sobre o maldito caldeirão que tirara a vida a duas pessoas lá em cima na montanha. Um colega e um primeiro amor.

– Tasio, já estou operacional, ontem não te pude responder, fomos apanhados por uma tempestade de granizo no túnel.

– Está tudo bem? – escreveu.

– Não para todos, infelizmente.

– Sinto muito.

– Sim, eu sei. Foi um pesadelo. Vamos avançar, se estiveres de acordo. Dizes que encontres alguma coisa. Vamos, dispara.

– Dispara? A sério, Kraken? Vejo que já estás restabelecido. Se te consegues rir disso, aguentas tudo – respondeu.

– Tasio, não me chateies, vá lá – respondi, sem paciência para brincadeiras. – Nem imaginas o dia que me espera. Vamos ao que interessa.

– Vamos ao que interessa: a imagem que me enviaste pertence realmente ao Caldeirão de Cabárceno, encontrado numa mina de Peña Cabarga, na Cantábria, há um século. Pensa-se que remonta a 900-650 a.C., a Idade do Bronze. Relacionou-se sempre com os caldeirões irlandeses ou britânicos, muito parecidos com os que se encontraram em Dublin ou Battersea. Sempre se pensou que a peça se destinava a ser usada em cerimónias religiosas, ou algo do género.

– Rituais celtas?

– Isso mesmo. Faz parte da coleção do Museu da Pré-história da Cantábria, em Santander, mas até há umas semanas estava numa exposição temporária num museu privado na Costa Quebrada, o MAC ou Museu de Arqueologia da Cantábria. Denunciaram o roubo, mas não é uma notícia que tenha tido mais destaque do que uma breve no *El Periódico Cántabro*.

Conhecia os membros da direção do MAC, os irmãos Del Castillo, historiador e arqueólogo. Tínhamos coincidido uns anos antes, quando fiz um curso de Perfil Criminal na esquadra de Santander, e uns estranhos assassínios me deram a volta à cabeça numa complicada investigação. Eles colaboraram. Sempre. Era uma boa notícia, aquele contacto ser-me-ia útil.

– Alguma relação com o túnel de San Adrián? – perguntei.

– Procurei uma ligação celta entre o caldeirão e o túnel de San Adrián. Sabes que nesses lugares há sempre histórias de passagens subterrâneas a ligarem zonas remotas. Sempre se conjecturou que no túnel de San Adrián possa haver uma galeria que conduz a um poço. Diz-se que uma mulher de Zegama foi lavar roupa ao poço e desapareceu. Mais tarde encontrou-se um braço numa nascente em Iturrutzan de Araia, uma localidade perto de Zalduondo.

– Até agora estou a acompanhar-te. O que mais?

– Nessa mesma nascente, em Araia, foi encontrada uma ara, um altar romano dedicado às ninfas. Apenas a cem metros de distância da fábrica Metalúrgica de Araia, junto ao rio Ziraunza. Estava submersa pelas águas e, apesar de mal se conseguirem ler as letras, conseguiu interpretar-se.

– Ninfas. Romanos.

– Sim, mas as ninfas são divindades das fontes, das nascentes, dos rios... anteriores aos Romanos que, como sabes, adaptavam as crenças religiosas do território que conquistavam e as tornavam suas. A sua origem é pan-céltica, indo-europeia. São as três *Matres*, a tríade de Deusas Mães. É um culto muito popular que se espalhou pelo centro da Europa, a Gália, a Bretanha há mais de dois mil anos...

– Mas o que é que o caldeirão tem que ver com as *Matres*?

– Deixa-me terminar, Kraken. Estás mais impaciente desde que não falas, sabias? Esta tríade está associada à fertilidade, tanto da natureza como a humana. Basicamente, a fertilidade feminina. As *Matres* estão associadas aos *Genii Cucullatti*, eles são os seus guardiães: um trio que é representado por três encapuzados relacionados com a fertilidade. Vou mandar-te algumas imagens.

E recebi várias fotos de relevos com três encapuzados, algumas bastante óbvias. A forma do capuz mostrava claramente o simbolismo fálico desses guardiães.

– Dizes que protegem a fertilidade. Estás a falar de grávidas?

– Estás a adiantar-te. Grávidas? Porquê? Há alguma relação?

Não contara a Tasio que junto ao caldeirão havia uma vítima e que essa mulher morta estava grávida. Nem que tínhamos encontrado o seu blusão com capuz a poucos metros. A tríade também não me saía da cabeça: dois montanhistas, pai e filho, e Annabel. Estariam eles também com capuzes postos?

– Muito bem. Encontraste mais alguma coisa?

– De momento, é tudo o que tenho. Se me deres alguma pista sobre onde devo procurar... – arriscou.

– Acho que tenho mais do que suficiente, Tasio. Nem preciso de te dizer que agradeço muito a tua disponibilidade e descrição.

– Isso mesmo, nem precisas de dizer. Informa-me se precisares da minha ajuda, para o que for.

– Para o que for. É mútuo. Agora deixo-te.

– Peço-te apenas que se esta investigação for bem-sucedida, digas à imprensa de Vitoria que eu te ajudei.

“Claro”, pensei. Quase me tinha esquecido da obsessão de Tasio Ortiz de Zárate em reabilitar a sua imagem manchada em Vitoria.

De seguida abri o WhatsApp de Germán, a quem avisara logo de manhã, assim que nos resgataram, mas o meu irmão mais novo tinha passado a manhã a enviar-me mensagens a perguntar se estava recuperado.

– Estou bem, Germán. O avô está aqui em casa, a cozinhar-me umas batatas com chouriço e *txitxikis*². Vai entupir-me as artérias.

– Eu sei, eu avisei-o. Posso passar por aí esta tarde, quando sair do escritório?

– Tenho uma reunião de trabalho. Vemo-nos este fim de semana em Villaverde, preciso de um refúgio para onde escapar.

Germán concordou, tinha-se tornado superprotetor desde que eu levara um tiro na cabeça, se bem que ele também tivera a sua quota-parte de desgraças por minha causa. Martina morrera porque eu não fora capaz de caçar Nancho a tempo, pelo que eu encarava como um pequeno tributo a pagar a sua insistência em controlar todos os meus passos, logo eu que não gostava nada de dar explicações das minhas idas e vindas a ninguém.

Ajudei o avô a pôr a mesa e deixei que ele me distraísse enquanto me contava como a tempestade lhe tinha provocado estragos na horta. Villaverde também recebera a sua dose, se bem que não se podia comparar com a violenta tempestade de granizo do túnel.

Depois, sem deixar de olhar preocupado para o céu, que ameaçava chuva, escrevi um breve relatório com os dados do Caldeirão de Cabárceno e a sua relação com o túnel de San Adrián e imprimi-o. Decidi aguardar pela restante informação antes de fazer a minha primeira avaliação do perfil do assassino, pois ainda me faltava ouvir os meus colegas da Polícia Científica e a médica-legista antes de redigir o meu primeiro relatório, mas o que tinha visto em San Adrián ainda não batia certo.

Despedi-me do avô, que me prometeu que regressaria a Villaverde de autocarro, e dirigi-me para o meu antigo escritório na sede, em Portal de Fonda. Não sabia como eu e Alba íamos lidar com o facto de nos vermos todos os dias, depois do que ela me contara, mas agora já não se punha a questão de eu querer ou não voltar. Tinha uma nova obsessão e não queria ficar de fora da caça. E apesar de estar exausto, física e mentalmente, morria de vontade de encerrar aquela fase do duplo crime do dólmen, e de começar de uma vez por todas a investigação do homicídio de Annabel Lee e o tratamento com o terapeuta da fala que ia acabar de uma vez por todas com a minha afasia.

²-Enchido típico do País Basco, feito de cordeiro com pimentos. (N. da T.)

O infantário de La Senda

29 de junho de 1992, segunda-feira

Jota, Asier, Lutxo e Unai preparavam-se para tirar os seus sacos-cama das mochilas e estendê-los em cima dos colchões estreitos dos beliches de metal. Tinham escolhido um dos quartos vazios no primeiro andar do casarão antigo. Batizaram-no automaticamente de “o quarto dos rapazes” e nem sequer pensaram onde é que dormiriam os restantes membros da organização.

Nenhum deles prestou atenção quando uma das raparigas, a que usava botas a imitar as Dr. Martens amarelas e cabelo pela cintura, entrou em silêncio no dormitório *deles* e, sem perguntar nada a ninguém, escolheu o seu beliche e começou a tirar a roupa da mochila.

– O que estás a fazer? – adiantou-se Asier, num tom cortante.

– O Asier quer dizer... Ainda bem que escolheste este quarto para dormir – apressou-se Jota a pigarrear, fulminando-o com o olhar.

Jota já tinha falado dela a Unai, o seu melhor amigo. Tinha gostado daquela morena estranha desde o primeiro momento, dez horas antes, e isso para Jota era uma eternidade e para Unai um sinal de Stop. Ainda por cima tendo em conta a situação de Jota, com o pai no hospital com um cancro no pâncreas fulminante que estava a acabar com ele em poucos meses. Unai tinha já a sua própria experiência em funerais, e Jota e os seus gostos em assuntos femininos eram sagrados e intocáveis.

– Não, eu não disse nada disso nem era essa a minha intenção. Olha, não há um quarto para raparigas? – insistiu Asier.

– Sim, mas está muito mais sujo do que este e eu sou asmática – mentiu Annabel, que não queria partilhar quarto com raparigas por nada neste mundo. E dirigiu-se a ele com uma calma que os desarmou a todos. – E tu, Asier, achas que me vais enxotar com o teu mau humor? Coleciono rejeições. Podes tirar o cavalinho da chuva se achas que eu vou mudar de quarto. Habitua-te. Ah, é verdade, o Saúl disse para descerem para não sei o quê.

E continuou calmamente a desfazer a mala.

– Bolas, calhou-nos a maluquinha do grupo – murmurou Asier ao passar por ela. – Vá, vamos dar um tempo...

Saíram todos, Asier chateado, Lutxo expectante, Jota encantado. Unai ficou para trás com a sua mochila.

– Já desço – tranquilizou os outros, concentrado em verificar que não tinha deixado nenhuma *t-shirt* em Villaverde. – Acho difícil acreditar que colecionas rejeições – disse à rapariga, assim que ficaram sozinhos, sem olhar para ela, enquanto pendurava a sua roupa nos cabides frágeis que estavam num armário com uma ou outra teia de aranha.

– Olha, tenho dezenas – disse, e tirou da sua mochila preta um maço com envelopes e cartas, algumas abertas, outras fechadas. – Vem cá, não fiques aí especado a olhar, ajuda-me a abrir as últimas rejeições. Quanto mais depressa começarmos, mais depressa acabamos.

Unai aproximou-se com uma certa cautela e sentou-se na colcha rústica junto a ela.

– Como é que sabes que são rejeições?

Ela encolheu os ombros e passou-lhe uns envelopes de diferentes tamanhos e diversas origens geográficas.

– Pelo peso, apenas uma folha. São sempre. Disseram-me que se alguém estiver interessado em publicar-me, a carta será mais longa, costumam ser duas páginas. Até te dão graxa e tudo.

– O que é que eles rejeitam? – perguntou Unai enquanto abria o primeiro envelope com um certo cuidado.

– Faço banda desenhada. Neste país não há muita saída, mas na Europa e nos Estados Unidos há toda uma cultura. E na Ásia, então, é a loucura. Mando uma amostra da minha banda desenhada a todos os editores, assim que encontro a morada para onde enviar. Quanto maior for a editora, melhor; assim rejeitam-me de certeza.

– E porque é que fazes isso, por masoquismo?

– Sim, a rejeição torna-me mais forte. Motiva-me a continuar a desenhar, e custa-me tanto fazê-lo que tenho medo de perder a motivação. Preciso que me continuem a rejeitar, preciso de estar zangada para continuar a desenhar. Não encontro outra maneira, e olha que há anos que estudo o meu processo criativo, desde que nos deixámos de ver, Unai – e disse aquela última frase olhando-o com aqueles olhos que se cruzaram com os de um miúdo que não compreendia nada.

Dois pares de olhos pretos fixaram-se durante vários segundos. Foi ele quem desviou o olhar.

“É verdade que me calhou a maluquinha”, pensou afastando-se um pouco.

– Não te lembras de mim, pois não? – disse ela sorridente, calma, como que antecipando a minha confusão. – Em que infantário andaste quando eras criança?

– Infantário? Em Vitoria? No La Senda, o que tinha um pátio com um comboio e... – interrompeu-se, começava a lembrar-se.

– Ainda não me reconheceste, pois não? Conhecemo-nos desde crianças, éramos inseparáveis no infantário. Sou a Ana Belén Liaño, apesar de assinar os meus desenhos como Annabel Lee, como o poema de Edgar Allan Poe. Sabes, não sabes?

Não é que Unai tivesse lido Poe para além do que lhe mandaram na escola, mas toda a gente tinha ouvido a canção dos Radio Futura³ que estava sempre a passar nos bares de Cuesta, e sabia que falava de uns jovens que eram namorados, que ela morreu e que a sua família nobre a levou para enterrar numa sepultura junto ao mar ruidoso.

– Ana Belén? – consegui responder, tentando lembrar-me de alguma coisa daqueles anos longínquos. – Sim, acho que já me lembro. Mas... o que nos aconteceu, dizes-me?

– Éramos namorados, crianças amantes. Aconteceu-nos o mesmo que no poema, o nosso amor era tão forte que os anjos do céu ficaram com inveja de nós.

Unai lembrava-se mais de uma companheira de brincadeiras a quem às vezes dava a mão, e ela às vezes roubava-lhe um beijo pegajoso na cara.

– Fiz-te um desenho, no infantário. Por isso devo-te a ti o que sou agora.

“Sim, claro, o desenho. Quem é que ia imaginar que aquele desenho...”, pensou Unai.

Afastou-se um pouco. Às vezes falava como uma lunática, mas era tão magnética como um farol para onde não se consegue deixar de olhar.

– A vida juntou-nos de novo – concluiu Annabel Lee com convicção, dando-lhe a mão.

Não é que Unai não quisesse que ela lhe desse a mão, a boca, tudo, mas aquilo apanhou-o de surpresa e afastou-se como se tivesse recebido um choque elétrico. Ela levou aquele gesto a mal, muito a mal.

– Que se passa? Mudou alguma coisa entre nós?

– Ei... Ana Belén...

– Annabel Lee – corrigiu-o. – Sou a Annabel Lee.

– Annabel Lee, tens de perceber que para todos os efeitos é como se nos tivéssemos acabado de conhecer. Não é que não goste de ti, nada disso – gaguejou, e suou, não podia acreditar que tinha acabado de dizer aquilo, como se o seu cérebro fosse transparente.

– Bem, então eu estive errada durante estes onze anos – disse ela, como se já tivesse cem anos, e onze anos, cerca de setenta por cento das suas vidas naquela época, tivesse sido pouco mais do que um sopro para Annabel.

Era uma rapariga estranha, demasiada imaginação para a mente prática de Unai. E, ainda assim, era impossível deixar de estar interessado nela.

– O Jota, o Jota gosta de ti – disse Unai sem pensar, enquanto se levantava daquele colchão cheio de tentações. – O Jota é o meu melhor amigo, e o pai dele está a morrer de cancro. Ele anda meio transtornado desde as festas de San Prudencio, em que se meteu numa briga e por pouco não o magoaram à séria. Só se safou porque eu, o Lutxo e o Asier o tirámos dali o mais depressa possível, mas desde então apanha umas bebedeiras de caixão à cova todas as sextas-feiras e estamos preocupados com ele. O comportamento dele não é normal. O pai dele é, era, é – corrigiu-se – muito severo, e a mãe dele nem se apercebe de nada, e nós tentamos safá-lo como podemos, por isso viemos para este sítio na Cantábria, para ver se entre os quatro o controlamos e ele se esquece um pouco dos hospitais, e ele gostou de ti desde que te viu no comboio, e não lhe posso fazer isto, percebes?

Unai arrependeu-se de imediato. Tinha metido a pata na poça. Que falta de lealdade e de discrição para com o seu melhor amigo. Que asneirada. Jota já tinha muito com que lidar. Ele sabia bem o que o amigo estava a sentir, mas o avô tinha-o salvado. Só que Jota não tinha um avô como o de Unai. Tinha um tio que lhe exigia tirar boas notas e uma mãe que, como ele mesmo dissera, não se apercebia de nada.

– Com que então o Jota – respondeu ela, passado um momento para assimilar tudo. – Tudo bem, Unai. Eu entendo.

– Hum... a sério?

– Sim, a sério. Eu entendo. Esperei onze anos, não tenho pressa. Na verdade, tenho a minha banda desenhada. Não te preocupes. Mas é melhor desceres, senão eles vão estranhar.

Unai, um pouco assoberbado com toda aquela situação, desceu as ruidosas escadas de madeira em três saltos, e juntou-se ao grupo que já tinha começado a fazer a tortilha de batata sem ele. Os três estavam numa esquina da longa tábua de madeira que fazia as vezes de mesa.

:::

– Jota, podes vir comigo lá fora pôr o lixo? – perguntou Saúl quando terminaram de lavar a louça.

Jota seguiu-o com os sacos até aos contentores que havia fora do jardim que circundava o casarão.

Caminharam em silêncio pelos arbustos; estava uma noite agradável, e Saúl guiou-o até à saída.

– Olha, não quero que penses que me estou a meter na tua vida, mas pareceu-me ouvir-te dizer no autocarro que tens de fazer uma chamada muito importante todos os dias. Posso ajudar de alguma maneira?

Jota mudou o peso de uma perna para a outra algumas vezes, nervoso e inseguro. Acontecia-lhe sempre a mesma coisa, viam-no como um ser frágil e toda a gente o protegia e se oferecia para lhe solucionar a vida. Não é que não agradecesse, mas... Mas, na verdade, daquela vez precisava de um pouco de ação.

– O meu pai está internado no serviço de Oncologia do hospital de Txagorritxu. Cancro no pâncreas. Quero falar com a minha família todos os dias, para o caso de... De ele piorar e eu ter de regressar. Não sei se há uma cabina telefónica em Cabezón de la Sal.

– Sim, claro que há. Anda, eu vou contigo.

– Não é preciso Saúl, a sério. Não precisa de vir.

– Eu sei, já és um homem feito, não és nenhuma criança. Não é isso – disse Saúl pondo uma mão no ombro pequeno daquele rapaz tão baixo e ainda tão infantil. Uma cria acabada de sair do ninho. – Sabes, o meu pai morreu de cancro, eu e a minha irmã mais velha ficámos sozinhos quando ainda éramos muito novos e...

– Não quero ser arquiteto – interrompeu-o Jota, sem se conseguir controlar. – O meu pai está a morrer e a única coisa em que consigo pensar é que não quero ser arquiteto. Não quero passar cinco anos da minha vida a estudar cálculo de estruturas e perspetivas. E quando ele morrer, o meu tio Julián vai encarregar-se de fazer de segundo pai e vai obrigar-me a matricular em Arquitetura. Já falaram sobre isso, ouvi-os um dia destes, no corredor. Falavam de mim como se eu fosse mais um projeto da empresa.

Saúl ouviu-o. Aquela história parecia-se demasiado com a sua.

– Olha, José Javier...

– Jota, José Javier é o meu pai, eu sou Jota, só a primeira letra. O resto tenho de ser eu a conquistar sozinho, percebe?

– Claro, Jota. É muito louvável – respondeu Saúl, todo ele empatia para com o jovem que fora em tempos: pai opressor, futuro traçado a régua e esquadro por mãos alheias e um terrível complexo de inferioridade por não ter demonstrado grandes feitos na vida. – A minha irmã é a chefe do serviço de Endocrinologia do hospital Valdecilla de Santander. Ou seja, ela tem contactos, tanto a nível nacional como estrangeiro. Participa em muitos congressos internacionais e conhece os melhores especialistas e tudo o que há de mais moderno, mesmo em

oncologia. O que te estou a tentar dizer é que se a tua família quiser uma segunda opinião, posso tentar mexer os cordelinhos para que o teu pai seja visto pelos melhores especialistas. Em relação a dinheiro...

– O dinheiro não é problema – interrompeu Jota. Não gostava de falar de dinheiro. Toda a gente sabia que a sua família o tinha e parecia-lhe ser um privilégio que ainda não tinha conquistado. – Vou falar com a minha mãe e com o meu tio. Muito obrigado, Saúl. Pelo apoio. Afinal, acabámos de nos conhecer.

– A minha função é cuidar de vocês durante as próximas três semanas. Estou aqui para o que precisares, Jota. O que precisares. Se estiveres em baixo, se um dia não te apetecer ir ao povoado trabalhar na construção das cabanas... Não penses nisto como um trabalho com contrato. Não é. É muito mais descontraído, está bem?

– Sim, está bem. Pode dizer-me onde fica a cabina telefónica aqui da zona, porque já é um pouco tarde para ligar para Txagorritxu?

– Tenho uma ideia melhor: entra no autocarro. – Passou-lhe as chaves. – Sabes conduzir?

– Sim, mas a carta de...

– Não há ninguém nesta estrada a estas horas, vamos a Santillana del Mar, vai fazer-te bem. Hoje és tu que levas – disse-lhe Saúl com aquele sorriso que sabia resultar sempre com os seus estudantes. Nem foi preciso piscar o olho, isso guardava para as ocasiões mais difíceis.

Jota adorava conduzir, sentia que por momentos dominava uma pequena parte da sua existência, do seu dia a dia, do que fosse. Apareceu-lhe um sorriso no rosto, e quando a sua mãe lhe disse como o pai estava a reagir mal ao penúltimo tratamento, a notícia abalou-o um pouco menos do que nos meses anteriores. A distância, a presença de Ana Belén e o apoio incondicional de Saúl davam-lhe uma nova perspetiva para a sua vida, mesmo que fosse apenas durante vinte e um dias antes de voltar ao seu calvário diário de cancro paterno e pressões escolares.

...

Naquele momento, Rebeca aproveitou a ausência do pai para se aproximar de Asier e levá-lo à cozinha com uma desculpa esfarrapada.

Contou-lhe tudo.

Tudo.

Até mesmo do que mais se envergonhava. Mas ele impediu-a de continuar a falar com um gesto brusco.

– Cala-te – interrompeu-a, aborrecido. – Não quero ouvir nem mais uma palavra. Não me contes a tua vida, miúda, eu não sou o Gandhi. Não sei porque é

que achaste que eu tinha cara de Gandhi. Nem te aproximes de mim, vais trazer-me problemas com os teus disparates.

“A porra da miúda”, pensou Asier saindo disparado da cozinha.

Minutos depois, Rebeca saiu também da cozinha gordurosa. Tremia-lhe o queixo, mas pelo menos tinha conseguido não chorar diante das pessoas.

Tinha estragado tudo.

Outra vez.

Agora tinha a certeza absoluta de que a iam prender outra vez.

Este ia ser o seu último verão em liberdade.

[3-](#)Radio Futura foi um grupo de rock espanhol, muito famoso nas décadas de 1980 e 1990. (N. da T.)

Lakua

18 de novembro de 2016, sexta-feira

Meia hora depois, eu estava sentado na mesa de reuniões numa das salas da sede da avenida Portal de Foronda. Estíbaliz estava ao meu lado, escoltada por dois colegas que eu não conhecia, pela doutora Guevara e por Muguruza, o inspetor da Polícia Científica. Levava o *tablet* comigo, para ser mais fácil expressar-me.

Nós, os sobreviventes da tempestade perfeita, tínhamos os rostos abatidos, com olheiras e exaustos. Poderia jurar que nenhum de nós queria ali estar.

O comissário Medina, nosso superior, um homem já na casa dos sessenta, com umas sobancelhas grossas e barba de rei mago, entrou na sala, apertou a mão e deu os pêsames a cada um de nós, com um semblante solene.

Alba Díaz de Salvatierra seguia-o num discreto segundo plano. Vestia um casaco preto que lhe disfarçava as formas, tinha apanhado o cabelo e o seu semblante era mais sério do que o habitual. Reparei no olhar de alívio com que me observou durante um segundo, como que a comprovar que eu estava inteiro. Foi puro combustível para a minha autoestima maltratada. Parecia triste, mas agradei pela sua preocupação genuína.

– Em primeiro lugar – começou o comissário com uma expressão circunspecta –, felicito-vos pelo profissionalismo, integridade e qualidade humana que demonstraram ter numa situação de vida ou morte como a de ontem. Estamos orgulhosos por fazerem parte desta Unidade. Estamos todos consternados com a perda do nosso colega Andoni Cuesta. Amanhã terá lugar o funeral no cemitério de Salvador, mas a viúva prefere uma cerimónia familiar, de modo que vamos respeitar o seu desejo. Sei que estão cansados e que esta é uma reunião de urgência, de modo que não lhes vou pedir mais do que o necessário. Passo a palavra à subcomissária Salvatierra.

– Agradeço-vos muito a vossa presença, depois de tudo o que passaram – disse Alba em jeito de boas-vindas. – Tenho de admitir que também não tive uma boa noite, à espera de que vos resgatassem. Dadas as circunstâncias especialmente desfavoráveis que enfrentamos em relação a este assassinio, por causa dos danos

provocados pela tempestade no trabalho da Polícia Científica, todos nós vamos ter de dar o nosso melhor para levar esta investigação a bom porto. Também vos quero informar de que o juiz Olano decretou segredo de justiça e que todas as informações que estamos a partilhar são confidenciais. Por agora temos um mês; se a investigação continuar depois disso, e espero que não seja o caso, podemos pedir-lhe para prorrogar essa ordem. Não queremos que a imprensa tenha o papel determinante que teve no passado caso dos crimes duplos. É para nós uma prioridade absoluta evitar o pânico coletivo que se viveu nesta cidade recentemente. Além disso, se isto foi o início de uma série, temos de evitar que o autor deste assassinio continue em liberdade. Penso que têm noção da pressão institucional que nos estão a fazer para encontrarmos o culpado e para que a situação terrível que se viveu em Vitoria não se repita. Resumindo: estamos a trabalhar em contrarrelógio.

Alba fez uma pausa para que as suas palavras fizessem eco em nós. Nenhum de nós fez qualquer comentário.

– Os nossos colegas da Comunicação vão selecionar com muita cautela as informações que vamos passar à imprensa. Em relação ao que aconteceu ontem, só se vai saber que uma montanhista foi encontrada morta na zona alavesa da serra de Aizkorri-Aratz e que um membro desta esquadra faleceu enquanto fazia o seu trabalho. Não vamos dar nomes nem iniciais, nem a informação de que pertencia à Polícia Científica. Diremos que se tratou de um acidente na montanha. Sabemos que é injusto para com o trabalho que Andoni Cuesta realizou em vida, mas a sua viúva concordou com a nossa política de descrição. A inspetora Gauna, presente no local do crime, vai mostrar-nos o que temos até agora.

– Obrigada, subcomissária – disse Estíbaliz, ao mesmo tempo que soprava para afastar a franja ruiva da cara. Nunca a tinha visto com umas olheiras tão profundas. – Boa tarde a todos. Se estiverem de acordo, vou direta ao cerne da questão. Temos a identidade da vítima: Ana Belén Liaño, 39 anos, natural de Vitoria, solteira e grávida, provavelmente de cinco meses, à falta de dados concretos que a autópsia nos dará. Autora de banda desenhada relativamente conhecida, ou desconhecida, dependendo da perspetiva. Avisámos a família, só tem a mãe viva, não tem irmãos. Temos um dado que pode ser fundamental para a investigação: foi ela a vitoriana que ganhou a Lotaria, três milhões.

– Não me li...! – deixou escapar a doutora Guevara, pigarreando logo de seguida e pondo uma expressão impávida e serena.

– É verdade – confirmou. – O nosso colega Andoni Cuesta ia-nos informar durante a análise do local do crime, quando estava a fazer o inventário da carteira encontrada a poucos centímetros do cadáver. Felizmente, preservou a carteira

corretamente e foi um dos poucos objetos que conseguimos resgatar. Sabemos que a vítima já tinha depositado o boletim numa entidade bancária e tinha consigo o recibo, que não foi roubado, guardado na carteira.

Todos nós olhámos maravilhados para aquele recibo, como se fosse o bilhete dourado para a fábrica de chocolate de Willy Wonka. Annabel com três milhões de euros.

Pareciam duas realidades que não batiam certo.

Ela, sempre tão indiferente ao mundo material, o que ia fazer com três milhões de euros?

– Sem dúvida que é um motivo plausível para matar alguém – admitiu Alba, creio que dando voz ao que todos nós estávamos a pensar. – Quero que investiguem todos os que lhe eram próximos, se tinha dívidas, se há alguém com graves problemas financeiros... O que for, mas já sabem em que direção procurar.

– Sabemos alguma coisa do caldeirão, inspetor Muguruza? – perguntou Alba.

– A equipa de resgate encontrou-o bastante longe do túnel – respondeu enquanto voltava a pôr os óculos escuros. – Está num estado lastimável: o granizo deixou-lhe marcas que os restauradores do museu vão ter de avaliar. Como se pode imaginar, as impressões digitais que íamos recolher desapareceram, por isso não temos como saber se eram apenas dos montanhistas ou também do assassino. O mesmo se passa com as pegadas e com as marcas de pneus dos veículos que íamos processar: a tempestade apagou tudo. Penso que é o assassino mais sortudo do mundo, se me permitem a expressão.

– Mais alguma coisa? – insistiu Alba.

Adorei ver a sua expressão quando tirei o relatório com a documentação arqueológica que Tasio me dera sobre o Caldeirão de Cabárceno e lho passei, estendendo o braço.

Havia surpresa, mas também um certo respeito e admiração, justamente aquilo que eu achava que tinha perdido da parte dela.

A minha chefe leu-o em voz alta e todos nós ouvimos com atenção. Falar sobre rituais celtas teria levado mais do que um de nós a levantar a sobrancelha com desconfiança no passado, mas tínhamos saído recentemente de um caso com *eguzkilo*res, veneno de teixo e dólmenes, por isso uma mulher pendurada numa árvore e mergulhada num caldeirão celta de bronze não nos parecia assim tão estranho.

– Queria também informá-los de que é possível que o inspetor Ayala, a quem todos desejamos uma rápida recuperação da sua lesão – anunciou a minha chefe –, trabalhe connosco nesta investigação como perito em traçar perfis. De momento temos só um assassinio, mas, dadas as suas características, a inspetora

Gauna começará a procurar assassínios semelhantes ocorridos no passado, nesta região ou em todas as zonas onde a cultura celta ou celtibérica possa ter tido influência.

“Ela disse ‘é possível’?”, pensei, frustrado. “Ainda não faço parte da equipa?”

Olhei para Alba, pedindo-lhe uma explicação, mas ela ignorou-me e continuou a falar:

– E dada a prioridade que esta investigação vai ter nas nossas agendas, eu e o comissário decidimos reforçar a Unidade de Investigação Criminal, de modo que quero dar oficialmente as boas-vindas ao subinspetor Manu Peña e à agente Milán Martínez. O subinspetor vem da esquadra de San Sebastian, também trabalhou em Investigação Criminal, pelo que está familiarizado com os nossos procedimentos. A agente Milán trabalhava até hoje na Secção Central de Delitos em Tecnologias da Informação. Foi ela quem pediu para colaborar com a Unidade, e penso que nos será muito útil, dado que em todas as investigações criminais acabamos por recorrer à Internet. Vamos tornar-nos mais ágeis, espero.

Peña cumprimentou-nos a todos com um leve aceno de cabeça, embora não parecesse tímido, apenas experiente. Era muito louro, com o cabelo quase rapado e umas longas patilhas direitas e quilométricas que lhe chegavam perto do queixo. Olhos muito claros, quase sem pestanas. Estíbaliz diria certamente que era atraente. Devia ter trinta e poucos anos, reparei num leve tremor na sua mão direita, talvez estivesse nervoso ou talvez escondesse um diagnóstico lixado para alguém da sua idade. Estava vestido com um casaco preto de ganga e uma camisola com riscas de marinheiro. Cheirava um pouco a tabaco e simpatizei com ele. Parecia uma pessoa competente e nós precisávamos de reforços.

Em relação a Milán, era impossível não reparar no seu tamanho. Era uma das mulheres mais altas que eu já tinha visto. Era difícil calcular quanto media, talvez um metro e oitenta ou um pouco mais, mas era corpulenta, um pouco masculina e desastrada nos gestos, cabelo castanho não muito cuidado, não sei se liso ou com caracóis, pois era uma massa indefinida a cobrir-lhe o crânio. Curvava-se um pouco, ameaçando uma corcunda incipiente daí a duas décadas. Imaginei uma vida a ser alvo de troça e de piadas; logo, parecia-me natural que tentasse esconder o seu corpo. Felizmente, de vez em quando havia pessoas como ela que, em vez de devolverem os ataques, preferiam juntar-se ao lado do bem e deter a ralé durante a sua jornada laboral. Milán fazia-me lembrar alguém, mas não consegui localizar a origem daquela vaga sensação.

Milán cumprimentou-nos com um “Tudo bem?”, depois de pigarrear e afundou-se na cadeira como um caracol assustado. Sorri-lhe para lhe dar coragem. As primeiras reuniões numa Unidade nova eram sempre um desafio para qualquer pessoa.

Íamos ser uma equipa de três. Quatro contando comigo, se a subcomissária decidisse incluir-me. Era um bom começo: mais pessoal, mais meios, mais tempo para interromper as tarefas burocráticas de modo a que Estíbaliz e eu nos pudéssemos concentrar no essencial.

– Inspetora Gauna, está ao comando. Por favor, continue.

– Milán, Peña... muito gosto em ter-vos connosco. Vão ser uma grande ajuda. Peña, quero que fales com as pessoas próximas da Ana Belén Liaño: a mãe, amizades, restante família e colegas de trabalho. Agora o mais importante é descobrir quem é o pai do bebé que ela carregava. Se tinha namorado ou um companheiro estável, se vivia com alguém... Resumindo, o que nos interessa é determinar se era um bebé desejado ou se tinha provocado algum tipo de conflito... Procura tudo o que não encaixe. Milán, como não encontrámos o telemóvel dela, vigia-lhe por agora as redes sociais. Tinha contas no Facebook, Instagram, Twitter, etc., onde partilhava com os seguidores os seus trabalhos e desenhos, mas também partilhava fotos da sua vida pessoal. Procura se tinha algum *troll* habitual, algum *hater* especialmente reincidente ou algum admirador fanático. Em relação ao telemóvel, localiza o número e contacta a operadora para que nos dê um duplicado, para ver se conseguimos aceder aos serviços da rede, e faz-me uma lista das suas últimas chamadas, localização... Procura tudo o que puderes.

Estíbaliz parou por momentos, ao perceber que Milán estava a escrever com uma letra minúscula num *post-it* rosa-choque.

– Milán, vai-te caber tudo aí?

– Estou a tentar – respondeu ela com o rosto de uma cor muito parecida com a do *post-it*.

– Da próxima vez, é melhor trazeres um caderno. É mais prático, não achas? – aconselhou-a num tom nem muito duro, nem muito brando.

– Eu gosto de usar *post-it* – murmurou para o colarinho da sua camisa. – Posso guardá-los no bolso e não ocupam espaço. Não se preocupe, chefe, eu não os perco.

– Como queiras – prosseguiu Estíbaliz, não muito convencida. – Continuemos. Também vamos solicitar ao juiz que nos permita pedir os dados financeiros ao banco onde depositou o boletim dos três milhões de euros. Na minha opinião, como perita em vitimologia, temos três possíveis frentes em aberto. A primeira: que a mataram por estar grávida, e pelos possíveis problemas que isso traria a alguém próximo dela. A segunda: que o fizeram por dinheiro. A terceira, e esperemos que não seja esta: estarmos perante um ritual celta, como sugere o *modus operandi* e toda a parafernália de pendurá-la e mergulhá-la num caldeirão com quase três mil anos. Além de que foi assassinada num local muito estranho

para se matar alguém: no alto de uma montanha entre duas províncias que têm sido locais de passagem desde a Pré-história.

Aproveitei para roubar a Milán um dos seus *post-it* rosa-choque e escrevi uma nota rápida a Estíbaliz, que a leu e assentiu.

– Tal como me aconselhou o inspetor Ayala, quero também que localizem toda a obra artística de Ana Belén Liaño, ou Annabel Lee, que era como assinava a sua banda desenhada. Talvez em sua casa tenha um exemplar de tudo o que publicou. Peçam à mãe dela, ou ao namorado, no caso de ter um. Se não os conseguirem encontrar, descubram qual é a editora e contactem o editor. Assim que os tiverem, quero que os analisem para ver se lá aparecem alguns dos elementos que vimos no local do crime: celtas, caldeirões, enforcados, grávidas...

– E o que se sabe dos montanhistas que a encontraram? – adiantou-se a subcomissária.

Eu ia escrever a Estíbaliz a mesma pergunta que Alba acabava de lhe colocar. Preocupava-me muito a tríade de encapuzados de que Tasio me falou.

– Prestaram depoimentos como testemunhas, aqui têm o relatório – respondeu Estíbaliz distribuindo as pastas pelos presentes. – Vou fazer-vos um rápido resumo: Jose Mari Garmendia pai e Jose Mari Garmendia filho. De cinquenta e dezoito anos, respetivamente. Vizinhos de Araia, a povoação mais próxima de onde normalmente se inicia a subida para o túnel de San Adrián pelo caminho alavês. O pai tem uma pequena oficina metalúrgica, seguindo a tradição dos seus avós, segundo conta, que trabalharam na fábrica siderúrgica de Ajuria, agora abandonada. Mas não deve estar a passar por uma boa fase, pois despediu todos os seus empregados e nem sequer pôde contratar o próprio filho. Segundo o relatório, o jovem está desempregado e sem direito a subsídio de desemprego. Jose Mari pai diz que foi por isso que subiram na quinta-feira à montanha, que queria animá-lo e que não tinha trabalho para adiantar na oficina. Afirma que antes de entrarem no túnel viram um corpo pendurado numa árvore, que se movia ou balançava, talvez por causa do vento, e que correram na sua direção assim que se aperceberam de que tinha a cabeça dentro de um caldeirão.

– Disse a palavra “caldeirão”? – perguntou Peña.

– Sim, aqui aparece “caldeirão” desde o primeiro momento – respondeu Estíbaliz, encolhendo os ombros. – Nem panela, nem caçarola, nem qualquer outro tipo de denominação. Parece-me normal, ele tem uma oficina metalúrgica, deve saber distinguir um caldeirão de uma caçarola contemporânea.

– Podemos ver as fotografias da posição em que estava o caldeirão? – insistiu, estendendo a sua mão trémula para o centro da mesa.

– Sim, felizmente conseguimos salvar o equipamento fotográfico, mas eu estive presente desde o início da análise do local do crime, podes perguntar-me o que quiseses – interrompeu Muguruza.

– É um caldeirão com um fundo curvo, não se aguenta sozinho, alguém teve de segurar nele enquanto metiam a cabeça dela na água. Ela iria mexer-se.

– Sim, mexeu-se e bem, e resistiu – disse a médica-legista. – Tem hematomas que indicam que bateu com a cabeça em todas as direções enquanto estava viva. Enquanto não temos os resultados da autópsia que vou fazer assim que terminarmos esta reunião, as lesões parecem corresponder às dimensões do caldeirão.

– Aqui está – disse Estíbaliz, lendo o relatório em voz alta. – “A testemunha afirma que o caldeirão estava rodeado por um pequeno monte de pedras que alguém tinha colocado à sua volta, para lhe dar estabilidade e o fixar ao chão”.

– E onde está esse monte de pedras nas fotos? – perguntou Peña, passando-nos as fotografias panorâmicas e as de meia distância. – Não o vejo. Alguém vê?

– A verdade é que, quando chegámos, o caldeirão estava abandonado no chão a alguns metros de distância, as testemunhas disseram que o tinham retirado para ajudar a rapariga, que a água se derramou e que o puseram de parte sem lhe tocar mais. Imagino que as pedras se deslocaram quando tentaram salvá-la e confirmar se estava viva. Tiveram de pisar o monte de pedras, se é que ele existiu.

– Resumindo: o que temos até agora, inspetora Gauna? – perguntou Alba.

– Temos um pai e um filho em boa forma física e com problemas económicos que afirmam que a encontraram morta, e uma série de impressões digitais no caldeirão onde ela foi morta que não poderão ser recuperadas. Temos também de procurar o pai do bebé, e temos uma autora de banda desenhada grávida que acabou de ganhar três milhões de euros.

“Eu acho que já temos por onde começar.”

– Será que o pai e o filho não montaram uma festa com Ana Belén Liaño e as coisas descontrolaram-se? – perguntou Peña.

– Creio que essa é uma pergunta para o nosso perito em perfis – respondeu Estíbaliz.

Os outros presentes ainda não sabiam que eu conhecia Annabel Lee, e a minha colega continuava a proteger o meu segredo.

– Inspetor Ayala, acha possível? – perguntou Alba.

– Sim, é uma possibilidade – escrevi com relutância no *tablet* e mostrei aos restantes. – Mas este cenário não tem nada de sexual. Ela está vestida, ainda para mais com roupa de montanha, até tem calçadas as botas de montanhismo. Podemos supor que não foi raptada, pelo menos em Vitoria, mas sim que estava na montanha ou nalgum lugar próximo, num meio rural. Não tem nada a ver com

cenar de orgias que correm mal com sacos de plástico e jogos de privação de oxigénio. Mergulhar a cabeça num caldeirão antigo e pendurá-la pelos pés não parece ser nenhum jogo sexual. É rústico e muito difícil de executar. Não me parece que seja esse o caso. Qual é a sua opinião, subcomissária?

– Ainda não tenho opinião, inspetor – respondeu a minha chefe.

Escrevi mais uma pergunta e passei-a a Estíbaliz.

– Só mais uma informação – disse a minha colega ao chefe da Polícia Científica. – Muguruza, veja se consegue lembrar-se: os montanhistas usavam *sweatshirts* ou blusões com capuz?

Peña parecia confuso e olhou para nós um pouco surpreso.

– Sim, ambos tinham capuzes, tal como o blusão que encontramos abandonado a poucos metros do cadáver, e que nos falta confirmar se pertencia à jovem. Tem alguma importância serem três encapuzados?

– Infelizmente tem muita importância, se optarmos pela opção do ritual celta: os três encapuzados estavam encarregados dos rituais da água realizados pelas *Matres* – escrevi, e mostrei de novo a todos.

Estíbaliz e eu trocámos um olhar preocupado, depois ela decidiu-se:

– Vou imediatamente a Araia falar com os montanhistas. Talvez não nos tenham contado a história toda do seu encontro com Ana Belén de Liaño e com o Caldeirão de Cabárceno.

O jardim da muralha

18 de novembro de 2016, sexta-feira

A reunião deu-se por concluída no momento em que Estíbaliz saiu para Araia com a intenção urgente de falar com Jose Mari pai e filho. Era ainda demasiado cedo para um interrogatório na esquadra de Lakua, mas impunha-se uma investigação prévia. Alguma coisa não batia certo naquele resgate tão improvável.

Não a acompanhei, por mais que gostasse, mas a minha afasia não tinha qualquer utilidade naqueles momentos em que era preciso recolher informações. Em poucos minutos, a presença dos meus colegas foi-se diluindo na sala de reuniões até ficarmos apenas eu e a subcomissária Salvatierra.

Alba fechou a porta assim que Peña e Milán desapareceram e pediu-me que não me levantasse.

– Fique, inspetor Ayala.

“Como queira”, respondi com um gesto.

– A sua colega, a inspetora Gauna, quer que colabore connosco na investigação em curso como perito. Penso que não preciso de lhe explicar que vou ser obrigada a dar muitas explicações aos meus superiores se aceder ao seu pedido. Sabe tão bem como eu que não vai poder realizar as funções a que está habituado. Não vai poder levar a cabo interrogatórios, não vai poder registar declarações de testemunhas, vai chamar a atenção aonde quer que vá devido à sua afasia, quando numa investigação criminal, e sabe-o muito bem, é vital passar despercebido, ainda por cima nesta em que o sigilo vai ser crucial. Resumindo, é um enorme voto de confiança que lhe estou a dar não o mandando hoje mesmo para casa ou para a sua aldeia, com votos de rápidas melhoras.

– Quero entrar no caso. Posso ser útil, subcomissária – escrevi no *tablet*.

– Se estava tão desejoso de voltar ao ativo, devia ter começado a terapia da fala há vários meses. Se o tivesse feito, talvez agora já estivesse bastante recuperado, mas continuamos como no dia em que acordou do coma.

Cerreí os dentes. Alba estava chateada comigo, e eu compreendia. Estava a pedir-lhe que me defendesse junto do comissário Medina, e eu ainda não tinha

dado nenhuma prova de o merecer.

Mas o caso de Annabel Lee era demasiado pessoal para me manter à margem e deixar que fosse conduzido por outra pessoa qualquer. Simplesmente não conseguia aceitar essa possibilidade.

Eu conhecia a vítima, sabia como ela pensava, sabia que ia ser útil para prender a pessoa que a tinha pendurado de cabeça para baixo e enfiado a cabeça num caldeirão.

A subcomissária virou-se e ficou a observar através da janela os carros que passavam pela avenida Portal de Foronda. Faltava pouco ao dia para começar a anoitecer, e ainda menos à minha paciência para começar aos gritos.

– Estás chateada comigo por causa de ontem, eu compreendo. Mas este caso não tem nada a ver com a nossa situação, espero que não afete a nossa relação profissional – aproximei-me com o *tablet* para que pudesse ler o que eu escrevera.

– Que não nos afete...? – murmurou sem olhar para mim. – Meu querido Unai, ainda não percebeste o quanto a “nossa” situação me vai afetar no trabalho, pois não? Daqui a dois meses vai começar a notar-se a minha gravidez, apesar da roupa larga que visto. Os meus superiores, os meus colegas e os meus subordinados farão as contas e, na melhor das hipóteses, pensarão que vou ter o filho de um *serial killer*. Na pior das hipóteses, podem adivinhar que estivemos juntos e que tive uma relação com um dos inspetores a meu cargo quando ainda estava casada com o meu marido. Fazes ideia do que vou ter de aguentar durante esta gravidez? E dizes-me que não queres que isto afete a nossa relação profissional?

Suspirou, carregando um peso que se assemelhava muito a impotência.

– Não sei em que bolha vives, Unai. Isto vai marcar-me no trabalho e na vida para sempre, mas assumi o risco, tomei a minha decisão e decidi voltar ao ativo, apesar do que está para vir. E, como te disse ontem, sinto que da minha parte tinha de ser honesta e contar-te a verdade, e com isso não quero que penses que espero uma resposta tua, não é o caso. Quanto à investigação, vou arriscar-me por ti, mas em troca vais começar desde já a terapia da fala. A neurologista prescreveu-te na sua avaliação uma sessão diária de uma hora, cinco dias por semana. Quero que cumpras, sem desculpas. Do ponto de vista profissional, penso que é uma pena perdermos um *profiler* como tu. Isto é o que te peço em troca.

Engoli em seco. Alba, apesar das suas circunstâncias complicadas, continuava a preocupar-se comigo. Eu estava diante de uma senhora, e senti-me ainda mais imaturo e infantil do que ela, perdido nos meus dramas pessoais. Admirei mais uma vez o estoicismo com que enfrentava a tempestade que lhe caíria em cima

nos próximos meses. Para as pessoas, seria apenas mais um enorme mexerico. No entanto, ela ia ter de aguentar os olhares carregados de segundas intenções e criar uma criança sob a eterna suspeita de ser filho de um psicopata... ou meu.

– Informo-a, subcomissária, de que na segunda-feira vou à minha primeira consulta de terapia da fala, marquei-a hoje mesmo. E informo-te, Alba, de que o faço pelo bebé, seja meu ou do Nancho. Faço-o pelo bebé – escrevi.

Lancei-lhe uma espécie de agradecimento com o olhar, e fui-me embora, envergonhado por não ter estado à altura dos acontecimentos nos últimos meses.

...

Uma hora mais tarde recebi uma chamada de Estíbaliz, quando já estava em casa deitado no sofá, tentando recompor-me da noite passada em claro e com o cérebro ainda alerta.

– Kraken, ainda estou em Araia. Acabei de falar com Jose Mari pai e filho. Falta-me confirmar uma ou duas coisas, mas aqui não há muito mais para sacar – murmurou.

Percebi o tom de decepção na sua voz.

Fiz um esforço e emiti uma espécie de grunhido para a incentivar a continuar a falar.

– Têm um álibi e dos bons. Têm instalada na oficina uma câmara de circuito fechado. Pelos vistos, os pequenos roubos de materiais são muito comuns neste setor. O pai começou a trabalhar às sete da manhã e o filho foi levar-lhe o pequeno-almoço pouco tempo depois, às sete e meia. A essa hora, à falta de confirmação da autópsia, a pessoa que matou a Ana Belén Liaño estava no túnel de San Adrián a pendurá-la e a afogá-la. Não podem ter sido eles. Colaboraram sempre e eu vi em modo rápido as imagens da manhã inteira. Não saíram da oficina até subirem à montanha.

Fiquei em silêncio do outro lado do telemóvel; ela antecipou-se às minhas perguntas.

– Tenho de confirmar alguns pormenores, mas a gravação não deixa margem para dúvidas. Pode ver-se a rua escura e as luzes acesas de madrugada. Não podem ter sido eles, Unai. Não podemos pedir ao juiz um mandado de captura, não temos nada, a não ser que a autópsia nos revele novos dados.

Soltei-lhe uma espécie de “Haha” em modo de despedida e Estíbaliz desligou.

Por agora era preciso descartá-los. A não ser que tivessem o dom da ubiquidade. Não... primeiro muro na investigação: era preciso retroceder e olhar noutras direções.

Mas havia outro assunto, mais íntimo e pessoal – mais sangrento, também – que precisava de tratar e não podia adiar mais.

Tinha de o fazer.

Sabia que tinha de lhes dar a notícia, apesar de todo o sigilo da investigação. De modo que mandei uma mensagem pelo WhatsApp para os três.

Os meus amigos tinham combinado às dez da noite em Aldapa, Cuesta, para tomar o primeiro café com rum, mas eu não tinha pensado em ir por estar demasiado cansado e prever que o fim de semana ia ser complicado.

Mas tinha de os avisar. Soube-o assim que Estíbaliz me deu a notícia, na quinta-feira ao meio-dia. Talvez um deles já soubesse, talvez tivessem mantido o contacto ao longo destes anos.

Eu nunca perguntei, ela era um desses tabus que existia nos grupos de amigos, e por nunca falarmos dela, eu tinha-me convencido de que ela não tinha caminhado pelas ruas de Vitoria nos últimos vinte e quatro anos.

Tinha-a visto uma vez ou outra, mas ignorara-a sempre.

Foi a promessa que lhe fiz e tinha-a cumprido.

Já passava das sete quando nos encontrámos junto a um candeeiro de um pequeno jardim na parte antiga da cidade, atrás das grades que davam acesso à antiga muralha medieval. O jardim era pouco frequentado e as árvores proporcionavam-nos uma certa intimidade, de modo que esperei por eles sentado num banco enquanto iam chegando.

Vitoria já estava às escuras e apenas alguns gatos perseguiram as sombras pelas escadas em caracol que conduziam ao silo iluminado do antigo sistema de refrigeração restaurado do século XIX.

Asier apareceu primeiro, com um ar aborrecido. Talvez o tivesse obrigado a sair da farmácia antes da hora de fechar. Ultimamente andava preocupado com o negócio. Além de ser o proprietário de uma das farmácias mais antigas de Vitoria, em plena rua San Francisco, depois de o antigo dono se ter reformado e a ter trespassado, o meu amigo ainda abrira um segundo estabelecimento na zona nova de Salburua, mas todos sabíamos que não estava a correr bem. Os auxiliares de farmácia despediam-se a toda a hora e, apesar de não se falar disso, sabíamos que não estava a passar por uma boa fase com Araceli, a sua mulher. O que me dava pena, porque ela era uma pessoa fantástica, que se tinha integrado muito bem no grupo.

Por seu lado, o bom do Jota chegou como sempre: um pouco atrasado e um pouco tocado. As sextas-feiras começavam mais cedo para ele do que para nós, e nessas horas as suas veias já levavam alguns litros de álcool.

– Olá! – limitou-se a dizer.

Talvez se sentisse envergonhado com o seu estado lamentável, porque tentou meter para dentro das calças rotas a fralda da camisa que aparecia por baixo do casaco escolhido à pressa, e alisou os quatro fios de cabelo louro que lhe

restavam na cabeça deserta, lembrando-se provavelmente que precisava de ir ao barbeiro.

Lutxo foi o último a chegar, com o capuz posto, para proteger a careca do vento frio que se fazia sentir naquela sexta-feira. Pareceu-me mais magro e enxuto, não sei se porque andava a escalar mais do que o habitual ou se porque o stresse no trabalho o estava a comer vivo. O seu novo cargo de subdiretor do *El Diario Alavés* dava-lhe pano para mangas. Lutxo tinha conseguido a preciosa promoção devido à sua contribuição no caso do duplo crime do dólmen, mas desde então o meu amigo tinha aprendido o que significava estar na direção de um jornal, e mal o víamos.

– O que se passa, Kraken? Para quê este mistério todo? – disparou Lutxo, depois de dar uma última passa no cigarro.

Bati no banco, convidando-o a sentar-se; não ia ser uma conversa fácil e não sabia muito bem por onde começar.

– Conta-nos, Unai – disse Jota, sentando-se também ao meu lado.

Fiz sinal a Asier para que se aproximasse e pudesse ver o que eu escrevia no telemóvel.

O novo modo de comunicação a que me vi obrigado desde o tiro de Nancho exigia que fosse sucinto e preciso. As pessoas não tinham paciência para ler grandes lençóis de texto e eu não tinha paciência para os escrever, de modo que fui direto ao assunto.

– Algum de vocês viu ultimamente a Ana Belén Liaño? – escrevi.

Todos leram, e cada um deles fez uma careta como se tivesse comido uma urtiga.

– Caramba, Kraken! – exclamou Lutxo, aborrecido. – Ainda andas às voltas com esse assunto? Não achas que está na hora de o superares?

– Não é o que estás a pensar – escrevi. – Repito, algum de vocês esteve em contacto com a Annabel Lee nos últimos tempos? Sabem alguma coisa dela?

– Claro que não – adiantou-se Jota, coçando a barba de três dias. – Ela ignorou-me logo a seguir e em Vitoria mal me cumprimentava no início, depois de... Depois. Há séculos que não sei nada dela. O que fez ela desta vez?

Ignorei a sua pergunta, frustrado.

– Asier? – escrevi. – Podes acrescentar alguma coisa?

– Não fazíamos parte do círculo de amigos dela, como bem sabes, Unai. Para mim essa tipa está morta há muito tempo. Esta conversa não me interessa – respondeu. Ia dizer friamente, mas Asier era sempre frio e pragmático.

Era sempre difícil conseguir arrancar um gesto humano àquele físico duro e anguloso. O seu nariz aquilino, o cabelo castanho fino de rato e o seu modo de

vestir, sempre de fato azul com gravata, não ajudavam a vê-lo como uma pessoa calorosa.

Era curioso que se dedicasse a vender medicamentos para aliviar o sofrimento dos outros, porque dava a impressão de que o sofrimento alheio não entrava no radar emocional do meu amigo Asier.

– Lutxo, não respondeste à minha pergunta – disse.

– Sim, vi-a há alguns dias. No início da semana. O que se passa, Kraken? – perguntou levantando um pouco a voz.

– Contou-te alguma novidade? Disse-te se tinha namorado? Alguma coisa que te chamasse a atenção?

– Disse-me que ia entregar a sua última banda desenhada. Estava contente, algo raro nela... – pigarreou. – Quero dizer que ela continuava taciturna e pouco faladora.

– Não te disse ou não reparaste que estava grávida? – escrevi.

– Não – respondeu encolhendo os ombros. – Estava vestida com um blusão de penas preto, fechado, não me apercebi de nada.

– Toda esta conversa para isso? – interrompeu Asier, irritado. – Concordo com o Lutxo. Unai, tens de esquecer isso de uma vez por todas, esse assunto já tem barbas...

– Está em segredo de justiça – interrompi-o. – Por isso, o que vos vou contar agora não pode sair daqui. Lutxo, o que estou a escrever tem testemunhas e vai ficar registado no meu telemóvel. Percebes que não podes falar disto no teu jornal?

– Caramba, Unai! Estás a deixar-nos em pulgas. Que raio se passou? – replicou Jota, nervoso.

– A Annabel Lee foi assassinada e estava grávida. Não vos posso dizer mais nada. Sei que foi a primeira vez para todos nós, não sei se querem ir ao funeral, vai ser no domingo. Achei que tinham direito de saber e não me sentiria bem se não vos contasse. Ainda não regressei oficialmente, mas vou colaborar na investigação na qualidade de perito. Não contem nada disto ao resto do grupo – escrevi de uma só vez e esperei pacientemente que acabassem de ler.

Os meus amigos ficaram pálidos.

Mas pude ver, e juro que não queria ver, que a expressão de cada um deles mudou, apesar de os três tentarem disfarçar.

E fui testemunha, apesar de me ter doído tanto como a eles, de que nos olhos de nós os quatro havia muito mais tristeza do que a que pretendíamos aparentar.

O cemitério de Santa Isabel

20 de novembro de 2016, domingo

Amanhecera um domingo bastante feio e agreste: o ar estava parado, como se a conter a respiração. A temperatura baixara quase quinze graus durante a noite e a geada da manhã surpreendeu-me na minha cama de Villaverde com um cobertor a menos.

Vesti o fato dos funerais, que guardava sempre em Villaverde, sobretudo porque, em termos práticos, os mortos na minha vida tinham sido sempre enterrados no minúsculo cemitério a duzentos metros de onde eu dormia. Vantagens de viver numa aldeia tão pequena: os López de Ayala mantinham-se perto, até mesmo depois da morte.

Não quis acordar o avô, que àquelas horas ainda dormia, por isso subi ao andar de cima procurando que as antigas escadas de madeira não rangessem à minha passagem.

Suspirei quando olhei para o quarto à minha volta: não tinha regressado desde que terminara o caso do duplo crime do dólmén e o avô encarregara-se de retirar todos os recortes de jornais e fotos antigas que eu espalhara em cima de uma desconjuntada mesa de pingue-pongue. O avô recolhera tudo dali durante o meu coma e só restavam as caixas etiquetadas onde eu guardava pedaços do meu passado.

Aproximei-me das caixas sem vontade, desviando-me das peles de raposa que o avô mantinha penduradas em ganchos negros presos às vigas de madeira do teto. Suspirei diante delas e obriguei-me a procurar uma em concreto: “Povoado cantábrico de Cabezón de la Sal, 1992”. Abri-la só tornou a morte de Annabel Lee mais real. Ali dentro tinha guardado as recordações de um verão que devia ter sido inesquecível por motivos óbvios e que tinha acabado por sê-lo por outros muito distintos. Mais dolorosos e mais obscuros.

E por falar em escuridão e na sua rainha, por baixo das fotos de um Lutxo com cabelo, um Jota ainda jovem beto e sóbrio e um Asier que já dava ares da sua seriedade e ar austero, encontrei uma folha de papel assinada pela defunta Annabel Lee. O desenho de dois amantes em cima de um túmulo diante das

falésias de La Arnía, na Cantábria. Uma rapariga desenhada a tinta da China, que era ela, deixava-se abraçar pelo dono de um braço musculado com a tatuagem de um kraken.

Quando me ofereceu aquele desenho, assumiu que eu faria aquela tatuagem. Contudo, eu ainda não tinha aceitado completamente a minha nova alcunha; incomodava-me que Lutxo, o ideólogo daquele nome, passasse a vida a gozar com o comprimento exagerado dos meus braços e que o referisse diante dela. Mas Annabel adotou a minha alcunha com entusiasmo – tudo o que tivesse origem mítica tirava-a da sua habitual indiferença pelo mundo exterior – e insistiu em ser ela mesma a tatuar-me o dito calamar gigante nos bíceps.

Eu recusei-me.

Ela não gostou.

– O avô mata-me se voltar para casa com uma lula desenhada no braço.

– Ainda ligas ao que diz o teu avô? – perguntou com uma mistura de desprezo e incredulidade que preferi ignorar.

– Tu também ligarias ao que ele diz se conhecesses o meu avô, acredita – cortei aborrecido, e dei a conversa por terminada.

Não sei porque guardei aquele desenho. Estava na altura de o devolver.

...

Cheguei poucos minutos antes das onze a Vitoria no meu *Outlander*; Estíbaliz tinha-me dito que ela seria enterrada no cemitério de Santa Isabel. Foi uma surpresa, pois ali só costumavam enterrar as famílias ricas que tinham adquirido um panteão no passado e eu não sabia que Ana Belén Liaño pertencia a uma dessas famílias. Lembrei-me do poema que ela idolatrava, de Edgar Allan Poe, que falava da sua linhagem nobre. Talvez tivesse mais motivos para se identificar com a protagonista do que aqueles que eu pensava.

Vesti o meu casaco com capuz mais elegante, no caso de o São Pedro nos pregar uma partida com o tempo, e encontrei a nova equipa de Investigação Criminal completa à entrada do novo cemitério. Estíbaliz, Peña e Milán, vestidos um pouco mais formalmente do que era hábito, mortos de frio como eu, e sem deixarem de olhar para um céu branco que ameaçava com as primeiras e prematuras neves do ano.

Milán foi a primeira a falar, parecia desconfortável sem as suas calças de ganga e tirou um *post-it* cor de laranja fluorescente do bolso do seu blusão enorme.

– Descobri nas redes sociais dela que anunciou a sua gravidez há quase dois meses com um desenho, supostamente um autorretrato. Uma mulher com cabelo comprido como o dela estava sentada numa sepultura, com vista para um

penhasco, e uma barriga proeminente. Choveram os típicos “Adoro” e as felicitações dos fãs. Não encontrei nenhum *hater* que lidasse mal com aquele anúncio – disse, em modo de cumprimento, assim que cheguei.

Agradei-lhe com o olhar por me pôr a par, e escrevi a Esti:

– Mais alguma novidade?

Ela respondeu lacônica:

– Depois conto-te.

– Passei o fim de semana a analisar toda a obra da Annabel Lee. Nas suas primeiras bandas desenhadas publicadas aparecem algumas referências a celtas e a enforcados, mas são desenhos pontuais. Não encontrei nenhuma história que tenha a mínima ligação com o que lhe fizeram. Nem sequer gravidezes ou rituais de fecundidade. O seu editor... – disse Peña apontando para um homem obeso na casa dos sessenta que parecia bastante afetado – não está a lidar bem com a situação. Pelos vistos gostava muito dela, ele está prestes a reformar-se e continua a publicar por vocação. É uma editora pequena, a Malatrama, não me parece que sobreviva sem a sua principal fonte de receitas. Mas se me perguntarem se o devemos incluir na lista de suspeitos, penso rotundamente que não. Parece ser mesmo boa pessoa e tem álibi para quinta-feira de madrugada. A sua mulher, outra santa, confirmou a versão dele e mostraram-me os bilhetes de avião. Estavam numa convenção de banda desenhada em Barcelona. Quando falei com ele, estava bastante perturbado com a morte da Annabel Lee.

– Obrigado, Peña. Foi muito útil – escrevi e sorri-lhe.

Soube, pelas suas profundas olheiras e pelo tique exacerbado da mão, que tinha passado algumas noites em branco mergulhado na banda desenhada de Annabel Lee.

Seguimos a uma certa distância da comitiva familiar, por entre ciprestes e medronheiros, mas não parecia haver mais familiares para além daquela que eu sabia ser a sua mãe, uma mulher que parecia uma cópia dela com mais vinte anos: cabelo comprido escuro, franja direita ocultando os olhos, calças pretas de couro e um casaco onde se podia ver o emblema do MC das Dríades. “As ninfas”, traduzi mentalmente. Pelo que sabia, agora era presidente de um clube de motoqueiras exclusivamente feminino.

Que curioso: Annabel afirmava que era o oposto da mãe, mas o que eu estava a ver era um clone. A forma de Annabel se autoenganar era o seu maior poder: se não gostava de uma realidade, distorcia-a e alterava-a até acreditar nela e oferecê-la ao mundo com o seu decisivo poder de convicção.

Fez-me impressão perceber que não havia mais mulheres no funeral. Vi alguns homens da minha idade a um comedido segundo plano. Seriam amigos, ex-namorados...?

Quem poderia saber. Na imprensa não tinha sido revelada a sua identidade e as redes sociais ainda não tinham dado por nada. Quanto tempo demorariam os seus seguidores a sentir a falta dela?

Eu fiquei num terceiro plano ainda mais discreto e observei como a terra engolia o caixão de Annabel Lee diante de umas esfinges de leões alados que a observavam fixamente.

Foi então que aconteceu uma espécie de milagre poético: começou a nevar e Vitoria transformou-se mais uma vez numa cidade branca.

Muito levemente, como penas sem peso, os primeiros flocos daquele inverno que ainda não tinha nascido pousaram na madeira escura do caixão. Também caíram nos meus ombros e nas cabeças surpreendidas de todos os presentes. Não nevou muito, foi só uma mudança de tempo pontual e tímida. Mas conduziu-nos a um estranho estado de espírito: como se, na sua última passagem pela terra, Annabel Lee nos tivesse levado a partilhar o seu modo gótico de ver a vida e a morte.

Não me apercebi de que me tinham rodeado: Jota e Lutxo, à esquerda e à direita. Jota parecia vir diretamente de uma *gaupasa*, uma noitada de copos. Tinha ido a casa mudar de roupa e vestir um fato depois de uma noite de folia, mas tinha-se esquecido de tomar duche pois tresandava a *kalimotxo*⁴ o suficiente para ressuscitar vários mortos.

Lutxo não estava mais vestido para ir a um funeral do que estaria para ir beber copos numa quinta-feira normal, e perguntei a mim próprio se teria acudido na qualidade de jornalista ou de ex de Annabel.

Ficámos ali, três encapuzados diante do cadáver dela.

“No final não tiveste o teu funeral junto ao mar ruidoso”, recordei.

Há vinte e quatro anos fizera-lhe uma promessa: “Nunca mais vou falar contigo.”

Tinha-a cumprido, apesar do sabor a fel que agora me subia pela garganta.

“Já se aperceberam?”, quis dizer aos meus amigos. “Nunca mais nos vamos apaixonar como quando tínhamos dezasseis anos. Na altura achávamos que todos os amores que teríamos seriam bastante intensos, épicos, capazes de nos tirar o sono, braguilhas prestes a rebentar e línguas doridas. Mas não foi assim. Para nenhum de nós. Não como quando ela tirou a virgindade a cada um dos quatro.”

Por falar no quarto cavaleiro do apocalipse, Asier não apareceu. Quem apareceu, para minha surpresa, foi Alba, sempre elegante num blusão de penas branco e comprido, talvez comprado para esconder a sua gravidez durante o máximo de tempo possível. Estíbaliz sussurrou-me que ela tinha vindo como representante oficial, pois o comissário Medina não queria que o vissem no funeral da vítima para não despertar suspeitas de que a sua morte estava a ser

investigada. Alba ofereceu discretamente as suas condolências à mãe de Annabel e dirigiu-se à equipa para os cumprimentar.

Deixei os meus amigos e aproximei-me dela. Não sabia o que lhe dizer, aquele cemitério deixava-me nervoso, e perguntei-me se o anjo no panteão dos Unzueta teria alguma coisa que ver com o meu incómodo.

– Visitaste a campa do Nancho nestes meses? – sussurrou-me olhando em frente.

Abanei a cabeça. Nem sequer me tinha passado pela cabeça perguntar o que acontecera ao corpo dele. Perdi o seu *post mortem* durante os meus dez dias em coma, e quando acordei não quis perguntar por ele.

– O Ignacio, o irmão dele, veio ver-me ao hospital no dia a seguir à sua morte – suspirou. – O Tasio estava em estado grave naqueles primeiros dias, de modo que o seu irmão gémeo tratou de tudo. Perguntou-me se eu me queria encarregar dos assuntos da funerária, e como eu respondi que não, pediu-me autorização para o enterrar no panteão da família materna, os Díaz de Antoñana. Contou-me que iam tirar a mãe deles do panteão dos Unzueta e trasladá-la para o da sua família. Sei que está enterrado com o nome de Venancio Urbina, mas ainda não o fui visitar. Também ainda não voltei à Manuel Iradier.

Franzi o sobrolho sem compreender.

– Eu e o meu marido vivíamos na rua Manuel Iradier, mas não consegui sequer voltar a passar diante da porta da nossa casa. Já te contei que a minha mãe veio de Laguardia assim que soube o que aconteceu e pedi-lhe que tratasse de tudo. Tenho roupa nova, livros novos, uma casa na rua Prado, um novo... um novo futuro. Mas continuo a evitar passar na Manuel Iradier. Nem sei aonde fui buscar forças esta manhã para aqui vir. Imagino que este cargo me obriga a certos sacrifícios.

Ia responder-lhe, mas Estíbaliz aproximou-se rápida como uma flecha e colocou-se entre nós.

– Bom dia, subcomissária. Acho que isto aqui já deu tudo o que tinha a dar – interrompeu-nos. – Poucos amigos, todos homens. Quando lhes fizemos perguntas, saíram disparados como adolescentes apanhados num prostí... bem, sabem o que eu quero dizer. Não me parece que quisessem ser vistos aqui. A mãe não parece muito afetada. Diz que não tinham uma relação há décadas.

– Décadas – repetiu Alba. – Era mesmo independente. Tens alguma novidade, Estíbaliz?

– Sim, foi por isso que vim. Trata-se de um caso antigo, mas é tão parecido que me chamou muito a atenção. Ainda bem que aqui estás, Unai, porque quero saber a tua opinião. Procurei vítimas semelhantes, mulheres jovens, grávidas, solteiras... Mas também me foquei no *modus operandi* do assassino: penduradas

pelos pés, de cabeça para baixo, com as mãos atadas nas costas, sem feridas de armas de fogo ou arma branca... e cujos corpos apareceram em lugares com uma certa identidade histórica.

– E? – perguntei-lhe com o olhar.

– É um caso estranho, por ter sido tão atípico na época e porque nunca foi solucionado. Foi tratado com enorme discrição, sem envolver a imprensa, e descobri-o ao verificar as nossas bases de dados partilhadas a nível estatal. Em abril de 1993, uma rapariga de catorze anos desapareceu na Cantábria, o pai alegou que ela tinha fugido de casa e que tinha problemas mentais, todos esperavam que aparecesse ou fosse encontrada passados poucos dias. Um anónimo enviou estas fotos para o jornal local, *El Periódico Cántabro*, que não as publicou e as entregou à polícia. Deduziu-se que o local era...

“Fontibre”, pensei ao reconhecê-lo.

Sem querer disse em voz alta algo parecido com um desafinado e estridente “foigbrre” e juro que morri de vergonha quando Alba e Estíbaliz levantaram a cabeça ao ouvir-me falar.

– Unai, estás a falar de novo! – disse Estíbaliz com a mesma expressão de alguém que ganhou a lotaria.

Alba não fez qualquer comentário, mas por um instante vi-lhe uma expressão tão grande de alívio que fiquei a olhar para ela mais alguns segundos, perplexo. Não sabia que ela ia ficar tão feliz.

– Isto não é falar, Esti. É tudo o que eu consigo, mas na próxima semana vou começar a reabilitação – escrevi o mais depressa que consegui no telemóvel, e mostrei-lho, agitado.

Depois de pigarrear, nervoso, voltei a apontar para as fotografias que Esti nos mostrara no telemóvel, em que o corpo de uma jovem estava pendurado num ramo grosso de um freixo, amarrada pelos pés por uma corda.

A parte superior da cabeça estava parcialmente coberta pela água do leito do rio, e tinha as mãos atadas nas costas. Quem lhe tirara as fotos fizera-o de diferentes ângulos, e num deles podiam ver-se as inconfundíveis fitas coloridas que os fiéis penduravam no local onde nascia o rio Ebro de Fontibre.

– Voltando ao que vos estava a contar, consegui falar com o inspetor que conduziu a investigação naquela época, Pablo Lanero.

“O Paulaner”, pensei.

– Conheço-o – escrevi no telemóvel.

Durante o meu estágio com especialistas a traçar perfis de criminosos na esquadra de Santander, eu e o inspetor Pablo Lanero tornámo-nos bons amigos. Paulaner era tão bonacheirão e tranquilo como inteligente. A sua barriga proeminente de apreciador de cerveja enganava muita gente, que o achava meio

tonto, mas ele encarava tudo e todos com muita sabedoria e não ligava nenhuma. Ganhou todo o meu respeito, estava prestes a reformar-se e fiquei feliz por voltar a saber dele.

– Eu sei, ele manda-te um abraço e passou-me o atestado. A polícia que foi a Fontibre encontrou a corda ainda amarrada na árvore, mas não o cadáver. Alguém o tinha levado. A rapariga nunca apareceu, mas há um pormenor que me deixou muito preocupada ao ver as fotos e ao qual não há referência no relatório; é que a camisa deixa-lhe a barriga a descoberto, e na minha opinião ela está obviamente grávida. De poucos meses. Uma miúda de catorze anos, magra como era, não tem aquela barriga. O que acham?

Eu e Alba sabíamos mais de barrigas do que Estíbaliz, e ambos concordámos que o cadáver que estávamos a ver era, novamente, de uma grávida pendurada pelos pés, com a cabeça metida na água. Apesar dos anos que separavam as duas imagens, vinte e três, e de ter acontecido numa outra província. Mas, na verdade, era um modo muito particular de matar, e assim que vi o corpo de Annabel, a minha primeira preocupação foi que aquela não fosse a primeira vez do assassino.

Não sei se deixou impressões digitais, pegadas e marcas de pneus que foram apagadas pela tempestade de granizo. Não sei se tinha conhecimentos forenses ou se era um trapalhão que teríamos conseguido apanhar ao fim de algumas horas, mas todo aquele ritual era demasiado complexo e estava muito bem orquestrado para ser a primeira vez que ele matava.

– Tens mais dados, o nome da vítima e dos pais? Podem ir visitá-los? Continuam vivos? – perguntou Alba.

– A miúda chamava-se Rebeca Tovar Pereda, a mãe tinha morrido dois anos antes, o pai era...

“O Saúl”, pensei, engolindo em seco. “Saúl Tovar”, o nosso diretor no povoado celta de Cabezón de la Sal no verão de 1992, quase um ano antes de a sua pobre filha ter morrido.

⁴Bebida típica do País Basco, que consiste em vinho tinto com Coca-cola. (N. da T.)

A ilha de Man

2 de julho de 1992, quinta-feira

Unai tinha de reconhecer que Annabel Lee levava a sua banda desenhada bastante a sério. A miúda encontrou uma lanterna de mineiro desconjuntada que algum estagiário de arqueologia deixara de passagem e tomou-a como sua.

Todos os dias, por volta das seis da manhã, Ana Belén Liaño, mais Annabel Lee do que nunca, deitava-se a todo o comprimento no seu saco-cama de caveiras e punha-se a desenhar tramas e personagens num caderno de argolas.

Todos os dias.

Não falhava nunca, mesmo que na noite anterior o jantar se tivesse arrastado até mais tarde ou a borgia a seguir.

Unai, que acordava sempre com as galinhas, observava com um olho aberto e o outro fechado como ela lutava com as suas canetas pretas e cinzentas, deitada na sua cama para uma pessoa, um pouco mais afastada do núcleo duro do grupo dos alfas.

– Não consigo perceber o que faz alguém como tu nesta terriola da Cantábria – murmurou Unai, depois de sair do seu saco-cama em silêncio e de se aproximar da cama de Annabel.

– Caço crocodilos.

– É demasiado cedo para compreender a figura retórica. Podes explicar-me, por favor?

– Não fui eu que a inventei. Ouvi uma vez um professor que tive, Ángel Zapata, dizer numa aula de escrita criativa. Falava da necessidade de meter crocodilos nas histórias para manter a atenção do leitor.

– Crocodilos.

– Crocodilos. Imagina que desenho uma história em que alguém entra num quarto de hotel, esmero-me a desenhar umas cortinas, uma cómoda, um crocodilo de três metros a dormir na cama, um tapete, um espelho... O que é que te prendeu a atenção? O que é que o teu cérebro está a perguntar agora mesmo?

– Que raio faz um crocodilo a dormir numa cama de hotel.

– Isso mesmo: caço crocodilos para as minhas bandas desenhadas. Não é o primeiro projeto arqueológico a que venho. No verão passado participei numa jazida arqueológica na ilha de Man, vou lá todos os anos com a minha mãe. Têm um programa para estagiários do mundo inteiro, a ilha é mínima, mas está no mar da Irlanda, pertence às ilhas britânicas e tem vestígios celtas e *vikings*. Foi lá que me apercebi de que na história antiga podia encontrar muitos crocodilos para a minha banda desenhada.

– E o que fazes ao visitar todos os anos a ilha de Man? – Unai disfarçou que era a primeira vez que ouvia falar dessa ilha. Estava cada vez mais consciente de que Annabel, apesar de aparentar ter a mesma idade que ele, tinha vivido muito mais.

Ela franziu um pouco o sobrolho e renunciou a dar uma sombra oblíqua ao olhar do anjo que estava a desenhar.

– Sabes, a minha mãe está à frente de um motoclube, um MC.

– Motoclube.

– Harley Davidson. Já ouviste falar?

– Não sabia que havia mulheres motoqueiras.

– Há poucas presidentes, mas as que existem não têm medo de nada, como a minha mãe. Ela é basicamente nómada. Nasci em Vitoria, a minha mãe tem lá um apartamento, e andei no infantário onde te conheci, mas depois viajei por toda a Europa e por parte da Ásia com ela e o seu clube. Há mais de um século que na ilha de Man decorre uma das corridas mais perigosas do mundo e todos os anos se reúnem lá mais clubes do que poderias imaginar. Invadimos praticamente uma ilha que mede 22 quilómetros de largura e 52 de comprimento, é complicado não caíres de um penhasco. Não cabemos, literalmente – comentou com apatia, como se fosse uma piada gasta e recorrente.

– Caramba, que vida emocionante tiveste.

– Odeio-a. Estou farta de ser nómada, quero estabelecer-me em Vitoria, não voltar a saltitar de um lado para o outro. Odeio as motos, a gasolina, o cheiro a couro em segunda mão, a cerveja...

– Odeias tudo o que a tua mãe representa – resumiu Unai, sempre prático.

– Sim. Dizem que há duas relações possíveis entre mães e filhas. Aquelas que são parecidas, o mesmo modelo de mulher: clássica com clássica, ou rebelde com rebelde. E as opostas: mãe clássica com filha rebelde ou o contrário. Eu e a minha mãe somos como a noite e o dia.

– E o teu pai? – sondou Unai, sem ter a certeza se a sua confiança chegava para tanto.

– O meu pai... O meu pai é alguém de quem não quero falar contigo. Em termos práticos, é simplesmente alguém que nunca esteve presente – resumiu um

pouco secamente. – Foi por isso que me inscrevi neste acampamento. Pelo menos pagam. Quero juntar dinheiro para, assim que for maior de idade, me tornar independente da minha mãe e ficar a viver no apartamento de Vitoria. Quero viver da minha banda desenhada, também não é necessário assim tanto dinheiro para se viver.

Numa idade em que Unai ainda não sabia se queria estudar Engenharia Agrónómica ou Ambiental, Annabel estava de regresso e queria assentar arraiais. Unai voltou para o seu saco-cama quando se apercebeu de que os seus três amigos tinham parado de roncar, e suspeitou que estavam de orelha em pé a ouvir a sua conversa pouco privada.

Annabel voltou a concentrar-se, indiferente, no anjo de granito do penhasco.

...

Na distribuição de tarefas do povoado cantábrico, Saúl tinha atribuído a Jota e a Annabel a cabana redonda da Idade do Ferro, a que faltava o telhado, de modo que passaram os primeiros dias a alguns metros acima do chão, empoleirados muito próximos para não caírem da estreita escada artesanal. Ela passava-lhe os ramos de palha, ele colocava-os com uma paciência de Jó, como se fossem escamas de peixe.

– Porque é que não trazes para aqui aquela tua máquina fotográfica tão fixe e tiras fotografias a tudo o que estamos a fazer? – sugeriu-lhe Annabel Lee ao fim da quarta hora da primeira manhã.

Annabel aborrecia-se muito rapidamente com as tarefas repetitivas e manuais. Ela, se não precisasse de usar a imaginação, não aguentava nem dois segundos.

– Já tirei fotos de grupo para ter como recordação – Jota desculpou-se do alto da cabana, sem compreender muito bem.

– Não me refiro a fotos para um álbum de recordações. Este sítio está cheio de diferentes texturas: vigas de cereais, materiais antigos, madeira, mãos cheias de barro... Refiro-me a fotos artísticas.

– Não sei tirar fotos artísticas. Não sou criativo como tu.

– Todos somos. Não fales como se fosses um velho. Eu ensino-te a tirar fotografias manuais, a controlar a abertura e a velocidade. Vamos um dia a Santillana del Mar, de certeza que lá há lojas de *souvenirs* com rolos fotográficos, e compras vários a preto-e-branco. Depois tiras com enquadramentos cortados, objetos próximos, congelas gestos ou expressões de que gostes... Trata-se de educar o olhar, Jota. Toda a gente pode fazê-lo.

– Bem, se me ensinares... – Jota pegou depressa na deixa.

Na verdade, estava tudo a correr bem. O povoado celta, Annabel Lee. Ela tinha-lhe contado o significado do seu nome, pareceu-lhe tão bonito.

De modo que Jota começou a fotografar todos os seres vivos e não vivos nos dias seguintes, sob a atenta supervisão da sua mentora em assuntos criativos. Nem sinal de mau humor, de depressão ou de preocupações.

Finalmente o céu para onde Jota olhava naqueles dias era de um azul intenso, limpo das nuvens da vida real, as que o esperavam, implacáveis, quando regressasse a Vitoria.

O seu estado mental era tão idílico que Jota até se esqueceu da existência de Rebeca, a filha pequena de Saúl. Calhou-lhes sentarem-se juntos à mesa desde a primeira noite e habituaram-se a ficar sempre próximos.

Jota, boa pessoa e com um enorme coração, sentia pena do isolamento da miúda, perdida naquele mundo de adolescentes que eram um pouco maiores do que ela. Também o fez porque era a filha de Saúl, a quem começava a idolatrar: professor porreiro, pai jovem e dedicado, homem atraente que fingia não reparar nos olhares de Annabel Lee e das estudantes de História Universal da Universidade da Cantábria que visitavam o acampamento todos os dias.

– Rebeca, queres vir amanhã ajudar-nos, a mim e à Annabel, com o telhado da cabana, que estamos presos e precisamos de uma especialista como tu? – perguntou Jota, magnânimo e de bom humor.

Rebeca, surpreendida, emocionada, engoliu em seco enquanto acabava com o último *sobao*⁵ da bandeja comum. Estava desejosa de que chegasse domingo, quando o pai lhes trazia os *palucos* de Cabezón, os bolos de coco que ela adorava.

– Claro que vos ajudo, já fiz muitos telhados no ano passado – disse encantada e agradecida. Toda ela sorrisos e um pouco corada.

“Talvez me tenha equivocado em contar tudo ao Asier”, pensou Rebeca à noite, com o saco-cama fechado até acima, uma medida de que pouco servia. “Talvez o melhor seja contar ao Jota e ele ajuda-me. De certeza que a família dele tem contactos que me podem ajudar.”

E Jota, enternecido com a menina: “Que querida, a filha do Saúl. Que homem espetacular, quem me dera que fosse meu pai e nós fôssemos irmãos.”

:::

Chegou o fim de semana, e Saúl Tovar, providente, deu-lhes uma folga do barro e dos telhados. Pô-los a todos no minibus e levou-os no sábado a Oñati, em Guipúzcoa, perto da fronteira com Álava. Todos agradeceram a excursão e o descanso para umas mãos que começavam a ficar calejadas. Entraram na carrinha, expectantes, sem fazer demasiadas perguntas.

Contudo, não tinha dito a Rebeca que iam visitar a gruta de Sandaili, para ela não ter hipótese de recusar e fazer uma cena desagradável. Saúl não suportava

fissuras na sua imagem pública. Tinha-lhe custado muito construí-la...

De modo que a sentou no lugar do copiloto, com o cinto bem preso, e conversou com ela e entreteve-a durante as duas horas que durava a viagem.

A paisagem não mudava muito: verde e mais verde, eucaliptos e pinheiros, carvalhos e faias, árvores que tocavam nos vidros quando a estrada ficava mais estreita, um dia magnífico de verão que prometia permanecer como uma memória inesquecível.

– Fico muito feliz por te ter trazido comigo, filha – confessou Saúl a determinada altura, depois de coçar a barba que deixava crescer todos os anos durante as férias.

Tinha-a tão espessa e cerrada que lhe ocultava as feições. Tirou a mão direita das mudanças e esticou-a para ela.

A filha olhou para a mão dele, conhecia-a de cor. Olhava muito para ela: era uma mão grande e fibrosa, de gigante culto. De há uns tempos para cá que Rebeca tinha uma fixação por mãos. Tinha vergonha de reconhecer que classificava as pessoas em função das suas mãos.

Se são parecidas, não gosto desta pessoa.

Se não são parecidas, dou-lhe uma oportunidade.

Mas naqueles dias o pai estava tão encantador, tão comunicativo, sempre solícito e atento, e ela, filha única, às vezes caprichosa nos seus desejos: compras-me este livro e aquele, levas-me aqui e acolá. E ele, benévolo, dava tudo à sua princesa.

– Obrigada por estes dias, papá. – E pegou na mão dele e apertou-a, quente. – De verdade. Obrigada por me trazeres ao povoado cantábrico e deixares que seja feliz com o que me faz mais feliz.

– Filha, nem poderia ser de outra forma. Agora somos tu e eu. E a tia. Não voltes a fazê-lo. Não me voltes a trair. Só te tenho a ti e à tua tia – repetiu. – Não me deixes sozinho. Eu amo-te, amo-te muito, minha menina.

“Eu não sou uma menina”, esteve prestes a dizer. Mas calou-se por instinto e retirou a mão.

Passou algum tempo, ambos em silêncio; Rebeca estava cada vez mais inquieta ao reconhecer aquelas curvas da estrada.

– Aonde vamos, papá?

– À gruta de Sandaili.

Rebeca engoliu em seco e corou até às orelhas.

“À gruta de Sandaili, não, Barba Azul”, conseguiu pensar no meio do pânico.

A Sandaili não. Foi naquela poça por baixo das estalactites que choravam água que tudo começou.

5-Bolo típico da Cantábria. (N. da T.)

Txagorritxu

20 de novembro de 2016, domingo

Duas mulheres, uma ruiva e a outra morena, saíram, tentando manter a calma, da sala azul onde um homem derrubado, uma sombra deformada do pai durão que fora, gritava: “Kraken, Kraken, Kraken...!”

“Que ideia de merda tive”, pensava Estíbaliz no corredor da residência de Txagorritxu.

Puxou pelo braço de Alba, que fingiu diante do doente de Alzheimer não se aperceber da situação incômoda, e ambas as amigas entraram no elevador metalizado como quem sai do inferno para apanhar um pouco de ar.

Alba tinha-se oferecido para acompanhar Estíbaliz na visita semanal ao seu pai no lar em Txagorritxu. Não é que não se sentisse segura, mas o pai ficava menos violento com desconhecidos e ela poupava a habitual chamada ao enfermeiro de serviço para lhe injetar o penúltimo calmante do dia de trabalho.

Foi nessa altura, ao descerem as escadas da entrada, que uma mulher de sessenta anos com um enorme cachecol de cores vivas ficou a olhar para elas e começou a repreendê-las com gestos enérgicos.

– Parece mentira! Enganaste-nos a todos! – gritou com um dedo ameaçador que apontava diretamente para Alba.

– Desculpe? Está a falar comigo? – perguntou ela, surpreendida.

– Sim, estou a falar contigo. Não és a comissária Salvatierra?

– Subcomissária – esclareceu.

– Vieste ao funeral do meu filho, Mateo Ruiz de Zuazo, consolaste-me.

Alba e Estíbaliz lembraram-se ao mesmo tempo: a vítima de trinta anos que apareceu debaixo do nicho da Virgen Blanca durante as festas.

– Garantiste-me que ias apanhar o culpado, e afinal dormias com ele todas as noites – continuou a mulher, a espumar de raiva. – Como é possível que não estejas na prisão?

– Porque não sou culpada de nada, minha senhora – respondeu Alba muito lentamente. Alguém tinha de manter a calma naquele momento.

– O juiz acreditou em ti?

– Não fui considerada suspeita nem fui acusada em nenhum processo penal. Não sabia de nada acerca da atividade criminosa daquele que foi meu marido. Compreendo a sua dor, mas...

– Vá contar essa história a outra! Não compreende nada até perder um filho.

Alba desistiu de contar até dez e refugiou-se em pensamentos como a torre de Laguardia, onde se escondia do mundo, olhando para a serra de Unai. Protegeu a barriga num gesto inconsciente.

– Sinto muito que pense assim, mas cumpri a promessa que lhe fiz e descobrimos quem foi o assassino do seu filho, a um custo pessoal altíssimo, devo dizer-lhe.

– Só dizes disparates. Tinhas de saber qualquer coisa. As mulheres dos assassinos fazem-se sempre de tontas. Ninguém mata vinte pessoas sem que ninguém se aperceba de nada.

“Não se vai acalmar”, disse Alba para si mesma. “Isto não é pessoal. Sou o mais próximo que vai estar do assassino do seu filho. Não é pessoal.”

– Sinto muito que pense assim. Desejo-lhe um bom dia, minha senhora – despediu-se amável, mas firmemente. E deu a conversa por terminada.

Deixaram para trás a mulher do cachecol desproporcionado e saíram para o jardim de pinheiros. Alguns ramos ainda mantinham a neve da manhã, que tinha solidificado, e decidiram, sem trocar palavra, aproximar-se de um banco pintado de um verde já descascado, escondido da vista diminuída da população idosa do lar.

– É a primeira vez que isto te acontece? – perguntou Estíbaliz.

– Não te preocupes agora com isso. Vamos sentar-nos naquele banco mais afastado. Preciso de descansar um pouco depois de tanto stresse. Está a ser um mês mais agitado do que eu esperava.

Estíbaliz concordou e sentou-se a seu lado. Permaneceram caladas durante bastante tempo, mas Alba queria aproveitar o momento e quebrou o gelo.

O seu trabalho obrigava-a a ser direta e a abordar assuntos delicados diariamente, por isso sabia que Estíbaliz aguentaria o seu interrogatório.

– Esti, o teu pai batia-te, não batia?

A ruiva remexeu-se no banco, esticou o braço e pegou numa pequena pinha redonda do pinheiro mais próximo. Começou a brincar com ela, para acalmar os nervos. Eles manifestavam-se nas pontas dos dedos. Acontecia-lhe sempre o mesmo: uma caneta, o elástico do cabelo... malditos denunciante.

– É assim tão visível? – admitiu por fim.

– Não lhe tocaste, estavas hirta, ainda tens medo dele. Vi essas reações em muitas vítimas.

– Não sou uma vítima – replicou. Quanto vezes tinha repetido isso em frente ao espelho? – O meu velho tem Alzheimer, posso imobilizá-lo em três segundos. Não tenho medo dele.

Alba não se deixou impressionar com a bravata da amiga.

– Foi por isso que te especializaste em Vitimologia?

Estíbaliz rendeu-se por fim, baixou a guarda, abriu uma brecha nos muros que tinha erguido à sua volta.

– Queria saber o que fez de mim uma vítima para não o voltar a ser nunca mais, com nenhum homem.

Alba limitou-se a pousar-lhe a mão na coxa, para lhe dar um pouco de ânimo, um pouco de calor, como que a dizer-lhe “estou aqui, podes contar-me tudo”. Alba oferecia uma espécie de cura naquele gesto calmo e caloroso.

– Sabes – continuou Estíbaliz, depois de pensar um pouco –, penso que por mais que nasças com uma personalidade forte, de sobrevivente, em que não vais permitir que te batam, te maltratem ou abusem de ti... a realidade impõe-se na infância, e quando és uma criança com um corpo de vinte quilos, não consegues evitar que um adulto te transforme na vítima da sua força. E penso que isso continua a acontecer todos os dias. Refiro-me à violência contra crianças no seio das famílias, aos abusos não detetados, não denunciados, às vezes permitidos por mães que olham para o outro lado. Como é que se evita que essas crianças mais frágeis fisicamente se tornem vítimas? É impossível, não se consegue. Depois ficam marcas na personalidade que, se isso não tivesse acontecido, não teria traços patológicos.

Alba assentiu, compreensiva. Ela sabia bem o que eram traços psicopáticos.

– O teu namorado anterior, o tal Iker... era boa pessoa, não era?

– Sim, incapaz de fazer mal a uma mosca.

– Foi por isso que o escolheste, porque te sentias a salvo nessa relação, porque sabias que ele nunca te levantaria a mão, não é verdade? Procuraste um protetor.

– És psicóloga?

– Todos nós somos um pouco, neste trabalho.

– Bem, respondeste à tua pergunta – admitiu.

– Mas cortaste relações com ele há vários anos. Já te sentes forte.

Estíbaliz assentiu e levou a mão ao colar de prata com o *eguzkिलore*.

– Foi com a morte do Eneko, o meu irmão mais velho. Ele protegeu-me do meu pai, apesar de me ter apresentado a um mundo de drogas que me fizeram mal e me tornaram dependente. Mas na verdade, eu estava era realmente viciada nele, na proteção do meu irmão, e não nas drogas que ele me dava. Por isso não voltei a tocar em nada desde que ele morreu, e tenho a certeza de que não voltarei a fazê-lo, embora o Unai ainda desconfie. Ele ainda não compreendeu

que eu me drogava pelo Eneko, e que sem o Eneko não há drogas. Estou limpa, estou limpa do Eneko. A sua morte libertou-me dele, e também da minha necessidade de proteção, por isso acabei com o Iker poucas semanas depois. Dei-me conta de que já era adulta, de que este trabalho e tudo o que aconteceu me tornaram adulta pelo caminho. Olha para mim, meço um metro e sessenta, nunca serei fisicamente como um homem, nem terei a sua força, qualquer detido me pode bater, mas já não vivo num mundo onde alguém com mais cinquenta quilos do que eu me dá pontapés todas as manhãs se eu não comer as bolachas rançosas ao pequeno-almoço.

– Mas continuas a escolher homens bons como o Unai. Dele não te libertaste, pois não? Continuas a gostar muito dele.

A pinha que Estíbaliz tinha entre os dedos escorregou. Não fazia sentido mentir a Alba.

– Como é que sabes? – murmurou.

– Quando o teu pai te batia... tu chamavas pelo Kraken, chamava-lo para que ele te salvasse, é por isso que o teu pai se lembra da sua alcunha. Mas do que ele se lembra, na verdade, é de ti a gritar o nome dele.

– É verdade. Gritar o nome dele era como um escape, uma maneira de tudo passar mais depressa. Nunca esperei que me viesse salvar. A minha relação com ele nunca foi nessa direção.

Não havia qualquer vestígio de rancor, hostilidade ou competitividade na sua expressão, só via em Alba uma amiga com quem desabafar. Mas contar o quê? Tudo: por fim, a verdade a sair da sua boca, uma confidente que não a julgava.

– O Unai é o meu amor, o meu único amor, o único homem de quem gostei de verdade e por quem estive sempre apaixonada, desde os treze anos, quando o Eneko e o Lutxo começaram a ir juntos à montanha e às vezes nos encontrávamos com o Unai. Era a época do duplo crime do dólmen.

“Quanto o teu marido começou a matar crianças”, pensou Estíbaliz, mas não disse nada, pois considerava Alba a primeira vítima de Nancho.

– O Unai tinha vinte anos – continuou, com uma nova pinha entre os dedos –, não tinha nada a ver. Tentei muitas vezes não gostar dele, sobretudo quando começou a sair com a Paula, uma das minhas melhores amigas. Sentia-me mal com ambos, queria sair do caminho deles. Quando ela morreu, eu também quis morrer. Via a dor do Unai, como aquele acidente brutal o destroçou, como ele ficou com a morte dos filhos que ela carregava no ventre... Pensei que ia morrer quando o vi sofrer daquela maneira. Só queria que acabasse, que não sofresse mais. Todos juntos conseguimos salvá-lo: o avô dele, o Germán, o grupo de amigos, o ritmo calmo de Villaverde... Apoiou-se em nós e deixou-se ajudar. Por isso, sei que a afasia de Broca não vai acabar com ele. Já não é virgem nestas

pancadas da vida, está a ficar mais forte, está a ganhar uma carapaça, como o avô. O Unai será um centenário que irá viver para a sua aldeia quando se reformar, e nada nem ninguém terão conseguido acabar com ele.

Alba sorriu, pegou em Esti pelo ombro e puxou-a para si. Esti apoiou a cabeça no ombro da amiga.

– Eu sempre soube – disse Alba, por fim. – E o Unai, sabe?

– Ele é homem, não se apercebe de nada – sorriu Estíbaliz encolhendo os ombros.

– É verdade, é tão... ingénuo. Mas também é por isso que conquistou um lugar tão importante nas nossas vidas, não é? Porque nunca nos magoaria de propósito – disse Alba.

– Sim, acho que é por isso. Olha, isto não vai acabar com a nossa amizade. Diz-me que não. Não suporto a rivalidade feminina.

– Da minha parte, não. Tu cuidas dele, ele cuida de ti. És a melhor amiga que ele podia ter. Quero que faças parte da vida dele, quero que continues a querer sempre o melhor para ele. E eu não tenho de me meter; ele escolheu-te, penso que para ele és família, uma irmã, muito mais do que uma amiga.

– Sim, assumi sempre o meu papel de melhor amiga – suspirou Estíbaliz ao ouvir o sorriso sincero de Alba. – Não estou a brincar. Quando ele conheceu a Paula, nem olhou para mim, era como se eu fosse transparente. Contava-me todos os seus progressos com ela, e a Paula fazia o mesmo. Estavam loucos um pelo outro, e eu no meio, a confidente de ambos, a dama de honor com aquele vestido roxo, sim, roxo, no casamento deles. Mas sabes o que eu fiz? Inscrevi-me na academia de Arkaute por ele, para estar ao lado dele todos os dias da minha vida até à reforma. Todos. Conhecia-o melhor do que a Paula, ele contava-me segredos que não podia partilhar com ela. Essa foi a minha escolha. Amo-o tanto que nem sequer quero dormir com ele e arriscar-me a perdê-lo. Amo-o tanto que quero tudo dele, e é isso que tenho: vejo-o todos os dias, posso ligar-lhe a qualquer hora, posso aninhar-me na sua cama de hospital, posso almoçar com ele todos os dias da semana, posso tomar o pequeno-almoço com ele. Tenho a pessoa que quero ao meu lado, e vai ser assim para o resto da nossa vida. Acredita em mim, não fiquei com o prémio de consolação.

– Não tens nada que não mereças. Vocês são duas pessoas boas que cuidam uma da outra. Se eu alguma vez não estiver, se eu falhar, sei que vais continuar ao lado do Unai, a cuidar dele.

– Que raio queres dizer com isso? Que história é essa de um dia poderes não estar...? Passa-se alguma coisa, Alba? – Estíbaliz afastou-se dela, alarmada.

– Claro que não, era um pedido em voz alta... – acalmou-a. Devia fazê-lo. – E já chega de falar de homens, dissemos que não falaríamos deles. Vamos mudar

de assunto, queres?

– Já que estamos em modo confessional, queria saber uma coisa... mas como chefe, não te aborreças, está bem?

– Diz, Estíbaliz. O que te apoquenta?

– Nunca me perguntaste pelos meus vícios, alguns estão na minha ficha.

– Eu observo-te. Se detetasse que não vinhas trabalhar em boas condições, já teríamos tido uma conversa, e a minha tolerância é zero. Mas visto que tens uma personalidade de adicta, prefiro enterrar-te em montanhas de trabalho e dar-te responsabilidades para que não tenhas tempo de pensar noutra coisa.

– Foi por isso que me atribuíste este caso?

– O caso vai ser complicado, foi por isso que to dei. Tens reforços; portanto, usa-os. Não te queimes, como o Unai. Espero que delegues mais do que ele, está bem?

– Certo – disse Estíbaliz.

Qualquer conselho era bem-vindo. O fato de inspetora sozinha no comando era um tamanho acima daquele que ela usava.

– No entanto, acho que te falta um objetivo em que possas focar toda essa energia que tens a mais. Estou a pensar na Vitimologia. Em envolveres-te num projeto para prevenir que haja mais crianças abusadas. Há tempos que ando às voltas com esta ideia, talvez nós as duas a possamos pôr em prática – sondou Alba.

– De que se trata?

– Trata-se de criar uma Unidade de prevenção que vá às escolas. Começaríamos por Álava, eu tenho o cargo e os contactos adequados. Prevenir que abusem de rapazes e raparigas nas suas casas, nas atividades extraescolares, consciencializar os professores para que não façam vista grossa e sejam capazes de detetar abusos ou sinais de alarme. Educar os rapazes para que não se tornem homens ciumentos, possessivos ou machistas, educar as raparigas para terem uma boa autoestima e não permitirem nenhum tipo de abusos. Dar conferências, aulas de autodefesa nas escolas... O que te parece?

Estíbaliz sorriu, muito longe dali. Tinha viajado até à sua casa, à saída de Gorbea. A menina que foi em tempos sorriu-lhe de volta, toda encolhida. Talvez nunca mais precisasse de gritar por Kraken.

A praia de Portío

21 de novembro de 2016, segunda-feira

Estíbaliz e eu tínhamos partido para a Cantábria de manhã bem cedo. Tínhamos de fazer duas visitas no mesmo dia.

A minha colega conduzia, eu já me sentia bastante seguro ao volante de um carro, tinha começado a fazê-lo desde a primeira semana em que voltei da minha baixa em Villaverde: talvez não pudesse comunicar oralmente, mas recusava-me a ser um fardo para o avô e para o meu irmão Germán, por isso pratiquei durante vários dias pelos caminhos de terra entre Villaverde e Villafría, levantando pó com o *Outlander*, apesar de me custar pôr as mudanças por causa do meu lado direito mais débil. No entanto, como todos os processos automáticos, melhorou com a prática.

Contudo, ainda não me atrevera a fazer nenhuma viagem para fora de Álava e preferi que Esti levasse o carro da nossa Unidade.

Pus no GPS os dados do MAC, o Museu de Arqueologia da Cantábria, e cujos donos conhecia. Queria lá ir para falar com Héctor del Castillo, o historiador que geria aquela iniciativa privada.

Tasio estava há demasiadas décadas afastado da sua profissão para me poder dar a informação de que eu precisava. Sabia que Héctor me ajudaria.

Sempre o fez.

Confiava nele.

Também combinámos encontrar-nos com o inspetor Pablo Lanero, aliás, Paulaner. Tínhamos de pôr a conversa em dia e ver de que forma íamos colaborar na investigação.

Seguimos para Bilbao, depois passámos por Castro Urdiales e Laredo, contornámos a baía de Santander por El Astillero e, ao chegarmos a Santa Cruz de Bezana, desviámo-nos para Liencres.

Dali dirigimo-nos para a praia de Portío, em plena Costa Quebrada, uma paragem que eu conhecia demasiado bem. Quase à beira de um desfiladeiro abrupto erguia-se o imponente edifício vermelho que em tempos fora a casa de

um espanhol que fez fortuna na América no século XIX, o marquês de Mouro. As suas iniciais resistiam ao tempo gravadas no portão de madeira da entrada.

Estíbaliz ficou extasiada assim que estacionou o veículo na entrada de relva do museu, e saltou dele. Lembro-me de que ali havia sempre muito vento, mas a paisagem agreste das falésias cortadas à machadada e a visão dos urros, como chamam os cantábrios às rochas que emergem a poucos metros da costa, era impossível de ignorar.

– Uau... – limitou-se a dizer a minha colega, parada à beira da falésia.

– Sim – concordei com ela. *Sim* era fácil de pronunciar. Um esse líquido, uma vogal discreta e um eme mudo que não soava ao grito estridente de um galo.

Esti olhou-me com uma expressão cúmplice, penso que feliz por ser testemunha das minhas tentativas de falar.

Fez-me bem respirar o salitre do ar, apesar do vento incómodo, demasiado quente para um dia de novembro, e da sensação de que ia começar a chover de um momento para o outro.

Senti-me um pouco constrangido com a coleção de memórias que chegaram em catadupa ao regressar àquela costa que tinha sido tão importante para mim anos antes. Tinha um assunto pendente com o deus daquele mar, há duas décadas que evitava meter-me naquelas águas, para mim o mar Cantábrico era um lugar ameaçador e traiçoeiro. Tentei disfarçar de Estíbaliz o meu desconforto.

Ela não sabia.

Nada.

Nunca lhe contei.

E chateou-me. Chateou-me muito saber que Lutxo tinha partilhado aqueles segredos com Eneko, o *Eguzkilo*.

Naquele momento, outro carro estacionou ao lado do nosso, e Paulaner saiu com alguma dificuldade. Tinha engordado bastante desde a última vez que o vira, e pareceu-me um pouco mais desajeitado. Tinha deixado crescer uma daquelas barbas estranhas sem bigode, que rodeavam a cara, e estava ainda mais parecido com um monge bebedor de cerveja.

– Meu querido Unai – cumprimentou-me efusivamente com um abraço. – Estou tão feliz por te ver de novo!

Fiz-lhe um gesto como que a dizer “Eu também”, e o velho inspetor devolveu-me um olhar consternado.

– Ah, é verdade... não podes falar. Já soube. Sinto muito, meu rapaz. Sinto mesmo.

Encolhi os ombros e sorri-lhe, disfarçando o meu incómodo. Não gostava de ver como a minha lesão afetava os que se preocupavam comigo. Lembrava-me

de que eu era um covarde por não ter feito nada durante meses para recuperar a fala.

– Sou a inspetora Gauna – adiantou-se Estíbaliz, e estendeu-lhe a mão ao apresentar-se.

– Muito prazer, inspetora. Cuide bem do seu colega, que por estas bandas é muito apreciado – disse-lhe, e deu-lhe uma palmada nas costas que por pouco não a derrubou.

– Fazemos por isso, inspetor. Fazemos por isso – respondeu ela sorridente.

– Vamos então falar com Héctor del Castillo. Agradeço-vos muito terem-me resolvido o caso do roubo do Caldeirão de Cabárceno. A imprensa tratou de tudo com muita discrição, mas se uma peça tão emblemática como esta não aparecesse, os nossos superiores não nos iam deixar em paz.

– A verdade é que gostávamos de ter encontrado o caldeirão noutras circunstâncias – disse Estíbaliz. – Vamos ver aonde tudo isto nos leva. Ah, e agradeça ao seu colega pelo relatório da rapariga de Fontibre.

– Estamos aqui para isso – disse, coçando a barba com um sorriso beatífico. – Falou-me qualquer coisa de um caso antigo, mas eu não trabalhei nele na época.

– Vamos ver se Héctor del Castillo nos pode ajudar – disse a minha colega.

Atravessámos a entrada do edifício restaurado e subimos ao quarto andar, onde ficava o escritório de Héctor. Eu enviara-lhe um *email* no dia anterior, assim que Estíbaliz e eu decidimos que tínhamos de fazer uma visita à Cantábria, e Héctor respondeu-nos de imediato amavelmente.

Encontrámo-lo de costas, a contemplar as vistas espetaculares da janela do seu escritório. Dirigiu-me um olhar afável e confiante, e aproximou-se de nós.

Héctor era vários anos mais velho do que eu, e o seu eterno uniforme de fato de diretor dava-lhe uma aparência séria. Era um homem não muito alto, com cabelo e olhos claros, castanhos, queixo quadrado e modos tranquilos. Pensava sempre antes de responder e não parecia irritar-se com nada. Sabia que era perito em temas arqueológicos e queria tirar com ele as minhas dúvidas depois do que vira no túnel de San Adrián.

– Inspetor Lanero... – Héctor cumprimentou Paulaner com um sorriso. – Inspetor Ayala, não sabe como fico feliz por voltar a vê-lo! Bem-vindo à nossa terra de novo. Teve saudades nossas?

Demos um aperto de mão caloroso e assenti.

No início não se apercebeu da minha afasia, mas a minha parceira veio em meu auxílio antes que a situação se tornasse incómoda.

– Sou a inspetora Estíbaliz Ruiz de Gauna, pode tratar-me por inspetora Gauna. Estou à frente de uma investigação em que está envolvida a peça que foi roubada deste museu, o Caldeirão de Cabárceno. O inspetor Ayala é agora um

dos nossos peritos, visto que está a recuperar da afasia provocada por uma lesão cerebral de um caso anterior. É por isso que não pode falar consigo.

– Podemos tratar-nos por tu, não sou assim tão velho – respondeu calmamente, convidando-nos a sentar nas cadeiras vazias à frente da enorme mesa de nogueira do seu gabinete, enquanto ele se sentava num cadeirão de couro. – Quanto às circunstâncias atuais do inspetor Ayala, não me eram estranhas, embora ontem, quando ele me contactou, eu tenha preferido não tocar no assunto. Mas nestes últimos meses era impossível uma pessoa abstrair-se do alvoroço mediático dos crimes que tiveram lugar em Vitoria. Tu me dirás, inspetor Ayala, como te é mais confortável que comuniquemos.

– Eu escrevo no telemóvel, mostro-te e tu respondes – escrevi rapidamente e Héctor sorriu.

– Com muletas – murmurou. – Como queiras, inspetor. Assim seja.

– Na sexta-feira passada, a nossa comissária contactou-te e ao diretor do Museu de Pré-história para vos informar de que a peça roubada tinha aparecido. Sabemos que a Polícia Científica e a nossa Brigada do Património Histórico estão a coordenar-se com os técnicos de modo a devolver o caldeirão para que este seja devidamente restaurado, assim que a esquadra de Vitoria tiver todos os dados para a investigação em curso – começou Paulaner.

– Correto – confirmou-nos Héctor.

– O inspetor Lanero forneceu-nos o relatório com a sua declaração e as dos seus funcionários, por isso não vamos insistir nisso – continuou a minha colega. – Pelo que sei, a peça foi colocada numa vitrina como parte de uma exposição temporária dedicada à cultura celtibérica na costa cantábrica. A sala onde estava exposta não tinha câmaras de segurança. Sei que pôs à nossa disposição as gravações das câmaras da entrada do edifício, mas não encontramos nada de suspeito, só os visitantes e os funcionários. Também foram recolhidas impressões digitais de todos os vidros e janelas por onde o ladrão ou ladrões possam ter saído, mas também não se encontrou nenhuma correspondência com criminosos com cadastro por crimes semelhantes.

– Exato. Este museu é um sonho da minha família e é financiado pelos bens do meu falecido irmão, Jairo del Castillo, que em vida foi um conhecido mecenas. Mas como deves compreender, não temos os recursos económicos de outros museus públicos, de modo que a segurança se limita às câmaras na entrada e ao pessoal de segurança que faz rondas de dia. Não temos ninguém contratado para passar a noite, nem nunca precisámos disso antes. Foi especialmente triste que nos tenham roubado essa peça porque, além da relação sentimental que eu tenho, como qualquer historiador da Cantábria, era um empréstimo temporário do Museu da Pré-história da Cantábria, o que nos colocou numa posição muito

desconfortável. Não sabem o alívio que sinto por a terem encontrado, mas preocupa-me as circunstâncias em que apareceu, visto que estou a receber a visita de dois inspetores da Unidade de Investigação Criminal de Vitoria. Vieram falar desse assunto comigo, certo?

Assenti. A Héctor não costumava escapar nada. Tinha uma visão bastante abrangente dos acontecimentos.

– O que vamos falar aqui é absolutamente confidencial e estamos a tratar e a partilhar informação reservada. O juiz de instrução decretou segredo de justiça – interrompeu Estíbaliz.

– Compreendo perfeitamente, podem contar com a minha discrição. Para que usaram o caldeirão? – perguntou muito sério, ao mesmo tempo que suspirava, como se pudesse antecipar a resposta. – Rituais da água?

– Desculpa? – perguntou Estíbaliz sem compreender.

– Perguntava se o caldeirão foi usado nalgum tipo de ritual em que a água estivesse envolvida.

– Não sabemos se houve um ritual, mas encontrámos um corpo perto do caldeirão – escrevi, e mostrei-lhe.

– Pendurado pelos pés, talvez num ramo de uma árvore?

– Talvez sim. Talvez não – interveio Estíbaliz, tão espantada quanto eu.

Paulaner mexeu-se na cadeira, inquieto.

Héctor olhou para nós preocupado e levantou-se da poltrona. Procurou nas estantes repletas de pesados volumes de História e pôs à nossa frente um atlas de Arqueologia aberto numa página onde um póster colorido mostrava um caldeirão parecido com o de Cabárceno, mas mais decorado.

– É o Caldeirão de Gundestrup, encontrado em 1891 na Dinamarca. Quero que prestem atenção a este relevo prateado: é o deus Taranis, o deus Pai, a mergulhar um guerreiro num caldeirão.

Estíbaliz e eu vimos uma figura imponente que segurava um homem pelos pés e pretendia enfiar-lhe a cabeça no caldeirão.

Héctor virou a página e mostrou-nos outra peça semelhante, também com uma figura suspensa num par de caldeirões.

– Se querem um exemplo mais próximo, temos a Diadema de Moñes, encontrada nas Astúrias no século XIX, que também faz parte da cultura celta, neste caso castrenha: séculos III a I a.C. Eram rituais propiciatórios, estavam relacionados com a fertilidade. A água como símil do esperma que gera a vida.

– Tem alguma coisa a ver com o culto das *Matres*?

– As Três Mães? Claro, era um culto muito difundido por toda a área de influência celta, incluindo aqui, na costa cantábrica. Mais tarde, os Romanos adotaram-no e o culto sobreviveu em aras votivas.

– Faz sentido que o ritual tenha sido realizado no túnel de San Adrián?

Héctor pensou por momentos com calma.

– É certo que a ermida original, não a atual, foi erguida em honra da Santíssima Trindade, tanto que os bascos lhe chamam Sandrati ou Santatria, que derivou em Sant Adria devido à transcrição de um escriba na época e finalmente em San Adrián. A tríade... e depois as três *Matres*. Sim, faz sentido. Compreendo a escolha do lugar. Temos de novo o elemento triplo, é uma constante na cultura celta. Também é verdade que há um túmulo pré-histórico onde Álava começa, chamado Alto de la Horca, onde enforcavam os bandidos que andavam livremente por aquelas montanhas tão transitadas, é por isso que lhe chamavam a Fronteira dos Malfeitores. Por outro lado, sempre se disse que o túnel tem passagens de água que levam a outros locais de culto onde se encontraram altares dedicados às *Matres*, em Zegama.

– Sim – atrevi-me a dizer em voz alta. Não sei porquê, mas com Héctor não tinha tanta vergonha como com o resto da humanidade. – Estávamos a par desse dado – apressei-me a escrever, depois de verificar que me tinha saído um “sim” demasiado estridente.

Héctor fingiu não se ter apercebido dos meus esforços vocais.

– Que há em Fontibre? – perguntou Estíbaliz. – Faz sentido para um ritual semelhante?

– Fontibre, *Fontes Iberis*, as falsas fontes do Ebro, como lhe chamou Plínio, o Velho? Mais água, mais ninfas, mais deusas celtas... O culto a essas águas sobreviveu até aos nossos dias, como sabem. Neste caso é a devoção mariana que a mantém viva, com as fitas coloridas que os fiéis colocam no sítio onde o rio nasce. Não deve ser muito diferente dos rituais de antigamente. Os Celtas também costumavam amarrar fitas coloridas nas árvores sagradas em torno dos sacrificados.

Mas eu tinha ficado preso à sua menção a “rituais propiciatórios”.

– Héctor – escrevi –, há um facto que ainda não sabes. É que ambas as mulheres, em San Adrián e em Fontibre, estavam grávidas. Isso não encaixa num ritual propiciatório de fertilidade.

A expressão dele mudou, vi um temor muito mais sombrio nos seus olhos cor de avelã.

– Grávidas? Meu Deus... então a natureza do ritual é outra. Disseram que elas apareceram penduradas e, imagino que, apesar dos vossos esforços para não revelarem demasiados dados da investigação, as cabeças estavam dentro do caldeirão com água ou, no caso de Fontibre, submersa no rio. Vou só fazer uma pergunta: elas também foram queimadas?

– Queimadas? – perguntou Estíbaliz, espantada. – Não, que saibamos não. Ainda não temos a autópsia de uma delas, e não recebemos a da segunda. Porquê, Héctor? Porque falas em queimaduras?

Héctor levantou-se de novo, e a sua inquietação preocupou-me também. Deixou-me muito preocupado.

– Porque então estamos a falar da Tripla Morte Celta, originalmente chamada *threefold death*: afogar a vítima, enforcá-la e queimá-la; há diferentes versões. Quero que leiam isto – disse, e entregou-nos um pequeno livro com capa de couro, tão manuseado e desgastado que me perguntei qual seria a data da sua edição.

Estíbaliz aproximou-se com curiosidade.

– Está em latim, Héctor. Não sei o está lá escrito – fez-lhe ver.

– Peço desculpa, não me tinha apercebido – desculpou-se um pouco envergonhado. É a *Farsalia*, de Lucano, do século I. Leo: “Aqueles que apaziguam com horrendo sacrifício o cruel Teutates e o horrível Esus, o dos altares bárbaros, e Taranis, cujo altar não é menos cruel do que a Diana cita”. Para os sacrifícios em honra de Teutates, afogavam um homem mergulhando-o num pote ou caldeirão. Em honra de Esus, penduravam-no numa árvore. E para honrar Taranis, queimavam-no vivo, preso numa estrutura vegetal em forma de manequim. Não sei se já ouviram falar de *O Sacrifício*, *The Wicker Man*, um filme com Christopher Lee, de 1973, que teve um *remake* em 2006 com Nicholas Cage. O filme é sobre um culto que chegou até aos nossos dias e em que sacrificam homens dentro de um boneco gigante de vime, ao estilo celta.

– Achas que isto pode ser obra de um culto neopagão ou de uma seita de inspiração celta? – perguntou Estíbaliz.

– Não, de todo. Embora tenha havido um ressurgimento do nacionalismo celta em toda a Europa desde o século XVIII, e haja associações recreativas e culturais, não tenho conhecimento de seitas deste tipo nos últimos anos, não na Península Ibérica. Além disso, acho que não é preciso uma entidade ou grupo organizado, basta que alguém ache que o castigo é o adequado, qualquer pessoa que tenha lido certos clássicos sabe da Tripla Morte, e os locais... os locais são de interpretação livre. San Adrián e Fontibre têm um significado muito poderoso para os seus vizinhos. É desde sempre algo atávico. Houve rituais, orações, rezas... Demasiadas culturas e sucessivas religiões para que as possa nomear, mas os lugares de culto, pelo menos alguns, os mais poderosos, permanecem, adaptam-se, continuam ali. A Tripla Morte tem um fundo mítico indo-europeu muito antigo, cuja origem é anterior à Idade do Bronze. Sobreviveu no imaginário celta nas terras atlântidas até à Hispânia, e nas tradições literárias de origem Celta na Galiza, Astúrias e Cantábria... e não só aqui. Aparece em

narrativas medievais da mitologia celta irlandesa, é mencionada em textos da lenda arturiana e também no *Livro de Bom Amor* de Arcipreste de Hita. Resumido: houve uma continuidade, pelo menos oral e testemunhal, que foi registada em escritos ao longo dos séculos.

Virou-se para nós, que o ouvíamos sem perder pitada, e acrescentou:

– Já ouviram falar dos corpos no pântano, das múmias nas turfeiras?

– Não. – Abanei a cabeça depois de ganhar coragem para dizer a palavra em voz alta.

– No mundo endogâmico da arqueologia do século XIX não se falava de outra coisa. As escavações profissionalizaram-se e sistematizaram-se. Em rios como o Tamisa, os pântanos e lamaçais foram drenados. Começaram a aparecer múmias em perfeito estado de conservação devido ao ambiente ácido da água e do solo que as acolheu, nas turfeiras e nos pântanos da Europa húmida: Irlanda, Holanda, Dinamarca, Grã-Bretanha... Talvez vos soe familiar o Homem de Tollund ou o Homem de Lindow. Foram examinados com técnicas criminais forenses e pudemos concluir que foram vítimas de sacrifícios rituais complexos: queimados, enforcados e submersos nas águas. Sobre o Homem de Lindow, por exemplo, encontrado em 1984 perto de Manchester, o estudo paleopatológico determinou que ele morreu devido a um triplo sacrifício ritual em meados do século I. Era uma pessoa da elite local, mantinha as unhas e o bigode bem tratados. Encontraram-lhe no estômago restos de bolos de cereais e bagas de azevinho, a planta sagrada para os celtas, segundo Plínio.

– Entre esses corpos do pântano... encontraram mulheres?

– Sim, muitas, na verdade. Como o corpo que foi encontrado em 1835 em Gunnelmose, perto da antiga capital medieval dinamarquesa, que tinha laços de parentesco com a lendária rainha norueguesa Gunnhild ou Gunilda, viúva do rei Erik Blodaxe, nascida em 946. Foi violada e afogada no pântano por ordem de Harald Blotand, o famoso Harald Bluetooth cujas runas temos agora em todos os telemóveis porque a empresa dinamarquesa Bluetooth o adotou como logótipo.

– Falaste em castigo – interrompeu-o Estíbaliz, centrando-se no que nos interessava.

– Isso mesmo. A Tripla Morte é considerada uma expiação ou castigo por terem ofendido as divindades. Se me dizem que as vítimas estavam grávidas, é porque ofenderam as três *Matres* e a mensagem do executor é clara: não deviam ser mães, ou pais, no caso de ser um homem à espera de descendência. Não deviam ter esses filhos, que em troca são oferecidos às *Matres* para que cuidem melhor deles do que os próprios pais. É alguém que cuida dos filhos que estão por nascer, está preocupado e salva-os dos seus pais dessa maneira.

– Por que razão eram castigadas, Héctor? – escrevi com a boca seca. – No passado, essas vítimas em concreto. Qual foi o seu crime?

– Eram castigadas por violar tabus ou por crimes graves, como o assassinio de parentes, considerado crime capital pelas antigas leis irlandesas.

– Custa-me imaginar que uma pessoa possa matar mulheres grávidas hoje em dia com a intenção de proteger essas crianças por nascer – escrevi.

– Há uma cadeia de violência que remonta ao Paleolítico – disse Héctor como se fosse um mantra, olhando pela janela. – É verdade, vai chover, há três dias que sopra o ábrego. Posso emprestar-vos um guarda-chuva.

– Desculpa? – escrevi.

– “*Abregu* de dia, água ao terceiro dia”, dizem por aqui. Os bascos chamam-lhe *hego haizea*, “o vento do sul” ou dos loucos. Hoje vai chover.

– Não me referia ao vento – escrevi. – O que dizias sobre uma cadeia de violência?

– É uma velha teoria do nosso amigo historiador – explicou-nos Paulaner. Pelos vistos, o inspetor já tinha ouvido Héctor antes.

– Agora falo como alguém que passou muitos anos a analisar restos humanos em escavações em todo o mundo – começou Héctor. – Sabem, desde que somos *Homo sapiens* modernos que temos exercido violência sobre os nossos semelhantes. Refiro-me à violência intrafamiliar, entre clãs, entre regiões vizinhas, entre nações, Estados, reinos... Na Pré-história não existia o conceito de família mononuclear, mas não é difícil deduzir que aqueles que tinham o papel patriarcal às vezes usavam a violência nas gerações seguintes quando esta estava mais fraca, ou seja: pais que batiam ou abusavam dos filhos, filhos abusados que por sua vez se tornaram abusadores ou torturadores. Em psicologia diz-se que uma pessoa normal não tortura, só o faz alguém que já sofreu tortura antes.

Assenti. Isso era verdade, tinha-o estudado como *profiler* e era um daqueles paradigmas que se dão por irrefutáveis.

– As descobertas de indícios de guerras e de violência entre indivíduos em etapas muito incipientes da Pré-história estão a suceder-se a uma grande velocidade nos últimos anos no mundo da arqueologia – continuou Héctor del Castillo. – As datas não param de retroceder: 27 indivíduos no Quénia, há 10 mil anos, crianças e uma mulher em estado avançado de gravidez, espancadas e atravessadas por flechas. Literalmente massacradas. Se recuarmos até à Idade Média, um terço da população morria assassinada nas mãos de outros. Percebem o que esta estatística significa?

– Que somos todos netos de uma vítima ou de um assassino – adiantou-se Estíbaliz.

– Isso mesmo. Se um terço da população morria assassinada, isso implica que outro terço assassinava. Somos todos descendentes dos que sobreviveram à infância e se reproduziram antes de morrer, fosse em que idade fosse. O mais realista é supor que no nosso ADN carregamos os genes tanto de pessoas que foram mortas como daquelas que as assassinaram.

As palavras de Héctor ficaram-me na cabeça.

Aninharam-se ali, mesmo ao lado do meu medo mais profundo desde o maldito dia em que Alba me tinha contado da sua gravidez: criar o filho de um sociopata integrado como era Nancho.

Tasio também tinha traços de psicopatia narcisista: egomania exacerbada, falta de empatia, manipulador, encantador em seu próprio benefício ou de acordo com os seus objetivos. Que, no caso dele, não era mais do que a sua necessidade obsessiva de reconhecimento social.

Apavorava-me a ideia de educar um filho ou uma filha, com medo de detetar padrões de psicopatia desde a infância. Eu só queria uma família normal, uma mulher como Alba, alguns filhos desejados, ir para a montanha aos domingos, passar o fim de semana em Villaverde ou em Laguardia.

A meu ver, não era pedir muito.

Só um pouco de normalidade.

Por outro lado, Ignacio era o exemplo vivo de um trigêmeo não psicopata ao lado dos seus irmãos com características ou com psicopatia totalmente desenvolvida. Havia sido criado no mesmo ambiente que Tasio, talvez tenha herdado alguns desses genes, mas não desenvolveu uma personalidade psicopática. Escolheu ser compassivo, honesto, reto. Íntegro. Escolheu ter moral e ser um bom polícia.

Durante a minha formação como especialista em traçar perfis, estudei a polémica discussão sobre o componente genético da psicopatia. Embora não exista um único gene que, por si só, dê origem a um indivíduo psicopata, é um dado adquirido que existem muitos genes que contribuem para isso, embora os estudos com gémeos também mostrem que a socialização e fatores ambientais interagem com a genética.

Mas aquela frase de Héctor em como todos temos nos nossos antepassados algum assassino, dava-me uma espécie de consolo face à dúvida que se instalara desde a visita de Alba a minha casa. Seria capaz de viver com a incerteza de que tipo de pessoa ia aceitar como meu filho?

Viajei para longe dali. Sei que Estíbaliz continuou a fazer perguntas no seu modo de metralhadora, e que Héctor, pacientemente, lhe foi esclarecendo as suas dúvidas, mas eu estava longe daquele museu numa falésia.

Estava à porta da minha casa, na madrugada das festas da Virgen Blanca, talvez a engendrar um López de Ayala.

Estava no alto de San Tirso, numa manhã de outubro, a salvar, sem saber, uma vida a caminho.

A faculdade de História

21 de novembro de 2016, segunda-feira

Héctor ficou a despedir-se com o seu sorriso simpático no parque de estacionamento do pessoal do MAC. Já chovia mansamente há algum tempo e não parecia que fosse parar. Emprestou-nos um guarda-chuva vermelho com o logótipo do museu e ofereceu-se para responder às dúvidas que nos fossem surgindo.

– Vou deixar-vos por agora. Mantenham-me a par dos vossos progressos e continuamos a coordenar-nos – disse-nos Paulaner antes de se despedir, entrar no carro e se dirigir à esquadra de Santander.

Deu-me um abraço comedido, olhou-me como se eu fosse um caso perdido, com muita pena, uma pena que me magoou, e foi-se embora.

– O que achaste de tudo o que o Héctor disse? – escrevi para Esti assim que entrámos no carro.

– Que acabo de me apaixonar – respondeu com um suspiro, seguindo Héctor com o olhar.

Fingi olhar para ela escandalizado e dei-lhe uma leve cotovelada.

– Inspetora Gauna, não lhe bastam os seus amores de verão? – escrevi, com uma certa curiosidade.

Estíbaliz tinha-me mantido bastante informado da sua fase pós-rutura com Iker, o seu namorado de sempre. Tinha passado todo o verão e parte do outono a praticar uma promiscuidade saudável cujos pormenores partilhava comigo com tanta indiferença como alegria.

Às vezes temia que tivesse trocado uma dependência por outra, continuando com o seu padrão de viciada. Parecia estar limpa de substâncias ilegais, pelo menos durante os últimos meses.

Eu observava-a e não via sinais de que tivesse metido algo estranho no corpo. Parecia mais saudável, fazia montanhismo mais do que nunca, estava sempre a sair e tinha amizades que eu não controlava.

Ficava feliz por ela.

– O Héctor não tem perfil de amor de verão – comentou, pondo-se séria. – E um especialista em perfis como tu sabe-o muito bem. Mas estamos no horário infantil, por isso vamos deixar-nos de fantasias, por mais apetecíveis que me pareçam. Agora estou a falar com o *profiler*: qual é a tua opinião sobre tudo o que ficámos a saber naquele escritório, Kraken?

Pensei um pouco. Héctor tinha-nos dado demasiada informação para processar.

– A Tripla Morte é uma linha de investigação interessante, se bem que falta a ambas as vítimas o pormenor de terem sido queimadas. Penso que se a primeira morte foi levada a cabo pelo mesmo autor de há mais de vinte anos, o seu ritual de então era menos elaborado e mais desleixado, menos acabado. Penso que o facto de ter removido o corpo diz muito do seu medo de poder ser encontrado ou implicado. Ainda não tenho a certeza de que tenha sido obra da mesma pessoa – escrevi, e mostrei-lhe o ecrã.

– Agora fala-te a perita em Vitimologia: duas mulheres, solteiras, grávidas, penduradas em locais de culto históricos relacionados com rituais celtas de água, em regiões próximas e... E este *e* é o mais importante: as vítimas conheciam-se porque há vinte e quatro anos passaram três semanas juntas num projeto arqueológico num povoado celta. Amigo, apesar da tua opinião, ambos os crimes e ambas as vítimas estão relacionadas. E se ainda não disse à subcomissária Salvatierra que tu também conhecias as duas vítimas é porque não quero relacionar oficialmente os dois crimes até termos algo em concreto, mas não vou pôr em risco a confiança que ganhei junto dela para te continuar a encobrir. Quero que sejas tu, nos teus termos, a explicar à Alba que estiveste no mesmo acampamento que aquelas mulheres mortas.

– Vou fazê-lo em breve. Não te quero prejudicar. Deixa-me escolher o momento, mas quando voltarmos desta viagem vou falar com a Alba – escrevi.

Ela leu e acenou com a cabeça.

– Então agora temos a visita ao diretor desse povoado celta inesquecível. Estás preparado? – perguntou solenemente.

Suspirei e Estíbaliz ligou o motor.

Foi por isso que fomos à Cantábria, entre outras coisas. Para visitar de surpresa Saúl Tovar, que agora tinha um lugar de professor catedrático de Antropologia Social e Cultural na licenciatura de História na Universidade da Cantábria, que era para onde nos dirigíamos.

Em relação a Saúl, eu tinha sensações ou sentimentos contraditórios; sempre foi assim.

Para todos nós, os quatro amigos que fomos ao acampamento, ele poderia ter sido a figura paterna próxima que todos desejávamos ter nas nossas vidas.

Para alguns foi.

Mas a nossa maldita rivalidade fez com que eu fosse o menos próximo dele, talvez por minha culpa. Agora sentia-me pessimamente, depois de saber da morte da sua filha.

Rebeca tinha morrido há mais de vinte anos, pobre miúda.

Foi difícil estacionar. Era sempre, nos recintos universitários, ainda por cima num dia de chuva como aquele. Finalmente tivemos de esperar que um universitário pouco motivado faltasse às aulas para estacionarmos o carro em frente ao edifício da faculdade de tijolos vermelhos e chamativas colunas azuis.

Não foi difícil localizar Saúl; assim que perguntámos, toda a gente se mostrou interessada e parecia saber onde ele estava naquele exato momento.

Mas houve um pormenor que me chamou a atenção: um jovem um pouco mais velho, talvez do último ano, que olhou para nós com desconfiança quando perguntámos no seu grupo por Saúl e pareceu ficar irritado. Usava uma poupa que lhe dava mais dez centímetros de altura e tinha um traço que não passava despercebido: um olho de cada cor. Um castanho e o outro verde-claro.

– Estão a perguntar pelo Barba Grisalha – murmurou a outro, mas eu estava perto e ouvi.

– Não dizias que era o Barba Azul, o assassino de mulheres? – replicou o mais alto.

– Mas o Barba Azul agora é o Barba Grisalha, ou não te apercebeste? Vamos, isto não me interessa – disse e ambos nos viraram as costas e foram-se embora, enquanto Estíbaliz seguia atentamente as indicações que nos davam duas jovens muito simpáticas.

Procurámos o seu gabinete e batemos à porta. Ninguém respondeu, por isso entrámos. Saúl estava sentado na esquina da sua secretária, com várias alunas espalhadas em cadeiras à volta dele. Fez-nos um gesto de “esperem um pouco” sem olhar para nós, e continuou com a sua tutoria.

É curioso aquilo a que prestas atenção quando não vês alguém há vinte e quatro anos. Estava mais gasto, tal como eu próprio, imagino. Calculei que devia ter cinquenta e tal anos. Pelos grisalhos na sua outrora barba negra, as rugas mais fundas à volta dos olhos... e a atitude. Sobretudo a atitude.

Recordava-me de Saúl como o típico professor carismático, sempre acompanhado de jovens, misturando-se com eles e com elas. Agora via-o rodeado de estudantes, com as suas calças de ganga e camisa informal por fora, mas havia uma distância e um cansaço na sua atitude que parecia quase uma derrota amarga, como se já estivesse cansado da postura do jovem professor.

Quando eu o conheci, foi Lutxo quem nos convenceu a inscrever-nos como voluntários num programa de estágios da Universidade da Cantábria que

procurava captar jovens de todas as Comunidades Autónomas para futuras matrículas na então chamada Licenciatura em História.

O meu amigo sempre sonhou em ser arqueólogo e naquele verão todos queríamos ganhar algum dinheiro, tanto que também estávamos a ver a possibilidade de sermos voluntários na Expo de Sevilha ou na Villa Olímpica de Barcelona.

Se bem que o que realmente nos convenceu, a mim, a Lutxo e a Asier foi a nossa consciência enquanto grupo de que tínhamos de apoiar Jota no pior momento da sua vida e afastá-lo durante algumas semanas de Vitoria: o pai dele lutava contra um cancro fulminante no pâncreas, e o até então bom aluno e responsável José Javier Hueto estava a derrapar todos os fins de semana em saídas forçadas. Cada vez bebia mais *kalimotxo* e metia-se em brigas; só o queríamos salvar e estar com ele. Sabíamos que não aceitaria ir para Sevilha ou Barcelona, e que a vizinha Cantábria era a opção mais realista.

Também contribuiu que o programa para jovens entre os quinze e os dezassete anos fosse contemplado com uma ajuda de 50 mil pesetas, além do transporte, estadia e alimentação a cargo da universidade, o que, aos dezasseis anos e com um verão pela frente, parecia um ótimo plano.

As alunas ouviam atentamente algo que Saúl estava a dizer sobre teónimos, palavras que designavam lugares e nomes ocultos de deuses celtas como Deba, Teutates, Tulónio, Lug... Duas das jovens estavam a tirar anotações e sorriam-lhe quando levantavam a cabeça com algo parecido a adoração.

Ele fingia não se aperceber.

Esperámos um pouco, mas Saúl estava tão concentrado na sua conversa sobre os Celtas que rapidamente se esqueceu de nós, e Estíbaliz perdeu em poucos minutos a sua lendária paciência.

– Professor Tovar – disse depois de pigarrear, de forma bastante audível –, viemos da esquadra de Vitoria. Gostaríamos de falar consigo. Não temos pressa, quando puder.

Passou uma nuvem pelos olhos rasgados de Saúl. Não começávamos com o pé direito.

– Patrícia, Maite, Sandra... podem deixar-nos sozinhos? Quinta-feira podem voltar à tutoria, se ainda tiverem alguma dúvida – ordenou-lhes num tom amável, mas que não dava margem para objeções.

As jovens saíram depois de trocarem um olhar cúmplice entre elas, observando-nos a mim e a Esti de cima a baixo.

– Por que razão vieram exatamente? – perguntou-nos assim que elas fecharam a porta.

– Lembra-se do inspetor Unai López de Ayala? – perguntou a minha colega, facilitando-me um pouco a vida.

– Claro. Estás mais homem, Kraken, mas ainda tens uns traços muito reconhecíveis. Além disso, não vou fingir que não segui com interesse o que aconteceu em Vitoria há uns meses. Vivo neste planeta. Em Santander não se falava de outra coisa.

– Imagine se vivesse em Vitoria... – deixou escapar Estíbaliz. Depois pigarreou e recuperou a compostura, lembrando-se de que estava em horário laboral e que tínhamos de sondar uma testemunha de um caso antigo.

– Vamos ao assunto que vos traz cá – sugeriu Saúl.

– Perfeito – assentiu a minha colega. – Somos inspetores da Unidade de Investigação Criminal. Viemos esclarecer algumas dúvidas que nos surgiram com o caso do desaparecimento da sua filha, Rebeca Tovar.

– Por causa da Rebeca... então é isso – murmurou, e a sua expressão foi de dor e negou-se a olhar para nós. – Há alguma coisa nova? Encontraram, por fim, o cadáver? – perguntou quando encontrou forças.

– Infelizmente não, mas o caso dela parece estar relacionado com um atual e queremos descartar essa relação e, aliás, deixá-lo em paz com a sua dor – disse Estíbaliz com uma confiança que habitualmente não usava com as testemunhas. – O que acha que aconteceu à sua filha, Saúl?

– Algo turvo, entre vários. Algo que correu mal. É isso que acho – respondeu Saúl, e já voltava a ser ele, com a sua voz quente. Olhou Estíbaliz nos olhos e inclinou-se para a frente, aproximando-se de nós. – Acho que foram vários, que um dos envolvidos tirou fotos para chantagear o outro ou os outros, mas que se arrependeu e enviou as fotos para os *media*. Penso que o cadáver não apareceu porque tinham medo de que fossem encontradas impressões digitais ou indícios que os incriminassem. E com isso refiro-me a vestígios biológicos, sémen, o que for...

– Saúl... e a gravidez? – perguntou Estíbaliz com cautela.

– Ela não estava grávida.

– Era uma adolescente. As estatísticas estão cheias de pais que não sabem das gravidezes das suas filhas.

– Eu não era o tipo de pai que não saberia da gravidez da filha. A Rebeca não podia estar grávida porque... – Suspirou e voltou-se para mim. – Unai, lembra-te da minha filha?

– Sim, travámos uma certa amizade. Guardo uma boa recordação dela – escrevi no meu telemóvel.

Até então eu não tinha aberto a boca, e Estíbaliz tinha-se esquecido de mencionar a minha lesão de Broca.

Saúl fez a ligação, imagino que de artigos de jornal que a sua memória guardava, e percebeu que eu não falaria durante aquela conversa.

– Digo fisicamente – insistiu. – Lembras-te de a minha filha ter formas de mulher?

A pergunta incomodou-me. Responder a um pai cuja filha adolescente tinha morrido se eu me lembrava das suas curvas, fez-me sentir num jogo um pouco perturbador.

– Não me lembro – menti por escrito.

– Claro, só tinhas olhos para a Annabel Lee. A Rebeca não estava muito desenvolvida, nem física nem mentalmente. Era muito infantil, ainda não andava com rapazes. A minha irmã era a sua endocrinologista e controlava-lhe o crescimento. A polícia fez-me a mesma pergunta há vinte e três anos e a minha irmã mostrou as análises que demonstravam que ela não podia estar grávida nos meses anteriores ao seu desaparecimento. Não deram mais importância a esse assunto. Tenho duas teorias a esse respeito. A primeira é que o ângulo em que a foto foi tirada pode dar essa impressão. Mas não fiquei satisfeito com essa explicação e consultei um médico forense em Santander. Na opinião dele, o inchaço abdominal podia dever-se aos fenómenos de decomposição do corpo, no caso de já estar há alguns dias morta, mas não havia mais sinais àquela distância. Mas o rosto dela... olhei para aquelas fotos milhares de vezes, e era a minha filha, sem dúvida. De lado, de frente, um pai reconhece sempre o rosto da sua filha.

– Falava-nos sempre de lugares de culto – escrevi-lhe, mudando de assunto. – O que achou de ser em Fontibre?

– Que o destino tem muito mau gosto e um péssimo sentido de humor.

– Não achou que pudesse ser alguém do seu meio académico ou laboral, algum colega de antropologia cultural, um grupo dos seus próprios alunos ou alguém para quem Fontibre tivesse um significado especial? A forma como a sua filha foi morta não tem nada de habitual, pelo menos na nossa cultura, Saúl.

– Dizes-me isso agora, como especialista. Achas que não sei? – disse levantando demasiado a voz.

O Saúl do presente controlava um pouco menos as suas explosões do que aquele que eu conhecera, um tipo calmo e forte que sabia mediar os nossos conflitos.

– Acha que alguém se queria vingar de si? Alguém queria fazer-lhe mal? – insisti.

– Alguém me fez mal, sem dúvida. Mas fez muito pior a ela. Fez muito pior a ela. O que querem, realmente? Vieram de Vitoria, não me fazem perguntas novas, não me trazem nenhum dado novo sobre a investigação, nem nenhum

indício de onde pode estar enterrado o corpo da Rebeca. É evidente que alguém voltou a matar, que foi em Álava e que há semelhanças com o *modus operandi* do que fizeram com a Beca; caso contrário, não estarias aqui, Kraken, apesar do teu lamentável estado de comunicação. Sei que agora és *profiler*. Voltaram a fazê-lo? Trata-se de um assassino em série?

Aceitei o ataque sem me desmanchar. O que mais me chamou a atenção foi a hostilidade de Saúl. Eu não era um dos seus favoritos, ele era mais próximo de Jota, no início, quando o apoiou devido ao caso do pai, e depois de Asier e por fim de Lutxo.

Mas eu também lhe devia um ou outro bom conselho, como que devia aceitar com orgulho a alcunha que me tinham dado e que a visse como um totem, como faziam os antigos com o espírito dos animais que admiravam e cujas forças desejavam ter.

Foi assim que deixei de odiar que Lutxo me martirizasse com aquela alcunha e comecei a suportá-la, primeiro com resignação, depois com crescente simpatia, até aos dias de hoje. Sentia-me completamente identificado com ela.

Foi um bom conselho e ainda hoje lhe estava grato por ele. E também pelos seus esforços em proporcionar-nos um verão único e por equilibrar as forças entre os nossos egos exaltados de adolescentes.

Não compreendia bem a sua hostilidade atual, mas é verdade que tínhamos entrado novamente na sua vida com muitas perguntas delicadas e obrigando-o a recordar-se de uma filha morta. Eu também não teria gostado.

– Ainda não sabemos, Saúl – interveio Estíbaliz ao ver que eu não tinha intenções de escrever nada. – Viemos a Santander para ver consigo a informação que temos até à data e determinar se há semelhanças suficientes para pensarmos que se trata do mesmo autor.

– Autores – corrigiu Saúl, e a sua voz soou como um chicote. – Autores.

– Vejo que tem muita certeza disso – escrevi. – Depois de o ouvir, acho que tem a sua própria teoria sobre quem foram os culpados.

– É curioso que me perguntes isso, Unai. É curioso que tu mo perguntes.

A casa de Pando-Argüelles

21 de novembro de 2016, segunda-feira

Em Santander continuava a chover, e tivemos de ir praticamente a correr até ao carro para nos protegemos. A chuva dissuadira quase todos os estudantes e o parque de estacionamento estava vazio. O edifício de tijolo, visto de frente, parecia mais régio sem o rebuliço dos jovens a conversar entre as suas colunas. Um dia eu fora como eles, alguém eternamente preocupado em passar no exame seguinte. Agora havia outras prioridades na minha vida: apanhar o assassino, recuperar a fala, decidir como lidar com a notícia que Alba me dera...

– O que quis ele dizer que era curioso que tu lhe perguntasses pelos suspeitos, Unai? – perguntou Estíbaliz depois de Saúl nos ter acompanhado à porta do seu gabinete com a clara intenção de nos convidar a desaparecer dali.

– Estou mais surpreendido do que tu. Nunca soube da morte da Rebeca, e a verdade é que ninguém no grupo alguma vez falou sobre isso, mas a verdade é que durante vários anos não voltámos a falar daquele verão por motivos... – tardei em encontrar a palavra e escrevê-la. – Evidentes. Como é que não soube de nada? Não me lembro de terem falado do desaparecimento da Rebeca Tovar no telejornal nem no *El Correo Vitoriano* ou no *El Diario Alavés*.

– Eu também não, mas na altura tinha... dez anos. Todos os anos desaparecem catorze mil pessoas e a maior parte delas volta para casa. Costumam ser fugas de adolescentes, tanto das suas casas, como de lares adotivos. De vez em quando, um desaparecimento em concreto salta para as manchetes dos jornais pelas suas circunstâncias especiais – disse Esti em voz alta, enquanto conduzia de regresso a uma Vitoria que parecia tão molhada quanto Santander. – Penso que a direção do jornal cantábrico se portou de modo exemplar, contactou a polícia e não fez daquilo um circo. A Milán procurou a notícia do desaparecimento da Rebeca Tovar na hemeroteca, mas só encontrou uma breve menção a uma jovem de catorze anos desaparecida e as suas iniciais. O jornal não faz qualquer referência às fotografias enviadas. Não houve alarme social, não foi uma notícia que saltou cá para fora.

– É verdade, inspetora Gauna, que tal a Milán? – escrevi quando chegámos à nossa cidade e olhei para ela de esguelha. Era uma agente que me deixava um pouco curioso.

– Apesar de não parecer ter grandes competências sociais e de ser um pouco desajeitada, é uma máquina em termos de documentação e computadores. Entrega-me tudo o que lhe peço em metade do tempo. Não me parece muito sociável e não gosta de falar muito. Às vezes é um pouco rude, mas tem um ar de boa pessoa que não consegue disfarçar. Estou muito contente com a equipa que me designaram. O Peña é super-nervoso e deixa a Milán um pouco irritada por não conseguir estar quieto nas reuniões. Mas acho que vão funcionar bem. O Peña é um tipo curioso fora da esquadra. Nunca come nada antes das sete da tarde, durante todo o dia. Diz que lhe faz bem. E é... músico. Costuma dar concertos em festivais de música *folk*, toca violino. Mas no trabalho transforma-se. É muito analítico, apesar de andar sempre a mil à hora. Ou seja, não me parece ser uma pessoa muito emocional. Isso vai ser bom para equilibrar a Unidade quando voltares. Tu tens fogo a mais.

– Olha quem fala – escapou-me em voz alta, e despenteei-lhe um pouco o cabelo ruivo.

Soou algo parecido a “ia ia ô” e de novo subiu-me o calor à cara, de pura vergonha.

– Tens de ir ao terapeuta da fala, Unai – disse ela, ficando séria. – A Alba impôs-te como condição para regressares, e eu tenho de entregar relatórios regulares da tua evolução. Estamos a pôr as mãos no fogo por ti, não nos desapontes. É um aviso. E estou a falar muito a sério.

– Desde quando é que tu e a Alba são tão amigas? A sério que fico muito feliz – escrevi, mudando descaradamente de assunto.

– Desde que te ia visitar todos os dias ao hospital de Santiago quando estiveste em coma. Nos primeiros dias ela também estava internada, e eu aproveitava e ia visitá-la. Parecia-me demasiado duro que tivesse perdido o marido e que, ainda por cima, ele fosse o assassino. Em Lakua as coisas estavam muito tensas, o comissário Medina não tinha a certeza se a devia apoiar ou abrir uma investigação interna. Alguns colegas desconfiavam dela, não acreditavam que nunca tivesse dado por nada de estranho no comportamento do marido, achavam que ela era cúmplice por omissão. Mas eu... eu matei o Nancho. Eu matei-o, disparei contra o marido dela. Tinha de falar com ela, é uma pessoa que sempre admirei, e não queria que aquilo ficasse por falar.

– Fizeste bem. E o que aconteceu?

– Desde então, costumamos combinar durante a semana em Vitoria e aos fins de semana em Laguardia, em casa dela, e vamos juntas subir a montanha. É uma

peessoa muito calma, pensa muito nas coisas, ao contrário de mim. Dá-me tranquilidade, ouve muito e não julga.

Assenti quando olhou para mim, mas não lhe escapou a minha expressão.

– O que foi? Estás com ciúmes?

– Claro que estou com ciúmes. Quem me dera ter essa relação de amizade com ela.

– De qualquer maneira, nunca falamos sobre ti – disse, como se tivesse necessidade de esclarecer. – Refiro-me a ti fora do trabalho. Falámos da tua recuperação, mas sempre no horário de trabalho. Quando estamos juntas, não falamos de homens, só das nossas coisas, da nossa vida. É verdade, o passado dela é superinteressante. Ela depois conta-te, se assim o decidir.

Agora sim, estava a morrer de inveja. Não sabia quase nada acerca de Alba. Só que queria estar com ela. E que o frio na barriga e a excitação entre as pernas que sentia sempre que aparecia em Lakua continuavam iguais. A química não desaparecera, nem a vontade de passar tempo com ela, de dormir com ela, ou de fazer o que quer que seja com ela.

– Voltando à tua recuperação: ou comesas esta semana ou faço queixa de ti.

– Vou começas esta tarde, Esti – interrompi-a. – Agora, com tudo isto da Ana Belén Liaño e da Rebeca Tovar, sou o primeiro a querer estar a cem por cento.

Ela sorriu, satisfeita.

– Isso era tudo o que eu queria ouvir. Ligo-te mais tarde. Dá-me um beijo, vá – disse enquanto me deixava perto de casa.

Dei-lhe um beijo sonoro na cara e fui ao Toloño comer qualquer coisa. Não me apetecia cozinhar, nem ficar sozinho em casa com os meus pensamentos.

...

À tarde preparei-me mentalmente para o que aí vinha, uma parte de mim esperançoso, a outra ansioso, e dirigi-me ao bairro oitocentista de Ensanche. O consultório da minha terapeuta da fala ficava no final da rua San Antonio, de onde quase se viam as linhas do comboio. Ruas aristocráticas que se ergueram para a classe alta. Havia uma série de consultórios na zona, mas a localização do da minha terapeuta da fala, a doutora Beatriz Korres, tinha sido especialmente bem escolhida.

A casa Pando-Argüelles era um edificio senhorial na esquina com a Manuel Iradier, uma das melhores ruas da cidade. O avô contou-me que, na sua época, a impressionante cúpula azul com estrelas laranja foi um ninho de metralhadoras antiaéreas durante a Guerra Civil espanhola. Depois foi a sede do Sindicato Vertical, o colégio Nieves Cano e uma série de outras coisas. A última coisa que

sabia é que tinha sido comprada por um promotor numa tentativa falhada de a transformar em apartamentos de luxo. Pelos vistos, agora arrendavam escritórios.

Aproximei-me com curiosidade do número 41, onde uma imponente porta de grades pretas me fez lembrar as grades da praia da Concha de San Sebastian. Toquei à campainha e uma voz amável pediu-me que subisse ao segundo andar.

Assim que atravesssei a porta, o cheiro a pintura e a obra recém-terminada entrou-me pelo nariz. Parecia que a minha terapeuta da fala era uma das primeiras a arrendar um daqueles andares de luxo.

– Finalmente decidiste-te, Unai – disse-me em modo de cumprimento ao abrir a porta, com um largo sorriso.

Fiquei um pouco surpreendido pela sua aparência. Beatriz Korres parecia uma antiga diva dos anos 40, com uma maquilhagem perfeita, o risco do olho apontado para o céu, o queixo com uma covinha atraente. Saltos agulha, saia lápis. Cabelo cor de canela, levantado pela laca e pelos rolos. Com alguma carne, e orgulhosa disso.

Simpatizei com Beatriz desde o primeiro momento; era tão incrivelmente perfeita na sua aparência singular que parecia saída de um anúncio de moda que não era para todos os bolsos. Imagino que devia demorar meio dia de trabalho a arranjar-se antes de sair à rua. Ela não pareceu aperceber-se da minha surpresa. Era uma mulher segura de ser mulher, como não a admirar?

– Sei que devia ter vindo antes – escrevi em modo de desculpa, e mostrei-lhe o ecrã do telemóvel.

– Entre, é o meu último paciente da tarde – disse enquanto me convidava a entrar num pequeno estúdio sem móveis nem adornos. – Acabei de arrendar este consultório, vai ter de me desculpar a ausência de elementos decorativos.

Sorri e fiz-lhe um gesto de assentimento. Na mesa tinha alguns ficheiros com o meu relatório da neurologista e um frasco de vidro com uma série de chupachupas de chocolate e baunilha, os meus favoritos.

– Sente-se, por favor. Fico feliz por ter vindo. A doutora Diana Aldecoa falou-me muito de si, fico contente por me ter atribuído o seu caso, é um desafio, mas temos muito trabalho a fazer em contrarrelógio. Unai, a sua recuperação vai depender das horas que dedicar à reabilitação. Se dedicar duas horas por dia, ótimo. Se forem três, veremos resultados mais rapidamente, compreende?

“Que sejam quatro, cinco, todas”, pensei. Mas não disse nada porque ela não acreditaria em mim, e não me importava. Voltar a falar e recuperar a minha vida tinha-se tornado a minha prioridade, e a minha terapeuta da fala não me conhecia em modo *kamikaze*.

– Por onde começamos? – escrevi.

– Esta semana tem de vir a mais sessões, tenho de lhe fazer uma série de exames antes de começarmos a reabilitação. Pelo relatório da equipa que o operou e pelo que a Diana, desculpe, a doutora Aldecoa me contou, prescreveram-lhe medicação. Tem-na tomado?

Assenti com a cabeça. Podia ter sido um idiota recusando-me nos últimos meses a ir à terapia da fala, mas não era suicida nem irresponsável, e compreendi desde o início que os medicamentos que me prescreveram eram vitais para que o meu cérebro recuperasse o mais depressa possível. Não queria tornar-me dependente de ninguém, nem ser um estorvo para o meu irmão Germán, e muito menos para um avô quase centenário como o meu, mesmo sendo a pessoa mais forte que eu conhecia, capaz de aguentar isso e muito mais.

– Ainda bem, Unai. Está a receber o mesmo tratamento que se faz em certos casos de Alzheimer e de Parkinson, com excelentes resultados em casos de traumatismos cranioencefálicos como o seu. A origem da lesão, a bala, foi-lhe extraída durante as primeiras horas, por isso o prognóstico, devido à sua idade e à sua excelente forma física e mental, era bastante favorável. Prognóstico que o Unai sozinho pôs em causa – disse-me, olhando-me fixamente com os seus olhos delineados por aquele risco tão bem feito. Não esperava uma reprimenda na minha primeira consulta, mas não estava a dizer-me nada que não fosse verdade.

– Sabe, compreendo o seu stresse pós-traumático, mas também nesse caso devia ter procurado ajuda e ido a um psicólogo. Coisa que, obviamente, também não fez. Por isso, senhor autossuficiente, faça o favor de demonstrar ao mundo inteiro que tinha razão e que sozinho vai sair desta.

– Combinado – escrevi. – E depois do seu relatório?

– Começamos por desinibir a sua linguagem oral: contagem dos dias da semana, meses do ano, números... Também faremos exercícios na consulta e vou mandar-lhe cantar melodias conhecidas em casa e frases repetidas. É religioso?

Neguei com a cabeça.

– É uma pena, as orações como o Pai-Nosso costumam ser muito úteis.

– Deve haver outra maneira – escrevi.

– A música – respondeu Beatriz.

– Isso dá para mim.

– Cante quando estiver sozinho. No duche, em casa, no carro...

“Desinibir a minha linguagem oral”, repeti para mim próprio. “De acordo. Posso fazer isso. Passo muitas horas sozinho. Não me vou calar nem debaixo de água.”

– Também tem de reaprender a pronunciar as palavras. Vamos pronunciar palavras em coro, tanto sussurrando como em voz alta. E vamos reabilitar o seu vocabulário ativo: eu descrevo-lhe um objeto e o Unai encontra o desenho

correspondente e tem de o nomear. Como vejo que gosta de estar pendente do telemóvel, vai descarregar duas aplicações em que tem de identificar objetos e dizer o nome deles em voz alta. Na consulta vamos começar logo a falar, primeiro serão bissílabas sem sentido, a seguir três sílabas, quatro... Depois repetirá palavras com estruturas mais complexas. Como lhe disse, tem de desinibir o mecanismo da linguagem. Em afasias como a sua, os pacientes costumam estar muito conscientes dos seus erros e do seu estilo telegráfico. Tem de ultrapassar essa vergonha. E só vai conseguir fazê-lo se praticar muito sozinho e a seguir com pessoas da sua inteira confiança ou com familiares. Tem algum voluntário?

– Dois – atrevi-me a dizer em voz alta. Voltou a sair-me uma voz de cana rachada, mas imaginei que a terapeuta estaria acostumada a ouvir todo o tipo de vozes danificadas, e isso deixava-me muito mais desinibido, tal como ela dissera.

Pegou numa caixa de cartões com imagens, a que chamou “pictogramas” e mostrou-mas.

– São as cartas de Nardil. Com elas vai construir frases de duas, três, quatro palavras... Espero que possa começar a expressar-se em voz alta daqui a poucas semanas. Talvez não com a mesma fluidez de antes, mas o meu objetivo é que fique com o mínimo possível de sequelas na fala. Por outro lado, também tem de reforçar o lado direito do corpo. Faz desporto?

– Corria – escrevi.

“Corria todas as manhãs, mas deixei de ter vontade”, acrescentei para mim próprio.

– Volte a correr, mas também tem de fazer exercícios de força e resistência. Tem de compreender que agora a zona esquerda do seu cérebro precisa de restabelecer todas as conexões possíveis entre os neurónios. Tudo o que estimular a parte direita será bom para si: bolas com picos na palma da mão e nas plantas dos pés, qualquer objeto que trabalhe o toque das extremidades. Tem de se tornar obcecado com a terapia, eu vou vê-lo todos os dias e exigir-lhe resultados. Vamos chatear-nos muitas vezes, mas se deixar de vir, eu continuarei a atender os meus pacientes e o Unai continuará com a sua nova afasia de Broca.

– Nada a objetar.

– Hoje tenho de avaliar a sua deglutição, o estado da sua musculatura buco-facial e a sua voz. Mas vou também ensinar-lhe a práxis oral-facial e quero que comece ainda esta noite a reabilitação. Faça pelo menos uma vez por dia.

Assenti. A minha terapeuta sorriu.

Depois de inumeráveis testes que não percebi e que me pareceram muito repetitivos, deu por concluída a sua avaliação e tirou um espelho da gaveta da

mesa. Então começou a ensinar-me pacientemente a mover a língua de norte a sul, de este a oeste e em todas as direções possíveis no espaço.

Passava das oito quando descemos juntos para a rua, depois de Beatriz trancar o seu escritório e me oferecer um chupa-chupa para manter a língua em movimento.

Já não chovia e arrefecera muito, mas eu não estava à espera que sob a luz de um candeeiro de rua, no passeio em frente, estivesse o meu irmão Germán à minha espera. Estava vestido com um dos seus fatos de alfaiate impecáveis, com as três pontas do lenço a aparecer no bolso, do lado do coração.

– Dia de julgamento? – escrevi no telemóvel e mostrei-lhe.

– Dia de julgamento – confirmou, mas não estava a olhar para mim. Os seus olhos estavam fixos na minha nova terapeuta, e eu apressei-me a fazer as apresentações.

– Beatriz Korres, a minha terapeuta da fala – escrevi no telemóvel, e mostrei a ambos. – Ele é Germán López de Ayala, o meu irmão. O seu escritório de advogados fica na praça América, e pelos vistos decidi vir buscar-me.

Beatriz estendeu a mão, Germán aproveitou para lhe beijar graciosamente a mão, o que costumava resultar muito bem com as mulheres. Olhei para ele um pouco surpreendido, há tempos que não o via fazer aquele gesto. Beatriz, por seu lado, não pareceu surpreendida pela baixa estatura do meu irmão.

– Como é que ele se portou, doutora? – perguntou-lhe enquanto começávamos a andar em direção à rua Manuel Iradier.

– Hoje limitei-me a começar o meu relatório preliminar. Mas vou aproveitar o facto de estar aqui para insistir com o meu paciente para se envolver na terapia, não só durante as consultas. Se o puder ajudar com os exercícios que lhe vou mandar fazer em casa, a sua evolução será mais rápida e...

– Isso está feito – interrompeu Germán. – Todos nós morremos de vontade de ouvir novamente o chato do meu irmão. O Unai e eu vamos beber um copo e comer uns *pintxos* no Saburdi, não sei se quer vir connosco.

Beatriz olhou para ele como se tivesse gostado do convite, e por momentos acho que ficou tentada a aceitar.

– Agradeço-vos muito, de verdade, mas a sessão terminou – disse passando por nós. – Unai, vemo-nos amanhã às sete. Com os deveres feitos. Quero começar já a ver progressos. Germán, muito prazer em conhecê-lo.

Beatriz e os seus *stiletos* grenás foram andando em direção à rua Dato enquanto o meu irmão olhava para ela como se tivesse visto a deusa Mari.

– O que foi aquilo, Germán? – Tive de lhe pôr o ecrã do telemóvel à frente dos olhos para que o lesse, pois não havia maneira de ele deixar de olhar para ela.

– O quê? – perguntou, ainda distraído pelas suas ancas.

– Aquilo – aponte para a minha terapeuta.
– Nada. Fiquei só com a impressão de que estás em boas mãos, e isso deixa-me muito feliz, Unai. Quero ver-te recuperado de uma vez por todas, quero virar a página, que este ano acabe de uma vez e nos esqueçamos dele.

Brilhante. O meu irmão a dar desculpas esfarrapadas era brilhante. E muito elegante, à sua maneira.

O que é que ele poderia dizer? “A tua terapeuta parece ser uma mulher muito interessante?” Imagino que tinha pudor por causa da memória de Martina. Sabia como ele se sentia, tinha passado pelo mesmo depois da morte de Paula.

Culpa por voltar ao mercado, aquela sensação de estar a trair alguém que estava morto. Um sentimento de deslealdade que eu odiara, embora não diminuísse com o passar dos anos.

Voltei cedo para casa, mas deitei-me tarde: repeti as vinte e quatro práxis três vezes. Naquela noite aprendi que podia ter dores musculares no maxilar. Fiquei também com a cabeça em água, depois de descarregar as aplicações que a terapeuta me tinha sugerido e de tentar repetir sílabas sem sentido.

Tomei os medicamentos prescritos pela minha neurologista quase com devoção e adormeci feliz e satisfeito.

Quatro horas. No primeiro dia da nova vida tinha dedicado quatro horas à reabilitação.

...

Levantei-me por volta das oito e tomei o pequeno-almoço calmamente. Desde que estava de baixa e tinha deixado as minhas corridas matinais, habituara-me a ficar debaixo dos lençóis quando dormia em Vitoria.

Em Villaverde havia sempre muito que fazer, e o avô levantava-se antes de cantar o galo de Pruden, o nosso vizinho, pelo que me permiti um pouco de preguiça outonal.

Liguei o telemóvel e vi uma chamada não atendida de Estíbaliz, e ia escrever-lhe pelo WhatsApp quando me apareceu no ecrã um dos números da esquadra. Ouvi *Lau teilatu*, a música do meu telemóvel desde o verão, e que me recordava demasiado Alba e o que vivemos sob aquele teto, mas não me decidia a mudar o toque, apesar de doer de cada vez que o ouvia.

Respondi com um “sim”, que era a minha palavra preferida, pelo bem que me saía. O que a terapeuta me dissera sobre a “desinibição” da minha linguagem tinha-me ficado profundamente gravado na mente. De qualquer maneira, esperava que fosse Estíbaliz quem me ligava.

– Hum... inspetor Ayala?

– S... sim? – repeti com menos confiança, pois não reconheci a voz grave que me ligava de Lakua.

– Sou a agente Milán. A inspetora Gauna saiu e pediu-me que lhe ligasse para o pôr a par de todas as novidades.

– E? – perguntei. O *e* sozinho também era fácil, e muito útil. E eu que nunca me apercebera disso.

– Sabe, a inspetora pediu-me para rastrear as contas bancárias da Ana Belén Liaño. Custou-me um pouco, mas a que nos interessa obviamente é a que abriu no Kutxabank quando ganhou os três milhões de euros. O interessante é que descobrimos que um indivíduo chamado Asier Ruiz de Azua também é titular da conta.

Fez-se um segundo silêncio. Eu não teria sido capaz de responder, mesmo que tivesse recuperado a fala.

– Fiz uma pequena investigação na nossa base de dados – continuou com a sua voz de barítono. – O curioso é que esse tal Asier tem quarenta anos, é casado e farmacêutico. Na verdade, é dono de duas farmácias, na rua San Francisco e no bairro de Salburua. Até onde fui capaz de cruzar dados, não tem nenhuma relação familiar ou de trabalho com a vítima. Pensei que podia ser o pai da criança que ela esperava, não acha?

Eu não achava nada porque tinha ficado em estado de choque ao ouvir que Asier, o mesmo que dias antes negou tê-la visto nos últimos vinte anos, tivesse aberto uma conta com Annabel Lee, e que ela lhe tivesse confiado metade dos seus três milhões.

A rua San Francisco

22 de novembro de 2016, terça-feira

Foi então que recebi outra chamada, desta vez de Estíbaliz.

– Tens de vir à farmácia de Cuesta do teu amigo Asier, Unai – disse com urgência, e o tom da sua voz não pressagiava nada de bom. – Encontrei o corpo dele caído no chão.

Desci as escadas a correr, com o cérebro ainda a meio-gás pelo sono pesado daquela noite, tentando não antecipar nada.

Não me passava pela cabeça que pudesse ter acontecido alguma coisa de mal a Asier. Ele era demasiado duro, uma rocha, alguém infalível, uma única peça. Conhecíamos-nos há quase quatro décadas e nunca o tinha visto quebrar.

Não, não lhe podia ter acontecido nada.

Cheguei à farmácia do meu amigo cinco minutos depois. Estíbaliz incitava-me com a cabeça junto à porta de entrada.

A farmácia que Asier herdara era uma cápsula do tempo, daquelas com chão de xadrez, potes de cerâmica de Limoges com princípios ativos e balanças de cobre.

Mas ver o Asier com a sua bata branca salpicada de sangue, deitado, imóvel no chão do século XIX, parou-me o coração, e lancei-me sobre ele à procura de pulso.

Estíbaliz olhou para mim, preocupada.

– Calma, Unai. Não está morto, só inconsciente. Não sei porque diabos é que a ambulância ainda não chegou, já a chamei há bastante tempo. O Asier tem um golpe profundo na sobrancelha, é por isso que sangra tanto. Imagino que lhe devem ter dado uma pancada na cabeça que o deixou KO.

Passava pouco das oito e meia da manhã e Vitoria acordava com preguiça. Os vários negócios do centro antigo não abriam antes das dez, e só passavam pessoas sonolentas que se dirigiam ao trabalho em piloto automático. Ninguém reparou que no interior da farmácia jazia estendido o corpo manchado de sangue do farmacêutico do bairro. Mas eu sim, e ninguém me conseguia livrar do susto. Pensar por momentos que um amigo que conhecia desde criança pudesse estar

morto deixou-me devastado, e tornei a duvidar da minha decisão de voltar a ser um investigador no ativo. Pelo menos na Unidade de Investigação Criminal, cujo trabalho incluía ver mortos quase todas as semanas. Estava preparado para regressar? Queria fazê-lo?

Felizmente, Asier tinha a cabeça mais dura do que eu, pelo menos o osso occipital, onde um galo crescia a cada segundo e mostrava que alguém lhe batera na nuca. Mas o mais impressionante era o sangue que lhe escorria da sobrancelha direita.

Foi então que me apercebi de que tinha nas mãos algo de que não gostei. Peguei numa toalha da casa de banho do pessoal para lhe limpar o sangue, mas também lhe tapei a mão dissimuladamente para que Estíbaliz não pudesse ver.

“Deixa-me falar com ele primeiro”, implorei a Estíbaliz com o olhar enquanto o carregávamos para a sala dos fundos, onde tinha um pequeno escritório.

A minha colega não adorou a ideia, mas consentiu.

No escritório havia um sofá onde o deitámos, e não tardou a acordar, abrindo os olhos com um esgar de dor.

– Como estás? – perguntei ao meu amigo com um gesto. Detestei não poder falar. Como lhe podia dizer quão preocupado estava por ele, ou o susto que me pregara ao acreditar, por milésimas de segundo, que ele estava morto?

– Estou um farrapo – respondeu desgostoso olhando para a bata ensanguentada. – Ajuda-me a despir esta merda, que daqui a meia hora chegam as auxiliares e não quero que saibam de nada do que aconteceu. Percebes? De nada.

– O que é que aconteceu? – escrevi no telemóvel.

– Não o consegui ver, mas uma besta bateu-me com força na cabeça e perdi a consciência. Deve ser algum drogado madrugador, estou farto dessa corja. Vamos ver se roubaram alguma coisa – disse, fazendo tentativas de se levantar do sofá. Eu impedi-o.

– Não o viste? – insisti, mostrando-lhe o ecrã.

“Porque é que me mentes, amigo?”, pensei, aborrecido.

– Já te disse, estava a acender as luzes, e fui idiota e deixei a porta destrancada enquanto ia ao quadro elétrico, e alguém me bateu por trás.

“Muito bem, tu é que quiseste assim.”

– Asier, antes de te baterem por trás, fizeram-te um golpe na sobrancelha, e tu defendeste-te, porque tens os nós dos dedos em carne viva. Tu viste-o. Sabes quem foi e não me estás a contar. Que raio se passa aqui? – escrevi, perdendo a paciência.

– Já te disse, deve ter sido um drogado. Não vi nada – insistiu.

– Este não é um bairro de viciados durante a semana. Viemos falar contigo porque encontrámos algo no decorrer da investigação do assassinio da Ana Belén Liaño. Vais mesmo continuar a negar tudo? – escrevi, um pouco cansado de todo aquele teatro.

– Negar o quê?

– Que abriste uma conta com ela quando ganhou a lotaria.

– Não tenho de te explicar isso a ti, Unai. São assuntos privados.

– Deixam de ser quando és investigado por homicídio.

– Tens uma ordem de detenção do juiz?

“Estás parvo, ou quê, amigo?”

– Ainda não, mas se te recusares a colaborar ou a dar explicações, é possível que a inspetora Gauna te venha deter por obstrução à justiça. É uma possibilidade. – Mostrei-lhe, um pouco maldisposto por ele me obrigar a escrever aquelas frases. – Há outra coisa que te quero perguntar. Quando te contei no outro dia que a Ana Belén estava morta, disseste alguma coisa à tua mulher?

Araceli, a mulher de Asier, era boa pessoa, mas já tinham tido problemas no passado por causa dos seus ciúmes patológicos com algumas ex de Asier, e não é que Asier se tivesse transformado num santo depois de se casar. Intrigava-me saber como o meu amigo estava a gerir o assunto delicado da morte de Annabel Lee com ela. Intrigava-me muito, na verdade.

– Não metas a Araceli nisto, Kraken – disparou e o seu rosto ficou tenso de raiva a poucos centímetros do meu. – Ou tu e eu acabamos muito mal. Não envolvas a Araceli. Nem penses em falar com ela.

“É por isso que não queres que a veja, caso tenha havido um episódio de violência doméstica e lhe tenhas marcado a cara com esses nós dos dedos?”, pensei.

Mas naquele momento, Estíbaliz, que nunca foi a pessoa mais paciente do mundo, aproximou-se de nós com cara de “já vos dei bastante tempo”.

– Olá, Asier. Parece que não nos queres facilitar a vida. Vais fazer queixa do drogado invisível?

– Serviria de alguma coisa? Iam a correr investigá-lo e depois traziam-mo algemado numa bandeja? – respondeu-lhe, regressando ao seu tom frio e monocórdico de sempre.

– Não te armes em esperto comigo, não tens nada a ganhar com isso – respondeu ela. – Diz-me, e vou ao cerne da questão, porque é que levantaste duzentos mil euros da conta que tinhas com a Ana Belén Liaño dois dias antes da sua morte?

Não tinha conhecimento daquela informação. Milán não o tinha partilhado comigo e ouvi-lo deixou-me atónito. Duzentos mil euros? Para que precisava

Asier de duzentos mil euros?

– Como já disse ao meu amigo Kraken, não tenho de vos explicar nada a não ser que tenham um mandado judicial – respondeu.

Quando olhei para o rosto hermético de Asier, soube que não lhe conseguiríamos sacar nada.

Nada de nada.

– Como é que a Ana Belén reagiu ao saber que lhe tinhas tirado uma parte do seu prémio? Ficou chateada, discutiram, chamou-te ladrão, oportunista...? – insistiu Estíbaliz, interpretando o seu papel. – Foi por isso que a mataste, para poderes ficar com metade do prémio antes que ela se fartasse de ti, dinheiro que é legalmente teu por teres aberto uma conta conjunta com ela?

– Estão a dar tiros no escuro. Boa sorte com isso – limitou-se a responder.

Naquele momento chegou a ambulância. Um homem de uniforme com um nariz grosso começou a tratar-lhe da ferida na sobrancelha, que ainda sangrava.

– Vocês são parvos? Todas as pessoas do centro antigo vão ficar a saber. Muito obrigado, Kraken, pela tua lendária descrição. Muito obrigado – disse quando o paramédico voltou à ambulância para ir buscar mais material, e lançou-me um olhar tão azedo que me deixou um sabor amargo o dia todo.

Sabia-me a uma decepção e a uma rivalidade muito antigas, que eu pensava estarem enterradas.

Estíbaliz e eu saímos da farmácia centenária partilhando um mal-estar daqueles que provocam úlceras.

– Anda, convido-te para tomar o pequeno-almoço no mercado de Abastos. O idiota do teu amigo foi tão estúpido que me deu vontade de lhe roubar medicamentos, mas resisti. Vamos celebrar, hoje é um grande dia – propôs Estíbaliz num tom sombrio.

Uma vez lá, e depois de pedir uma tortilha no Txiki, Estíbaliz aproximou-se do balcão e regressou à nossa mesa com dois exemplares dos jornais do dia, *El Correo Vitoriano* e *El Diario Alavés*.

– Já te apercebeste de uma coisa, Unai? – sondou-me, virando as páginas do *El Diario Alavés*.

– N... não – aventurei-me a dizer em voz alta.

– O nosso amigo Lutxo está calado que nem um rato. O jornal dele não fala da Ana Belén Liaño. Nem *El Correo Vitoriano*. Mas estive no funeral, logo soube do que aconteceu. Imagino que lhe contaste. Compreendo se lhe tiveres contado.

– Sim, a título pessoal. A ele, ao Asier e ao Jota. Era uma amiga da adolescência. Tinham o direito de saber – defendi-me.

– És o meu herói no que toca a eufemismos: “amiga da adolescência” – comentou com uma expressão irónica. – Mas voltando ao Lutxo, é a primeira vez

na minha longa vida que o vejo renunciar a uma manchete escabrosa.

– Lembra-te do segredo de justiça. Tem de o respeitar – indiquei.

– Sim, mas o Lutxo poderia noticiar a morte da autora de banda desenhada Annabel Lee sem a relacionar com a descoberta do corpo da alpinista grávida no túnel de San Adrián. E não o fez – replicou.

– Deve ter sido por respeito para com a Annabel Lee – escrevi, mas nem eu acreditava nisso.

– Ou não lhe interessa que se saiba – comentou com a boca cheia de tortilha.

...

Uma hora depois, já com bastantes hidratos no sangue, entrámos no gabinete da doutora Guevara, no Palácio da Justiça, no final da avenida Gasteiz.

Na sexta-feira a seguir à reunião fizeram a autópsia a Annabel Lee e tínhamos recebido o relatório, mas depois da nossa visita a Héctor del Castillo no Museu de Arqueologia da Cantábria tinham-nos surgido algumas dúvidas que precisávamos de esclarecer com ela.

A médica-legista esperava-nos sentada à secretária do seu gabinete. Cumprimentou-nos amavelmente e convidou-nos a sentar.

– Que tal o fim de semana? Recuperaram do susto da tempestade de granizo?

– É preciso seguir em frente. Como está? – respondeu Estíbaliz enquanto se sentava.

– Na verdade, bastante afetada pela morte do Cuesta. Foram muitas análises a locais de crime juntos ao longo das nossas carreiras. É duro, mas é preciso seguir em frente, como dizes – suspirou. – Em que vos posso ajudar?

– Temos uma dúvida quanto à morte da Ana Belén Liaño. A linha de investigação que estamos a seguir até agora leva-nos a suspeitar de um elemento ritual na hora de a assassinar – começou Estíbaliz.

– E a vossa função é encontrar uma explicação para o que fizeram com esta pobre mãe – interrompeu-a calmamente. – Mas eu concordo convosco. Em todos estes anos de profissão, nunca tinha visto nada parecido. Pendurar alguém pelos pés, amarrada, e matá-la mergulhando-a num caldeirão cheio de água... Não é uma morte habitual.

– E se tiverem sido três mortes e não uma? – escrevi no telemóvel e mostrei-lhe.

– Três? Como assim? Não entendo a tua pergunta, Ayala.

– O que o meu colega quer saber é se é possível que a Ana Belén Liaño tenha sido morta numa cerimónia celta chamada Tripla Morte. Consiste em queimar, enforcar e afogar a vítima até morrer. Neste caso, falta-nos o elemento fogo. Lemos o seu relatório da autópsia com muito cuidado, analisámos todas as fotos

do cadáver, tanto as que foram tiradas no local do crime como as que nos enviou. Só uma pergunta, doutora – disse Estíbaliz, separando uma imagem do pescoço de Annabel e mostrando-lhe. – Estes dois furos no pescoço podiam ser compatíveis com os dardos de uma arma *Taser*?

A médica afastou a foto o máximo que o seu braço permitiu para a observar com atenção e acabou por pôr os óculos em forma de meia-lua que tinha pendurados numa corrente dourada.

– Não sou especialista em armas de eletrochoque – disse em voz baixa enquanto estudava a fotografia calmamente. – Mas têm razão, estas marcas podem ser perfeitamente compatíveis com uma arma semelhante. Estavam sob um dos hematomas no pescoço e eu pensei que eram pequenos cortes devido à violência dos golpes que ela mesma causou. Quanto à Tripla Morte, tal como vocês disseram, é verdade que a vítima estava viva quando foi submersa de cabeça no caldeirão. Encontrámos água nos pulmões, por isso ela ainda respirava, e claro que resistiu. Se antes tiver sido imobilizada com uma pistola *Taser*, o efeito passou antes de morrer afogada. Mas isso pode acontecer: o assassino ou assassinos dispararam nas costas, ela ficou fora de combate durante algum tempo, o suficiente para a amarrar com as braçadeiras, pendurá-la pelos pés com a corda e içá-la numa árvore. Depois mergulharam-na de cabeça no Caldeirão de Cabárceno, e os seus músculos já lhe obedeciam quando tentou tirar a cabeça e respirar para salvar a sua vida e a do seu filho.

Engoli em seco quando ouvi aquelas duas últimas palavras: Annabel esperava um menino, a médica viu o feto de vinte semanas e o sexo já estava definido.

Saber aquele dado tornava mais real o drama de o assassino ou de os assassinos terem tirado duas vidas, e isso levava-me à pergunta inevitável: quem era o pai do filho que Annabel Lee esperava?

Sabia que se podia extrair o ADN, a médica tinha guardado uma amostra biológica da mãe e do feto e podia mantê-la durante alguns meses. Sabia que a podíamos comparar com a amostra de ADN do possível pai, mas que para isso precisávamos de uma ordem do juiz Olano, e não íamos consegui-la se não apresentássemos indícios fidedignos da identidade do suspeito, de um motivo mais do que razoável e de que essa mesma pessoa podia estar também implicada no homicídio de Ana Belén Liaño...

Contudo, ainda não estávamos de modo algum nesse ponto da investigação.

De momento, tínhamos uma conta bancária que relacionava Ana Belén com Asier, mas não era suficiente para o juiz Olano nos assinar um mandado que obrigasse Asier a submeter-se a um teste de paternidade.

De qualquer modo, tentei comprovar e enviei uma mensagem pelo WhatsApp a Araceli. Queria saber se ela tinha algo que ver com a sobranalha de Asier e

também a queria ver a ela, para detetar se exibia algum indício de violência no rosto.

– *Kaixo*, Araceli. Podemos encontrar-nos? – escrevi.

– Passa-se alguma coisa, Unai? – respondeu passado pouco tempo.

– Não, nada – menti por escrito. – Queria só tomar um café para pormos a conversa em dia. Um pouco de normalidade, suponho.

– Claro. Combinamos na próxima semana. Estes dias estou em Deustos. Aulas e mais aulas. Sabes como é.

– Avisas-me quando voltares, para nos vermos? – despedi-me.

Regressei a casa tão frustrado como Estíbaliz.

Não falámos muito durante o caminho, ambos sabíamos que se Ana Belén tivesse sido morta também com um elemento de fogo, a perspectiva da Tripla Morte celta não era nada animadora.

Um crime ritual tem mais a ver com o ritual e o sacrifício em si do que com a vítima. O que significava que podia voltar a repetir-se.

Em relação ao crime de Rebeca Tovar, era pouco provável que lhe tivessem disparado com uma *Taser* porque em 1993 o uso dessas pistolas não estava generalizado na Europa, mas era impossível saber se a tinham queimado de alguma maneira depois de o corpo ter sido retirado da árvore em Fontibre.

Talvez por isso nunca tenha aparecido.

Contive a náusea quando pensei no corpo queimado de Rebeca, parecia-me um final demasiado sombrio e tétrico para uma menina frágil como ela.

A avenida Fray Francisco

23 de novembro de 2016, quarta-feira

Na manhã seguinte pus o despertador para as seis. Saí para a rua por volta das seis e meia: Vitoria estava gelada e às escuras, mas eu não me importava. Meti-me pelo parque da Florida, que àquelas horas parecia uma gruta vegetal, e abrandei o ritmo quando cheguei ao Paseo de la Senda.

Encontrei-a, a correr com as suas *leggings* brancas. Ficou surpreendida ao verme, deduzi que ela nunca tinha deixado de treinar e que regressara às rotas que partilhámos em tempos.

Para mim, vê-la ali, antes do amanhecer, foi como regressar ao verão passado, aos primeiros dias de agosto. Aquela química que tivemos, sem saber que a morte estava já a caminho.

Agora a vida também estava a caminho, e ambos o sabíamos.

Mas tinha de ser justo com ela, e era o momento de parar de jogar e de pôr as cartas na mesa.

– Inspetor Ayala ou Unai? – perguntou, quando parei bloqueando-lhe o caminho.

– Ambos – escrevi.

– Tu me dirás – disse, atenta aos meus gestos.

Estávamos debaixo de um candeeiro com uma luz amarela, o céu ainda não estava do azulão dos amanheceres de Vitoria.

– Não quero que arrefeçamos, vamos abrandar o passo, tenho muito que escrever – mostrei-lhe o meu telemóvel e encaminhámo-nos para a avenida Fray Francisco.

– De acordo. Começa – concordou.

– A inspetora Gauna informou-te da identidade do cotitular da conta bancária da vítima, Asier Ruiz de Azua, farmacêutico de profissão, casado, e também de que ontem alguém o agrediu de manhã cedo quando estava a abrir as portas do seu negócio e que não quis apresentar queixa.

– Sim, estou ao corrente. Mais alguma coisa?

– Sim, Alba. Há mais, mas ainda não te tinha contado porque queria que contasses comigo como perito neste caso e não queria arriscar-me a que me deixasses fora dele.

Não achou graça, olhou para mim sem compreender e parou, cruzando os braços.

– Unai, conta-me tudo, por favor – disse-me num tom muito grave.

– A vítima foi a minha primeira namorada – confessei-lhe. – Também foi a do Asier, ele faz parte do meu grupo de amigos. E do Lutxo, o jornalista de *El Diario Alavés*. E de outro amigo, José Javier Hueto, aliás, Jota.

Alba assimilou o que lhe estava a contar e tudo o que isso implicava.

– Unai, estás a dizer-me que vocês os quatro, amigos, estiveram com a mesma rapariga? Não me faças repetir piadas fáceis sobre os grupos de Vitoria e como costumam partilhar tudo.

– Não é minha intenção – repliquei sem vontade de brincar. – Foi a nossa primeira vez, para os quatro. Aconteceu em julho de 1992, fomos como estagiários para um projeto de um povoado celta na Cantábria. Também precisas de saber que a Rebeca Tovar, a rapariga de catorze anos pendurada numa árvore em Fontibre, e o pai dela estiveram no mesmo acampamento.

– Continua, Unai. Conta-me tudo. Agora falo-te como tua chefe, que está a arriscar o seu posto por ti.

– Consultámos um especialista em cultura celta: a forma de ambas as mulheres morrerem pode ser um sacrifício que se praticava há mais de dois mil anos em toda a zona de influência celtibera, incluindo estas terras, mas também a Cantábria. A Tripla Morte celta: vítimas queimadas, penduradas e afogadas num elemento aquático que está relacionado com a fertilidade. Dado que suspeitamos que a Rebeca também estava grávida, seria um ritual de castigo por se supor que elas iam ser más mães. Segundo este ritual, o bebé por nascer seria entregue a umas deusas do panteão celta: as três *Matres*, uma espécie de deusas mães.

– Meu Deus, outra vez não... Um psicopata não – murmurou ela levando as mãos à cabeça com um gesto de dor que me surpreendeu.

Alba não era muito expressiva com as suas emoções, e deixou-me um pouco desconcertado vê-la tão vulnerável diante de mim.

– O que achas, como especialista em traçar perfis? – perguntou-me.

– Para ser um assassino em série precisamos de três assassinios com um período de pausa entre eles, como bem sabes. Mas não podemos deixar de reparar na semelhança do *modus operandi* de ambos e do ponto de vista da vítima isso é ainda mais óbvio: mulheres grávidas fora do matrimónio. Isto não me cheira nada bem, Alba. Diria que estamos no início de uma série e que o assassino ou assassinos tiveram imensa sorte com a tempestade em San Adrián.

Acho que se foram os mesmos de Fontibre, ali retiraram o cadáver com medo do que a polícia pudesse encontrar. Com a Ana Belén, os montanhistas descobriram o cadáver contra todos os prognósticos, é uma paragem inóspita no inverno e durante a semana. O assassino pensava voltar para ir buscar o caldeirão, que talvez tenha roubado para futuros rituais. Mas a impunidade de não ter saído na imprensa e de não haver detidos pode ser nefasta. Vão sentir-se encorajados, achar que são invencíveis. Temo que isso possa reduzir o período de pausa.

Alba leu e acabou por se sentar num banco diante da Villa Sofia, um palacete oriental do século XIX que parecia saído das *Mil e Uma Noites*, e que não combinava nada com a fachada da residência do *lehendakari*⁶, mas ela ficou a contemplar a estranha esfera que a coroava e os minaretes, como se ali estivesse a chave do Universo.

– Não me disseste que conhecias a vítima e pus-te no caso. Arrisquei-me por ti, sabes bem a situação em que me encontro e o escândalo que vai haver por causa da minha gravidez e tu... escondeste-me essa informação? Jogas sujo comigo?

Assenti, não o podia negar.

– Unai, não podes continuar a ignorar as normas e as hierarquias por causa dos teus assuntos pessoais. Não vais arrastar todos, já o fizeste no caso anterior. Não podes querer voltar à Unidade se me ocultas dados relevantes da investigação.

– Lembro-te de que fomos nós os dois que irritámos o teu marido e que por isso morreram a minha cunhada e o irmão da Estíbaliz. Não quero ser injusto contigo, mas tu também ignoraste as normas, Alba.

– E vou pagar por isso durante toda a minha vida – sussurrou.

– Não quero que falemos do que já não tem remédio. O passado é o passado – escrevi. – Quero que falemos do facto de eu ser a pessoa mais indicada para resolver este caso. Conheço o ambiente, as vítimas e os prováveis suspeitos. Deixa-me continuar como perito na investigação. A Estíbaliz é tão teimosa como eu e está a conduzir esta investigação muito bem, mas não conhecia nenhuma das vítimas. Não desperdices o contributo que eu posso dar. Trata-se de prender esse monstro, ou monstros, não te esqueças.

– Não me esqueço, Unai. Nem por um momento. És um dos melhores *profilers* a nível nacional, e penso que vamos perder um ativo vital se não voltares, mas não tornes a esconder-me informação, porque não o vou permitir. Não transformes o meu trabalho num inferno, está bem?

Afirmei com a cabeça.

Alba levantou-se do banco depois de olhar para o relógio e perdeu-se pela Senda enquanto amanhecia.

~~6~~-Presidente do governo basco. (N. da T.)

O charco de Villaverde

23 de novembro de 2016, quarta-feira

Voltei para casa e passei a manhã à espera de uma chamada de Estíbaliz que não chegou, pelo que assumi que não requeria a minha presença e que estava a cruzar dados no escritório. Aproveitei para ir a Villaverde, a minha pequena aldeia na Montanha Alavesa, quarenta quilómetros a sul da capital.

Germán e eu revezávamo-nos a ir durante a semana ver se estava tudo bem com o avô. Não que ele pedisse a nossa ajuda; apesar dos seus noventa e quatro anos, organizava-se perfeitamente sozinho e geria melhor as suas tarefas no campo do que um especialista em produtividade, mas dava-lhe sempre jeito que lhe déssemos uma mão na horta.

Encontrei-o sentado no sofá, ressonando debaixo da boina que lhe tapava a cara da claridade da tarde que entrava pela pequena varanda baixa da cozinha, diante da lareira acesa que vinha mesmo a calhar para aquecer a casa enorme de paredes de pedra.

Apesar de dormir profundamente, era como as lebres, que dormem com um olho aberto; e assim que me aproximei, ele ajeitou a boina na cabeça e perguntou-me alegremente:

– Como estás, filho?

Fiz-lhe um gesto cúmplice para que visse que a semana me tinha corrido bem, o que não era de todo verdade, mas não havia necessidade de o preocupar.

– Vens comigo até à horta? Quero ver como estão os alhos-franceses.

Assenti e segui-o escada abaixo. A horta do avô estava muito tristonha no inverno, só plantávamos alguns legumes que aguentavam os rigores de Villaverde gelado. Descemos por umas escadas ganhas ao desnível, que o próprio avô tinha construído com muito suor, e contornámos a parede de pedra que ia dar a um charco meio cheio, que usávamos para a rega.

– O Germán disse que aquela médica te vai curar em pouco tempo. Não para de falar dela, de como é boa moça – comentou com uma expressão divertida, concentrado em não cair das escadas.

– É boa moça, sim – escrevi no telemóvel.

O avô ficava incomodado com as minhas mensagens no telemóvel, pois como via mal ao perto não as conseguia ler, e tinha de pôr os seus óculos de massa, aos quais ainda não se adaptara.

– E essa médica não te disse para parares de uma vez por todas com essa porra de telemóvel? – disse, e surpreendeu-me a sua expressão tão dura. Não era própria do avô.

– Não – escrevi, também aborrecido.

“Estou a tentar, avô. Estou a tentar”, quis dizer-lhe.

– Afinal essa médica não presta para nada. Qualquer pessoa com dois dedos de testa sabe que não vais falar, se te safas bem com esse traste – disse de mau humor, parado a meio da horta.

– É o que há. Tens um neto mudo e vais ter de o aceitar – escrevi com maiúsculas. Eu estava cada vez mais aborrecido e ele também.

O avô leu a minha frase lapidar e, antes que eu me apercebesse, arrancou-me o telemóvel da mão e atirou-o para o outro lado do charco.

– Não! – gritei sem poder acreditar.

E corri para ir buscar um velho escadote de madeira que descansava junto de outros utensílios agrícolas.

– Agora não tens outro remédio senão falar – concluiu ele com a sua lógica irrefutável.

Ignorei o comentário e carreguei o escadote aos ombros. Subi com menos cuidado do que devia e olhei para o charco. Media cerca de três metros por quatro, mal se conseguia ver o fundo porque a superfície estava suja de ramos e de algas.

Saí a correr à procura de um ancinho e regressei com ele. Concentrei-me em acalmar-me e não descarregar no avô.

“Ele está a ajudar-te, à sua maneira o avô está a ajudar-te”, repeti para mim mesmo, mas não funcionava.

Subi de novo tentando equilibrar-me no escadote instável caseiro e passei o ancinho pelo fundo.

Passei ali duas horas, horas desesperantes, passando em revista o fundo do charco. Tirei quilos e quilos de algas gelatinosas e de ramos podres.

O avô apareceu à hora do almoço com uma expressão preocupada.

– Vamos, filho, tens de comer alguma coisa – disse-me –, vem para casa.

Neguei com a cabeça e concentrei-me, frustrado, em cada um dos cantos que ainda me faltava inspecionar.

– É só um telemóvel, filho, já nem o desligavas à noite. Não podes passar o resto da vida a escrever nele tudo o que te acontece. As pessoas vão cansar-se.

– Está... tudo... – tentei pronunciar a frase “Está tudo bem”, mas não consegui terminá-la. Ainda não tinha recursos nem perícia.

Subi para ir almoçar com o avô, um creme quente de abóbora que me reconfortou um pouco a alma, mas a minha mente estava naquele charco.

Retomei a minha operação de resgate depois de me aperceber de todas as castanhas que o avô assara. Mudei de tática, recuperei umas botas altas de pescador e meti-me no charco, apesar de a água estar gelada. Agradei o comprimento dos meus braços e revistei centímetro a centímetro os doze metros quadrados de solo escorregadio e gélido. Só ao final da tarde, quando os candeeiros estavam prestes a acender-se e as pernas não me respondiam por causa do frio, é que recuperei o que restava do meu telemóvel.

Conhecia o perigo de um curto-circuito, de modo que tirei a bateria rapidamente. Levei-o para casa do avô com mais cuidado do que se carregasse uma trufa branca de meio quilo e retirei-lhe a humidade com papel secante. Sabia que tinha de o deixar algumas horas num ambiente seco, mas não demasiado quente e resignei-me a passar a noite em Villaverde sem saber se o meu telemóvel ressuscitaria ou não.

O avô observou toda a minha operação em silêncio, paciente e discreto. Sabia que tínhamos uma conversa pendente.

Fui ao meu quarto e procurei uma folha de papel na gaveta da mesa de cabeceira.

– Desta vez foste longe demais, avô. Naquele telemóvel estavam todos os meus contactos de trabalho e muitas fotos que não estão em mais nenhum sítio. Era o meu escritório, a minha vida – escrevi-lhe numa letra com um tamanho gigantesco.

– Tens a vida toda pela frente e estás a deitar tudo ao lixo por cobardia, filho. E se atirámos quinhentos euros à água para que te apercebas disso, então foram bem empregues. Eu pago-te um telemóvel novo, não te aflijas – disse num tom conciliador.

– Não é pelo dinheiro, avô. Não é pelo dinheiro. Não te preocupes com isso – escrevi na folha.

Às vezes as lições do avô doíam, talvez mais a ele do que a mim.

Mas o avô tinha razão: o telemóvel era apenas um objeto e eu tinha-lhe dado o poder de se tornar o centro da minha existência, o meu salva-vidas ou, como dissera Héctor del Castillo, a minha muleta.

Finalmente fui para o quarto e procurei dormir. Na manhã seguinte despertei de uns sonhos agitados e saltei da cama para ir buscar o aparelho. Montei-o, mas não ligou. Tinha ficado sem telemóvel.

Liguei o portátil e pensei nas minhas opções, para além de ir a correr a Vitoria comprar um telemóvel novo para continuar a estar operacional na investigação.

Não queria que os meus colegas da Secção de Delitos em Tecnologia da Informação ou Milán tivessem acesso à memória do telemóvel. Ainda guardava as mensagens que eu e Alba trocámos no verão, e não queria expô-la dessa maneira.

Ponderei as minhas opções durante bastante tempo e depois, não muito convencido, decidi enviar-lhe um *email*:

– Golden, preciso da tua ajuda, já – limitei-me a escrever.

Golden Girl, a rapariga de ouro do *hacking* nacional, cobrava sempre caros os seus favores. Por detrás da sua aparência de respeitável senhora mais velha com cabelos brancos, havia uma especialista reformada em segurança informática que trabalhara na Cisco durante décadas e que dava baile a muitos *crackers* experientes.

– O que precisares, Kraken. Estou aqui – respondeu passado um minuto.

Expliquei-lhe brevemente o meu acidente aquático e combinei com ela daí a uma hora e meia em Vitoria para lhe entregar o que restava do meu telemóvel.

Golden vivia no bairro das Pulmonías, numas casas que davam para o pátio interior do antigo Seminário Velho, em frente à praça da Catedral Velha.

Recebeu-me à porta de casa, com o seu cabelo branco cortado à altura do queixo e umas muletas que a tornavam mais velha aos meus olhos do que eu me lembrava. Não me deixou entrar em sua casa, continuava a ser uma *hacker* mal-humorada que não confiava em ninguém, nem sequer em mim.

– E isso? – fui capaz de perguntar em voz alta ao ver as muletas.

– Fui operada à anca há um mês. Mal me consigo mexer e vou morrer de tédio – disse rapidamente. – Obrigada, Kraken.

– E isso? – repeti, recorrendo aos mesmos recursos.

– É praticamente impossível recuperar os dados deste telemóvel. Adoro o desafio. Contacto contigo assim que te possa dar uma resposta – sorriu sem deixar de olhar para o meu *smartphone* como se fosse um ovo de Fabergé.

Agora que já passou algum tempo, compreendo as implicações daquele pedido, tenho consciência de que fui mais um naquela imparável sucessão de erros e horrores de que falava Héctor del Castillo. Daqueles que contribuem para a eterna cadeia de violência que remonta ao Paleolítico, tal como o meu amigo historiador dissera. Mas na altura não sabia, não podia sabê-lo.

Ou é isso que digo a mim mesmo ainda hoje para conseguir dormir à noite.

Sandaili

4 de julho de 1992, sábado

Alguns metros atrás, na penumbra do minibus, o grupo de amigos trocava piadas distraído pela paisagem. Lutxo e Asier, lado a lado no minibus, Jota e Unai atrás deles, sentados juntos segundo os critérios das suas afinidades. Jota tirava fotos que depois revelaria desfocadas, eram os primeiros passos incertos numa vocação recém-desperta.

Todos eles demasiado conscientes da roupa que Annabel Lee escolhera naquele dia, um vestido preto justo e deliciosamente curto que ficava super *sexy* com as suas botas militares amarelas.

Asier disparou, à sua maneira.

– Não és demasiado crescida para fazeres desenhos e gatafunhos?

Annabel nem sequer levantou a cabeça do seu antebraço. À falta de papel, estava a desenhar na pele um enforcado prestes a morrer. A inspiração veio-lhe depois de observar, em silêncio, como os ramos altos dos castanheiros na estrada batiam no vidro do autocarro à altura da sua cabeça.

– São histórias, imbecil – limitou-se a dizer, enquanto nós todos, incomodados, continhamos a respiração. – Vives no mundo material.

– É o que há. Volta à terra, miúda. A mim não me impressiona a tua pose de gótica. Não passas de uma morta de fome.

– Morta de fome? Olha para as tuas calças de ganga de mil pesetas. Vamos fazer uma aposta, senhor hostile: no dia em que morrer, vou ser mais rica do que tu.

Asier não apertou mais os lábios porque não podia. Murmurou um “Apostado” que soou como uma cuspidela e recuou, mal-humorado, no seu assento.

Annabel olhou para ele e Unai observou com preocupação aquele olhar, porque não viu ódio, o que seria lógico. Havia um desafio, uma determinação, uma certa satisfação pela decisão tomada.

Saúl observava a cena pelo amplo espelho retrovisor, guardando o silêncio paciente dos catalogadores. Fazia o mesmo na universidade com os alunos: alfas, betas, passivos, agressivos, hostis, indiferentes... Todos tinham um traço

dominante que os definia e ele sabia tirar partido disso. Naquela idade eram tão... transparentes.

Finalmente estacionara, estagiários e grupo de amigos. Saúl e Rebeca guiaram-nos por um caminho que se estendia paralelo à rocha. Passado algum tempo de caminhada, viram o buraco que anunciava a gruta da ermida de San Elías no alto de uns muros que em tempos foram a casa de uma freira, contou Rebeca enquanto todos subiam a estreita escada de pedra.

À direita, um reservatório, uma piscina retangular talhada na própria pedra. Era importante. Era o motivo da visita, como explicou Saúl.

Fez com que todos parassem.

– Os locais chamam a este lugar Sandaili, mas talvez não seja uma derivação de Santo Elias. Na verdade, nós, os antropólogos, pensamos que se pode dever à santa Ylia, e esta santa, por sua vez, está relacionado com a deusa Ivulia, uma divindade pré-romana, que já aparece numa inscrição encontrada em Forua, Biscaia. Isto é importante. Sabem, para os Celtas, a deusa Ivulia está relacionada com o culto das águas, e esta piscina à vossa frente foi sempre um lugar onde se realizaram rituais da água.

Alguns, como Lutxo, ouviam fascinados; outros, um pouco distraídos.

– Rituais da água? – repetiu Jota, desejoso de agradar.

– Sim, diz-se que a água que emana das estalactites desta gruta é recolhida neste reservatório. Como podem ver, é uma comparação muito óbvia entre o esperma como líquido fertilizante e a piscina como útero. As mulheres dos casarios de Llanada Alavesa, a antiga morada dos Guevara, os senhores desta terra, vieram desde sempre realizar aquilo a que então se chamavam “abluções de fecundidade”, ou seja, metiam-se neste reservatório com água até à cintura. As mulheres de Oñati chamavam a isto *beratu*, em basco, “amolecer”. Eram rituais de fertilidade, esperavam com isto engravidar.

Saúl levou o seu tempo a falar-lhes do que mais amava: como os rituais celtas tinham sobrevivido até aos nossos dias, semiocultos sob cerimónias cristãs que mal podiam disfarçar a sua origem pagã.

Depois entraram na gruta e todos, um pouco cansados do passeio, desembrulharam as suas sanduíches de chouriço e distribuíram-se sentados contra o pequeno muro que rodeava a ermida de San Elías. Pequena, branca de cal e de pedra calcária, um arco semicircular sobre o sino conferia-lhe uma certa personalidade.

Alguns começaram a roncar; era a hora prazerosa da sesta e naquele dia o calor apertava. Os moscardos incomodavam, mas a gruta dava uma frescura que o exterior não oferecia, e todos se deixaram dormir.

Nem todos, na verdade.

Quase todos.

Asier tinha ficado a passear sob a parede que alguns alpinistas costumavam usar para treinar e abrir caminhos. Àquela hora de calor implacável não havia nem rasto deles. Estava um pouco chateado por causa da conversa com Annabel, talvez estivesse a exagerar com ela. Talvez ela já se tivesse apercebido.

“Não, como é que ela se vai aperceber? Não é telepata”, dizia para si mesmo um pouco contrariado.

Saúl apareceu, tinha descido para dar uma volta nas redondezas e encontrou-o ali sentado encostado à parede da rocha, ensimesmado.

– Olha, reparei na tua mão. – Saúl foi direto ao assunto, já tinha pensado um pouco nisso nas últimas noites.

– O que tem a minha mão? – perguntou Asier na defensiva, pondo a mão esquerda no bolso das calças de ganga, onde mal cabia.

– Essa falange malcurada que tens no dedo anelar. Uma rutura?

– Uma rutura, sim – respondeu distraído.

– Eu tive uma parecida na tua idade. O meu pai... O que faz o teu pai?

– É repositor no supermercado Eroski. Agora é quando se vai rir de mim.

– Porque é que haveria de me rir de ti?

– Porque é professor universitário e eu sou filho de um repositor no Eroski e de uma dona de casa.

– Qual é a tua média na escola?

– Muito alta. – Aquele era o seu plano. O seu único plano, na verdade: tirar uma licenciatura, sair da mediocridade de uma família sem cultura e sem estudos. Não queria acabar como o pai, nem morto, com um trabalho manual e mal remunerado.

– Então não tens a minha troça, só o meu respeito.

Nunca, nos seus dezasseis anos de vida, Asier tinha ouvido a palavra “respeito” dirigida a si.

– O que vais estudar? História? – sondou Saúl, com esperança de recrutar algum dos vitorianos para a sua causa.

– Não, algo que me torne muito rico.

Asier era um pouco agarrado ao dinheiro. Os amigos sabiam que se não bebia numa noite, não punha dinheiro no fundo comum, mas acabava sempre por pedir uma *Cuba libre* ou um *kalimotxo* à pessoa encarregada do dinheiro dessa vez. O mesmo com os cigarros, pois havia sempre alguém que caía no seu conto do vigário, e ele não se coibia de pedir quando todos já estavam um pouco com os copos. Normalmente era o bom do Jota, que era, de todos eles, quem tinha mais dinheiro.

O dinheiro, ou melhor a falta dele, obcecava-o e motivava-o a fazer a única coisa que podia fazer com dezasseis anos: ser um bom aluno.

– Compreendo – disse Saúl. E sabia que o jovem entendia. Que era suficiente.
– Em relação ao teu pai...

– Em relação ao meu pai, nada... – interrompeu Asier.

“Antes a mim do que às minhas irmãs”, pensou.

– Eu sei. Não te preocupes que não vou contar a ninguém. Essas coisas não se denunciam; o que se passa em família fica em família. Só te digo que vai chegar o dia em que, quando ele te levantar a mão, tu vais olhar para ele e vais poder aparar o golpe, percebes?

– Não lhe disse que me batiam – respondeu Asier um pouco humilhado.

– Eu sei – respondeu Saúl comedido, prudente, com uma voz cautelosa.

– Não lhe disse nada! – gritou Asier, e levantou-se bruscamente de um salto, incomodado. Arrependeu-se de imediato.

Saúl viu-o afastar-se em direção às escadas da ermida.

– Eu sei – murmurou calmamente.

Saúl esperou cerca de quinze minutos e subiu à ermida em silêncio, comprovou que estavam todos a dormir e aproximou-se da sua filha.

– Vamos, Beca. Vamos descer ao reservatório. A deusa espera-nos.

Rebeca olhou-o com terror no olhar.

– Por favor, papá, aqui não – sussurrou.

Saúl sorriu-lhe, não compreendia o seu medo.

– Vamos, filha. Não me obrigues.

E Rebeca sabia que não havia nada a fazer. Engoliu em seco, baixou a cabeça e desceu em silêncio as escadas estreitas sob o olhar atento do pai.

...

Unai acordou pouco tempo depois, um pouco sufocado pelo calor e com dores no corpo devido à posição em que adormecera. Olhou à sua volta e reparou nalgumas ausências.

Em parte, devido ao seu instinto em confirmar se estavam todos bem, em parte porque tinha de aliviar a bexiga com urgência, desceu as escadas e, uma vez em terra firme, procurou um lugar escondido nas árvores onde pudesse baixar a braguilha com uma certa intimidade.

Não esperava ver o que viu.

Jota deitado na relva, com as calças descidas até aos joelhos. E Annabel montada em cima dele, movendo-se como uma onda. Até o enforcado no seu antebraço se movia.

O famoso vestidinho preto escondia as partes íntimas de ambos, uma alça descida deliberadamente deixava à vista um seio acerca do qual os quatro tinham brincado todas as noites, a tentar adivinhar o número de sutiã.

Annabel, bem-dotada de curvas, consciente disso, boa instrutora, sussurrava a Jota como a acariciar para ela ter prazer.

Jota obediente, alucinado, com ar de quem estava a ver uma deusa da água.

Unai ficou hirto, com a braguilha meio aberta.

Custou-lhe bastante reagir, não por ser um santo, mas porque era a primeira vez que via sexo ao vivo, e durante muitos anos lembrou-se daquela primeira visão de Jota e Annabel, excitado.

Ela foi a primeira a notar a sua presença, mas não parou a sua cavalgada até que a respiração se lhe tornou entrecortada e se serviu da mão obediente de Jota para tapar a sua própria boca, de modo a que os seus gemidos não se ouvissem pelo prado fora.

Para Unai aquela visão foi gloriosa, quase sobrenatural; para Jota também. Depois ela simplesmente desmontou e voltou à sua apatia habitual. Olhou para Unai, tranquila.

Nem rasto de nervosismo ou de vergonha.

Jota também tivera prazer, um pouco mais ruidoso e tudo mais breve, como correspondia à sua primeira vez. Só então se deu conta de que o seu melhor amigo estava parado junto a uma árvore a poucos metros dele.

– Desculpa, não queria ver – tentou justificar-se Unai ao ser descoberto.

– Caramba, Unai, tu viste...? – gritou Jota alarmado, soltando um guincho; foi quase cómico.

– Desculpa, desculpa. Vou-me já embora... só vim mijar... eu não queria... – desculpou-se Unai.

E desatou a correr, já sem vontade de urinar, escadas acima, com a imagem de eles os dois gravada a ferro e fogo na memória.

O estanque celtibérico de La Barbacana

4 de dezembro de 2016, domingo

Tinha passado mais de uma semana desde o incidente com o telemóvel. Golden conseguiu salvar as minhas fotografias e felizmente eu tinha configurado o WhatsApp para que guardasse uma cópia de todas as conversas. Tive de comprar um telefone novo e a operadora fez-me um duplicado do cartão. A minha vida digital salvara-se *in extremis*.

Na esquadra, tínhamos entrado na parte aborrecida da investigação: verificar todas as gravações de veículos nas câmaras de vigilância da Câmara de Zalduondo que ficavam próximas do parque de estacionamento de onde se supunha que Annabel e o seu acompanhante ou acompanhantes tinham subido para San Adrián naquela manhã.

Annabel não tinha carro próprio, por isso alguém teve de a levar até lá. Apesar de ter sido tão cedo, tínhamos cerca de trinta veículos para investigar.

Por outro lado, o telemóvel de Annabel não aparecia, o juiz Olano conseguiu que a sua operadora nos facilitasse um duplicado, mas afinal Annabel era bastante parca em chamadas, e os poucos números marcados na véspera da sua morte eram do seu editor. Constatámos que na manhã da sua morte nem sequer ligou o telefone. Não podíamos seguir os passos das suas últimas horas.

À tarde eu ia obedientemente à consulta da terapeuta da fala, passávamos uma hora inteira a pronunciar sílabas e a formar palavras. Na última semana dediquei uma média de cinco horas aos exercícios em frente ao espelho, a praticar com o telemóvel nas aplicações que descarregara, e instalei uma barra horizontal que atravessava o corredor da minha casa. De cada vez que passava, fazia três elevações. Cerca de trinta por dia. No início tinha os braços cansados, mas conseguia fortalecer o meu lado direito, e enquanto estava em casa não soltava umas pinças para fortalecer a mão direita.

A este ritmo ia tornar-me um kraken de verdade.

No fim de semana estava demasiado desmotivado para sair com o meu grupo de amigos e escondi-me em Villaverde à procura da perspetiva de que necessitava. O avô recusava-se a olhar para o ecrã do novo telemóvel sempre que

eu lhe escrevia alguma coisa, de modo que me vi obrigado a comunicar com ele à base de monossílabos, que ele interpretava com a paciência de um centenário.

No domingo recebi o telefonema de Estíbaliz logo de manhã.

– Estás em Villaverde, Unai? – perguntou a minha colega de rompante. Estava alterada, apressava-me com o seu tom urgente.

– Sim.

– Tens de ir a Laguardia imediatamente – urgiu-me.

– E...? – perguntei sem compreender.

– Ao estanque celtibérico de La Barbacana. Os vizinhos encontraram a porta da entrada do centro de interpretação rebentada, e avisaram a polícia de Laguardia. Enviaram dois agentes para verificar se tinha sido um roubo ou um ato de vandalismo, e encontraram um homem novo pendurado nas vigas do teto. Neste caso não há caldeirão, mas tem o cabelo e a roupa molhada até aos ombros, parece ter sido morto por afogamento. A Milán, o Peña e eu estamos a caminho de lá.

– V... vou – consegui dizer.

Arranquei o *Outlander* que descansava sob a varanda da casa do avô, voei até Laguardia e em menos de meia hora consegui estacionar junto à entrada sul da vila de Álava.

Nunca tinha entrado no centro de interpretação do estanque celtibérico de La Barbacana; pelo que pude ver, havia muros a rodeá-lo. De seguida localizei o carro-patrolha dos meus colegas da esquadra de Laguardia e passei por baixo das fitas que colocaram como perímetro de proteção.

Mostrei o meu distintivo, mas, pelos vistos, já me conheciam. Das notícias, supus. Não me acostumava ao facto de ser uma lenda dentro do meu corpo.

O juiz já tinha dado ordem para se começar a analisar o local do crime. Conhecia os carros da Polícia Científica e Muguruza também já tinha chegado. Atravessei a porta de alumínio que fora rebentada com uma simples alavanca. Percorri um corredor escuro que me levou ao balcão onde presumi que o pessoal atendia os visitantes. Alguém acendera as luzes, bem como a gravação dos sons aquáticos que nos envolviam. As paredes e o teto estavam pintados de um azul muito intenso, quase índigo, que criava o efeito onírico de estarmos a caminhar no fundo do mar.

Vi painéis típicos de um centro de interpretação que explicava a cultura celtibérica que viveu na região há 2100 anos. Conhecia bem aquele período da História: pelas noções arqueológicas que Saúl Tovar me ensinou, mas também por causa do segundo assassinio do duplo crime do dólmen. Nancho tinha matado duas crianças de cinco anos no povoado celtibérico de La Hoya, mesmo à saída de Laguardia.

Um depósito de água vazio, o maior da Europa, abria-se a meus pés. Uma manequim vestida de mulher celtibérica, com uma túnica branca e um toucado da época, simulava aproximar-se do depósito de água, talvez para realizar um ritual, talvez para ir buscar água simplesmente.

Vi a vítima pendurada pelos pés, amarrada com uma corda grossa que pendia de uma das vigas sólidas do teto de cimento azul. A ponta da corda estava presa a um dos pés dos painéis. Era isso que permitia manter suspenso o corpo daquele homem com as mãos atadas. Não era muito alto, parecia jovem. Quando cheguei, foi o próprio Muguruza quem me estendeu uns protetores de plástico para os sapatos e aproximei-me do cadáver.

Ajoelhei-me, em sinal de respeito. Para a merda com a Morte, até há poucas horas aquele corpo estava vivo: “Aqui termina a tua caça, aqui começa a minha.”

As feições pareciam um pouco inchadas, mas eram reconhecíveis. Ou, pelo menos, eu reconheci-o.

O homem morto pendurado à minha frente era o meu amigo Jota.

O hotel Doña Blanca

4 de dezembro de 2016, domingo

Não me lembro bem do que fiz a seguir. Não sei com que técnico comuniquei para lhe dar o nome do meu falecido amigo. Enviei uma mensagem pelo WhatsApp a Estíbaliz. Sei isso porque depois verifiquei as horas das minhas mensagens no telemóvel.

Ordenei-lhe, profundamente embrenhado no meu papel de especialista exigente, que confirmasse com a médica-legista se havia marcas de uma arma *Taser* no corpo de Jota.

Alba ligou-me um minuto depois.

– Estou em Laguardia. A Estíbaliz pôs-me a par da identidade da nova vítima. Quero que venhas a minha casa, Unai. Temos de falar. Vou mandar-te as minhas coordenadas. Tenho uma reunião com o juiz Olano e vou estar perto de La Barbacana. Espera por mim, encara isto como um pedido ou como uma ordem, mas vem para cá imediatamente, está bem?

– Sim – respondi em voz alta.

Era-me indiferente se o meu tom soava estridente. Era-me tudo indiferente, fui derrubado por uma apatia monumental ao reconhecer o rosto azulado de Jota e não me sentia capaz de tirar de cima o peso daquele desmoronamento.

Abandonei La Barbacana sem me despedir de ninguém. Tinham muito que fazer para recolher todos os indícios. Não queria fazer parte daquilo. Analisar com uma mente fria os últimos minutos de vida do meu amigo de infância, do miúdo adorado de quem todos cuidámos e que todos traímos. O Jota quebrado, o Jota do futuro roubado pelo vinho.

Não me lembro da primeira vez que o vi, imagino que terá sido no primeiro dia do primeiro ano na escola primária em San Viator. Uma pessoa mal se lembra daqueles anos longínquos; quando é que os neurologistas dizem que começam as primeiras memórias?

Não sabia. Já não sabia nada.

Deixei-me levar. Alba enviou-me para o telemóvel a localização da sua casa em Laguardia. Não quis pegar no carro, não estava em condições de conduzir.

Vagueei pelas calçadas de pedra, como se uma máquina do tempo me tivesse levado para a Idade Média. Um maldito *eguzkilo* cumprimentou-me no número 96 de um dos becos.

“Agora não, miserável”, murmurei ao passar. A mim nem Deus me protegia dos espíritos malignos.

Percorri a vila em direção a norte, não sabia muito bem onde estava quando percebi que os meus passos me conduziam ao final da avenida Collado e ali, mesmo à minha frente, a morada que Alba me deu e que coincidia com um castelo. Um hotel, na verdade, o hotel Doña Blanca.

Era uma casa senhorial, antiga, que dominava o promontório de Laguardia e à qual nem faltava um torreão octogonal. Subi as escadas íngremes de pedra sem perceber nada e atravessei o portão encimado por um brasão nobiliário.

A parte lateral da casa tinha a parede coberta de hera; era uma espécie de bar com grades e vitrais onde havia muita gente reunida. Não sabia onde procurar Alba.

Naquele momento, uma mulher na casa dos setenta intercetou-me. Ou melhor, uma dama. Tudo nela era distinto, o cabelo com madeixas louras impecáveis, curto e com volume, uma capa a abrigar-lhe os ombros que lhe dava uma elegância intemporal.

– Bom dia, Unai. Estava à sua espera. Chamo-me...

“Aurora Mistral”, pensei, incapaz de processar que estava diante de um dos maiores ícones do cinema e do teatro do século XX. A atriz que ganhou o respeito e uma série de prémios e que seria sempre recordada como a protagonista de *A Casa de Bernarda Alba* nos teatros.

Sabia que se tinha retirado há décadas. Não fazia ideia que vivia em Laguardia. Os joelhos do avô teriam tremido de emoção ao vê-la à sua frente. Era uma lenda desde o pós-guerra, a criança prodígio que atuava e cantava. Era admirada por várias gerações, que acorriam em massa aos cinemas de bairro durante os anos em que durou a sua carreira meteórica.

– ... Nieves Díaz de Salvatierra, sou a mãe da Alba. Pediu-me para lhe dizer que esperasse por ela no quarto de *Amor e Loucura*, no último andar. Ela acabou de sair por causa de uma urgência de trabalho. Se precisar de descansar, esteja à vontade para usar a cama. Eu estou num evento do Club Rotary, desculpe não lhe poder fazer companhia. Aqui tem a chave do quarto.

Aurora, ou Nieves, como ela dizia, entrou no balcão da receção e estendeu-me uma chave pesada.

A mãe de Alba tinha uma presença que não era apenas fruto dos anos passados no palco. Havia nela um porte digno que transmitira à filha, apesar de não serem parecidas fisicamente. Alba era morena, de olhos escuros, esguia. A sua mãe era

loura, de olhos azuis, nem a forma do rosto, nariz ou sobrancelhas coincidiam. Jamais teria dito que eram mãe e filha.

Peguei na chave um pouco aturdido. Apertei-lhe a mão novamente e subi as escadas daquele castelo. Encontrei o quarto com o nome da fábula de Samaniego, abri a porta e deitei-me na cama. Afundei a cabeça nas almofadas e desatei a chorar como um desalmado. O tecido amortecia os meus soluços, mas naquele momento não me importava nada com os outros hóspedes.

Jota estava morto e eu estava farto de mortes. A de Martina, a de Annabel Lee, a do meu amigo... demasiadas para um ano, demasiadas para dois casos tão seguidos.

Tinha de avisar a família dele, a mãe e o tio. Odiei o facto de ainda não conseguir falar, não queria dar aquela notícia por escrito.

Passado algum tempo deixei de chorar e relaxei, deitado naquela cama e naquele quarto decorado para noites de núpcias, com recém-casados felizes que começavam novas vidas. Eu estava no outro extremo, senti-me muito velho e gasto com os meus quarenta anos.

...

Alba chegou bastante depois. Encontrou-me de novo numa fase apática, olhando a serra pela janela; agora via-a de outro prisma.

– Como estás? – perguntou-me, sentando-se ao meu lado na imensa cama onde vá-se lá saber quantos casais tinham tido sexo.

Limitei-me a fechar a mão e a baixar o polegar, como teria feito Nero num dia mau no circo.

Ela pegou na minha mão com uma ternura infinita, como se fosse uma pequena oferta dos deuses.

– Estou aqui, quero que saibas. Estou aqui. – Deitou-se ao meu lado e abraçou-me pelas costas.

Deixei-me abraçar. Que bem sabia o seu calor naquela manhã fria.

– Não quero que te aconteça nada, Unai. Já passámos por isto.

Era inútil argumentar. Para quê. Não tinha vontade de escrever nem de falar. Só de sentir que ela se preocupava comigo, que estava ali por mim. Que podia chorar os meus mortos naquele domingo de dezembro.

– Vamos para o torreão. A manhã abriu e lá em cima podemos aclarar as ideias. Temos muito que conversar, aqui só temos tentações – disse-me quando se cansou de me acariciar o cabelo com aquela calma tão sua.

De seguida deu-me a mão e segui-a por uma escada de caracol octogonal até chegarmos à torre e sairmos para o exterior.

O ar fresco sobre as nossas cabeças soube-me bem. A visão panorâmica de uma Laguardia com um mar de vinhedos aos nossos pés. Via-se até ao local arqueológico de La Hoya, que me trouxe memórias dolorosas. Não importava como eu e Alba estivéssemos, Nancho acabava sempre nos nossos pensamentos.

– Foi aqui que salvaste a vida do meu filho – murmurou olhando para a serra à nossa frente.

– Talvez os deuses antigos destes montes o estejam a proteger – escrevi.

Ela pediu-me explicações com o olhar.

– Nós, os locais, temos o hábito de chamar serra da Cantábria a estes montes, mas a denominação antiga era serra de Toloño, devido ao deus várdulo Tulónio. É o deus pai para os Celtas, Teutates. Até existem as ruínas de um mosteiro medieval dedicado a Santa Maria de Toloño. Dizem que teve de ser abandonado pelos monges por causa do frio. Adorava levar-te lá. Quem sabe se nesse dia o deus Tulónio protegeu o teu filho. Quero acreditar que nem tudo está contra nós.

– Eu também prefiro acreditar nisso. É a única maneira de seguir em frente. Sei que é um dia péssimo para ti, adorava poder mudá-lo, ou pelo menos aliviar-te desse peso. Deixa-me dar-te uma boa notícia.

– Claro... diz – saiu-me com esforço.

– Esta semana fui a uma consulta em que me fizeram uma ecografia e outros exames. Descartaram a hipótese de o meu filho ter osteogénese imperfeita de tipo II – disse com um enorme sorriso, saboreando as palavras.

Olhei aliviado para a serra do velho deus, senti que os meus ombros já não carregavam o peso do mundo. O medo de que

o meu filho sofresse também da doença que matara o primeiro filho de Alba tinha sido como uma nuvem negra na minha cabeça desde que Alba me anunciara a sua gravidez.

“Obrigado, Tulónio. Por protegeres os meus”, rezei mentalmente.

O abraço que dei a Alba, os beijos que vieram depois... isso fica na minha memória daquele dia, numa bolha. Prefiro assim.

Depois, mais calmo e ainda sem vontade de voltar à realidade do meu grupo de amigos cada vez menor, interroguei Alba.

– Tens de me contar tudo sobre a tua mãe. Não me podes sonegar informação desse calibre.

– Eu sei – suspirou. – Eu sei. Já a conhecestes, não te vou falar da sua vida pública. Deves saber, como toda a gente, a história da menina pobre da província: que foi descoberta por um representante de artistas de Madrid, uma raposa velha, quando participou num espetáculo de talentos porque a menina cantava e dançava muito bem e os seus pais, que sempre viveram em Laguardia, foram incentivados a enviá-la para Madrid com uns tios que viviam na capital.

Aquela parte ele conhecia, com exceção do pormenor de Laguardia.

– O resto é história. A minha mãe conquistou toda uma geração com os seus olhos azuis e cabelo louro, fez filmes atrás de filmes durante anos e quando chegou a primeira crise do cinema refugiou-se no teatro. Já era adulta e o seu representante dirigia a carreira dela com mão de ferro. A sua interpretação de *A Casa de Bernarda Alba* foi um êxito e eu deixei praticamente de a ver. Já não eram os três meses de filmagem, que permitiam visitas ao fim de semana. Agora eram digressões que duravam anos, por todos os teatros do território nacional, o que era completamente incompatível com a minha vida escolar em Madrid.

– E o teu... – tive pudor de escrever uma pergunta tão pessoal, mas ela sabia quase tudo a meu respeito – ... pai?

– O meu pai era o motorista da minha mãe desde que se lembra. Era o filho sem estudos do agente dela, nunca fez outra coisa senão viver à sombra do pai.

– O representante da tua mãe era o teu avô?

– Nunca o chamei assim. Ele descobriu-a quando ela ainda era uma criança. Poliu-a, pagou-lhe as aulas de dança, de dicção, de canto, mas depois torrava o dinheiro da minha mãe ao desbarato. Ia para o casino com quatro vagabundas e gastava numa noite tudo o que a minha mãe ganhara numa semana de atuações. Eu odiava aquelas tipas. Apareciam com vestidos de festa e sapatos de salto alto das melhores lojas, enquanto eu e os meus pais vivíamos com o dinheiro controlado, sem qualquer capricho ou presente. Cresci rodeada da mais absoluta austeridade. Naquela época, os meus avós maternos faleceram. A minha mãe era maior de idade e ficou sozinha em Madrid sem conhecer outro ambiente que o do mundo do espetáculo.

Olhei para ela em silêncio, queria que continuasse a falar.

– O meu pai não tinha uma profissão. Não tinha estudos. Penso que a minha mãe começou a sair com ele porque passavam muito tempo juntos nas viagens, na estrada. Tinham a mesma idade, e ele não era um adulator como o resto dos atores, não tinha de competir com o ego dele. Resumindo: estar com o meu pai era para ela uma pausa na sua carreira. O meu pai era a única relação normal no meio da montanha-russa que a rodeava. Tiveram-me a mim; no início, penso que o meu avô se entusiasmou e viu na filha da sua pupila outra possível mina de ouro. Mas eu não herdei os olhos azuis dela e, para infelicidade de todos, fui uma criança gordinha, sem talento para atuar.

“Não te imaginava assim”, pensei, e esperei que continuasse. Fazia-me bem evadir-me do presente.

– Anos mais tarde, explodiu o escândalo: o pai do meu pai foi acusado de evasão fiscal, cerca de seiscentos milhões das antigas pesetas. Os meus pais eram uns analfabetos financeiramente falando: ele dava-lhes um décimo do dinheiro

que ganhavam e só sabiam gerir esses poucos gastos. Do resto encarregava-se ele. Fugiu durante o julgamento, há uns anos investiguei e fiquei a saber que foi para um país latino-americano com outra identidade. Quanto ao presente envenenado que nos deixou, posso dizer-te que ele geriu negócios com o nome da minha mãe, por isso ficámos arruinados e embargaram-nos quase todas as propriedades: o apartamento de Madrid, lojas e garagens. A minha mãe não quis voltar a atuar, há tempos que se tinha fartado daquele mundo, não suportava a imprensa.

– Ela gostava do teu marido?

Sei que Alba me prometera que não voltaria a dizer o nome dele novamente, mas ali a tinha, a confessar-me tudo e eu queria saber sobre ela. Compreender quem era e o que a levara até àquela torre, àquela terra, àquele marido psicopata integrado.

– Nunca gostou muito que eu saísse com ele. No princípio, pensou que ele se tinha aproximado de mim por causa dela, para conseguir uma boa reportagem de investigação do tipo *O que é feito de...?*, ou para ver se ela sabia o paradeiro do seu representante. O Nancho, à sua maneira, aceitou tudo com muita calma e decidiu limar as arestas com ela, pouco a pouco, com elegância. Conhecias o estilo dele.

Sorri pela primeira vez ao lembrar-me do homem tranquilo que ganhou a minha confiança com paciência e simpatias.

– Digamos que eu e a minha mãe nos distanciámos bastante quando me casei com o Nancho – continuou. – Ela nunca se sentiu à vontade a partilhar a sua intimidade com ele. A minha mãe tinha alergia aos holofotes, não queria que ninguém a associasse ao seu nome artístico, apesar de Laguardia ser uma vila pequena e praticamente toda a gente a conhecer, mas a verdade é que aqui as pessoas são discretas e ela conquistou o respeito como hoteleira. Também porque colabora com causas beneficentes com os rotários de Vitoria e de Logroño. Quanto à minha relação com ela, agora voltámos a aproximar-nos. Já te contei que a minha mãe foi a primeira pessoa que veio ao hospital quando soube do que ele me tinha... nos tinha feito. Ela encarregou-se de tudo nas primeiras semanas em que fui incapaz de reagir por causa do choque e porque estava demasiado preocupada devido ao teu coma. Trouxe-me para aqui, as vistas da serra e dos vinhedos curaram-me. Agora venho aos fins de semana, às vezes com a Estíbaliz, e durmo no castelo. Penso que estou numa fase mais calma e é mais fácil para mim compreender a minha mãe.

– O que aconteceu quando a tua mãe deixou o cinema e o teatro?

– Eu estava em plena adolescência, era uma miúda obesa e bastante tímida. Passámos muitas dificuldades durante alguns anos, o meu pai era basicamente o

empregado doméstico. Não tinha contactos, não tinha trabalho, ficou bloqueado quando o pai dele desapareceu. Foi a minha mãe quem tomou as rédeas de tudo, tinha muito mais maturidade do que ele. Refugiámo-nos em Laguardia, longe de Madrid, na vila dos pais dela, onde costumávamos vir no verão. A minha mãe empenhou-se em salvar de um incêndio um edifício em Laguardia que ainda estava em nome dela. Transformou-o em hotel: pergunta-me o preço de cada vaso, porque os fomos comprando com muito esforço ao longo dos anos. Comecei a dar explicações à tarde, depois das aulas, quando andava no secundário, e a servir num bar aos fins de semana para a ajudar; penso que cresci em dois dias. Até então tinha sido um desastre como aluna, mas, quando me foquei, deixei de ter más notas e paguei eu própria a minha inscrição na faculdade. Transformei-me numa pessoa responsável da noite para o dia.

– Mudaste a ordem dos teus apelidos? A tua mãe disse que se chama Nieves Diáz de Salvatierra. Eu pensava que o seu nome verdadeiro era Aurora Mistral.

– Não, esse era o nome artístico. Em relação ao meu primeiro apelido, não quero saber nada dele. Mudei com a autorização dos meus pais quando viemos viver para Laguardia, antes de entrar na universidade. Eu continuava a ser uma adolescente muito introvertida, que escondia a identidade da minha mãe, em primeiro lugar para não ser tratada de maneira diferente, mas sobretudo para deixar para trás o calvário que sofremos graças ao escândalo financeiro e porque não queríamos que o associassem ao hotel.

– Puseram-te esse nome por causa de *A Casa de Bernarda Alba*? – escrevi.

– Todos temos um passado, não é verdade? – respondeu com certa ironia.

– A tua mãe era assim, controladora e opressiva como aquela personagem?

– Não, ela só era assim quando subia ao palco. Penso que imitava o sogro, ele é que era assim: não a deixava sair com os atores galãs da época, queria proteger a sua virtude, odiava escândalos. Uma autêntica ironia, dada a vida que levava e como terminou. Acho que a queria manter virgem e afastada do casamento: como a rainha virgem, como Isabel I. Sim, a minha mãe também representou essa peça. Mas o seu primeiro ato de rebeldia foi ficar grávida do meu pai antes do casamento. O seu sogro não se pôde negar a um casamento relâmpago. Era um fanático religioso, absolutamente contra o aborto e não teve outro remédio senão autorizar.

– De modo que nasceste de relâmpago – escrevi e sorri para ela. Sempre tive um fraquinho por filhos ilegítimos. A sua conceção é mais sincera do que os que nasceram depois da celebração de um contrato. – Como é que o teu avô fez para evitar o escândalo na época?

– Foi na década de setenta. A minha mãe desapareceu de cena e da imprensa durante dois anos. Ninguém pôde fazer as contas, não se publicou a data do

casamento. O sogro tinha muitos amigos entre os diretores das revistas da época. Quando ela reapareceu, tudo o que se sabia era que se casara e tinha uma filha pequena. Eu nunca apareci nas revistas. Em parte por ele, em parte porque a minha mãe me queria proteger da exposição mediática e não queria aquela vida para mim. Por outro lado, o pai do meu pai nunca se mostrou orgulhoso em apresentar-me aos seus amigos, nunca me tratou como uma neta, mas sim como um fardo inconveniente; eu não sabia o significado da palavra “avô” até que vi isso nos meus amigos da escola. No início estranhei tanto o carinho que tinham entre eles, que me pareceu algo quase antinatural. Não compreendia, pensava que a família era constituída apenas por pai e mãe, e que os avós não eram considerados família, mas sim estranhos.

– O meu avô vai dizer-te das boas se repetes isso à frente dele – escrevi.

Naquele momento o ecrã iluminou-se e eu voltei ao mundo real. Alba conseguiu por minutos fazer-me esquecer do que acontecera no estanque de La Barbacana.

Fui ao grupo de WhatsApp dos meus amigos, que reclamava a minha atenção.

– Alguém sabe onde está o Jota? Combinámos com ele às 10h00 para ir dar um passeio a Armentia. Jota, adormeceste, minha lontra? – tinha escrito Nerea.

Jota e Nerea eram muito próximos desde o secundário, não havia qualquer tensão sexual entre eles e a sua amizade tinha perdurado durante três décadas sem qualquer contratempo; eram simplesmente duas pessoas que gostavam muito uma da outra. Mas Nerea, que geria o quiosque ao pé da minha casa, era um altifalante andante, e tinha de a deter antes que revirasse Vitoria de cima a baixo.

– Unai, saíste tu com ele?

– Não, já vos disse que ficava em Villaverde este fim de semana. Nerea, já te ligo.

Apercebi-me mais uma vez de que ainda não dominava as cinco sílabas que compunham a frase lapidar: “O Jota morreu.” Tive de lhe escrever pelo WhatsApp, assim, de supetão, e odiei-me por isso:

– O Jota morreu.

Um segundo depois, Nerea ligou-me; imagino que se esqueceu, com o choque, de que eu não podia falar.

Atendi, que mais podia fazer?

– Diz-me que foi o corretor do WhatsApp, Unai! Diz-me que te enganaste quando escreveste o que escreveste, que a culpa foi do teu dedo – gritou desconsolada.

– Nerea, eu... eu... – Nem sequer era capaz de consolar uma amiga. Maldito Nancho, onde quer que estivesse a arder.

Alba veio em meu socorro e tirou-me o telemóvel das mãos.

– Bom dia, Nerea. Sou a subcomissária Alba Díaz de Salvatierra, superiora hierárquica do seu amigo Unai. Lamento confirmar que, de facto, José Javier Hueto foi encontrado morto. Sinto muito a sua perda e quero manifestar-lhe todo o meu apoio e o da nossa Unidade – disse aquelas frases com uma voz calma e tranquilizadora, de manual. Dominava a arte de dar más notícias com tato. – Já falámos com a família dele. Imagino que em breve lhes darão os detalhes do funeral. Seja paciente, são momentos difíceis para eles e por vezes demora-se horas até se conseguir reagir e ser operacional. A investigação está em segredo de justiça, peço-lhe que não divulgue ou especule publicamente nada em torno do falecimento do seu amigo. E agora... outro assunto mais pessoal.

Nerea respondeu algo que não ouvi.

– Apoiem-se uns aos outros. O Unai também está muito afetado. Muito obrigada por me ouvir neste momento tão difícil.

Alba despediu-se de Nerea com uma paciência infinita e devolveu-me o telemóvel.

Agradei-lhe com o olhar, aproximei-me dela, dei-lhe um abraço e aninhei a cabeça dela nos meus braços. Queria-a ao meu lado, estava farto de distâncias.

Foi ela quem quebrou o feitiço. Algo a estava a incomodar e tinha de me dizer.

– Temos de falar do que eu vi no estanque de La Barbacana, Unai.

– Sim... tu... diz-me – pronunciei e ela fingiu não se dar conta de como corei.

– Estive com a doutora Guevara, e o teu amigo José Javier...

– Jo... Jota – interrompi-a. Jota odiava que o chamassem pelo nome que partilhava com o pai, o mínimo que eu podia fazer era respeitar os seus desejos no dia da sua morte.

– O Jota tinha um olho negro com uma ferida à volta. A Estíbaliz referiu a possibilidade de o teu amigo Asier lhe ter dado uma sova a ele, e não ao misterioso drogado de que não há rasto. Estiveste com o Jota pessoalmente depois do incidente na farmácia?

– Não, nem pensei nisso – escrevi, incomodado.

“Como é que nem pensei nisso?”

Também não tinha visto Lutxo desde então; como pude ter sido tão inútil ao ponto de não controlar as pessoas em redor de Asier e os possíveis implicados naquela luta? Limitei-me a ficar frustrado por não ter conseguido combinar encontrar-me com Araceli.

– Disseste-me que quatro amigos do teu grupo estiveram com a Ana Belén Liaño há duas décadas. E agora chegámos à conclusão de que pelo menos um deles continuava em contacto com ela, com intimidade suficiente para que ela partilhasse com ele três milhões de euros. Esse amigo é agredido e ataca o homem invisível.

- Aonde queres chegar, Alba? – escrevi.
 - A Estíbaliz está a analisar esta reviravolta no caso, do ponto de vista de uma especialista em Vitimologia. Como te deves ter apercebido, o perfil da vítima mudou.
 - Sim, também me apercebi disso – escrevi. – O assassino ou assassinos não matam mulheres grávidas, mas sim todos nós que estivemos naquele povoado da Cantábria em 1992.
 - Estás enganado. Pode ser que continuem a matar segundo um castigo de fertilidade, que sigam o ritual celta das Três Mortes para castigar aqueles que acreditam que não merecem ter filhos.
 - Explica-te melhor, porque estou perdido – escrevi. – O Jota não é nenhuma mulher grávida.
 - Não é, mas podia estar à espera de um filho.
 - O Jota? Impossível.
 - A não ser que... – disse Alba com uma expressão óbvia.
- A não ser que Jota fosse o pai do filho que Ana Belén Liaño esperava.

O cantão de San Roque

4 de dezembro de 2016, domingo

Já era noite cerrada quando cheguei à praça da Virgen Blanca, rumo à minha casa. As luzes amarelas dos candeeiros refletiam-se no granito do chão: em Vitoria tinha chovido durante a tarde e o ambiente arrefecera.

Tirei o molho de chaves com a escultura em madeira da minha serra pendurada, que o meu avô esculpira para mim, e subi mais um pouco o fecho do casaco.

Não via a hora de entrar em casa e deitar-me na cama. Esquecer-me de tudo. Dormir um pouco. As coisas que se fazem quando os teus amigos da adolescência vão caindo como moscas, e sobre os teus ombros doridos cai a responsabilidade de prender os culpados.

Foi então que, ao voltar a meter a mão no bolso do casaco, encontrei outra mão.

Roçou-me os dedos rapidamente e deixou uma espécie de papel no fundo do bolso. Voltei-me com rapidez, não sabia se me iam apalpar ou se me estavam a roubar.

Um miúdo escondido num capuz branco de onde sobressaíam algumas madeixas de cabelo azul desatou a correr com um enorme *skate* debaixo do braço. O blusão de penas dele era completamente branco, não tinha nenhum pormenor significativo. A única coisa que podia registar e que me podia ser útil na hora de fazer uma identificação formal era que no *skate* estava pintado um homem velho com uma longa barba branca.

– Ei! – gritei de mau humor. – O que fazes?

Quatro sílabas. Apercebi-me disso imediatamente. Quando o fator vergonha não se metia no meio, conseguia dizer mais sílabas. Era verdade que tinha de sair da minha zona de conforto.

Corri atrás dele pela praça fora, não havia ninguém na rua. Eram onze e picos de uma noite de domingo de dezembro e toda a gente de Vitoria estava em casa.

O *skater* misterioso viu que eu me aproximava nas imediações do café Dublin, subiu para o *skate* e virou para a rua Diputación, tão pedonal como vazia.

Perto do cantão de San Roque, um fóssil arquitetónico que com o passar dos séculos se tinha transformado na rua mais estreita da cidade, com pouco mais de um metro de largura, o rapaz saltou do *skate*, pô-lo de novo debaixo do braço com um movimento rápido e desapareceu num beco escuro.

Quando cheguei ao cantão e percorri os seus poucos metros, já o tinha perdido. Não sabia se tinha ido pela rua Herrería acima ou abaixo, ou talvez tivesse subido a correr o cantão e já estivesse na rua Zapatería ou na rua Corre.

Tive de o deixar ir, e foi o melhor que fiz.

Voltei para casa bastante frustrado, desta vez atravessando as ruas do Grémio, e só quando fechei a porta do meu andar é que me permiti tirar o papelinho amachucado e li a mensagem que me deixou:

*

Kraken, estás a lixar tudo, parece mentira. Amanhã tu e eu às 13h13 na cripta da Catedral Nova. E não abras a boca. Não digas nada a ninguém pelo telemóvel e vem sem ele, pelo amor de Deus.

*

O bilhete terminava com uma assinatura *graffitada* na letra retorcida de MatuSalem.

MatuSalem? Agora compreendia o desenho no *skate*: o patriarca bíblico que viveu mais de novecentos anos.

Conheci MatuSalem uns meses antes, quando descobri que Tasio tinha um *hacker* a colaborar com ele fora da prisão de Zaballa, e apesar de aparentar ser um imberbe angelical, o jovem já era maior de idade, e durante a sua passagem pela prisão, Tasio tinha-se tornado seu protetor.

Tive muita dificuldade em vencer a resistência de pele do miúdo *hacker* e conseguir que ele colaborasse na minha investigação do duplo crime do dólmén, mas a sua gratidão para com Tasio foi mais forte e acabou por trabalhar pontualmente connosco como consultor extraoficial.

Depois desapareceu.

A conta de Tasio no Twitter, inativa.

A sua presença na minha conta de *email*, uma memória difusa.

Nada.

Não sabia nada dele desde que Nancho disparou sobre mim e acordei do coma. Não é que MatuSalem fosse discreto: era o rei dos cérebros da conspiração, mas, se não queria deixar rasto, simplesmente não deixava. Nem no mundo virtual, nem na vida real. Tinha tentado investigá-lo e posso afirmá-lo com segurança. Esteve ali, e nada. Só a Golden Girl é que mo conseguiu entregar de bandeja, mas essa é outra história.

...

Estíbaliz requisitou a minha presença na manhã seguinte, bem cedo, para uma reunião urgente no seu gabinete em Lakua. Sabia que ainda não teríamos o relatório da autópsia de Jota, mas havia muito para discutir. Depois de fazer os exercícios em frente ao espelho, entrei no carro e acabei por estacionar no parque de estacionamento da Portal de Foronda. O dia estava escuro e chovia ligeiramente.

Tinha à minha espera Alba, Esti, Milán e Peña. Também tinha à minha espera um portátil com um programa de edição de textos aberto, ligado a um projetor para projetar numa tela na parede.

Sorri a todos, em modo de agradecimento. Podia participar na reunião com uma certa fluidez, inserindo os meus comentários por escrito enquanto todos os liam. Era o mais parecido com manter uma conversa, e há muito tempo que eu não mantinha uma com tantas pessoas. Era como ser normal de novo. Falador e tudo. Alguém útil que contribuía. Fez-me muito bem ao ego maltratado.

Estíbaliz não estava para rodeios, de modo que foi direta ao assunto.

– Aqui têm as pastas da presente investigação, batizámo-la de “Os Rituais da Água” pelas suas características especiais – começou a minha colega enquanto distribuía os ficheiros pelos presentes. – Unai, a doutora Guevara ainda tem de confirmar na autópsia que vai fazer esta manhã a José Javier Hueto, mas o corpo apresentava duas feridas compatíveis com as marcas que deixariam os anzóis de uma arma *Taser*.

– Percebido – disse em voz alta e com uma certa satisfação ao ouvir de novo a minha voz. Tinha ensaiado em frente ao espelho e soou relativamente compreensível.

– Peña – continuou ela –, tu ficaste de falar com os vizinhos que vivem diante do centro de interpretação do estanque de La Barbacana e com o pessoal que lá trabalha. Conta-nos o que descobriste.

– Não muito, chefe – disse frustrado, depois de soltar um profundo suspiro. – No centro de interpretação não há câmaras de segurança, nem externas nem internas, de modo que não temos gravações nem imagens de nada. Os vizinhos não ouviram nem viram nada de especial. As pessoas que vivem naquela parte da rua são muito mais velhas e no sábado à noite e no domingo de madrugada estavam todas a dormir. Com exceção de uma vizinha: oitenta e um anos, insone, pouco faladora. Dona Regina Matauco, assim se chama a senhora. Ela diz que foi à janela da sala de madrugada, cansada de dar voltas na cama, e que viu mesmo diante da entrada de La Barbacana um veículo estacionado a tapar a porta. Parece incrível, mas a avó não nos sabe dizer se era um carro ou uma carrinha, nem a cor, só consegue afirmar com segurança que estava escuro. Mostrámo-lhe

milhares de marcas de veículos e basicamente só nos sabe dizer que tinha quatro rodas. É desesperante.

– Não te foques no que não temos, mas no que temos – interrompeu Esti. – O que podes retirar da sua declaração, Peña?

– Na minha opinião, do segundo andar, que era onde estava a senhora, podia ver-se um veículo que tapava a entrada e o que estava a acontecer nesse ângulo, que por estar tapado se tornou um ângulo morto. Mostro-vos as fotos – disse, e espalhou na mesa diversas imagens da entrada de todas as perspetivas. – O autor ou autores puderam estacionar o carro ou a carrinha antes do amanhecer, a uma hora em que ninguém passa por aquela rua e os idosos nem se aperceberam dos ruídos. Depois abriram a porta com uma simples alavanca e arrastaram o corpo para o estanque. Possivelmente a vítima já estava morta, porque se tiver falecido por afogamento, no centro de interpretação não há nenhum sítio com água onde se possa mergulhar alguém até aos ombros e afogá-la. Teve de ser antes, na própria casa do assassino, numa banheira ou num tanque em algum monte pouco concorrido. Imagino que antes disso deixaram a vítima inoperante com o disparo da pistola *Taser*. Penso que isto se pode fazer numa ou duas horas, se a pessoa tiver claro o *modus operandi* e se não for a primeira vez.

– Não se encontrou o telemóvel, tal como com a primeira vítima. O juiz Olano vai pedir à operadora uma cópia do seu cartão SIM e veremos se nos pode dar informações dos seus últimos movimentos. Sabemos por declarações de vários membros do seu grupo de amigos que saiu pelo centro antigo de Vitoria no sábado à noite e que se foi embora por volta das quatro da manhã. Não chegou a casa, de modo que é possível que nesse intervalo de tempo o assassino tenha contactado com ele.

Imaginei Jota de bar em bar e com uns quantos copos a mais. Sempre foi um ingénuo e confiava em qualquer pessoa. Amaldiçoei a pessoa que o assassinou porque se aproveitou do meu amigo vulnerável.

– Uma última observação antes de encerrarmos o tópico da cena do crime do último assassinio – interrompeu Estíbaliz de novo. – Estamos à espera dos relatórios da Polícia Científica, para ver se conseguiram resgatar alguma prova, mas quando eu abandonei o local eles não tinham nada. No entanto, há algo curioso e até prosaico que dificulta ainda mais o nosso trabalho: o agressor ou agressores varreram o caminho da entrada do recinto até ao local onde penduraram a vítima. Foi essa a maneira de apagar o rasto das suas pegadas. Deixaram a vassoura, sem impressões digitais, apoiada na parede ao pé da porta. Está a analisar-se todo o lixo que ficou entre as fibras da vassoura. Vamos ver se podemos apurar alguma coisa.

– Não, se ainda por cima for um tipo asseado – murmurou Peña.

– Tem uma certa consciência forense – intervim, escrevendo no portátil. – A sua escalada criminal pode estar a fazer com que melhore o seu modo de ação e preveja os erros que foram encontrados quando cometeu os crimes anteriores. Na verdade, não há vestígios de um caldeirão celta. Imagino que o Caldeirão de Cabárceno era demasiado arriscado e não há muitos com características semelhantes. Desta vez limitou-se a afogar a sua vítima num lugar com água.

As minhas palavras foram lidas em tempo real à nossa frente na tela gigante do gabinete de Esti. Sorri. Como aquilo era eficaz.

– Passemos para o segundo ponto da investigação: a relação entre Asier Ruiz de Azua, o outro titular da conta da vítima anterior, e José Javier Hueto. Amigos de infância, fazem parte do grupo de amigos do inspetor López de Ayala, aqui presente.

Assenti.

– Não conseguimos relacionar José Javier com o incidente que Asier sofreu no passado dia 22 de novembro na sua farmácia, mas ambos tinham um olho negro – continuou Estíbaliz. – A doutora Guevara vai tentar descobrir se o hematoma que José Javier apresentava no momento do seu falecimento foi produzido momentos antes da sua morte ou se a data pode coincidir com a agressão do farmacêutico. Seria útil para sustentar esta linha de investigação.

– Inspetora Gauna, quero que partilhe connosco a descoberta de outra possível vítima que pode ter sido assassinada com um *modus operandi* semelhante – interrompeu Alba.

– Isso mesmo: Rebeca Tovar, catorze anos, desapareceu em 1993 da casa da sua família na Cantábria, e até hoje o corpo não apareceu, mas um anónimo enviou estas fotos dias depois para *El Periódico Cántabro*. No jornal não as publicaram. Como podem ver pelas imagens, a jovem aparece pendurada numa árvore com a cabeça semimergulhada no leito do rio em Fontibre, lugar de culto de divindades aquáticas desde tempos remotos. A polícia encontrou a corda, mas não o corpo.

– Mais alguma coisa?

– Eu e o inspetor Ayala visitámos o pai dela, Saúl Tovar, professor catedrático de Antropologia Cultural na Universidade da Cantábria. Ele está convencido de que foram vários agressores, que retiraram o corpo com medo do que pudessem encontrar nele, e que os incriminasse. Acha que um deles se arrependeu e enviou as fotografias ao jornal, quem sabe se para pelo menos deixar claro à família que a jovem estava morta ou para dar uma pista à polícia para que capturasse os outros culpados. Na minha opinião, e pelo que vemos nas fotos, ela estava grávida, mas o pai nega categoricamente essa hipótese. Contou-nos que há vinte anos a endocrinologista da filha lhe forneceu os relatórios médicos que apoiavam

a sua afirmação. Um pormenor: a endocrinologista é irmã dele, tia paterna da jovem. Sim, tudo muito endogâmico.

– Deixe-me investigar um pouco o ambiente à volta do professor e irmã dele, inspetora – interrompeu-a Milán bruscamente, talvez com um pouco mais de energia do que nós tínhamos àquela hora da manhã.

– São todos teus, Milán – concordou Estíbaliz. – Podes pedir ajuda ao inspetor Lanero, não te esqueças de que colaboramos com eles. Se quiseses, podes ir à esquadra de Santander e reunir-te com ele, se bem que me parece que és boa a investigar.

– De momento acho que não é preciso. Se houver alguma coisa, eu encontro de certeza – disse com voz gutural enquanto encolhia os ombros e corava. Era enternecedor ver como uma mulher tão grande não sabia aceitar um elogio. Todos sorrimos disfarçadamente.

– Vitimologia do caso, Gauna – continuou Alba, olhando para o relógio.

Tinha a certeza de que tinha um longo dia de reuniões antes das pontes de dezembro. Não ia ser uma semana muito produtiva com o feriado da Constituição e da Imaculada Conceição a seguir.

– Infelizmente podemos ter dois perfis de vítimas: ou mulheres e homens que estão à espera de um filho, no caso de José Javier ser o pai do bebé que Ana Belén esperava, e de Rebeca estar grávida, ou se descartarmos isso, a única relação que temos entre as três vítimas é terem passado o verão de 1992 num povoado celtibérico na Cantábria. Algo que até faz sentido, por causa do tema comum da cultura celta nos três sítios onde apareceram os corpos: San Adrián, Fontibre e Barbacana. Não temos nenhuma indicação de que se mantivessem em contacto. José Javier negou tal coisa ao inspetor Ayala dias antes de morrer, mas pode ter mentido, no caso de querer esconder alguma coisa, obviamente.

– Como acham que se levaram a cabo os assassínios?

– No caso da Ana Belén, queimada, pendurada e afogada: a Tripla Morte celta – escrevi no portátil sem hesitar. – Falta confirmar se foi uma arma *Taser* a atingir o José Javier. Com a Rebeca receio que seja impossível afirmar ou negar tal coisa, pois no ano em que morreu, o uso desse tipo de armas não era muito comum, embora não se possa excluir a hipótese de o cadáver ter sido queimado depois e que, devido a uma má experiência, o assassino ou assassinos tenham mudado o *modus operandi* em termos de queima do corpo: é necessário um lugar isolado, disfarçar a fogueira durante horas... Resumindo: é complicado, demorado e extremamente desagradável. Talvez a experiência o tenha assustado e por isso não a repetiu durante vinte anos. Talvez desta vez quisesse manter o ritual da Tripla Morte e por isso começou a usar uma arma *Taser*.

– Mas porquê uma pausa de vinte anos? – perguntou-me Peña.

– Se estamos perante um ritual de punição, o assassino ou assassinos não sabem quando vão voltar a matar: simplesmente esperam que as vítimas que escolheram estejam à espera de bebé – tive de escrever.

Alba ficou branca. Olhou para mim com terror nos olhos, mas terror de verdade, não de pesadelos.

– Digam-me – apressou-se ela a dizer, depois de pigarrear –, no ponto em que estamos e com dois ou três cadáveres em cima da mesa, acham que estamos a falar de um ou de vários?

– O Saúl Tovar está convencido de que foram vários os assassinos da filha – respondeu Estíbaliz, e olhou-me de soslaio durante um segundo.

Ambos calámos o que ambos sabíamos: que Saúl, por alguma razão, parecia acusar-nos a nós, os quatro amigos do povoado cantábrico de 1992.

“Não, Saúl”, pensei com raiva. “O que me dizes agora, quando te disser que um de nós já cá não está, hem?”

– Acho que é preciso muita força para levantar um cadáver, tal como aconteceu com a Ana Belén e com o José Javier. Ou é um homem muito forte ou foram içados por vários – escrevi.

– Inspetor Ayala, acha que estamos perante um *serial killer*? – perguntou-me Alba.

– Ainda não tenho a certeza de se tratar de um assassino em série. Isso depende se o autor ou autores do assassinio da Rebeca Tovar foram os mesmos. Também tenho estado a ponderar a hipótese de ser um *spree killer*, um assassino em massa encadeado. Alguém que comete os assassinios em lugares diferentes num período que vai entre algumas horas e alguns dias. É diferente dos assassinos em série, porque estes têm um período de pausa e voltam à sua vida normal entre os homicídios, não se esqueçam de que se forem psicopatas estão perfeitamente integrados na sociedade. Um *spree killer* não volta ao seu comportamento habitual. Preocupa-me que entre o assassinio da Ana Belén Liaño e o do José Javier só haja uma diferença de dezassete dias. Espero que não estejamos a entrar numa espiral de violência como a que vivemos em Vitoria há apenas uns meses. Não sei se a cidade suportaria viver aquela psicose coletiva de novo.

Olhei para o relógio de soslaio: o esquivo MatuSalem esperava-me na cripta às 13h13. Felizmente Alba deu por terminada a tensa reunião e eu saí disparado para a cripta da Catedral Nova.

O *hacker* mais esquivo da cidade estava à minha espera.

A cripta da Catedral Nova

5 de dezembro de 2016, segunda-feira

Caminhei através dos bancos de madeira envernizados no subsolo da catedral. Estava rodeado por colunas de pedra grossas como sequoias e vitrais que me observavam com as suas íris de cores extraordinárias.

– Sem telemóvel, certo? Senão vou-me embora – murmurou MatuSalem com a sua voz de pré-adolescente quando me sentei a olhar para o altar vazio.

– Sim – limitei-me a responder num murmúrio.

Não havia ninguém naquela imensidão de arcos e de relevos em granito. Ainda assim, não levantei a voz.

– Toma, para podermos comunicar analogicamente – disse, e passou-me um caderno e um lápis HB número 2.

– Já me vais explicar porque me trouxeste para a tua caverna mais profunda – escrevi sem olhar para ele.

– Trouxe-te para te avisar.

– De quê? – disse em voz alta.

– De que fizeste asneira da grossa ao pôr à disposição da Golden Girl o conteúdo do teu telemóvel.

– Porque dizes isso?

– Porque, meu amigo, a Golden está a fazer perguntas estranhas na Deep Web. E nada do que se passa na Deep Web pode ser tomado de ânimo leve. E a Golden não costumava andar por este submundo. Mas encontrou alguma coisa, não sei o quê, no teu telemóvel e começou feita louca à procura sabe Deus do quê.

A Deep Web ou internet profunda era composta por noventa e oito por cento de *sites* e fóruns que não aparecem nos motores de busca. Todos ilegais, o maior supermercado do crime da história da humanidade: assassinos profissionais, drogas, armas, tráfico humano. Depravados e predadores, basicamente. Entrar lá, mesmo que fosse só por curiosidade, saía caro até aos informáticos mais experientes: os computadores e telemóveis ficavam, apesar do novo proprietário não se aperceber, à mercê dos *crackers*, *hackers* ou *black hat*. Qualquer dispositivo que se tivesse atrevido a semelhante suicídio passava a fazer parte da

imensa rede de *botnets* ou de computadores *zombies*: as fotografias, os contactos, os cartões de crédito, as *passwords*. A fatura por descer ao *Inferno* de Dante virtual saía muito cara. Era preciso ser-se muito ingénuo para se acreditar que se podia sair imune da excursão.

– Como é que sabes tudo isso, Matu? Não me lixes dizendo que me continuas a vigiar e a seguir, porque vou ficar mesmo chateado, acredita.

MatuSalem leu o que estava escrito no seu caderno e puxou o capuz um pouco mais para cima para que eu não lhe visse os olhos. Tinha deixado crescer o cabelo e tinha-o pintado de um azul angelical. O miúdo parecia saído de um desenho *manga*: feições perfeitas, olhos grandes de corça, a cara sem qualquer vestígio de pelos. A defunta Annabel Lee tê-lo-ia adotado como musa para a sua banda desenhada.

– Disse-te em tempos diante do mural do Triunfo de Vitoria, Kraken: *Fidelitas*. É a minha cena.

Levei alguns segundos a juntar as peças.

– Vamos lá ver, foi o Tasio quem te pediu.

– Digamos que antes de partir para os Estados Unidos ele me encomendou uma missão sagrada. Ele gosta mesmo de ti. E isso quer dizer muito vindo do Tasio, agora que ele desconfia de metade da humanidade, depois de o terem posto na prisão sem ser culpado.

– O seu irmão gémeo pô-lo na prisão, meu caro. O seu irmão gémeo – lembrei-o. – Mas voltando ao tema que me interessa, andas a espiar-me, maldito sejas.

– Tomamos conta de ti. Sou a tua ciber-ama-seca. De nada.

– Não te pedi nada. A minha privacidade não é um jogo para tu e o Tasio jogarem. Quero que ma devolvas, Matu, ou juro que vou atrás de ti.

– Não te passes. Já há algum tempo que estou bastante limpo e ando a tentar ganhar a vida como *white hat*, mas a reinserção no mundo laboral é dura quando já não temos vinte anos e o nosso registo criminal está em todas as bases de dados. Mas volto a insistir: tens de controlar a Golden.

– Confio na Golden – disse em voz alta. Saiu algo como “on ío a goolden”, mas cada vez me importava menos o que as pessoas pensavam da minha voz de cana rachada.

– O que sabes sobre ela? – perguntou-me em tom de desafio.

– O suficiente.

Que me tinha ajudado a prender um fugitivo acusado de violência doméstica a quem arrendava um quarto. Que em troca eu fiz vista grossa a uma fraude para que pudesse cobrar a pensão de viuvez do seu companheiro com quem nunca se casou ao fim de quarenta anos de relação... Esse tipo de pormenores biográficos.

– Talvez não tanto como devesse. Tudo isto me cheira a esturro. Até fingiu ser uma adolescente num grupo privado de suicidas.

– Fóruns de suicidas? Pensava que isso era um mito urbano.

MatuSalem ficou a olhar para mim como se ele fosse o adulto e eu o jovem imberbe.

– Tu vives num mundo muito cor-de-rosa.

“Muito cor-de-rosa”, pensei com amargura. “Hoje tenho de enterrar um amigo, Matu. Não me lixes, não sou virgem. O Diabo já me lixou de todas as formas.”

– Só um conselho, espero que como adulto não me ignores e faças caso do que te vou dizer: não a abordes diretamente, vai-se retrair como um caracol. Deixa que eu a vigie e vou-te pondo a par dos passos dela. A Golden tem um grande currículo, mais do que pensas. Quando a internet se estava a desenvolver, em 1998, ela já andava nos limites entre o Bem e o Mal virtual na Cisco. A Golden fez parte da equipa original que colocou os alicerces do que seria a rede das redes na Europa, a partir dos escritórios de Amesterdão. Eu era apenas um bebé acabado de nascer. Na verdade, até a minha mãe era uma criança. Lá porque agora é a tua assessora, não penses que foi sempre uma *white hat*, passou-se para o lado negro em muitas ocasiões. Além disso, agora entra na Deep Web como se aquela fosse a sua casa, e olha que é preciso ter estômago para andar por lá. Sejam os claros: se lá vais, ou queres cometer um crime, ou queres cometer um crime. Não há outra hipótese.

“Às vezes temos diante de nós a história toda, mas uma árvore impede-nos de ler o rótulo completo e só vemos um fragmento – disse, e eu não percebi nada. – Às vezes não vemos a palavra inteira, mas uma parte é suficiente para ter um significado próprio. Olha o exemplo da empresa Cisco. Os fundadores tinham à frente do seu escritório na Universidade de Stanford um cartaz com as palavras “São Francisco”. Usaram isso como nome para a sua ideia de negócio e agora é cotado em bolsa.

– Imaginemos que acredito em ti – escrevi no caderno. – Imaginemos que não estou no meio de uma luta geracional entre os egos dos dois *hackers* mais lendários da zona norte. Tens algum conselho técnico que possa implementar?

– Compra outro telemóvel com um número novo para tudo o que não queiras que seja vigiado. Consegue um cartão SIM novo que não esteja associado ao teu cartão de cidadão, de certeza que algum dos teus colegas de Combate ao Cibercrime te pode ajudar com isso. A investigação, a tua vida privada, a tua segurança... Continua a dar migalhas à Golden para que ela não se aperceba de que descobriste a sua intromissão. Quer me peças ou não, eu vou continuar a seguir as pistas dela pelos Infernos. É ponto assente, eu não te obedeco. Não me proibas porque não vou fazer caso.

Aquela insolência infantil começava a irritar-me um pouco.

– Dá-me uma única prova, Matu. Dá-me uma única prova para eu acreditar em ti.

– Queres provas? Pergunta à tua rapariga dourada que raio anda a fazer a encomendar armas *Taser* às portas do inferno.

Aquele dado foi suficiente para me calar.

Aquilo era, sem dúvida, uma prova de que a Golden Girl andava a perguntar demasiado.

MatuSalem olhou para o relógio de pulso e levantou-se do banco da igreja.

– Às duas fecham isto e eu bazo daqui. E agora é quando tu comes os papéis ou os queimas. Sei que não sou ninguém para te dar conselhos, sei que me falta experiência e tudo isso, Kraken, mas, porra, devias começar a falar de uma vez por todas e impedir que a tua vida e as tuas conversas passem por um ecrã. Por mais precauções que tomes, não é seguro. Sabes o que nós, os *hackers*, dizemos: quanto mais sabes, mais paranoico te tornas. O perigo é real, não te ponhas a jeito, pois já te lixaram a vida uma vez.

O jovem arrancou as folhas do que eu escrevera, deixou-mas no banco e levou com ele o caderno e o lápis tão silenciosamente como tinha chegado.

...

E o funeral?

Pois bem: o funeral. O enterro de Jota. Passemos à frente, a sério. Foram os rituais habituais, sem nada a acrescentar. O meu grupo de amigos, sem nada que dizer, em estado de choque.

Voltámos a ser três encapuzados debaixo de chuva, uma tríade do inferno que não o soube proteger dos demónios.

Jota era o mais frágil de nós os quatro.

Sempre.

Caiu ele primeiro.

Os restantes: Lutxo, Asier e eu éramos duros como pedras, como o gelo, como carvalhos.

Mantínhamo-nos em pé, apesar do granizo.

Apareceu um corvo negro, um pássaro horrível, e pousou no meu ombro. Não, era um pensamento:

“Vou acabar com isto porque sou neto do meu avô, faço um pacto com algum deus que me ouça e acabo com isto, porque mais ninguém aqui vai morrer.”

Faltou pouco para que todas as estátuas do cemitério se partissem a rir quando passei por elas.

O verão de Kraken

8 de julho de 1992, quarta-feira

As suas rotinas matinais não tinham mudado muito desde o dia em que voltaram de Sandaili. Por volta das seis da manhã, Annabel acendia a sua lanterna de mineiro, saía do saco-cama e desenhava em cima da cama. Unai, insone, acabava por se aproximar e mantinham as suas conversas entre murmúrios cada vez mais confidentes.

Mas alguma coisa tinha realmente mudado, ou talvez se tivesse somado aos rituais de Annabel.

Antes mesmo de surgir a luz do amanhecer, e depois de dar por terminada a sua sessão de desenho sob a luz da lanterna, calçava as botas de montanha e saía para ir dar um passeio pelo bosque de sequoias nas proximidades.

Não ia sozinha. Nos últimos dias, Lutxo tinha-a acompanhado e por volta das sete da manhã partiam ambos, em silêncio e sussurrantes, e abandonavam a casa para mergulharem numa Cantábria obscura que ainda dormia.

Lutxo era um dos últimos projetos de Annabel. A jovem tinha ficado a olhar para ele fixamente uma noite enquanto ele acabava com a bandeja de torresmos.

– O que foi? – perguntou ele ao sentir-se observado, com a boca cheia de pele de porco.

– És aquilo que comes – disse ela num tom confiante. – Comes gordura: és gordura. E as pessoas veem gordura. Vem amanhã comigo, vamos dar uma volta pela montanha. Em dois meses conserto-te.

Ao longo dos anos, Lutxo manteve o hábito de sair de madrugada para ir à montanha. Também passou a adorar escalar, desde que viu dois escaladores na parede de Sandaili e Annabel lhe falou das escolas de escalada e das paredes de escalada que já estavam na moda noutros lugares na Europa e que ela já visitara. Falou-lhe das presas, do magnésio e dos pés de gato, fizeram *boulder* em rochas próximas que se prestavam a isso, e até se habituaram, como duas aranhas, a contornar a metro e meio de altura as paredes exteriores do palácio Conde de San Diego, para irem fortalecendo as falanges.

Mas a aliança recém-nascida entre Annabel e Lutxo trouxe novos atritos. Lutxo mostrava-se muito mais cáustico do que era costume com Unai, talvez por não suportar a intimidade matinal que Annabel e o seu amigo de infância partilhavam todas as madrugadas. Aquelas conversas a meia-voz, aqueles risos e aquelas confidências.

Certa manhã, encontrou a desculpa perfeita na manchete do jornal:

*

O VERÃO DE KRAKEN

Já são três os exemplares de lulas gigantes que aparecem mortos nas costas das Astúrias, perto da cidade de Luarca. O último é um macho de *Architeutis dux*, que aos dezassete meses já tinha atingido quase 14 metros de comprimento.

*

– Unai, esta lula é mesmo parecida contigo, não achas? – espicçou-o Lutxo ao pequeno-almoço.

A mesa estava completa: Saúl, Rebeca, Annabel e os quatro vitorianos. No início, ninguém percebeu a piada.

– Estás a falar de quê?

– Disto. Olha só os tentáculos. Duas vezes o comprimento do corpo. Como tu. Quanto é que medem os teus braços?

– Mais do que os teus neurónios, isso é óbvio.

– Não te chateies, Kraken.

– Não sou nenhum kraken – replicou Unai, aborrecido. – Lutxo, não me provoques que isto ainda acaba mal.

– O Kraken ficou zangado... – provocou Lutxo. E repetiu a piada na manhã seguinte, e na outra.

Naquele dia a meio da semana, Unai tinha acabado de sair do duche e não encontrava a sua toalha. Algum engraçadinho – Lutxo, Asier...? – devia tê-la levado. Nem sinal dela. Teve de se aproximar, nu e molhado, do lavatório e enrolar à volta da cintura a toalha minúscula que lá estava para secar as mãos.

Desceu as escadas a amaldiçoar os amigos, desejando não se encontrar com ninguém pelo caminho. O dia prometia calor, ainda não eram nove e meia e já se sentia o bafo. O dormitório dos rapazes estava vazio, tinham descido todos para ir tomar o pequeno-almoço.

Ia tirar a toalha e começar a vestir-se quando ouviu atrás de si a voz calma e aquática de Annabel Lee.

– E o Lutxo? – perguntou Unai.

– Está a tomar o pequeno-almoço. Estás chateado com ele por causa da tua alcunha?

– Não – mentiu.
– Adoro Kraken. Tens mais sorte com as alcunhas do que eu.
– Duvido muito.
– A sério. Tenho de te contar uma coisa: escolhi o meu nome, Annabel Lee, porque não gostava do que me tinha dado o grupo de motoqueiros da minha mãe – disse naquele dia Annabel nas costas de Unai.

Ele virou-se e sentou-se em cima da colcha com as calças de ganga e a *t-shirt* escolhida numa mão.

– Que alcunha te deram? – quis saber.
– Erva daninha. Nunca tenho boas relações com as raparigas, até mesmo com as mulheres mais velhas, pois não consigo evitar que os maridos delas me sigam com o olhar. As mães das minhas amigas não me querem nas festas de aniversário delas, e entre os rapazes... semeio ventos, colho tempestades. Não consigo evitá-lo. Nem quero evitá-lo. Estás avisado. Até mesmo os namorados da minha mãe me perseguiram, e ela sofreu muito por minha causa. Às vezes defendeu-me, outras, e essas magoaram-me, culpou-me de os seduzir. Eu, que sou indiferente a todos os homens do mundo menos a ti. Eu, que só te sou fiel a ti em pensamento. Eu, que espero por ti desde os quatro anos.

E Unai ali, só com uma toalha de secar as mãos a tapar o imprescindível e que lhe ficava muito pequena.

Preferiu não responder, pegou na roupa e saiu daquele forno como um demónio renegado.

...

Horas depois, Jota, Annabel e Rebeca terminaram finalmente, um pouco cansados e com as mãos feridas, o telhado da tal cabana da Idade do Ferro. Naquele dia, Rebeca estava tensa e silenciosa. Jota apercebeu-se imediatamente. Há pessoas empáticas, outras abstraídas. Como Annabel, que nem sequer reparava na presença da miúda na maior parte dos dias.

Rebeca aproveitou que Jota foi encher o cantil de água para se deixar ficar com Annabel dentro da cabana e aproveitar para falar com ela.

A jovem sabia que Annabel e Jota tinham visto alguma coisa em Sandaili. Quando desceram da gruta à procura de um pouco de intimidade, depararam-se com Saúl e com ela, que estavam de regresso. Rebeca pensou que seria suficiente. Com o coração a galope começou a contar tudo em voz baixa, cheia de vergonha.

Annabel interrompeu-a de imediato:

– Não quero ouvir nem mais uma palavra. Tens muita imaginação.

– Não acreditas em mim? – perguntou Rebeca num fio de voz. Nem sequer se atrevia a olhar para ela. Era tão... fria. Lembrava-lhe a sua tia.

– É claro que não. E mesmo que fosse verdade... o Saúl Tovar? Pelo amor de Deus, miúda. Se assim fosse, tinhas a maior sorte do mundo.

Jota ouviu o final da conversa, parado à entrada da cabana.

– O que se passa aqui? – perguntou ao ver a tensão entre as duas raparigas.

– Ela que te conte, eu já terminei nesta choça – respondeu Annabel, pegou no cantil e saiu da cabana, deixando para trás uma menina a tremer e à beira do colapso.

Tinha outra vez o coração a bater depressa, depressa, depressa. Às vezes acontecia-lhe, disparava e as pulsações não baixavam.

– O que se passa, Rebeca? A mim podes contar-me.

– Nada, Jota. Não se passa nada – disse ela em voz baixa, não fosse o seu pai aparecer, apesar de saber que ele tinha voltado a casa para ir buscar refrescos e a geleira.

Jota aproximou-se, sentou-se ao lado dela no banco de madeira que outros estagiários tinham construído no ano anterior e deu-lhe a mão.

– Rebeca, a sério. Seja o que for, podes contar-me. – E a sua voz, como a de um irmão mais velho, amorosa, transmitia confiança.

Rebeca olhou para a mão dele e gostou daquele momento. Era pequena, ainda de criança. Pura inocência.

Assim que Rebeca começou de novo, não se poupou em detalhes, contou tudo, até a parte sobre a tia. Tudo. Tudo.

Vinte minutos depois, Unai encontrou Jota a vomitar à beira da estrada.

– Estás com mau ar, é por causa do calor?

“Espero que não estejas bêbedo a estas horas”, pensou Unai, preocupado com o melhor amigo.

Jota apoiou-lhe um braço no ombro. Precisava do seu apoio, Unai tinha muito bom senso e naquela situação não havia nada de normal.

– Nada, é a filha do Saúl, coitada, que não está nada bem. Tem umas cenas mentais horríveis. O Saúl já me tinha avisado de que ela estava medicada e que teve de ser internada por depressão.

– Mas o que é que ela te disse?

– Baboseiras, na verdade. Uma série de baboseiras. A Rebeca contou-me coisas de pessoa muito desequilibrada. Não sei como é que, com treze anos, se metem essas coisas na cabeça de alguém com essa idade. Estou a alucinar, a sério. O Saúl já me tinha dito para o avisar, caso reparasse em algo estranho. Está muito preocupado com ela. Olha, não contes nada aos outros, que eu gosto mesmo da miúda e tenho pena dela. Pobrezinha, perdeu a mãe no ano passado.

– Caramba, que duro. Com doze anos – pensou Unai em voz alta.

Se havia alguém naquele acampamento que era sensível ao drama da menina era Unai, na sua condição de órfão de pai e mãe. E Jota, a quem faltava pouco para entrar nesse clube.

– O Saúl contou-me que, além da depressão por causa da morte da mãe, lhe diagnosticaram mais alguma coisa, não me lembro, eu não percebo nada disso, na verdade. Mas uma cena mesmo má. E que lhe deram comprimidos e tudo, e que a internaram no hospital de Santander durante alguns meses, drogada. O Saúl está um caco, foi por isso que a trouxe, para que a filha se distraia e esqueça de tudo. Diz que não quer voltar a interná-la por nada deste mundo.

– O que vais fazer, Jota? Eu não vou contar nada a ninguém, não te preocupes.

– O que vou fazer, Unai? O que vou fazer? Pois, o que devo. Vou falar com o pai dela, apesar de ser um tema tão sensível, e contar-lhe o que a filha me disse. É o mínimo que posso fazer para os ajudar, não achas?

Os jardins de Collado

7 de dezembro de 2016, quarta-feira

Dezembro trouxe-nos umas manhãs gélidas, com amanheceres pouco luminosos. Continuei a correr, apesar da névoa matinal. Seguia à letra as instruções da minha terapeuta da fala: fortalecer o lado direito do corpo, praticar em casa em voz alta até ficar obcecado.

Ficar obcecado não era um problema.

Ficar obcecado era bom para mim.

Avançava a velocidade de cruzeiro na recuperação da fala: em apenas duas semanas já pronunciava frases de três palavras, tinha perdido a vergonha de falar diante de conhecidos e desconhecidos. Não me interessava o que eles pensavam, estava em jogo recuperar a minha vida e isso era muito mais importante para mim do que as opiniões dos outros e os olhares de pena.

Pretendia seguir os conselhos veementes de MatuSalem e comprar outro telemóvel e fazer com que Milán me ajudasse a gerir os assuntos cinzentos para obter um número que não estivesse associado ao meu cartão de cidadão.

Encontrava-me a meio de uma semana atípica de pontes laborais, de modo que vesti as calças de fato de treino e o blusão com capuz e corri praça abaixo em direção ao parque da Florida.

Alba e eu tínhamos regressado às nossas antigas rotinas de *jogging*; as ruas escuras da nossa cidade davam-nos o anonimato e a intimidade que não tínhamos na esquadra.

Mais uma vez, encontrei-a a correr pelo Batán, concentrada em manter o ritmo, a cintura menos definida, a passada menos veloz, a passada de pronadora mais cautelosa. Detetei algo na sua forma de correr que me preocupou, talvez fosse o meu subconsciente que o apontou e deixou nalgum canto perdido do meu cérebro para que não incomodasse quando parei à frente dela.

Ia preparado analogicamente, como me tinha dito MatuSalem, com um pequeno caderno e uma caneta. Parei-a com uma mão e começámos a correr em direção à avenida San Prudencio.

– Vens de... – lancei-me com coragem.

- Diz-me.
- Las campas...?
- De Armentia? – terminou ela.
- Quero... qu... quero contar-te uma coisa.
- “É importante”, transmiti-lhe com o olhar.

– Claro, Unai. Queres que paremos?

– Sim, é melhor – respondi e tirei o caderno do bolso do casaco e ela olhou para mim sem compreender.

– É melhor sentarmo-nos no banco – escrevi.

À nossa esquerda tínhamos chalés cujas luzes começavam a dar sinais de que os seus habitantes começavam a acordar àquelas horas. A névoa no passeio era tão baixa e tão intensa que procurei um banco debaixo de um candeeiro para ter alguma visibilidade. Tínhamos chegado ao arco de pedra com a imagem de San Prudencio, o nosso padroeiro. O bispo ancião olhava-nos com preocupação. Estava frio e a humidade colava-se à roupa, não ia ser um dia ameno.

– Temo que o meu telemóvel tenha sido *hackeado*. Há duas semanas o avô atirou-me o telemóvel à água e entreguei-o a uma das colaboradoras informáticas externas da Unidade para que recuperasse toda a informação: os meus contactos, fotos... o *nick* dela é Golden Girl. Eu tinha-a ou tenho como alguém da minha inteira confiança. Mas outro dos meus colaboradores, o MatuSalem, o *hacker* que ajudou o Tasio Ortiz de Zárate, começou a vigiar-me a pedido do próprio Tasio e avisou-me de que ela, desde que lhe dei o meu cartão, desceu à Deep Web e tem andado a fazer perguntas sobre armas *Taser* e outras questões relacionadas com a investigação dos Rituais da Água.

Alba leu o parágrafo que escrevi e pediu-me para continuar. Virei a página e escrevi de novo:

– Devíamos investigar a Golden Girl, mas ela é uma *hacker* muito experiente, temos de pensar numa estratégia, mas antes vou comprar um telemóvel com um novo número, que só te vou dar a ti, à Estíbaliz, à Milán e ao Peña. A nível pessoal, só vou incluir o meu irmão e o meu avô, como medida de proteção. Teremos de determinar o que continuaremos a partilhar no meu telemóvel e o que fica reservado para o novo telemóvel, de modo a que a Golden Girl não suspeite de que nos apercebemos da sua vigilância. Mas não posso continuar a escrever nenhuma informação confidencial no ecrã do telemóvel nem realizar nenhuma chamada que tenha que ver com a investigação. Temos dois *hackers* a espiar tudo.

– Duas perguntas: o que achas que ela tem que ver com Os Rituais da Água?

– Não faço a mínima ideia – disse em voz alta. – E... a outra pergunta?

– Porque raio, inspetor Ayala, é que não entregou o seu cartão aos nossos técnicos de informática ou à Milán?

Aproveitei para a observar atentamente, tinha engordado vários quilos e o seu rosto comprido estava mais cheio. Também as mãos finas estavam inchadas. Mas estava cansada, com olheiras, e apeteceu-me pedir-lhe que viesse comigo para dormir um pouco, como naquela madrugada de verão.

– Porque no meu cartão de memória ainda tinha as mensagens que trocámos pelo WhatsApp em agosto. Sinto muito, Alba. Não as apaguei. Às vezes precisava de as ler porque me davam força. E não queria pôr-te em xeque diante dos nossos colegas. Ter-se-iam apercebido. Não o podia fazer.

Alba ficou em silêncio, corando quando leu as minhas palavras. Pegou-me na mão, um toque delicioso, e agradeceu-me com o olhar. Depois voltou a ser a subcomissária.

– Achas que ela é suspeita? – perguntou apontando para o que eu escrevera no caderno.

– A Golden? Nem pensar – disse em voz alta.

“Nem por sombras”, pensei.

– É uma mulher mais velha que foi recentemente operada à anca, não pode, nem em sonhos, ser a autora dos assassínios – escrevi no meu caderno.

Alba ficou em silêncio por momentos, avaliando o que eu lhe tinha contado, abriu o casaco de penas e com um gesto automático, como se eu não estivesse presente, acariciou a barriga. Tentei disfarçar a ternura que senti ao ver aquele gesto, mas acho que não consegui dissimular muito bem, porque ela esboçou um pequeno sorriso.

– Vai começar a notar-se. Vais contar no trabalho? – escrevi.

– Sim, está na hora de falar com o comissário Medina, antes que comecem os rumores. Nunca imaginei que teria de dar explicações de um assunto pessoal no trabalho, e muito menos num trabalho como este.

– Nunca te perguntei, mas porque é que seguiste esta profissão? – quis saber.

– Queres mesmo falar da minha vida agora?

– Não sei quase nada a teu respeito. E gostaria de saber algo. Muito. Tudo – escrevi.

Alba aproximou-se demasiado do caderno, um gesto que me espantou.

– Estás bem?

– Sim... não... Não sei, estou a ver tudo um pouco desfocado. Pode ser da neblina.

– Voltamos? – sugeri, preocupado.

– Não, está tudo bem – disse, e fiquei feliz por a manter sentada e a falar, porque me pareceu muito cansada. – Porque segui esta profissão, perguntaste...

Aconteceu no liceu, quando tinha dezassete anos. Já te contei que era uma miúda bastante tímida e obesa, muito complexada por tudo o que tinha acontecido e pelo escândalo que foi em Madrid o descalabro financeiro do representante da minha mãe. Tínhamo-nos mudado para Laguardia, à procura de uma vida normal. Houve um rapaz na turma ao lado, chamava-se Álvaro. Eu estava louca por ele, apesar de não ser a única.

Não é que eu fosse ciumento ou tivesse algum direito de o ser em relação ao passado dela, mas subiu-me um formigueiro pela garganta. Um “quem me dera que tivesse sido eu, Alba”.

– Havia outra rapariga. Ela era muito alfa, dominava um grupo de seguidoras. A Marta também andava atrás dele e, por estranho que parecesse, o Álvaro ligava-me. Acho que jogava com as duas para nos fazer ciúmes, mas não tenho a certeza. Um dia ele deu um passo em frente e convidou-me para sair. Uma saída a sério. A primeira da minha vida. Combinámos naquela noite no parque que fica por baixo do hotel da minha mãe, nos jardins de Collado, junto ao quiosque com a estátua de Samaniego, o escritor de fábulas. Eu ia de saltos altos, saia, pintei os lábios com a maquilhagem da minha mãe. Não sei como é que a Marta descobriu, sempre pensei que talvez ele lhe tenha contado para a deixar com ciúmes ou fazer com que ela se decidisse a dormir com ele. A verdade é que não foi o Álvaro quem apareceu, mas sim um grupo de raparigas, as amigas da Marta, com ela a liderar.

Alba sorriu com tristeza, respirando fundo para ganhar coragem para o que me ia contar. Eu apertei-lhe a mão, queria dar-lhe força, dizer-lhe: “Está tudo bem, tem calma”.

– Seguiram-me pelo parque, desataram a insultar-me; comecei a andar mais depressa e elas perseguiram-me. Eu era uma miúda sedentária com 112 quilos de peso para um metro e setenta e quatro, comecei a correr ao perceber as intenções delas, mas eram cinco. De seguida fiquei com falta de ar, taquicardia, o meu coração não podia com o meu corpo. Caíram em cima de mim, a Marta deu-me pontapés no estômago, eu vomitei. Fui uma inconsciente, ia distraída num parque deserto durante a noite, por muito bem que o conhecesse. Estava tão entusiasmada com o meu encontro com o Álvaro que mal tinha consciência do que havia à minha volta, só as vi quando já estavam mesmo atrás de mim. Toda a vida tinha sido superprotegida pela presença mansa do meu pai, um homem que me acompanhava a todo o lado, mas naquele dia algo se quebrou.

“Nesse verão fiz sozinha o Caminho de Santiago. Menti aos meus pais, disse-lhes que ia com um grupo, demorei vinte dias a percorrer os quase oitocentos quilómetros de caminho, fazendo quarenta por dia. Cheguei à praça do Obradoiro com vinte e dois quilos a menos, nunca voltei a recuperá-los, nem deixei de fazer

exercício físico um único dia. Fiz cursos de defesa pessoal em Logroño e foi aí que me apercebi de que me queria sentir útil, mas também que queria encontrar o representante da minha mãe, pô-lo atrás das grades e obrigá-lo a devolver-lhe o dinheiro para evitar um novo embargo ao hotel. Tirei o curso e concorri para ser *ertzaintza*². Há anos que investigo os passos dele quando fugiu, mas a pista perde-se no Chile. Penso que está morto, mas não sei onde está o dinheiro. A minha mãe não sabe que eu o investigo.

Alba fez uma pausa, mas não tinha bom aspeto. Não sei se era por causa das más recordações, mas eu estava preocupado, porque ela apertava a barriga com força de cada vez que respirava.

– Em relação à Marta, foi uma das minhas primeiras detenções quando ingressei na polícia, anos mais tarde. Houve uma chamada de um vizinho em Laguardia, fomos até à casa que nos indicou e eu encontrei-os a ambos. A Marta estava casada com o Álvaro, envelhecida e com o rosto marcado por hematomas. Eu mesma tive de prender o Álvaro, o mesmo rapaz a quem eu teria dito “sim” sem hesitar. Só aquela sova que a Marta me deu fez-me afastar daquele encontro naquele verão. A Marta tinha uma filha, ele também a maltratava. Eu encarreguei-me de as transferir para uma casa para mulheres vítimas de violência doméstica. Agora o Álvaro tem uma ordem de restrição. A Marta liga-me de vez em quando para tomarmos café. Fingimos que somos amigas, eu ouço as tentativas dela de refazer a sua vida, mas é difícil. Acabou o ensino secundário, mas não estudou na universidade, ficou em casa porque o Álvaro lhe disse que o salário dele era suficiente. Casou-se cedo, nunca trabalhou. Ele isolou-a. Está perdida.

– Ainda assim... porque é que o fazes? Em tempos foi a tua agressora – escrevi, incomodado.

– Porque a Marta precisa de uma âncora, de amigas, de algo parecido com uma vida social para que o Álvaro não a seduza de novo e ela volte para ele. Não me esqueço de nenhum dos pontapés que ela me deu nas costelas, mas não quero que o Álvaro ganhe. Não sei se o faço por ela, talvez seja por causa da filha, mas sobretudo faço-o porque não consigo suportar pensar que eu poderia ter sido ela, e não quero que ele ganhe.

– Escolhes... mesmo mal os homens – disse em voz alta. Devia atirar pedras sobre o meu telhado?

– Isso inclui-te?

– Sim, isso inclui-me – escrevi no caderno. – Estou demasiado afetado por tudo o que aconteceu nos últimos três anos para ser normal e sou viciado nos problemas que me traz ser *profiler*. Investigar assassinos em série não traz nada de bom, só obsessão, e eu já sou obsessivo por natureza. Não tenho o melhor

perfil para ser *profiler*, não desligo, perco a objetividade demasiado depressa. Viver comigo é viver num drama permanente até que o apanhemos e esperamos que apareça o assassino seguinte. Gostas dessa vida? É assim que a queres viver? Não preferes alguém mais calmo?

– Já me casei com alguém mais calmo, o rei da calma, da convivência sem discussões...

– Estás a fugir disso, de ser enganada de novo?

Talvez não devesse ter dito aquilo, e a verdade é que agora me arrependo, pelo que provocou nela. A minha pergunta deixou-a alterada e irritou-a. Olhou para mim com raiva, levantou-se incomodada, sem deixar de segurar na barriga.

– O que sentes por mim – disse-me finalmente –, o que te provoco, é autêntico, visceral, involuntário. Todo o teu corpo fica tenso quando eu apareço, toda a tua linguagem não verbal grita que reages à minha presença. Pelo menos o que sentes é real, não é um truque para desflorar uma companheira reticente como no caso do Álvaro, nem sou um fio condutor direto para a investigação como fui para o Nancho. Tu não precisas de mim, não precisas de mais ninguém além do teu avô e do teu irmão, e estás aqui, apesar de todas as complicações.

– Só queres estar comigo por causa do que eu sinto? – escrevi com uma letra alterada. – Porque eu preciso de não ser uma necessidade para ti, eu também preciso que isto não seja uma estratégia, um refúgio, um penso rápido para ti.

– Um penso rápido, pelo amor de Deus... – murmurou para si mesma. – Fazes-me uma filha e autodenominas-te de penso rápido...

Mas não pôde terminar a frase. Alba fez um esgar de dor que me prendeu ao banco e desabou no chão antes de eu poder segurá-la.

E sobre a relva gelada, Alba começou a ter convulsões.

⁷⁻A Ertzaintza é a polícia do País Basco. (N. da T.)

O hospital de Txagorritxu

7 de dezembro de 2016, quarta-feira

Nem sequer pude ligar em condições para o 112 e chamar uma ambulância. Fui, mas só consegui balbuciar “San... Prudencio”. Desliguei frustrado e angustiado, enquanto segurava na mão sem força de uma Alba inconsciente. Enviei pelo WhatsApp uma mensagem desesperada a Estíbaliz e rezei para que já tivesse o telemóvel ligado a essas horas:

– Pede uma ambulância para a avenida de San Prudencio. Mulher grávida de quarenta anos tem convulsões, nível de consciência diminuído.

Bastou o *emoji* de um polegar levantado para eu saber que a ajuda estava a caminho.

...

Foi um dia longo, dolorosamente longo. Alba deu entrada no hospital de Txagorritxu, os exames sucederam-se numa lentidão desesperante. Eu não sabia se tinha perdido o bebé ou se o seu coração continuava a bater. À minha volta só havia silêncios e olhares condescendentes.

Liguei para a mãe dela no hotel Laguardia, e com toda a paciência do mundo e muitas palavras desconexas consegui explicar-lhe

o que acontecera. Chegou passada uma hora, estivemos ambos ao seu lado.

Estava louco de preocupação por Alba, mas um novo cenário deixara-me completamente abalado: Alba estava à espera de uma menina. Senti-a minha desde o primeiro momento em que pronunciou aquela palavra, no caminho de Armentia. Ia ter uma filha. Não me importava se Nancho fosse o pai biológico. Nancho não estava ali para a criar. Eu estava.

Eu estava.

O diagnóstico chegou muito tarde, quase ao anoitecer: eclampsia. Uma complicação rara de pré-eclampsia. Alba sabia, tinha a tensão alta e já o tinha detetado. Não me tinha dito, não o tinha partilhado comigo. Em suma, eu não ganhara esse direito.

Ambas, mãe e filha, estavam fora de perigo uma vez administrados os medicamentos para baixar a pressão arterial. Sim, podíamos visitá-las. Não, não podíamos cansar a mãe. Sim, Nieves ficaria lá a dormir naquela noite. Não, não era preciso eu ficar também. Que voltasse para casa, disse Alba com voz de colibri, que descansasse. Como se eu fosse pregar olho no dia em que me dizem que vou ter uma filha.

Esti veio visitá-la assim que acabou o seu dia de trabalho no escritório de Lakua. Trazia uma caixa de trufas Goya, não sei se para Alba, se para mim. Não consegui resistir a meter algumas no bolso, para passar a minha noite em branco. Riram, deram as mãos, sussurraram confidências. Naquele momento, Alba não estava em modo chefe: era uma mulher risonha e aliviada com uma gravidez de risco que começava a dar problemas. Todo o calor humano era pouco para a apoiar. Teria dado um beijo na testa a Estíbaliz ali mesmo e o meu abraço de Kraken mais efusivo.

Não o fiz, não era apropriado.

Já estava a voltar para casa quando nos corredores de soalho brilhante do hospital me cruzei com o comissário Medina.

– Acabo de saber – disse-me num tom baixo e com uma voz circunspecta. – Posso visitá-la agora?

Tive de lhe dizer que não com a cabeça e aponte para o relógio para justificar a minha resposta. Já era de noite, o horário das visitas tinha acabado há tempos e Alba dormia quando fechei a porta do seu quarto.

– Muito bem. Volto amanhã, então. Queria fazer-lhe uma visita pessoal, mas também me trazem aqui assuntos de índole profissional. Você esteve à frente da investigação do caso do marido dela.

Assenti com a cabeça, um pouco tenso. Não sabia aonde aquilo ia parar.

– Como sabe, a esquadra é um ninho de intrigas e devo saber que resposta dar ou como quer a subcomissária lidar com a situação. O que quero dizer é se você sabe se... pois bem, se está grávida de dezanove semanas, desde agosto, então o filho...

– Filha – escrevi no telemóvel e mostrei-lhe.

Naquele momento não me lembrei dos avisos de MatuSalem: que a minha vida não passasse pelo ecrã do meu telemóvel, etecetera. Não queria saber dessas parvoíces, de ser cauteloso, de me proteger, de pensar com clareza, de ser um estratega. Naquele momento era um pai pela primeira vez, preocupadíssimo com a mulher que adorava e pela sua/minha filha.

– Pois bem, a sua filha – corrigiu-se. – Perguntava se a sua filha é do nosso assassino em série...

– Eu sou o pai – interrompi-o. Disse-o em voz alta, como uma chicotada, pronunciei-a clara e fortemente, com raiva e autoridade. – Eu sou o pai – reafirmei.

E improvisei uma mentira piedosa para proteger ambas. Escrevi no telemóvel, perante o seu olhar estupefacto:

– A subcomissária encontrava-se em processo de separação do marido, embora ainda não tivessem começado os trâmites legais. Eu e ela mantínhamos uma relação e a filha é minha. Mantivemos tudo em segredo por causa das circunstâncias especiais que nos rodearam. A subcomissária pensava falar consigo para o pôr a par da situação em breve. Como pode compreender, não está a ser fácil para nenhum de nós. Peço-lhe que não conte nada a ninguém até a subcomissária estar em condições de falar consigo, mas desde logo pode e deve cortar pela raiz qualquer alusão a que a nossa filha seja filha do Nancho.

Não queria que Alba sofresse o estigma de ter uma filha de um assassino em série. Por ela, mas também pela bebé, pois não era justo vir ao mundo com semelhante peso.

Faltava esclarecer se Alba ia permitir que eu ficasse na vida dela e na da filha, faltava esclarecer o meu papel naquela tragicomédia, porque possivelmente eu não estivera à altura da situação desde o primeiro momento. Mas tinha de as proteger a ambas de viverem sob a sombra negra da memória que Nancho deixara em Vitoria, e aquela foi a única maneira que me lembrei de calar os rumores.

Que ironia, agora que sei que naquele momento estava a assinar a minha sentença de morte.

Os jardins do hospital

8 de dezembro de 2016, quinta-feira

Era feriado, mas logo pela manhã, àquela hora em que nos hospitais começam a importunar os pacientes com as primeiras recolhas de urina e análises ao sangue, apresentei-me no hospital de Txagorritxu. A mãe de Alba dormia num sofá de couro verde, aquela mulher era elegante até a dormir. Podia ter sido capa de revista naquela mesma posição, abandonada ao sono, mas mesmo assim mantendo a pose.

Acordei-a discretamente, procurando que Alba não se apercebesse. Nieves compreendeu as minhas intenções, após ver o meu olhar suplicante e deixou-me sozinho com ela, sentado numa cadeira desconfortável que aproximei da sua cama.

Não tive pressa em acordá-la, estava demasiado distraído a observar a tímida barriga que se adivinhava por baixo dos lençóis. Só queria passar a minha mão e dizer-lhe: “Não te preocupes, que o teu pai vela por vocês”, mas não me atrevi.

Talvez aquela filha forte já tivesse a capacidade de me ler a mente e acordou a mãe, porque naquele mesmo instante Alba abriu os olhos.

Lentamente, como se regressasse de um longo exílio.

– Bom dia, Alba. Como te sentes? – Tinha ensaiado a frase, reconheço.

– Seis palavras. Disseste seis palavras. – Sorriu, apesar da sua cara de cansaço e das olheiras profundas.

– Dá-me mais um mês... e faço-te um discurso.

Ela riu-se, eu não queria que ela se risse. Ainda não. Agora vinha a parte pior. E queria ter aquela conversa ao natural, sem o caderno. Tinha passado toda a noite a ensaiar as frases. Curtas, explicativas, daquelas que definem uma vida e de que uma pessoa se lembra na velhice.

– O comissário já sabe – informei-a.

– Sabe o quê?

– Veio cá ontem.

– Sabe o quê? – insisti.

– Vocês estavam separados, eu e tu estamos juntos.

Ela ficou por momentos a pensar no que eu dissera, a frase não era muito boa, eu sei, mas as minhas habilidades orais só chegavam até ali.

– Porquê? Porque lhe disseste isso?

– Disse-lhe que a filha é minha, sem sombra de dúvidas.

Alba olhou para a barriga, como se estivesse a conversar com a filha que esperava e eu estivesse excluído daquele diálogo telepático.

– Fizeste-o por ela – disse por fim.

– Há dúvidas na esquadra, Alba. Ninguém deve pensar que...

– Que ela pode ser filha do Nancho.

– É um fardo demasiado pesado, ela não merece.

– Estás a protegê-la, não sabes se é tua filha, estás a protegê-la.

– Deixa-me fazê-lo. Tu e eu... Tu decides se há um tu e eu. Mas deixa-me fazer isto.

– Então vamos dizer a toda a gente que eu já estava separada do Nancho, e que eu e tu estávamos juntos em agosto e que a filha é tua, sem margem para dúvidas.

– Uma só versão. Sempre. Sem fissuras. – Como um mantra.

Tínhamos de manter a nossa versão sólida e igual para toda a vida. Duas vidas. As de ambos.

– E se a bebé se parecer com o Nancho?

– Ele era boa pessoa, quando não matava – escapou-me.

Ela olhou para mim como se me fosse espetar a agulha do soro, mas a seguir riu-se, riu-se às gargalhadas.

– Tens razão, no fim de contas não era mau tipo – concordou.

Ri-me com ela, apesar de interiormente estar a pedir perdão a Martina por aquele sacrilégio. Mas tínhamos de nos rir daquilo, aligeirar a nossa situação, ser mais fortes do que as circunstâncias que estavam por vir.

Contudo, aquele momento de conexão fugaz não foi suficiente. Toquei na mão de Alba para a apertar e dar-lhe força, mas ela retirou-a.

– Unai, quanto a ti e a mim... Hoje não te posso dar uma resposta, está bem? Hoje estou focada noutra coisa, e também tenho de estar forte para quando tiver alta e voltar ao trabalho. Quero enfrentar sozinha o que vou encontrar na esquadra, depois tomarei uma decisão a teu respeito, está bem?

“Que remédio”, pensei.

– Claro – disse. – Posso voltar esta tarde? – perguntei antes de me ir embora.

– Podes ver a tua filha sempre que quiseres, Unai. Vem quantas vezes quiseres. E aquela frase foi suficiente para iluminar o meu mundo.

Saí para o corredor e encontrei Nieves à minha espera encostada a uma parede.

– Vamos, Unai. Acompanho-o à saída.

– Claro – respondi.

De vez em quando um ou outro paciente, daqueles que passeavam com o saco de soro preso a uma barra de metal com rodas, olhava para nós de soslaio. Não sabia dizer se reconheciam Kraken ou a atriz aposentada.

Nieves fingia não se aperceber de nada. Eu imitei-a.

E assim fomos os dois caminhando e fingendo enfermeiras e tamancos brancos até à entrada.

Sáímos para a rua e atravessámos o parque de estacionamento. Os carros passavam com os seus donos protegidos do frio da manhã nos seus cubículos, concentrados na perspetiva do dia de trabalho que aí vinha.

Observei-os sem inveja; em breve eu também seria um deles.

– Admiro-a – disse Nieves de repente enquanto caminhávamos.

– Como?

– Admiro a Alba.

“Eu também, nem sabe quanto...”, estive prestes a dizer, mas não era o momento.

– Sempre admirei a maturidade, a força dela. Sabe o que é ter uma filha que nunca se queixou?

Sorri. Isso combinava bem com Alba, não se queixar.

– De tudo o que fiz na vida, ela é a minha melhor representação, a minha melhor obra. Não vai quebrar. Esta gravidez, por mais dura que seja, não a vai quebrar. Já passou por uma perda. Isso foi muito pior, abraçar um filho morto. Ela tomou uma decisão. O Unai parece um bom homem, por isso não lhe vou dizer para não magoar a minha filha. Isso é lá entre vocês. Ela encarrega-se de que não a magoe.

– Eu sei.

– O que lhe peço é que não magoe a minha neta. Se estiver presente, se a Alba lhe permitir estar, seja um pai. Sempre. Se ela, ou o Unai, ou ambos decidirem que não vai ser pai, então não esteja, não se meta, não entre na vida da minha neta para perturbar tudo. Ainda não sei nada sobre ela, não sei se será forte como a Alba, ou fraca como o avô, gananciosa como o bisavô, ou talvez uma psicopata, se for filha do Nancho. Ainda não sei, mas sei que se tiver um pai que aparece e desaparece, ela vai sofrer como todos sofreríamos. Com isto quero dizer que o Unai e a Alba deviam deixar bastante claro o papel que o Unai vai ter na vida da minha neta antes mesmo de ela nascer. Não oferecem o papel de pai, Unai. Vai errar, fazer algumas coisas mal, como todos os pais e mães do mundo. Mas decida já qual vai ser o seu papel. A partir de agora, já não são só um casal, já não são dois adultos. Agora trata-se de uma família e é a vida de uma menor que está em jogo.

– Espero que a sua filha mo permita, Ni... Nieves. Quero que a minha filha tenha um pai.

Nieves deu-se por satisfeita com a minha resposta, ou talvez com a determinação do meu olhar.

Não pus máscaras, estava despido diante dela, e não me importava que me visse como eu era.

Os meus nervos, as minhas diminutas capacidades para conversar. Aquele era eu e, apesar de tudo, sentia-me capaz de ser um bom pai.

Despedimo-nos com dois beijos e Nieves subiu as escadas até ao interior do hospital.

– Volto esta tarde para a ver. Diga-me se... se querem alguma coisa – disse eu, antes de me ir embora.

Ela fez um gesto como que a dizer “não precisamos de nada, obrigada” e virou-se.

– Unai... só mais uma coisa, para que conste – disse-me antes de se afastar.

– Sim?

– Pessoalmente... adoraria que fosse o pai da minha neta.

– Ob... ob... obrigado, Nieves – emocionei-me.

Agora sabia de onde vinha a qualidade humana de Alba.

A ara das *Matres*

9 de dezembro de 2016, sexta-feira

Eram sete da tarde quando começou a chover a potes. Salvei-me por um triz, com duas passadas cheguei à porta da entrada da minha terapeuta da fala e subi com os ombros e o cabelo encharcados. Nada de especial, não tardaram a secar, apesar de o consultório de Beatriz Korres ainda não ter aquecimento, nem estar muito preparado para um inverno que se adivinhava duro, a transbordar de neve e de madrugadas geladas.

Repetimos as frases de oito palavras, e a minha terapeuta insistiu para que eu praticasse a toda a hora com as aplicações para ganhar agilidade. Acho que estava a avançar mais depressa do que ela esperava. Não havia segredos, só um tipo obcecado em voltar à normalidade, que se exercitava em média quatro a cinco horas de reabilitação sozinho.

A minha casa transformou-se no meu ringue de boxe particular. A preguiça, os altos e baixos da investigação e o cansaço mental eram os meus adversários habituais. Cada dia os conhecia melhor, cada dia tinha o meu músculo mais treinado, cada dia ganhava um pequeno assalto, uma batalha discreta. Aqui as palavras-chave eram: “um dia de cada vez”.

Deram as oito no seu consultório. Tinha escurecido e as gotas batiam na diagonal e com fúria contra a janela semicircular. Caiu uma tromba de água, o céu desabando em blocos sobre Vitoria; felizmente não durou muito tempo e acabou por acalmar.

– Já está na hora, Unai. Basta por hoje. Se continuar assim, vou ficar sem paciente em breve – sorriu calmamente.

Vestiu o seu casaco de pele azul-índigo, pegou num guarda-chuva a condizer com os sapatos azuis e descemos para a rua.

Não estava à espera do que vi diante da sua porta, e fez-me sentir tamanha ternura que voltei a acreditar na condição humana.

O meu pobre irmão Germán esperava-nos na rua San Antonio, calado, protegendo o que lhe restava de um ramo de flores, que antes da chuva devia ter sido magnífico, elegante e caríssimo.

Reparei num guarda-chuva que me soava familiar a sair de um caixote do lixo próximo. As varetas estavam partidas, a tromba de água não tivera piedade das intenções românticas do meu irmão, nem dos rituais do seu tímido cortejo.

– O que fazes aqui? – perguntei em voz alta.

Era uma das perguntas-bengala que tinha treinado com Beatriz, era prática e dava-me bastante jeito.

Germán pigarreou e recompôs-se, para ele era importante, vi-o nos seus olhos suplicantes.

– Comprei uma lembrança à tua terapeuta para lhe agradecer o que tem feito pelo meu irmão. Beatriz, amanhã trago um ramo em condições, eu...

– Devia ter tocado e subido, Germán – interrompeu-o ela, adiantando-se e pegando no ramo encharcado. – Isto... esta lembrança...

– Não queria interromper a sessão. Isso é o mais importante, é... o mais importante.

Beatriz olhou para ele com infinita devoção, penso que estava comovida. O meu irmão estava todo encharcado, até a carteira pingava, e os seus dedos curtos e grossos procuravam disfarçar o tremor, estavam enrugados e molhados como os de um velho.

Observei a minha terapeuta da fala pelo canto do olho. Estava calada, penso que algo enternecida, até mesmo um pouco desconcertada. Não sei, mas diria que foi nesse momento que que ela se apaixonou por ele. Alguma coisa quebrou o muro de mulher profissional e ela deixou as comportas abrirem-se.

Deixou Germán entrar.

A partir desse momento, Beatriz foi pura doçura com ele.

– Está gelado, Germán. Vamos a um café, convido-vos para tomar algo quente, uma sopa, um café... Eu não preciso, não tenho frio, mas acompanho-vos.

E começámos a andar em direção à rua Dato, com o pormenor precioso de que Beatriz não largava o ramo de flores encharcado, apesar de lhe estar a molhar o casaco de pele e a carteira de marca.

– A sério que não tem frio? – perguntou Germán preocupado.

Beatriz riu-se, tirando importância ao tema.

– Sempre tive uns quilos a mais, fui uma criança e uma adolescente muito gordinha. Imagino que o peso a mais tem certas vantagens, porque não sou friorenta – disse feliz e risonha.

Observei-os em silêncio. Que lindo. O amor a nascer timidamente.

As dúvidas e desconfianças do meu irmão, a máscara de profissionalismo da minha terapeuta da fala.

Tudo aquilo ficou na prateleira, juntamente com o guarda-chuva destruído pela tormenta.

Mas ali havia feromonas suficientes para despertar a libido de um lobo cinzento, esses animais tão fiéis que passam toda a sua vida fértil com a mesma parceira.

Foi essa a impressão com que fiquei ao olhar para eles, juntos, Germán e Beatriz. Germán não se calava, era um vulcão de atividade verborreica, Beatriz era uma boa ouvinte, e olhava para ele como o presente do céu que o meu irmão era.

Acompanhei-os até à entrada de Usokari, mas despedi-me com uma desculpa esfarrapada que nenhum dos dois contestou, apesar de cheirar a mentira bem-intencionada, e despediram-se de mim com a promessa de que “da próxima vez tomamos um copo os três juntos”, e deixei-os no seu pequeno paraíso. Mereciam, tinham feito por isso. Por serem boas pessoas.

Percorri uma rua Dato vazia, molhada e sem vivalma. Só a estátua do Caminhante me cumprimentou do alto dos seus três metros de bronze. A chuva tinha baixado a temperatura, e as pessoas preferiam resguardar-se em casa, fazer os trabalhos de casa com os filhos, relaxar em frente à televisão, preparar o jantar... a vida, mais ou menos.

Estava a passar diante do monumento da Batalha de Vitoria, em direção à porta da minha casa, quando me lembrei de que tinha uma chamada pendente para fazer a Héctor del Castillo. Mas tirei do bolso o telemóvel com o cartão com o novo número que Milán me dera. Para o distinguir do antigo, tinha escolhido para toque do telemóvel a música *Love me again*, de John Newman. Eu sei, às vezes o subconsciente tomava decisões por mim.

Procurei na agenda e marquei o número de Héctor. Não queria que a Golden rastreasse aquela chamada.

– Héctor, sou Unai López de Ayala. Este é o meu novo número.

– Inspetor, como me alegra testemunhar os seus avanços vocais – respondeu na sua voz afável e tranquila.

– Eu sei – sorri. – Posso tirar uma dúvida consigo?

– Sim, claro que sim.

Falei-lhe brevemente, com gramática de criança, do estanque de La Barbacana. Sabia que ele assumiria que tínhamos encontrado outro cadáver, mas não era preciso dar-lhe tantos pormenores.

– Só uma pergunta: temos outro altar ali? – perguntei.

– Sim, dedicado às três *Matres*, na verdade. Foi encontrado no muro de uma horta em Laguardia. Ou seja, voltamos a ter um lugar relacionado com o culto da água como elemento fertilizador, e com rituais e oferendas às *Matres*. Não me explicaste as circunstâncias da tua última descoberta, mas posso já adiantar-te

que é, sem dúvida, o lugar ideal para realizar um ritual como o da Tripla Morte celta. Faz sentido para a tua investigação, inspetor Ayala?

Suspirei, não gostava que fizesse sentido. Não queria mais rituais da água, preferia um motivo pessoal, um único assassinio, e não uma possível cadeia de assassinios que tinham começado e sem expectativas de serem concluídos.

– Sim, f... faz – disse por fim, abrindo a porta da entrada do meu prédio com a mão livre. – Muito obrigado, Héctor.

– O que precisares, inspetor Ayala. Também estou muito preocupado com tudo isto. Posso ajudar, mas espero realmente que no futuro não seja necessário. Cuida-te, inspetor. – E o historiador desligou.

Subi ao meu andar e pus-me a praticar a lista de exercícios que a minha terapeuta me tinha passado. As cartas de Nardil com frases cada vez mais longas: “A rapariga desce as escadas, os rapazes brincam com a rapariga, a jovem desenha uma lua branca e grande...”

Foi nessa altura que Estíbaliz me ligou para o meu novo telemóvel.

– Tenho vários avanços na investigação, Unai. E avanços que vêm da Cantábria. Agarra-te bem porque há curvas – disse a minha colega, falando a cem à hora.

– Sou... todo ouvidos – respondi.

Despi a camisola, um pouco húmida, e vesti uma *sweatshirt* confortável de andar por casa. Aproximei-me da janela e encostei a testa ao vidro, sem deixar de observar os miradouros brancos que tinha diante de mim.

– A Milán localizou a irmã do Saúl Tovar: trabalha no hospital de Valdecilla, tem um cargo na direção; pelos vistos, é intocável. Gostava de lhe fazer uma visita sem a avisar, tal como fizemos ao Saúl. Não sei que relação têm atualmente. Os pais deles morreram quando eram ambos bastante jovens. A Sarah Tovar é quatro anos mais velha do que ele, e passou a ser a sua tutora legal até o Saúl atingir a maioridade, e viveram juntos até ele se casar. Ela é solteira, sem filhos. Não se lhe conhecem relações, mais parece uma freira. Faz parte de uma dezena de associações religiosas e de ajudas ao terceiro mundo. Uma alma pia, pelo que dizem.

– Porquê... porquê o Saúl?

Estíbaliz percebeu o que eu queria dizer, queria saber porque continuava empenhada em investigar Saúl, quando os suspeitos estavam mais próximos, em Vitoria: tínhamos mais motivos para investigar Asier e a Golden Girl.

Ambos tinham muitas explicações a dar, e ambos iam ser bastante esquivos. Seria melhor se os investigássemos a eles.

– Porquê o Saúl? Aqui vem a segunda parte: a Milán encontrou um dado que nos escapou. Estou mesmo impressionada com ela, temos uma craque na equipa.

– Esti...

“Despacha-te, Estíbaliz, despacha-te”, quis dizer-lhe, impaciente.

– Não sei se te lembras do caso dos jovens suicidas. Já tivemos três suicídios em circunstâncias estranhas este ano em diferentes montanhas da costa cantábrica. Pois bem, em setembro apareceu uma jovem de vinte e três anos, de Santander, no monte Dobra, na Cantábria.

– Como... como é que se matou?

– Esse é o mistério destas mortes. São adolescentes ou jovens, alguns deles tímidos, com problemas de socialização, fechados em casa, mas sem antecedentes de violência ou de drogas. Um dia saem de casa vestidos, sobem a uma montanha próxima do seu domicílio, tiram a roupa, passam a noite e na manhã seguinte aparecem mortos por hipotermia. Dá a impressão de que se deixam morrer de frio. É um ato de agressão contra si próprios muito pouco comum. Dir-se-ia que preferem passar muito frio durante horas a acabar rapidamente com a vida com uma arma branca, comprimidos ou um salto no vazio. Do ponto de vista da vítima, suponho que sejam pessoas com medo de sangue, calmas, até um pouco cobardes, apesar da coragem que é preciso para se aguentar tantas horas numa montanha escura na intempérie.

– Quem é a rapariga?

Tinha percebido a parte do suicídio, mas ainda não era clara qual a relação da vítima com Saúl.

– A vítima chama-se Gimena Tovar, Unai. A jovem consta como filha do Saúl Tovar. A Rebeca Tovar não é a única filha que o teu professor perdeu.

“Como assim?”, pensei, mas fui incapaz de expressar a minha surpresa.

Saúl teve outra filha? Só conheci Rebeca, Saúl não mencionou aquela outra morte quando o visitámos no seu gabinete.

Que um pai perca duas filhas em circunstâncias tão duras...

Não sabia, a sério.

Não sabia se devia sentir pena pela sua dor ou começar a suspeitar que em redor de Saúl havia demasiados dramas que ultrapassavam todas as estatísticas das desgraças pessoais que tocam em média a uma pessoa ao longo da vida.

De qualquer forma, impunha-se uma nova visita à terra dos cantábrios.

A cruz de Gorbea

10 de dezembro de 2016, sábado

Uma jovem partiu de madrugada em direção à cruz de Gorbea. Não a incomodava caminhar às escuras, conhecia bastante bem o caminho. Ia ser rápido, apenas uma visita ao irmão. Levava sempre com ela, escondido, um *eguzkilo* de prata que se mantinha quente em contacto com o seu peito, mas naquele sábado precisava de falar com ele. Não tinha com quem desabafar. Alba não servia. Não para aquela conversa. Estava morta de preocupação desde aquele susto das convulsões e, pela primeira vez, um pouco ciumenta. E ela já tinha aprendido a controlar os ciúmes há séculos. Estava orgulhosa disso. Conseguiu controlar-se com Paula, e Alba era melhor para Kraken do que Paula. Mais madura, mais mulher, mais focada. Ia protegê-lo melhor de si mesmo e das suas obsessões.

“Porque é que tens de estar à espera de uma filha justamente agora, meu infeliz? Ainda não percebeste em que consiste este ritual? Não tens consciência de que estão a morrer os que não estão preparados para ser pais?”, recriminou-o.

Tal como a cínica da Annabel, como é que ela ia criar um filho sendo uma mãe tão fria. E Jota... Esti sabia bem do que era capaz um alcoólico a cuidar dos filhos. Já para não falar de Rebeca, o seu irmão contou-lhe o que Lutxo insinuou...

Unai tinha admitido, em modo de confissão. Sim, a filha era sua. Não, não havia margem para dúvidas...

Será que acreditariam? Engoliria uma cidade inteira aquela explicação forçada?

Estíbaliz dissera-lhe um “fico feliz por ambos”. Que remédio. E estava feliz. Claro que sim. Queria uma família para Unai. Lembrava-se bem de quando ele e Paula, desesperados por não verem surgir o tracinho azul, marcaram consulta com um médico especialista em fertilidade. Estíbaliz já tinha aceitado isso.

Mas não agora, pelo amor de Deus, não agora.

Algum tempo depois de deixar o carro estacionado em Murua, Estíbaliz chegou, exausta e furiosa, aos pés da cruz de Gorbea. Foi ali a última vez que viu

o seu irmão, que tocou nas suas cinzas, que as viu voar e fundir-se com a montanha.

– Bem sei que não ias muito à bola com o Unai, e que me vais dizer que eu gosto de ser masoquista e a eterna amiga apaixonada, mas é que eles são mesmo uns inconscientes, a sério...

Estíbaliz ouviu a resposta cáustica de Eneko.

– Olha, não vim até aqui para me dares um raspanete.

Eneko respondeu. O espírito do irmão não estava a ter um bom dia.

– Se me continuas a insultar, ficas aqui, gelado e completamente sozinho.

Eneko mudou de assunto, mas também não foi uma escolha feliz.

– O pai está mal. Como sempre, pior. Mais nervoso, mais violento, mais comprimidos. Não me perguntes o que já sabes.

E Estíbaliz tirou a sanduíche de carne assada que preparara na noite anterior e sentou-se com as costas apoiadas numa base da cruz e começou a comê-la.

– Eneko, estou a pensar em ajudar outros rapazes e raparigas como nós. Para que não lhes aconteça... sabes o que eu quero dizer. Para que não passem pelo que nós passámos. A Alba quer ir para a frente com este projeto, eu acredito que cada pessoa nasce para algo na vida, algo que a toca profundamente, que tem mesmo de fazer. Tu tiraste-me do inferno das drogas. Eu quero fazer o mesmo, tirar outros do inferno, mas de uma maneira saudável, dando-lhes força, se é que me entendes. Já sei que para ti são parvoíces. Para, não olhes para mim com essa cara de cético, senão não te conto mais nada.

Mas não havia maneira. Talvez fosse o dia, o vento, os iões negativos, mas naquele dia Estíbaliz não se conseguia conectar como antes com o irmão.

Frustrada, deu um beijo na cruz de Gorbea e começou a descer.

Vinte e cinco quilómetros a sul, na Llanada Alavesa, Vitoria ainda não acordara.

O jogo da força

15 de dezembro de 2016, quinta-feira

O rumor começou no Twitter, naquela mesma madrugada. Alguém deu com a língua nos dentes e começou a falar de enforcados e do túnel de San Adrián. Outro associou isso ao sucedido no estanque de La Barbacana.

Quando rastreámos o primeiro *tweet* e considerámos denunciá-lo por o assunto estar em segredo de justiça, milhões de contas já o tinham partilhado e era impossível pedir que se encerrassem todas. Ia ser um trabalho interminável.

Foi um verdadeiro efeito dominó. Foi Nerea, foi Lutxo, um amigo ou familiar dos montanhistas de Araia, um vizinho de Laguardia que vivia em frente ao estanque de La Barbacana e nos espiou atrás da cortina?

Talvez Nerea tenha contado à irmã. Um “não contes a ninguém” em cadeia, que a irmã acabou por não conseguir aguentar e partilhou com o marido. Este, a fim de ganhar uns pontos no trabalho, contou de passagem diante da máquina de café da Mercedes a uns quantos colegas da sua confiança. O “não contes a ninguém” repetiu-se, reiniciado e partilhado inúmeras vezes pelos quartos, bares e passeios de Vitoria, até que um exaltado de gatilho fácil o disparou nas redes sociais.

Talvez tenha sido Lutxo quem abriu, impotente, uma conta na rede do pássaro azul sob uma identidade que aparentemente pouco ou nada tinha que ver com ele. Talvez o tenha feito ao sentir-se amordaçado perante a negativa rotunda do diretor do *Diário Alavés* em publicar a história.

A pergunta que me atormentava à noite era: interessava a Lutxo que a notícia viesse a público? Qual era o seu grau de implicação? O que é que ele sabia? Quanto me tinha contado das mortes de Annabel e de Jota?

Depois de ler todos os *hashtags* e de os analisar, percebemos que nem sequer sabiam que as vítimas tinham sido penduradas pelos pés, já que falavam erradamente de dois enforcados, mas passou a informação de que uma vítima estava grávida.

Outra informação que chegara à internet eram as localizações dos crimes: San Adrián e Barbacana; de modo que a mente coletiva, fazendo gala do seu

engenho, batizou os crimes de O Jogo da Forca.

Para uma alma simples e pouco dada a complicar a vida, havia uma lógica por detrás daqueles assassinios.

A de San Adrián.

B de Barbacana.

Qual será o local escolhido para enforcar o seguinte? Qual será o lugar histórico começado por C?

Só nós sabíamos que na Cantábria tínhamos mais dois sítios a acrescentar ao abecedário.

D de monte Dobra e F de Fontibre.

Mas não conseguimos evitar que a cidade acordasse perplexa, desejando que tudo aquilo fosse um pesadelo, nem que a manchete do jornal caísse como uma bomba atómica:

*

“O assassino é um louco que joga connosco ao Jogo da Forca.”

O hospital de Valdecilla

16 de dezembro de 2016, sexta-feira

Abriu a época, as pessoas começaram outra vez a olhar-me com desconfiança na rua.

Na sexta-feira lembrei-me de apanhar o elétrico para ir a Lakua. Não tinha voltado a andar nele naquele inverno. Várias grávidas abraçaram as barrigas à minha passagem, num gesto inconsciente de proteção. Os seus maridos olharam para mim com uma hostilidade mal-disfarçada. Uma senhora negou-me o lugar e ocupou um lugar e meio para que eu não me pudesse sentar. Presumi que esperava ser avó em breve.

Eu voltava a ser o rosto visível de uma Unidade a quem se pediam resultados imediatos, e nós, sem indícios físicos por parte da Polícia Científica, e sem ter claro nem o motivo, nem o perfil do assassino e das vítimas, dificilmente conseguíamos antecipar o seu próximo passo.

Recebi uma chamada inesperada de Héctor, se bem que a fez para o meu antigo número de telemóvel, o que estava *hackeado* por Golden e por MatuSalem, de modo que quando o ouvi dizer que se tinha lembrado de um pormenor que podia ser útil para a investigação, interrompi-o com um rápido:

– Hoje ia a Santander, aproveito a visita... – Concentrei-me, dez palavras. – E contas-me tudo.

Depois enviei-lhe uma mensagem do meu novo número para combinar a hora do encontro. Héctor, por sua vez, enviou-me as coordenadas da sua casa em Santander. Também ele procurava alguma discrição, e não era bom que o MAC recebesse tantas visitas da polícia.

Duas horas mais tarde, Estíbaliz e eu percorríamos os corredores do imponente hospital Marqués de Valdecilla de Santander, à procura de Sarah Tovar, a irmã de Saúl.

Depois de perguntarmos na receção, uma mulher inexpressiva e com um ar distraído mandou-nos, para nossa surpresa, para a capela do hospital.

– É mais fácil encontrarem-na aí do que a dar consultas – disse, encolhendo os ombros.

Depois de nos perdermos e encontrarmos algumas vezes ao longo dos corredores labirínticos do enorme hospital, chegámos finalmente a bom porto e entrámos numa capela vazia com o chão claro e polido. Só uma mulher de bata branca rezava ajoelhada no primeiro banco.

Tinha o cabelo comprido apanhado num coque baixo, parecia mais velha. Não parecia ser irmã de Saúl.

Mesmo assim, aproximámo-nos do banco e colocámo-nos discretamente ao seu lado. Foi Estíbaliz quem, depois de ler as letras bordadas no seu bolso esquerdo, lhe estendeu a mão e se apresentou num murmúrio:

– Insetora Gauna, da esquadra de Vitoria. Este é o inspetor Ayala, um velho conhecido do seu irmão Saúl. Podemos falar consigo, doutora Tovar?

A mulher sobressaltou-se, como se tivesse realmente uma linha direta com Deus e a estivesse a usar nesse momento, e olhou para nós como se fôssemos os demónios que lhe vinham interromper o diálogo sagrado.

Sarah Tovar levantou-se, alta e magra como um espeto, e estendeu-nos uma mão comprida com dedos de aranha. De seguida convidou-nos a sentar ao seu lado no banco; dava a impressão de que, além de ser a casa de Deus, aquela capela era também a casa dela.

– Podemos falar aqui, penso que teremos mais privacidade do que em todo o hospital. O meu irmão avisou-me de que estavam a fazer perguntas sobre a minha sobrinha. O que querem exatamente de mim, que eu não tenha contado à polícia que investigou o caso na época?

Sarah olhou para nós com manifesta hostilidade. O coque tornava mais duras umas feições que há anos deviam ter sido tão gloriosas como as do seu irmão; morena com cabelo preto, quase azul, olhos verdes de gato, queixo quadrado, agora um pouco deslocado.

Vestia-se como uma viúva a preceito: nem sequer lhe faltava o colar de pérolas verdadeiras. Contrastava de forma muito marcada com a jovialidade que sempre caracterizou Saúl. Mas, apesar de tudo, não se podia negar que partilhavam genes e apelidos. Havia uma semelhança familiar entre os dois que não me passou despercebida.

Antes eu indicara a Estíbaliz quais as perguntas que eu queria que ela fizesse por mim, e a minha colega, prevendo que a doutora não ia ter muita paciência para nós, começou primeiro a apalpar terreno.

– Então já sabe que estamos a rever o caso do desaparecimento da sua sobrinha, Rebeca Tovar.

– Assassínio – interrompeu-a. – Foi um assassínio. Não viram as fotos da Rebeca pendurada numa árvore em Fontibre?

– Sim, temo-las no nosso arquivo, mas nunca se encontrou o corpo.

– É verdade, nunca o encontraram. Falha vossa. Mas é óbvio que aquela criança estava morta quando lhe tiraram as fotos.

Estíbaliz suspirou. Percebi claramente que as mulheres não tinham simpatizado nada uma com a outra, e a minha colega estava a tentar que aquela hostilidade evidente entre ambas não fizesse a conversa acabar antes de tempo.

– De qualquer forma, gostava de lhe perguntar pelo historial médico da Rebeca. O seu irmão disse-nos que a seguia como endocrinologista por causa da sua baixa estatura, e que as análises de sangue dos meses anteriores ao seu desaparecimento descartaram a possibilidade de uma gravidez.

– Sim, claro, tal aberração era impossível.

– Sarah, consta-nos que a Rebeca esteve internada na ala psiquiátrica deste hospital. Podia dizer-nos qual foi o diagnóstico?

A doutora Tovar olhou para nós como se tivesse comido um limão, cruzou os braços protegendo o peito e abanou a cabeça.

– Não vos posso dar essa informação, e ambos sabem disso. Trata-se de uma informação médica que envolve uma menor. Posso falar-vos da minha especialidade, porque na altura foi o próprio pai dela quem concordou que eu disponibilizasse à polícia o resultado das análises para mostrar que ela não podia estar grávida. Mas isto é diferente. Precisam que um juiz vos assine o mandado pertinente, e se assim for, devem falar com o doutor Osorio, o chefe do departamento de Psiquiatria Infantil, que foi o médico da Rebeca. Boa sorte com isso.

Esti e eu trocámos um rápido olhar: beco sem saída. Tínhamos de seguir por outro caminho.

– Também lhe viemos perguntar pelo suicídio da sua outra sobrinha, Gimena.

Um esgar de dor esteve prestes a quebrar a expressão dura com que nos castigava. Dessa dor que não se finge. Dessa.

– A Gimena morreu sob pecado mortal: nunca lhe perdoarei que se tenha suicidado. Era uma boa menina, muito estudiosa, tinha as melhores notas a História, sabem? Moral intocável, nunca nos manchou a reputação familiar com um namorado.

– Mas explique-me uma coisa – insistiu Estíbaliz com muito cuidado, procurando não perder aquele inesperado momento de confissão. – O Saúl perdeu a Rebeca em 1993, quando fazia dois anos que enviuvara e não se lhe conhecia companheira. A Gimena é filha de quem?

– Não sabem? A Gimena foi adotada. A esposa do meu irmão e ele queriam dar um irmão à Rebeca, pensaram que lhe faria bem, e na sua generosidade, optaram pela adoção, para receber na sua família uma criança que não teve a sorte de nascer num lar cheio de amor como o deles. Os processos de adoção

neste país são longos, e eram mais ainda há uma década. O meu irmão e a minha cunhada já tinham passado por todas as entrevistas, visitas domiciliárias e estavam na lista de seleção porque os consideraram adequados.

“O meu irmão não pensou em renunciar ao processo aberto de adoção quando enviuvou, e já tinha bastante: lidar com a perda e tomar conta de uma menina desequilibrada; mas o pedido de adoção prosseguiu o seu curso normal. Apesar de na altura se tratar de uma família monoparental, o meu irmão continuava a cumprir todos os requisitos de idoneidade: situação socioeconómica, condições de habitabilidade em casa, disponibilidade de tempo mínimo para a sua educação...

“A Gimena chegou como uma bênção pouco depois da morte da Rebeca. A moral intocável do meu irmão Saúl fez com que o juiz não o tirasse da lista de famílias adotivas, apesar de ter ficado viúvo. A Gimena era uma linda bebé quando chegou à vida devastada do meu irmão. Ele deu-lhe todo o amor e educação que a Gimena merecia e ela... a doce Gimena. Não sei como nos pôde fazer isto, como subiu à montanha, passou a noite ao relento e ficou deitada até morrer de hipotermia. Ainda não consigo compreender, com todo o amor que a minha querida sobrinha recebeu. A Rebeca era outra história: rebelde, caprichosa, manipuladora... Vivia no seu mundo inventado, tinha a alma negra de mentiras e efabulações.

– Qual pensa ter sido a causa do suicídio? Qual é a sua opinião pessoal, doutora? – perguntei.

– A Gimena tinha acabado de se licenciar em História. Estava tão feliz, com todo o futuro pela frente... Tinha de a ter visto na sua festa de graduação. Se bem que é verdade que parecia triste nos últimos meses. O Saúl já não podia estar tanto tempo com ela, era compreensível. Durante o curso estavam sempre juntos: na universidade, em casa. Talvez ela dependesse demasiado dele, não sei, mas o meu irmão era o melhor pai do mundo, era normal que a Gimena o adorasse.

– Tem... tem uma fotografia da Gimena? – aventurei-me a perguntar.

– Sim, trago-a para aqui, para diante do altar, todos os dias. Os altares são importantes, sabem? Colocam-nos diante de Deus. E eu rezo pela sua alma. Vejam, não era uma menina alheia ao mal deste mundo?

E mostrou-nos a imagem de uma rapariga que não parecia nada ter vinte e três anos. Parecia uma criança, sem formas, andrógina, com o cabelo curto de boa menina e um olhar claro e tímido.

– Sim – reconheceu Estíbaliz. – Sim, parecia mesmo uma boa menina. Pode dizer-me...?

A minha colega não pôde terminar a frase, penso que Sarah se fartara de nós e já passara demasiado tempo connosco. Olhou para o relógio clássico que lhe

adornava o pulso fino e mostrou-no-lo em modo de desculpa.

– Tenho de voltar para o trabalho, sei que compreendem – disse ao levantar-se do banco brilhante, num tom monocromático que não deixava margem para dúvidas.

– Claro que sim – rendeu-se Estíbaliz. – Acompanhamo-la, pode ser que nos possa indicar a saída, pois custou-nos muito chegar até aqui.

Sarah presenteou-nos com um sorriso satisfeito. Detetei uma certa indulgência ao sentir que dominava a situação. Não é que fosse um traço definitivo para caracterizar alguém como psicopata, mas o *profiler* que existia em mim apontou a informação.

Guiou-nos até um elevador e os três entrámos para o seu interior de aço inoxidável. Sarah Tovar ia carregar no botão que nos levaria para o piso da entrada quando um homem mais velho, quase idoso, apesar da sua bata branca, espreitou com intenção de entrar.

– Oh, desculpem. Vejo que não cabemos todos. Vou esperar pelo seguinte – disse com a sua voz de fumador.

Foi um milésimo de segundo, mas Sarah e aquele homem disseram um ao outro tantas coisas com o olhar que não consegui evitar forçar a situação.

– Entre, entre – disse eu. – Cabemos todos.

E não lhe dei outra opção, pois saí do elevador e quase que o obriguei – isso sim, com os meus melhores modos e cara de santo – a entrar no elevador.

O médico, como todos os homens da sua idade educados para não fazer cenas em público, não teve outro remédio senão entrar connosco e olhar para o teto, desconfortável, enquanto nós os quatro nos deixávamos transportar até ao primeiro andar naquelas entranhas de metal.

Preparei uma frase de quinze palavras, o meu recorde até ao momento, e lancei-a de supetão, a ver se a minha jogada corria bem.

– Hoje regressamos à es... esquadra de Vitoria, doutora. Sabe onde nos encontrar para falar da Rebeca.

Valeu a pena. A expressão de horror daquele médico cujo apelido bordado na bata branca coincidia com o do psiquiatra que internou Rebeca Tovar era impagável.

Sarah olhou-me com um ódio profundo.

O elevador abriu-se e expulsou-nos aos quatro. Estíbaliz e eu despedimo-nos amavelmente da doutora Tovar, o velho médico apressou-se a seguir na direção oposta à nossa, apesar de me parecer que não tinha bastante claro qual era o seu destino.

– Tenho vontade de te fazer uma vénia, Kraken. Ali dentro foste... foste... tu nos teus melhores tempos. Que frase tão comprida – elogiou-me Estíbaliz,

quando já estávamos no carro-patrolha.

Tínhamos levado um carro da Unidade que nos identificava. Na nossa primeira visita à Cantábria percebemos a curiosidade com que todos nos olhavam, e não íamos perder a oportunidade de nos tornarmos visíveis, no caso de algumas línguas curiosas se soltarem. Precisávamos de testemunhas, precisávamos de pessoas à nossa volta que nos falassem do passado.

– Impressões, inspetora Gauna – respondi inchado como um peru. Tinha-me subido a adrenalina, o interior do carro transbordava de endorfinas.

– Foi muito interessante a reação do doutor Osorio, que teremos de investigar com mais atenção, e é óbvio que a Sarah adorava a Gimena e odiava a Rebeca. Pergunto-me porquê, se ambas eram suas sobrinhas.

– Uma era de sangue, a outra adotada – enfatizei.

– Precisamente. A parte da adoção não encaixa. O que a Sarah Tovar contou sobre o processo de adoção da Gimena não tem pés nem cabeça. Foi irregular de todos os pontos de vista. Há vinte anos ninguém dava um bebé recém-nascido a um pai viúvo, por mais que constasse na lista de seleccionados.

– A não ser que... – Olhei para Estíbaliz. Sabia que tínhamos chegado ambos à mesma conclusão.

– A não ser que o Saúl, a sua irmã ou o próprio psiquiatra, o doutor Osorio, tenham interferido no processo.

No momento em que Estíbaliz ia ligar à equipa, Milán, como se nos tivesse lido os pensamentos, apareceu a piscar no ecrã do telemóvel da minha colega.

– Milán, que oportuna. Estás com o Peña? – perguntou Esti.

– Sim, estamos no escritório, temos novidades.

– Põe o telemóvel em alta-voz.

– Feito.

– Estou com o inspetor Ayala em Santander – informou-os a minha colega. – Peña, preciso que investigues o processo de adoção da Gimena Tovar em 1993, em Santander.

– O que procuramos?

– Qualquer irregularidade que te chame a atenção, e também está atento e vê se aparecem os nomes da doutora Sarah Tovar ou de um doutor Osorio, psiquiatra no hospital Marqués de Valdecilla.

– Apontado. Vou tratar disso – respondeu Peña.

– O que nos queriam dizer?

– Que está tudo a sair na internet, chefe – disse Milán. – O editor da Malatrama publicou esta manhã um anúncio oficial nas contas da editora confirmando a morte da Annabel Lee.

– Mas porque raio fez isso precisamente agora?

– Os seguidores da Annabel Lee estavam há semanas a estranhar que ela não atualizasse as suas redes sociais, e quando esta manhã se começou a falar no Twitter de uma grávida de Álava encontrada morta a 17 de novembro, muitos começaram a perguntar ao editor se era a Annabel Lee.

Ele admitiu-o com um *tweet*, acho que mais por falta de jeito do que por outra razão. A partir daí, é só *memes*, *pêsames* e... – Milán hesitou antes de continuar a falar.

– O que se passa, Milán? – incentivei-a, um pouco impaciente.

– Inspetor Ayala, não sei como lhe dizer isto.

– É fácil, diz simplesmente.

– A Annabel Lee tinha muitos fãs que... matariam por ela. Literalmente, ou pelo menos assim se expressaram. Não aceitam que a sua musa esteja morta e que o assassino ande por aí à solta e...

– Milán, ou dizes de uma vez por todas o que se está a passar ou vou a Vitoria agora mesmo obrigar-te a falar – interrompeu Estíbaliz.

– Puseram a cabeça do Kraken a prémio.

San Juan de Gaztelugatxe

11 de julho de 1992, sábado

No sábado, a meio do acampamento, partiram rumo a San Juan de Gaztelugatxe, a mítica ermida em plena costa da Biscaia, situada numa pequena ilhota com um cenário idílico. Naquele fim de semana juntaram-se a eles alguns estudantes de anos anteriores e Saúl decidiu celebrar levando hidromel. Tinha tentado ensiná-los a cozinhar receitas celtas, que consistiam basicamente em papas de aveia e carnes assadas, sem grande êxito.

O hidromel, a bebida com mais de 2500 anos com que os Celtas se embebedavam, teve melhor receção. Misturaram-se litros de água com mel claro num caldeirão de cobre que Saúl conseguiu arranjar, ninguém sabe onde; juntaram-lhe canela, cravinho, pimenta, gengibre e folhas secas de sabugueiro num saco fechado que mais tarde se retiraria, e Rebeca mexeu pacientemente, ensimesmada, calada e ausente de tudo o que se passava à sua volta.

O hidromel precisava de pelo menos três meses para fermentar em condições, Saúl já o previra e tirou as garrafas por abrir do ano anterior. Assim, a produção daquele verão ficou à espera dos estagiários do ano seguinte. Unai e Asier, os mais musculados, encarregaram-se do transporte.

Asier tinha mudado radicalmente a sua atitude em relação a Saúl. Agora não se separava dele, sentava-se junto a ele todas as noites, quando Saúl contava histórias diante da fogueira que acendiam se a noite arrefecia.

Começou a adorá-lo. Não fazia falta retomarem aquela conversa para que Asier reconhecesse a voz do seu pai.

Bastava a troca de olhares entre eles: Saúl dava-lhe força e prometia-lhe discrição sem precisar sequer de abrir a boca. Tornaram-se inseparáveis. Juntamente com Lutxo, uma tríade de alfas mais ativa do que Jota e Unai, a parte calma do grupo de amigos.

Já era de noite quando todos celebraram os avanços do acampamento sentados em frente à porta da ermida, já um pouco toldados pelo hidromel. Tocaram o sino três vezes, como mandava a tradição, e sentaram-se relaxados a observar o mar agreste que os rodeava. Todos menos Saúl, que tinha de conduzir de regresso à

Cantábria e ainda tinha duas horas de viagem no minibus por diante. Ele, responsável, preferia morrer a arriscar a vida daqueles jovens na estrada, de modo que nem provou o hidromel, e bem que ele adorava aquela bebida.

Jota levantou-se, fazendo mais esses do que o normal, e foi à procura de Annabel.

Há algum tempo que não a via.

– Espero que não seja louca ao ponto de ter ido dar uma volta a estas horas da noite por aqui. Com estes precipícios... – disse em voz baixa a Unai.

Unai também estava um pouco preocupado. Os amigos decidiram ir procurá-la. Jota abriu a mochila de caveiras de Annabel, tirou a lanterna de mineiro e pô-la na cabeça. Também apalpou dentro da mochila os pacotes de vários preservativos. Talvez entusiasmado perante a perspectiva, foi com o amigo à procura dela.

Desceram os duzentos e tal degraus tentando contá-los, rindo-se, em pleno momento de exaltação da amizade.

O pequeno Jota à frente, iluminando a noite costeira com o círculo de luz que tremia com os seus passos inseguros devido ao álcool. Unai, mais precavido, ia atrás, a olhar para ambos os lados, procurando a jovem desaparecida.

Encontraram-na um pouco mais abaixo, no degrau número duzentos e cinco.

Estavam a ter sexo como falavam um com o outro: sem respeito, com muita raiva nos gestos, sem qualquer sinal de ternura nas carícias. Era um coito violento nas suas investidas.

– Jota, é melhor não olhares – adiantou-se Unai, temendo o pior.

Asier estava sentado e Annabel Lee por cima dele, de costas. Desta vez tinham-se ambos despido completamente. Na verdade, a noite quente e aquela bruma marinha tão sensual assim o pediam.

E Jota com a sua lanterna na cabeça, incapaz de a apagar. Desta vez Unai, talvez porque já o tinha vivido e a segunda vez nunca é tão dolorosa como a primeira, reagiu mais depressa, apagou com a mão a luz do frontal e puxou Jota pelo braço, não fosse haver um drama.

Não era uma boa combinação aquela parvoíce do hidromel com a escada sinuosa; na verdade, onde é que Saúl estaria com a cabeça?

Além disso, Jota e o álcool não eram uma mistura inofensiva, já tivera de o tirar de Okendo naquela sexta-feira à noite de copofonia selvagem, quando lhe deram o diagnóstico negro do seu pai e lhe deu para pensar que toda a gente o estava a pisar sempre que entravam num bar.

De modo que Unai deixou os amantes/inimigos naquela posição reveladora e arrastou Jota escadas acima, maldizendo os poderes afrodisíacos do hidromel.

A encosta das Viúvas

16 de dezembro de 2016, sexta-feira

Em Santander não havia maneira de a manhã ficar descoberta. Um sol branco escondido atrás das nuvens tentava aquecer uma cidade circumspecta. Muito semelhante ao nosso estado de espírito, devo acrescentar.

Ter uma legião de fãs *nerds* góticos de banda desenhada a querer espetar-me a cabeça numa estaca não era propriamente a minha ideia de um Natal tranquilo. Mais olhares de soslaio, mais insultos nas redes sociais, mais murmúrios hostis à minha passagem.

Tudo bem.

Já tinha passado por isso.

O que me diria o avô? “Deixa-te de tretas e segue em frente.”

“Isso mesmo, avô. Isso mesmo.”

O mundo real estava à minha espera, de modo que tentámos a nossa sorte e decidimos ir uma segunda vez à Universidade da Cantábria à procura de Saúl.

Estibalíz continha a raiva pressionando os lábios de tal maneira que eles ficaram brancos. Eu sabia que se preocupava com a minha integridade física, por causa dos seus cuidados que às vezes me sufocavam. Arrancámos em direção à avenida dos Castros e estacionámos novamente no parque de estacionamento dos estudantes, cheio de carros em segunda mão, e deixámo-nos ver pelos corredores, enquanto os alunos olhavam para nós com desconfiança quando nos cruzávamos com eles.

Dirigimo-nos diretamente ao gabinete de Saúl, bati à porta com o nó dos dedos, mas estava fechada à chave e ninguém respondeu. Pedi a Estíbaliz que lhe ligasse do seu telemóvel.

Esti esperou com impaciência pelo toque da chamada, mas o telemóvel de Saúl Tovar estava desligado ou sem rede, segundo nos informou a operadora.

– A irmã avisou-o de que estamos em Santander, está a evitar-nos – murmurou Estíbaliz dando voltas no corredor, como uma gata trancada.

– É muito provável.

Foi então que Esti reparou no estudante com os olhos de duas cores que nos observava disfarçadamente de uma esquina do corredor. Era o mesmo jovem que se tinha referido a Saúl como Barba Grisalha e assassino de mulheres.

Estíbaliz não perdeu tempo e chamou-o:

– Olha, tu aí! Gostávamos de falar contigo.

Mas o jovem assustou-se com o grito de Estíbaliz e desatou a correr pelo corredor.

Perseguimo-lo, Estíbaliz era uma gazela, mais rápida do que eu nos *sprints*, apesar dos meus treinos matinais. Estava quase a alcançá-lo quando ele se meteu na casa de banho dos homens e Estíbaliz hesitou por um segundo. O tempo que eu demorei a chegar.

– Anda, entra tu – pediu-me, frustrada.

Entrei na casa de banho dos homens e praguejei. O rapaz tinha-se esgueirado pela janela. Quem é que constrói uma janela tão grande na casa de banho dos homens? Eu lembrava-me delas minúsculas, muito altas, não indicadas para fugas.

– Havia uma janela – disse-lhe em jeito de explicação, ao sair.

Um grupo de estudantes juntou-se à nossa volta sem esconder a curiosidade. Devia ser um *campus* muito tranquilo, porque nos tínhamos transformado nos animais exóticos.

– Tu – disse Estíbaliz, e aproximou-se daquele que tinha mais ar de *outsider*. – Sabes quem é?

– É o Osorio. Ele é porreiro, não se mete em drogas nem nada – respondeu o aludido. – Engaram-se na presa.

– Obrigada. Já podem dispersar, o espetáculo terminou – ordenou ela, elevando um pouco a voz.

A pequena multidão dispersou-se, satisfeita com a distração e deixaram-nos sozinhos no corredor.

Desta vez Estíbaliz falou por mim e disse o que ambos estávamos a pensar:

– Não sei se é uma coincidência, mas o esquivo Osorio que acusou o Saúl de ser um assassino de mulheres partilha o mesmo apelido do esquivo psiquiatra que internou a Rebeca. Além disso, desde que disse aquilo de “o Barba Azul ser agora o Barba Grisalha”, não achas demasiada coincidência o assassínio seguinte ter acontecido num lugar chamado Barbacana⁸?

Tirei o meu pequeno caderno do bolso das calças e escrevi:

– Não comeces a ver coincidências a cada passo, Esti. Se bem que esta visita à universidade talvez não tenha sido em vão. Vamos, combinámos encontrar-nos com o Héctor del Castillo.

A expressão de Esti iluminou-se com um sorriso.

- Que lindo dia – comentou, risonha, enquanto entrávamos novamente no carro. – A investigação avança, vamos visitar pessoas interessantes...
- A ruiva apaixonou-se.

...

Pouco depois subimos por uma rua rodeada de árvores, a que os vizinhos chamavam *a encosta das Viúvas*, mas não me consegui lembrar da razão.

De qualquer forma, estávamos na parte mais aristocrática de Santander, e as coordenadas que Héctor del Castillo me enviou levaram-nos até uma antiga casa com vista para a praia de Los Peligros.

A hera subia pela fachada e Estíbaliz deixou escapar um *uau*.

Tocámos à campainha, um pequeno botão de latão polido, e entrámos num belo jardim que nos convidava a passar horas a ler.

Héctor esperava-nos numa sala com mais livros do que a biblioteca de Alexandria e duas poltronas aguardavam-nos junto à sua ao pé da lareira.

- Agradece-se o calor – disse-lhe em modo de cumprimento.
- Como fico feliz com os teus progressos, inspetor Ayala – respondeu Héctor, dando-me um caloroso aperto de mão.
- Ainda não viste nada, Héctor – disse Estíbaliz, depois dos dois beijos da praxe.

– Sentem-se, por favor – respondeu, ao mesmo tempo que nos oferecia uma taça com avelãs. – Liguei-vos porque me lembrei de um episódio que quero partilhar convosco e que talvez vos possa ajudar na investigação.

– Tudo o que nos possas dizer será bem-vindo – encorajou-o Estíbaliz.

– Sabem, não consigo parar de dar voltas à cabeça sobre o ritual da Tripla Morte celta, pois é pouco habitual encontrá-lo nos dias de hoje. Na verdade, pensava que estava extinto. Uma pessoa fica feliz por épocas mais violentas passarem à história e por o progresso fazer com que se esqueçam práticas tão selvagens. Mas... lembrei-me de um episódio que um colega arqueólogo holandês partilhou comigo há uns anos.

– Holandês – repetiu Estíbaliz sem compreender.

– Sim, trabalhava no antigo Museu Histórico de Amesterdão, local onde dantes era o Orfanato Municipal, não sei se alguma vez visitaram. Atualmente chama-se Museu de Amesterdão. É pequeno, o meu colega era o responsável pela área da Idade Antiga. Coordenava exposições temporárias e trazia peças de outros museus maiores, pois na verdade não tinham muito fundo próprio.

– Continua – incentivei-o depois de me servir de algumas avelãs e de aquecer as mãos perto das chamas.

– Falei-vos do Caldeirão de Gundestrup, é o mais famoso dos caldeirões celtas. Na verdade, pertence ao Museu Nacional da Dinamarca, mas o meu colega, o doutor Groen, conseguiu assinar um convénio de colaboração e montou uma exposição com várias peças cedidas da cultura celta: esse caldeirão, capacetes da Idade do Bronze, o carro solar de Trundholm... Bem, alguns dias antes da abertura da exposição, no meio da confusão dos preparativos, o caldeirão desapareceu.

– Desapareceu?

– Alguém o roubou. No museu, sem sombra de dúvidas. Tal como nos aconteceu a nós no MAC com o Caldeirão de Cabárceno, também era um museu pequeno, sem meios de segurança nem câmaras.

– O que fizeram?

– O Museu de Amesterdão tinha no seu depósito uma réplica, não muito trabalhada, mas ainda assim uma réplica. O diretor entrou em contacto com o museu da Dinamarca e contou-lhes o que aconteceu. Em Copenhaga não queriam um escândalo. Embora não devesse partilhar isto convosco, prefiro ser completamente sincero. Os museus nem sempre denunciam os roubos de imediato. Às vezes as peças são encontradas, abandonadas.

– Não estou a perceber – disse Estíbaliz.

– Há uma explicação. Sabem, se roubaram a peça com intenção de a vender no mercado negro, publicar na imprensa normalmente tem o efeito de atrair de imediato possíveis compradores e faz com que a peça desapareça com mais facilidade, de modo que o diretor do Museu da Dinamarca pediu alguns dias para tomar uma decisão e avisar a polícia.

– Sim senhor, esse teu colega dinamarquês – deixou escapar Estíbaliz.

Héctor fingiu não ter ouvido nada.

– Os preparativos da exposição continuaram, e dias mais tarde... o Caldeirão de Gundestrup, o original, apareceu numa valeta de uma rua perto do museu. Foi o próprio Groen quem o foi buscar, alertado por uma vizinha.

– Imagino que não apresentaram queixa, que não se recolheram impressões digitais, nem se abriu qualquer investigação ou se procuraram suspeitos.

– É verdade. Mas o que queria partilhar convosco, o que realmente me preocupa, é o que Groen me contou que aconteceu em Amesterdão naqueles dias. No bairro dele, os vizinhos queixaram-se que os seus animais de estimação desapareceram. Gatos, cães, animais não muito grandes. Alguns apareceram... – suspirou. – Enfim, a imagem é um pouco dura.

– Acredite, já vimos de tudo na Unidade – disse Esti.

– Imagino. Desculpem os meus rodeios. Apareceram queimados, pendurados em árvores e presos pelas patas traseiras, com a cabeça molhada... O meu colega

pensou logo no ritual da Tripla Morte celta, ele próprio tinha analisado uma das múmias dos pântanos, a Mulher de Huldremose. Conhecia o ritual, sabia que o caldeirão era um dos elementos sagrados usados na cerimónia.

– Compreendo – disse em voz alta, mas a minha mente estava muito longe dali, em terras holandesas.

– O Groen sempre se sentiu mal porque pensou que alguém tinha levado o Caldeirão de Gundestrup para realizar os rituais da água e officiar a cerimónia.

– Sabes se os vizinhos apresentaram queixa por lhes terem roubado os animais de estimação, Héctor? – perguntou Estíbaliz.

– Não sei, foi só um episódio contado por um colega arqueólogo num momento de confiança profissional. A verdade é que não quis aprofundar o tema, nem me lembrei de perguntar. Mas gostava que percebessem como é extremamente incomum que alguém execute a Tripla Morte celta hoje em dia.

– Estás a dizer que pensas tratar-se da mesma pessoa? – perguntei.

– Não sei, são muitos anos e muitos quilómetros que separam esse incidente do presente. Mas... como não pensar? Como não pensar que existe alguma relação?

– Héctor, preciso de uma informação. É muito importante – consegui pronunciar. Estava preocupado, estava muito preocupado com o que acabara de ouvir.

– Claro, inspetor.

– Foi em que ano?

– Aconteceu em 1998. Diz-te alguma coisa?

Sim, dizia-me.

Dizia-me uma coisa que não queria ouvir.

Dizia-me que Golden vivera ali, em Amesterdão, sede da companhia Cisco na Europa, naqueles mesmos anos em que alguém começou a dar os seus primeiros passos com a Tripla Morte celta.

⁸-Barba Grisalha em espanhol diz-se Barba Cana, mas o jogo de palavras perde-se na tradução. (N. da T.)

O alto de Villaverde

20 de dezembro de 2016, terça-feira

Tínhamos agendado uma reunião com toda a equipa em Villaverde. Estava farto de *tweets*, ecrãs, *hackers* e telemóveis. Sentia que vigiavam cada um dos meus passos, comecei a andar por Vitoria olhando com apreensão para as câmaras de segurança nas ruas.

Precisava de fugir do Grande Irmão em que se tinha transformado o novo caso dos Rituais da Água.

Alba, Esti, Milán e Peña concordaram e combinámos às seis da tarde em casa do meu avô.

Villaverde era uma aldeia solitária no inverno, os seus dezassete habitantes dificilmente se cruzavam nas ruas durante a semana, quando era melhor resguardarem-se dentro das quatro paredes robustas de pedra.

Naquela terça-feira de dezembro fazia um frio de rachar, mas o avô aqueceu a casa pois ligou logo de manhã o lume da cozinha cá em baixo, e quando fomos lá para cima, o calor tinha subido pelas velhas escadas e pudemos sentar-nos à volta da enorme mesa de pingue-pongue que nos esperava.

Tinha dado instruções para estacionarem os carros em diferentes pontos da entrada da aldeia, para que não houvesse aglomeração de carros e a nossa reunião passasse despercebida aos poucos vizinhos que nos podiam ver a caminhar pelas ruas inclinadas da minha aldeia.

Tudo o que se partilhou naquele dia foi escrito e impresso em computadores sem ligação à internet.

O avô levou-nos umas amêndoas caramelizadas acabadas de fazer que cheiravam deliciosamente bem, apertou com uma firmeza centenária a mão de Milán, Peña e Alba e deu duas palmadinhas nas costas de Esti, como que a dizer: “Entre nós há confiança e não precisamos de formalidades dessas.”

Ofereceu-nos, solícito, *zurracapote*⁹ caseiro, e eu mandei-o embora com um olhar que dizia: “Por favor, avô, agora não é o momento.” Ele retirou-se silenciosamente e fechou a porta atrás de si.

Peguei num caderno e numa caneta e todos fizeram o mesmo, com exceção de Milán, que espalhou uns quantos *post-it* amarelos, rosas e verdes perante o olhar desesperado de Peña.

Aproximei-me das caixas que guardavam as minhas recordações, as que estavam debaixo das peles de raposa penduradas desde o pós-guerra. Abri a de 1992 e selecionei algumas fotos sob o olhar atento de todos. Coloquei-as na mesa e quatro cabeças aproximaram-se para as examinar com atenção.

Ali estávamos nós: Lutxo, Asier, Jota, Annabel Lee... Noutras aparecia Saúl, sempre protegendo Rebeca carinhosamente; até havia uma grande foto de grupo onde aparecíamos todos, incluindo os estudantes de outros anos que tinham vindo como reforços para os fins de semana.

– Assim têm um documento gráfico daquela época – disse de rajada.

– Muito bem, equipa – começou Estíbaliz, depois de se levantar. – Reunimo-nos para partilhar todos os avanços da investigação e definir as linhas que vamos seguir de agora em diante. Sabem que, devido às características especiais deste caso, o inspetor Ayala tem um novo número de telefone, para onde podemos partilhar com ele informações confidenciais, mas vamos continuar a usar o seu número de telemóvel habitual para assuntos que não sejam de importância vital, pois sabemos que o telemóvel dele está a ser vigiado por dois *hackers*. Vamos também falar disso. Peña, começemos pela autópsia de José Javier Hueto.

Foi a vez de Peña se levantar e partilhar connosco um relatório cujas fotos eu preferi nem ver. Tinha visto aquele corpo inerte crescer desde que era um pirralho como eu. Vira-o tornar-se um jovem, vira-o perder-se pela falta de exercício e pelos maus hábitos. Não queria ver as suas manchas na pele, nem o seu rosto azulado, nem o seu abdómen dilatado.

Mas fingi, que remédio, que lia com atenção o que a doutora Guevara nos tinha deixado escrito.

– Confirma-se que o finado recebeu uma descarga de uma arma *Taser*. Temos os orifícios dos arpões no pescoço. Também morreu por afogamento: alguém lhe mergulhou a cabeça até aos ombros em algo líquido. Encontrou-se água nos pulmões, de modo que estava vivo quando isso aconteceu. Está a analisar-se a água, para se tentar determinar se era potável ou por tratar, mas vai ser complicado conseguirmos determinar onde é que ele morreu. O facto é que José Javier foi mais tarde transferido e pendurado pelos pés no estanque de La Barbacana – resumiu Estíbaliz.

Todos nós concordámos com a cabeça.

– Temos novamente um crime levado a cabo segundo a cerimónia da Tripla Morte celta – acrescentou – e, por isso, o mesmo *modus operandi* do assassinio de Ana Belén Liaño, só que desta vez não há um caldeirão roubado.

Possivelmente porque este tipo de peças arqueológicas é muito escasso na Península Ibérica. Acreditamos que pretendia utilizar o Caldeirão de Cabárceno para todos os homicídios posteriores ao de Ana Belén Liáño, mas a descoberta precoce do cadáver frustrou essa possibilidade. Sabem que os assassinos agem segundo uma lógica de custo/benefício. O caldeirão era importante para a execução do ritual celta, mas neste caso não compensava o risco de o voltar a roubar, agora que está guardado nas nossas instalações. O ritual evoluiu e adaptou-se aos elementos, do mesmo modo que em Fontibre, se a autoria é a mesma, ele mergulhou a cabeça da Rebeca Tovar no rio, sem a necessidade de um caldeirão.

– Quantos homicídios temos até agora, inspetora? – perguntou Alba.

– Temos o da Rebeca Tovar em 1993, o da Ana Belén Liaño no dia 17 de novembro de 2016 e o do José Javier Hueto a 4 de dezembro do mesmo ano. Eu e o inspetor Ayala encontramos outra possível ligação a esta série, em 1998, em Amesterdão, só que neste caso tratou-se de animais, cães e gatos domésticos, também sacrificados segundo o ritual da Tripla Morte celta, e com o roubo de outra peça arqueológica icónica do imaginário celta: o Caldeirão de Gundestrup.

Estíbaliz terminou a sua intervenção dando mais alguns detalhes e serviu-se generosamente das amêndoas caramelizadas do avô. Era tão gulosa como eu. Tomei nota mentalmente para lhe dar alguns frascos com peras bêbedas e maçãs assadas do pomar, que eu e o avô tínhamos feito no fim de semana e que tinham ficado deliciosas.

– Bem, acho que por agora temos de nos concentrar nos suspeitos e continuar a investigá-los. Em que direções estamos a trabalhar, inspetora?

– Asier Ruiz de Azua, a *hacker* mais conhecida como Golden Girl e Saúl Tovar.

– Começemos – incentivou Alba –, o que temos contra o Asier?

– Conhecia as três vítimas – respondeu Estíbaliz –, mantinha uma relação ainda pouco clara com a Ana Belén Liaño e consta como cotitular na sua conta milionária. Foi atacado dias antes da morte do José Javier na sua própria farmácia e mentiu-nos em relação ao agressor, dizendo tratar-se de um drogado que não conseguiu ver, já que há provas físicas de que ele também lhe bateu. É possível que tenha discutido com o seu amigo José Javier, visto que foram encontrados no rosto da vítima vários hematomas anteriores à sua morte.

– Motivo?

– No caso da Ana Belén Liaño, dinheiro para salvar o seu negócio e talvez, se fosse ele o pai da criança, tentar esconder tudo da mulher. Se calhar o seu amigo José Javier sabia demasiado, discutiram e despachou-o em Barbacana. Em relação ao crime da Rebeca em 1993, talvez a tenha engravidado, estiveram

juntos no mesmo acampamento de verão em julho do ano anterior. Podem ter continuado em contacto e matou-a para não ter um filho com uma miúda de catorze anos. Na altura ele tinha dezassete, ia pôr em causa todo o seu futuro por uma gravidez, além de que o pai da Rebeca podia apresentar queixa contra ele pois a filha tinha menos de dezasseis anos, e mesmo que ela tivesse dito que sim, o consentimento seria considerado nulo.

Reconheço que me senti um pouco deslocado.

Esti nunca me tinha falado tão claramente da possibilidade de considerarem Asier culpado. Não tinha dito nada que eu não soubesse, ou em que não tivesse pensado, mas ouvir aquilo resumido e com a sua lógica...

Asier, alguém do meu grupo de amigos, a matar Rebeca, Ana Belén e Jota...

Tinha motivos, tinha a falta de empatia necessária, tinha um certo conhecimento do mundo celta... Era suficiente para desencadear aquele massacre em cadeia?

– Que estratégias vão seguir? – perguntou Alba.

– Vamos investigar as pessoas à volta dele, confirmar os seus álibis para os dias 17 de novembro e 4 de dezembro, talvez trazê-lo para interrogatório e apertá-lo, para ver o que nos conta...

– Deixem-me ser eu – interrompi. – Não perdemos nada.

Todos se viraram com cara de “pobre coitado” e eu odeio esse olhar.

– Deixem-me ser eu – repeti. – Eu falo com ele. Depois é todo vosso.

– Tudo bem – concordou Estíbaliz. – Fala com ele esta semana; se não virmos progressos nem lhe sacares nenhuma informação, podemos chamá-lo para prestar declarações como suspeito. Vamos ver o que consegues, Unai.

Assenti em silêncio. Asier era um muro de pedra, mas talvez Araceli, a sua mulher, com quem sempre me tinha dado bem, me pudesse dar alguma pista que Asier nos negava.

– Vou dizer em voz alta o que não queremos ouvir, mas acho que o mais importante neste caso é determinar se as três vítimas estavam à espera de um filho – disse Estíbaliz. – É o mais importante, porque se tanto a Rebeca como a Ana Belén e o José Javier iam ser pais... todos os que estiveram no povoado cantábrico em 1992 e agora esperam um filho são alvos. Essa é a minha teoria.

– Vês isso assim tão claramente? – perguntou Alba.

– Sem paninhos quentes, subcomissária: se o perfil da vítima é o de alguém que espera um filho e que esteve nesse acampamento em 1992, o inspetor Ayala corre perigo de morte. E não falo das ameaças que está a receber nas redes sociais, que podem ser de quatro exaltados sem verdadeira intenção de o matar. Falo do assassino que começou isto e que se move no ambiente do inspetor

Ayala. Creio que não disse nada que toda a equipa não soubesse antes de entrar nesta reunião – afirmou Estíbaliz.

A sua frase lapidar caiu como uma pedra na mesa de pingue-pongue.

Era terrivelmente desconfortável que os meus assuntos privados e de Alba fossem debatidos diante de três outros colegas, mas Estíbaliz estava tão desesperada para me proteger que, mais uma vez, fiquei emocionado.

Milán conteve a respiração e Peña corou até às orelhas. Alba aguentou a investida com a sua habitual elegância.

– Pois então deem o vosso melhor para determinar de uma vez por todas o motivo destes assassinios porque a minha filha merece conhecer o pai.

Viraram-se todos para mim, mas eu não me importei.

Era a primeira vez que Alba se referia a mim como pai indubitável da sua filha.

Ambos sabíamos que estávamos a fazer aquilo para a proteger, que a nossa frente comum era a única coisa que a podia salvar ao longo da vida de ser rotulada como filha de um assassino em série.

Transmiti-lhe a minha firmeza com o olhar: “Isto é por ela, aqui não há dúvidas. Esta é a nossa versão oficial. Por ela.”

– Nesse caso, o Asier e o Lutxo também estariam em perigo se estivessem à espera de um bebé – interveio Peña, sempre pragmático. – Devíamos descartar essa hipótese, não acham?

– Claro que sim – respondeu Milán, e apontou dois nomes no seu *post-it* cor-de-rosa.

– Falemos de outros suspeitos – propus, para que não ficássemos encalhados naquele ponto tão incómodo.

– A Golden Girl. Colaborou officiosamente com o inspetor Ayala em casos anteriores – disse Estíbaliz. – O inspetor recebeu um aviso do MatuSalem, outro conhecido especialista em segurança informática, com antecedentes penais, de que a Golden tinha começado a investigar na Deep Web assuntos relacionados com a presente investigação dos Rituais da Água: armas *Taser* e fóruns de adolescentes suicidas. O que chama aqui a atenção é que começou a investigar o tema dos jovens suicidas antes de a Milán descobrir que o Saúl Tovar, o diretor do acampamento de 1992, perdeu a sua filha adotiva Gimena Tovar no passado mês de setembro em circunstâncias muito semelhantes: subiu ao Dobra, uma montanha com um importante sítio arqueológico, ou seja, que tem relação com todos os locais dos crimes com que estamos a lidar, e deixou-se morrer de hipotermia.

– Um momento – interrompi-a, não muito convencido –, a Golden está a investigar o que não deve... mas desde quando é suspeita de homicídio?

– Não suspeitas dela, Unai? – perguntou Estíbaliz. – Isso nem sequer te passou pela cabeça?

– É uma mulher reformada de sessenta e oito anos, com problemas na anca – respondi por escrito, cansado das frases longas. – Alguém a vê a pendurar pessoas no alto de uma montanha?

– Tens de lhes contar tudo, Kraken – disse Estíbaliz depois de ler. – Conta-lhes o que aconteceu em Amesterdão.

– Conta-lhes tu, não... não temos o dia todo – respondi mal-humorado.

– A avó trabalhava na cooperativa RIPE, em Amesterdão, ligada à empresa Cisco. Foi juíza e integrou a equipa que deu os primeiros passos na internet, sabe tudo sobre segurança informática, fazia parte do primeiro grupo de administradores de redes IP da Europa. Isto aconteceu em 1998, no ano em que se deu o roubo do Caldeirão de Gundestrup do museu da capital holandesa e se realizaram os rituais da Tripla Morte celta com animais domésticos.

– Compreendo a tua preocupação – disse Alba. – Como é que nos podemos arriscar a investigá-la na Unidade se, façamos o que fizermos, ele nos leva vantagem em termos de segurança informática e nos vai detetar?

– Pessoalmente – interrompeu Milán depois de pigarrear bastante, o que apreciei –, penso que a estratégia de continuar como se estivesse tudo bem, e de termos dois canais de comunicação, um privado e outro com informação menos reservada, é o mais acertado.

Eu tinha outra estratégia, muito mais analógica, para saber de uma vez por todos por que raio Golden estava a meter o nariz naquele assunto. Mas como sabia que não ia ser aprovada pela minha chefe nem pelos meus colegas, calei-me e peguei na penúltima amêndoa caramelizada do avô.

– Ninguém vai perguntar pelo MatuSalem? Nem pelo Tasio? – perguntou Peña.

– Já começa – disse. – Isso já acabou. Ele era inocente. Pagou bastante.

– O Tasio não era um santo.

– Estava inocente de homicídio, está em Los Angeles. Deixem-no refazer a sua vida – insisti.

– Subinspetor Peña – interrompeu Alba –, acha que podia ser uma armadilha por parte do jovem *hacker* ou do Tasio Ortiz de Zárate?

– Penso que o MatuSalem já esteve na prisão, não se pode dizer propriamente que respeite a lei. E o Tasio... bem, vamos deixá-lo. É verdade que já pagou pelo que não fez, apesar de para nós, que crescemos a vê-lo como um assassino em série, ser difícil deixar de o ver como culpado. Mas é verdade que estão a *hackear* o telemóvel de um inspetor de Investigação Criminal; por mais que aleguem que o estão a tentar proteger, estão a incorrer num delito.

– Então temos de jogar com essas cartas – respondeu Alba. – Mas voltando à investigação dos Rituais da Água, não há um único indício ou suspeita de que o MatuSalem ou o Tasio tenham alguma coisa que ver com as vítimas e com os cenários escolhidos para os crimes.

– Isso não é verdade: os locais dos crimes têm um importante significado histórico. O Tasio é ou era arqueólogo.

– Lá vem de novo – disse, e escrevi: – E isso pesou demasiado para o condenar da primeira vez. Não aprendemos nada?

Peña suspirou ao ler-me, e deixou passar.

– Tudo bem, nem eu próprio acredito nisso. Estava a fazer de advogado do diabo. Nas reuniões de grupo na esquadra de San Sebastian, costumávamos fazê-lo. Desculpem se me excedi. Na minha opinião, é um beco sem saída. Creio que temos de nos centrar noutros suspeitos que têm muito mais que nos contar. Saúl Tovar, por exemplo.

Estíbaliz voltou a tomar a palavra.

– Aqui é aonde quero chegar. Aqui sim, temos pano para mangas. O Saúl perdeu a Rebeca em 1993 e a sua filha adotiva Gimena há apenas alguns meses. Suspeitamos de que a adoção foi irregular, uma vez que lhe deram uma filha com um processo aberto por ele e pela sua mulher, que faleceu em 1991, e o Saúl não atualizou essa informação. Subcomissária, pedimos novamente a colaboração da esquadra de Santander para revermos alguns aspetos de ambos os casos, o da Rebeca e o da Gimena. Falei com o inspetor Lanero, que não tinha relacionado o antigo caso da Rebeca Tovar com o suicídio da Gimena, apesar de terem o mesmo pai. Na esquadra de Santander não resta ninguém que tenha trabalhado na altura no caso de Fontibre, e a morte da Gimena passou-lhes despercebida, porque foi tratado como mais um caso de suicídio. Ainda assim, temos de investigar a causa da morte da sua esposa, que desconhecemos.

– Muito bem, vamos pôr mãos à obra – disse Alba. – Veem o Saúl Tovar como suspeito?

– É demasiado cedo para dizer – disse Esti. – Não vamos julgar ninguém por ter demasiadas mortes à sua volta, e de momento não temos mais nada. Mas devemos continuar a investigar essa hipótese.

– O que fazemos em relação ao Twitter? – interrompeu Milán, com um *post-it* verde na mão. – Vamos dar credibilidade à teoria do Jogo da Força?

– Parvoíces – respondeu Estíbaliz, rindo. – As pessoas aborrecem-se e só escrevem parvoíces. Vamos ser adultos, por favor.

– Sou da mesma opinião – disse Alba. – Nós somos os profissionais e isto não é um jogo de especulação. Voltando ao nosso trabalho, posso dizer-vos que a Unidade está a monitorizar todas as mensagens, e pedimos ao juiz Olano para

decretar mais um mês de segredo de justiça, e quanto aos *media*, estão todos a respeitar o silêncio que lhes impusemos. É tudo o que podemos fazer. Imprensa, rádio e televisão estão à margem. Como o número de vítimas ainda é incerto, isto não chamou a atenção da imprensa internacional. Pelo menos ninguém nos contactou de nenhuma agência ou meio estrangeiro. Isso é bom... por enquanto.

Todos concordámos.

– Por outro lado, ainda não conseguimos identificar a origem dos rumores que circulam nas redes sociais, e uma vez mais, não conseguimos evitar a histeria e a pressão sobre alguns dos nossos membros, nomeadamente o inspetor Ayala, que é o mais mediático por causa do circo anterior causado pelo duplo crime. Todos os seguidores da Annabel Lee que o ameaçaram de morte foram identificados e denunciados. Isto acalmou bastante os ânimos. Inspetor, se acha que a pressão das pessoas na rua vai influenciar a sua vida quotidiana e preferir manter-se à margem desta investigação, agora é o momento para o dizer – disse-me a subcomissária enquanto me olhava nos olhos.

– Nem pensar – disse eu em voz alta.

E aquela negativa deu a reunião por terminada.

Já passava das oito da noite, não havia luz nas ruas de Villaverde além da que os candeeiros de rua davam, e tínhamos quase uma hora de regresso até Vitoria.

Estávamos a descer as escadas do sótão quando fomos intercetados pelo avô, que foi distribuindo pelos cinco membros da equipa frascos caseiros de pimentos assados, malaguetas em vinagre e abrunhos para fazer *pacharán*, um licor típico do País Basco.

– Avô, vais acabar com tudo o que há na despensa – avisei-o um pouco corado, mas sabia que ele não me ia dar ouvidos.

Aproveitei o momento para oferecer a Esti vários frascos de peras bêbedas e ela olhou para elas como se fossem a melhor coisa do mundo.

Estávamos já a sair para a rua quando ouvi a conversa entre o avô e Alba, depois de Peña e Milán terem desaparecido encosta abaixo.

Ele segurava-lhe as mãos, como se temesse que ela desaparecesse com um sopro. Ainda não a conhecia, mas apesar disso sussurrou-lhe algumas coisas...

– Sei que é a chefe dele e que cuida bem dele, mas tenho de insistir: não o mande outra vez para uma missão onde acabe por levar um tiro, está bem? Faz isso por mim?

– Vou tentar, avô. A sério que vou tentar.

Fiquei com pele de galinha ao ouvir Alba pronunciar a palavra *avô*. Sabia que para ela essa palavra fora um tabu. Quem me dera poder mudar isso e dar a Alba o avô que ela merecia.

Ele pigarreou, olhou de soslaio para a barriga crescente de Alba e estendeu-lhe outro frasco.

– É um frasco de mel, daqui das montanhas. Tome, isto vai dar-lhe força, e vai precisar dela. Se precisar de alguma coisa, já sabe onde me encontrar.

[9](#)-Bebida alcoólica típica de Espanha semelhante à sangria. Leva vinho tinto misturado com várias frutas, açúcar e canela. (N. da T.)

A pista de gelo

20 de dezembro de 2016, terça-feira

Na estrada para Vitoria, perto de San Vicentejo, já de noite, começou a nevar. Uma camada muito fina e perigosa de flocos leves caiu no asfalto e os cinco carros desaceleraram, formando uma caravana que não se dispersou até à entrada de Aretxabaleta.

Aproveitei o primeiro semáforo vermelho, junto à velha fábrica da Urssa, para mandar uma mensagem a Alba do novo telemóvel.

– Vais voltar para casa?

– Sim, era essa a minha intenção – respondeu passado um segundo.

– Vitoria está vazia a esta hora, é a última neve do outono, amanhã começa o inverno. Vem passear comigo – propus-lhe.

Na verdade, fez-me sofrer.

Ela não me respondeu até ao sinal vermelho seguinte, virando para Batán.

– De acordo.

“De acordo” soube-me às mil maravilhas.

– Estacionamos no parque de estacionamento da Catedral Nova. Vemo-nos no tanque do crocodilo com mãos humanas – escrevi.

Não respondeu, assumi que iria.

No meu *Outlander*, cantava a plenos pulmões *Chasing cars*. Tinha seguido as instruções da terapeuta da fala, e talvez minha futura cunhada, e vociferar as letras de canções que conhecia de cor ajudava-me diariamente a ter mais fluidez e a pronunciar melhor as frases.

...

Se eu me deitar aqui, se eu simplesmente me deitar aqui,

Deitas-te comigo

E esqueces-te do mundo?

...

Encontrei Alba junto ao crocodilo de bronze, rodeada de uma fina camada de neve. Estava a nevar silenciosa e levemente, coroadando as copas dos pinheiros e dos arbustos no jardim traseiro da Catedral Nova.

– Vamos dar uma volta, não há vivalma na rua – sugeri-lhe depois de um ensaio prévio nas escadas do parque de estacionamento.

Alba agarrou-se ao meu braço e caminhámos em silêncio em direção ao parque Florida.

– Então somos oficialmente pais.

– Somos oficialmente pais – confirmou-me com um sorriso. – Vamos, deixa-me comprar-te um cartucho de castanhas assadas. Já vi como olhas para elas.

Alba aproximou-se de um daqueles carrinhos pretos e ofereceu-me um punhado de imensas e gloriosas castanhas fumegantes que me souberam às mil maravilhas.

Chegámos, quase sem nos darmos conta, aos pés da praça da Virgen Blanca. A neve tinha-a tornado mais virgem e mais branca do que nunca. Não havia pegadas a estragá-la, e o manto branco subia centímetros à medida que a neve copiosa e silenciosa cobria a nossa pacífica cidade.

A efêmera pista de gelo que se montava todos os Natais na praça esperava, em silêncio, por algum patinador que fosse deslizar sob o monumento da Batalha de Vitoria.

De modo que, ainda com a canção na cabeça, arrastei Alba até à parte alta da praça, diante da porta da minha casa, atrás do monumento com o anjo e a sua espada, já vencidos pelo peso da neve.

– Se eu me deitar aqui, se eu simplesmente me deitar aqui, deitas-te comigo e esqueces-te do mundo? – pedi-lhe, parafraseando o vocalista dos Snow Patrol.

Ela pegou nas luvas e ambos nos deixámos cair no chão branco como anjos despreocupados.

Demos a mão e ficámos a olhar para o céu, branco e negro ao mesmo tempo. Nem sequer nos faziam falta Perseidas.

E mexemos os braços e as pernas até desenharmos a silhueta de dois santos, como eu aprendera num inverno com quatro anos no infantário da Senda, numa outra vida, e rimo-nos ao verificar que a marca que os nossos corpos tinham deixado no coração da cidade se parecia mais com um deus com muitos braços do que com um anjo.

– Acho que acabámos de desenhar um kraken – murmurou ela, divertida e cúmplice.

– Vamos a casa secar-nos, não quero que tu e a bebé se constipem – disse-lhe preocupado. Talvez tivesse ido um pouco longe demais, e nos tivéssemos deixado levar.

Entrámos na mesma porta onde, numa tórrida madrugada de verão, tudo tinha começado, talvez até mesmo uma vida, e subimos as escadas entre risos e cumplicidades que pressagiavam o que ia acontecer quando chegássemos ao terceiro andar.

Adiantei-me para abrir a porta de casa e Alba ficou no patamar, com a sua respiração na minha nuca.

“Abraça-me por trás, quero que me cubras as costas, porque quando me virar não faço tenções de te perder de vista o resto da minha vida”, quis dizer-lhe, mas era uma frase demasiado comprida, e os neurónios não andavam pelo meu cérebro naquele momento.

Voltei-me, peguei nela ao colo enquanto as suas pernas me rodeavam a cintura e entrámos em casa. Já não parecia inverno, porque até as paredes ardiam com aquele fogo.

– Pensava que já não me desejavas – murmurou Alba ao meu ouvido.

– Claro que te desejo.

– Então não deixes nada por fazer.

– Não estava a pensar deixar.

Tirou o casaco branco e toda a roupa que sobrava e ficou despida à frente da janela, protegida do exterior apenas por uma cortina, e era uma deusa com as suas curvas exacerbadas e a sombra gloriosa que projetavam os seus seios fartos devido à gravidez. Fui ao meu quarto, tirei o cobertor da minha cama e estendi-a no chão da sala, afastei a mesa e abri espaço para o que vinha a seguir.

E Alba movia-se devagar, como que em câmara lenta, e quando entrei nela senti-o com tamanha intensidade que foi como uma segunda primeira vez. O corpo inchado, o calor, a pressão. Como se estava bem dentro dela.

Alba crescia durante o sexo, era ainda mais poderosa do que no escritório, e naquele momento éramos o coração da cidade branca, batendo o seu sexo no meu como se fosse um único órgão, cadenciado, com raiva e em silêncio. Sim, tínhamos vontade. Muita vontade.

E com as minhas mãos no seu umbigo, apercebi-me de que a uma pele de distância estava a minha filha, presente e consciente de como os seus pais se amavam.

“Esta menina que vamos ter vai estar protegida pelas duas rochas que eu e tu somos. Não sei se te apercebeste, mas juntos somos invencíveis, deixa-me partilhar a tua morada de deusa branca”, pensei.

Mas era pedir demasiado.

Porque quando acabámos de o fazer, de frente, de trás, de costas, Alba vestiu-se e voltou a ser a subcomissária.

– Só uma noite. Tenho a minha casa, Unai.

– Só uma noite. Tens a tua casa – assenti, que remédio. – Mas diz-me que seremos uma família. Com duas casas, com dois berços... o que quiseres, mas uma família.

– Uma família – concordou, antes de desaparecer pelas escadas, maldita.

E eu, cobarde, fiquei com vontade de lhe dizer que queria ter mais filhos com ela, que estava a aprender algumas canções de embalar, para não ser um pai mudo e poder acalmar a minha filha quando lhe nascesse o primeiro dente e que ninguém, ninguém me fizera tremer como ela naquela noite de dezembro.

A noite das velas

23 de dezembro de 2016, sexta-feira

Dezembro avançava mais depressa do que eu imaginara, estavam quase a chegar as datas festivas e sabia por experiência própria que a investigação ia atrasar várias semanas. A não ser que aparecesse outro cadáver que nos marcasse a agenda a preto.

Certas rotinas começaram a fazer parte do meu dia a dia. Eram todas bem-vindas. Peña, que vivia numa casa arrendada em Corre, habituou-se a bater-me à porta nalgumas manhãs e íamos juntos para a esquadra da Portal de Foronda.

Fora do trabalho era brincalhão, divertido, e o músico inquieto que existia dentro dele fazia com que tivesse uma mente criativa que depois usava com disciplina nas investigações. Parecia-me ser um tipo que as mulheres achavam muito atraente, a avaliar pelos olhares que lhe lançavam na rua.

Gérman habituou-se a ir buscar-me todos os dias ao consultório da minha terapeuta; às vezes eu ficava a tomar um *pintxo* com ele e Beatriz, outras vezes desculpava-me e deixava-os sozinhos.

O meu irmão atreveu-se finalmente a levá-la a Villaverde.

Beatriz pareceu ficar extasiada com a nossa aldeia e a nossa serra. A sua presença elegante era tão incongruente como um anel de diamantes num saco de serapilheira. Os seus saltos altos, a saia lápis, o cabelo cor de canela arranjado perfeitamente com laca... Mas a energia que aquela relação dava a Germán fez com que se tornasse de novo o irmão falador e espirituoso de que eu sentia falta desde a morte de Martina.

Alba, por seu lado, aparecia à minha porta sem horários nem avisos, dávamos uma volta pelo centro e acabávamos a ofegar debaixo dos lençóis.

Resumindo, às vezes a vida podia ser um bom lugar para se estar.

Durante aqueles dias aproveitei para tratar das pontas soltas e liguei a Araceli, a mulher de Asier, do meu número antigo. Tinha de continuar a dar material novo a Golden, não fosse pensar que eu sabia que ela sabia.

Naquela tarde Araceli estava ocupada, encarregada de colocar em toda a Amêndoa Medieval as quinze mil pequenas velas que iluminavam o centro

histórico e tornavam a Noite das Velas uma sublime viagem ao passado.

Convidou-me para a ajudar, e subi ao palácio de Escoriaza-Esquivel para me encontrar com ela e falarmos longe do radar do seu marido.

Araceli foi uma das últimas pessoas a juntar-se ao nosso grupo de amigos; tinha conhecido Asier dois anos antes e casaram-se logo de seguida. Ambos tinham uma personalidade forte, ela trabalhava numa empresa de inovação tecnológica com um nome impronunciável e não se viam muito por causa das aulas que dava em algumas universidades do Norte.

Eu dava-me muito bem com ela, tivemos uma empatia imediata, ela era franca e também muito bonita. Morena, cabelo comprido...

Mas foi só naquele dia, quando a vi chegar vinda da entrada da muralha medieval, que me apercebi: tinha cortado a franja. Direita, sobre as sobrancelhas. Busto generoso. Sempre roupa preta. Beta, mas gótica.

O estilo inconfundível de Annabel Lee.

Era aquele tipo de pormenores que uma pessoa regista com uma parte do cérebro, mas que nunca lhe vem ao pensamento até ser demasiado evidente e, em certas ocasiões, demasiado tarde.

– Gostas? – perguntou, sedutora.

– Muito – disse e despenteei-lhe um pouco o cabelo.

Disfarcei o melhor possível o meu constrangimento: Araceli era exatamente o mesmo tipo de mulher que Ana Belén Liaño.

Fisicamente e, pelos vistos, também de personalidade.

“Amor e ódio, como é que não tinha percebido isto antes? É essa a tua cena, Asier?”

– Preciso de falar contigo, Ara – disse-lhe, e ela passou-me um isqueiro enquanto abria a mochila que levava com centenas de velas.

Toda a parte antiga estava a ser iluminada naquele momento por centenas de voluntários e amigos de comerciantes que punham e acendiam velas e tochas.

Aproximámo-nos do pátio do palácio renascentista, que partilhava parte da muralha com o cantão das Carnicerías.

Contive um arrepio porque aquela antiga entrada da vila de Gasteiz fazia-me lembrar os jovens de quinze anos que Nancho assassinou e abandonou debaixo do arco, rodeados de três *eguzkilores*.

Costumava evitar, tal como muitos vitorianos, aqueles pontos negros da minha cidade.

Mas segui as indicações da mulher do meu amigo e, obedientemente, ajudei-a a alinhar as velas ao longo de todo o perímetro do pátio do palácio, construído em tempos pelo médico do uxoricida Henrique VIII, o mais famoso assassino de esposas da História.

No meio daquela luz tão quente e cheia de contrastes, parecíamos estar num claro-escuro de Caravaggio.

Ao fim de meia hora concentrados na tarefa e esgotados todos os assuntos triviais, Araceli encheu-se de coragem para me fazer a pergunta que pairava sobre nós há algum tempo.

– É por causa do teu trabalho?

– Infelizmente, é.

Araceli agachou-se novamente para alinhar outro conjunto de velas, fez-me um sinal discreto e separou-me de um grupo de comerciantes.

– Não me assustes, Unai – disse-me quando ficámos relativamente sozinhos –, que já passámos por muito com a morte do Jota. O que se passa?

– É sobre o Asier. Vou direto ao assunto, está bem?

– Sim.

A frase não era muito comprida, mas estava cansado, por isso tirei o meu caderno do bolso de trás das calças de ganga e escrevi:

– O que sabes sobre o assalto frustrado à farmácia?

Araceli franziu o sobrolho, mas pareceu-me que estava à espera daquela pergunta, porque respondeu demasiado depressa, de rajada.

– Que foi um drogado, que bateu no Asier e que ele não o viu. O que se passa, prenderam-no?

– Nós não acreditamos nessa versão – disse.

“E tu também não”, apeteceu-me dizer-lhe.

– Ara, não gosto nada de ter de perguntar isto, mas...

– Mas o quê? O que se passa, Unai?

– Vocês discutiram nesse dia?

Observei a reação dela, desta vez a surpresa era real.

– Achas que eu lhe bati?

– Podes ter-te defendido.

– Olha, o Asier pode ser um grandessíssimo idiota às vezes, mas nunca me levantou a mão na vida. Era só o que faltava. Nem ele nem ninguém. Eu simplesmente não consentiria. Queixa na polícia e malas à porta. Ponto final. Ficou claro?

– Sim. Na verdade, vindo de ti isso parece-me bastante claro – escrevi novamente.

Era um beco sem saída, não tinha sido uma hipotética discussão conjugal. Não restavam muitas opções, mas queria ver o que me contava, o que escondia, quanto sabia.

Pus-me à frente de Araceli e tirei-lhe a vela das mãos. Acendia-a e iluminei-lhe o rosto com a vela. Assim é mais difícil mentir.

Dá para ver cada microtensão nas pálpebras de quem mente: os olhos sobem, giram para a direita.

Dá para ver cada gesto que se pretende dissimular com uma calma que deixa a mandíbula tensa, os lábios apertados, naqueles que não querem deixar escapar a verdade.

– Quem pode ter sido, então? – perguntei-lhe.

– Não faço ideia, Kraken.

“Kraken, muito bem. Pões alguma distância entre nós. Já não sou Unai”.

– Ara... eu sei quando mentes. E agora estás a mentir-me.

Cruzou os braços à frente do peito, numa faixa protetora. Eu descruzei-lhos.

Ela cedeu.

– Com o Jota, foi com o Jota. Eles pegaram-se à bulha. O Jota estava bêbedo, e chegaram a vias de facto. Mas ele não me quer contar o motivo da briga. Diz que eram contas pendentes. Que têm uma longa história. Que são coisas do grupo e que eu não iria entender. Mas fez-me jurar que não contava a ninguém, depois de ele ter aparecido morto em Barbacana. Não quer que pensem que ele o matou, porque não o fez. Eu estive com ele nesse sábado. Saímos às quatro do Cuesta, pergunta à Nerea. Voltámos para casa, dormimos no domingo até às dez. Dormimos os dois, Unai. Ele não pôde sair de casa, matá-lo, levá-lo a Laguardia e regressar a Vitoria.

– Claro que pôde. São seis horas.

“Claro que pôde.”

– Não sei, o Asier ressona. Podia jurar que o ouvi a ressonar toda a noite.

– Como, se estavas a dormir?

– Não sei, Unai. Não sei. Não acredito que ele pudesse fazer isso. Ponto final.

– E no dia 17 de dezembro?

– Quando?

– No dia 17 de dezembro, quinta-feira. De madrugada. Dormiste em casa, com o Asier, ou estavas fora de Vitoria a dar aulas? – escrevi.

Araceli não compreendeu a motivo da minha pergunta, fez uma expressão de estranheza quando leu o que eu escrevi e depois consultou a sua agenda no telemóvel.

– Nessa semana estive em Vitoria, não viajei. Porquê, Unai?

– Tenta lembrar-te e responde-me: nessa sexta-feira de madrugada, o Asier esteve contigo na cama, ou esteve de serviço na farmácia ou aconteceu alguma coisa diferente do habitual? – escrevi novamente.

Araceli consultou de novo a sua agenda, imagino que à procura dos dias em que o seu marido estava de plantão na farmácia. Eu já os tinha verificado no dia

em que eu e Esti o fomos socorrer à farmácia, mas queria observar as reações de Araceli para poder tirar as minhas conclusões.

– Não, não estive de plantão, e não me lembro desse dia em concreto, foi há mais de um mês, mas se não me lembro é porque não aconteceu nada de especial. O Asier não saiu de madrugada durante a semana para lado nenhum. O que me incomoda é que não me vais explicar o porquê de tantas perguntas.

– Morreu uma mulher, a Ana Belén Liaño, conhecia-la?

Observei-lhe o rosto, não demonstrou qualquer reação. Nem sequer de surpresa. Curioso.

– Não, não sei quem é. Devia saber?

“Não, se tu e o teu marido não falaram sobre os vossos respetivos passados.”

– Não – escrevi. – Estamos simplesmente a investigar uma possível relação entre a morte dela e a do Jota, é tudo.

– Promete-me simplesmente que se o Asier estiver a esconder alguma coisa, me avisas antes – pediu-me, apesar de não haver súplica nos seus olhos.

O olhar de Araceli não era o de uma mulher que costumasse suplicar, era antes um olhar pragmático, de pessoa a quem não se pode magoar muito.

“Não me parecem estar muito unidos, na verdade”, pensei.

– O que puder, está bem? – prometi-lhe, dei-lhe um beijo na cara e fui-me embora.

Caminhei apressadamente pelas ruas com o pavimento retangular e a chama das velas tremeu à minha passagem. Teria sido uma tarde maravilhosa para percorrer a Amêndoa Medieval calmamente, mas eu tinha encontro marcado com Alba em minha casa e não ia chegar nem um segundo atrasado por nada deste mundo.

:::

Foi Estíbaliz quem me deu a surpresa do dia, umas horas mais tarde. Alba e eu brincávamos na minha cama, preguiçosos, depois de observarmos de luzes apagadas o espetáculo das velas à volta da praça da Virgen Blanca.

Esti ligou para o meu telemóvel novo, de forma tão insistente que acabei por atender.

– É muito urgente? – perguntei, e apeteceu-me estrangulá-la por ser tão pouco oportuna.

– É muito interessante.

– Diz lá – encorajei-a, sem desviar o olhar dos quadris de Alba. Sou um tipo simples, eu sei.

– Lembras-te do que disse o estudante fugitivo em Santander, de que o Barba Azul era agora o Barba Grisalha.

- Lembro-me.
- Lembras-te de que lhe chamou uxoricida, assassino de esposas, como a personagem do Barba Azul?
- Esti, diz de uma vez, anda.
- A mulher do Saúl, Unai. A mulher do Saúl Tovar morreu de um acidente doméstico muito estranho. Chamava-se Asunción Pereda, e a Milán encontrou o obituário dela na hemeroteca do *El Periódico Cántabro*. Falei com o Paulaner e ele vai procurar nos registos da esquadra de Santander, mas por causa das datas, talvez só me consiga dar alguma coisa na segunda-feira. Não sei o que achas, mas a mim parece-me que um homem que perdeu a mulher e as duas filhas em plena flor da idade e de três maneiras tão estranhas, é alguém que tem muito que nos contar.

A encosta do Resbaladero

24 de dezembro de 2016, sábado

Como todos os anos, eu e os meus amigos combinámos encontrar-nos a meio da tarde da véspera de Natal, no centro antigo, para beber vinho quente.

Os bares do centro tinham-se empenhado ao longo dos anos em manter uma tradição que era recebida com entusiasmo pelos vitorianos: era uma época fria, e o vinho quente feito com canela, limão, damascos secos, figos e outras iguarias entrava nos estômagos com uma alegria que transbordava pelas ruas do centro antigo e nos fazia lembrar as festividades da Blanca já longínquas no tempo.

Mas na verdade aquele ano não foi como os anteriores. Havia uma tensão sinistra no ar. Os olhares, as cotoveladas quando entrávamos no Rojo ou no Segundo... A minha cabeça destacava-se da altura média das outras cabeças que me observavam sem disfarçar.

Algumas enviavam-me força, outras olhavam para mim como se me quisessem enforcar com a máquina de tirar cerveja.

O ambiente entre o meu grupo de amigos também não era o melhor. Ainda estávamos de luto por Jota, que naquela época festiva voltava sempre para jantar em casa já com uns copos a mais, e em muitos anos, vários de nós tivemos de o acompanhar para que não se enganasse na porta ou na garagem. Mas não naquele ano. Não era preciso. Que merda, era tudo tão duro.

Germán brilhava, mais falador do que nunca. Era sempre assim quando estava apaixonado. A história dele com a minha terapeuta da fala progredia bem e eu estava feliz por ambos. Naquela tarde dava corda a Nerea para que lhe contasse algum mexerico da imprensa ou da vizinhança. Ara estava um pouco ausente, Xavier tinha ido esquiar, e eu, Lutxo e Asier preferíamos cumprimentar outras pessoas para não termos de falar muito entre nós.

Foi ao chegarmos ao bar Extitxu que Asier me intercetou na casa de banho dos homens.

– Gostava de falar contigo. Vamos dar uma volta?

– Claro – respondi.

“Já estava à tua espera, amigo.”

Saímos em silêncio, um pouco mal-humorados e distantes pela rua a que um dia se chamou a encosta do Resbaladero¹⁰, e com razão, porque quando ficava gelada, uma pessoa podia partir-se toda de madrugada, sobretudo se voltasse para casa às cegas.

Quando chegámos à praça dos Fueros, indiquei-lhe com a cabeça que subisse as escadas de granito que iam dar a um anfiteatro e nos davam alguma intimidade, altura e uma certa perspetiva sobre a praça. Aos nossos pés, um frontão vazio e um labirinto de pedras onde muitas crianças tinham partido a cabeça a brincar.

Asier e eu sentámo-nos na parte mais alta, com um pouco de frio devido à humidade daquele fim de dia.

– O que andaste a perguntar à Araceli? – soltou com tanta raiva que parecia prestes a bater-me.

– Estava a fazer o meu trabalho, Asier. Como bem sabes.

– Lixaste-me e bem, tenho-a a chatear-me desde ontem. O que lhe disseste?

– Vou ser sincero contigo: como sei que estás a mentir, meu amigo, confirmei os teus álibis para os dias dos assassínios da Annabel e do Jota – escrevi no meu caderno.

– Pois, mas não devias ter ido falar com ela. Não a conheces como eu. A Araceli tem duas faces, em público é encantadora e parece muito segura de si, mas é uma ciumenta patológica e falaste-lhe da Ana Belén Liaño. Não sabe nada dessa história, não faz ideia de quem ela é, mas está furiosa porque sabe que esconde alguma coisa... Deixaste-me em maus lençóis.

– Se não me tivesses mentido desde o início, não precisava de ter ido ter com ela – limitei-me a responder.

– Já te disse, a ti e à tua colega, tudo o que tenho a dizer. E se não me vieres com um mandado judicial, não faço tenções de...

– Para, senão vamos andar sempre às voltas – interrompi-o.

– Bateste no Jota, o Jota bateu-te, a tua mulher confirmou-me. Posso ir atrás de ti, Asier. Tenho o suficiente para começar a apertar contigo pela via legal. Tu decides, mas isto é muito sério. Não sei se queres que te faça um desenho ou se já compreendeste – mostrei-lhe o que escrevi e deixei que assimilasse.

– Porra para a Araceli – deixou escapar para a camisa depois de ler.

– É melhor que me comeces a explicar, Asier. Tudo. Começa pela Annabel Lee.

Asier pensou, tomou a sua decisão racional e começou a falar. Quero dizer com isto que não houve um momento de catarse emocional, ou algo do género; com ele nunca havia.

– Foi na primavera. O Jota encontrou-a de novo e começaram a encontrar-se. Incentivou-o em relação à fotografia, que devia retomar, que podia montar uma exposição, que a sua veia criativa... Lembras-te que lhe deu para nos tirar fotos a todos novamente?

Sim, lembrava-me, ficara obcecado com a fotografia digital. Eu pensei, esperançado, que ele estava cansado da vida que levava e procurava uma nova saída profissional. Como é que eu o ia associar com Annabel Lee, se há vinte e quatro anos que não falávamos dela?

– Nem me passou pela cabeça pensar que ela estava por detrás disso.

– Encontrei-os uma vez nos bares do bairro Judizmendi, pareciam estar envolvidos... bem, tanto quanto uma pessoa pode estar envolvida com a Annabel Lee, sabes o que eu quero dizer, também passaste pelo mesmo. Tomámos os três um café. Ela deu-me o seu número de telemóvel quando o Jota foi à casa de banho. Eu... enfim, eu liguei-lhe.

“Muito bem, Asier. Estiveste mesmo bem.”

– Não me contes mais. A vida é tua. Diz-me só: quem é o pai?

– O Jota podia ser, eu não – respondeu, taxativo. – Eu e a Annabel não dormimos juntos.

– Não me faças de parvo.

– A sério que não...

Fartei-me.

Agarrei-o pelas lapelas do casaco, atirei-me para cima dele e as suas costas ficaram num equilíbrio precário viradas para a rua Fueros, vários metros abaixo.

O novo *statu quo* era claro e inequívoco: se o soltasse, ele caía.

– Não... me... faças... de... parvo... – murmurei-lhe lentamente, muito lentamente.

Que os meus amigos de infância me mentissem constantemente estava a fazer-me perder a paciência.

Puxei-o de novo para mim. Parecia ter compreendido.

– Tudo bem, sim, enrolámo-nos. Mas não posso ser o pai do filho dela porque tomei precauções. Sou casado, Unai.

– Mas podes ser.

– Não, é impossível, nem pensar.

– E achas que o Jota pode ser?

– Pode ser. Ele não se controlava, estava sempre bêbedo, e já andávamos nisto há vários meses, mas depois levámos todos com o caso dos duplos crimes no verão, e até nos calhou bem, a mim e ao Jota, que as pessoas estivessem todas a pensar noutra coisa, e nem tu nem o Lutxo se aperceberam da história com a

Annabel. Não sabíamos como é que vocês iam reagir, ou se ia reabrir velhas feridas.

– Porque é que não me disseste que tinhas voltado a vê-la, se eu ia descobrir?

– Já me conheces, caramba. Não tenho imaginação para improvisar. Fiquei bloqueado quando nos reuniste aos três no jardim da muralha... Na quinta-feira a Annabel não me ligou, mas nunca imaginei que estivesse morta.

“Então, para o assassino, tanto tu como o Jota podem ser o pai”, deduzi em silêncio.

– Sabes se, naquele dia, ela pode ter subido à montanha com alguém?

– A Annabel tinha o hábito de subir à montanha de madrugada. Saía de Vitoria sempre de noite, mas não faço mesmo ideia se ia sozinha ou com mais pessoas.

– Sabes se tinha alguma nova amizade?

Pensou por momentos.

– Sim – disse finalmente. – Por vezes falava de uma nova amiga, mas nunca a conheci. Chamava-se... ui, não me lembro. Só me lembro de a Annabel dizer que a apoiou desde a gravidez.

– Como assim?

– Coincidiu com a altura em que a Annabel anunciou publicamente a sua gravidez, há uns meses, nas redes sociais. Penso que era sua seguidora, fã das bandas desenhadas dela, e contactou a Annabel para lhe assinar os livros todos, deram-se bem e continuaram a combinar coisas. Fiquei espantado: a Annabel era mais de se dar com homens do que com mulheres. Talvez tivesse também amigos novos, mas desses obviamente não me falava nem eu perguntava. Qualquer pessoa pode ter subido com ela à montanha.

– Não vi nenhuma amiga no funeral.

Asier encolheu os ombros.

– Não sei, sabes que não fui.

– Mas nós fomos.

– Como é que eu explicava à Araceli, dizes-me? – soltou com raiva. – Eu não queria enfrentar as perguntas da minha mulher, nem que ela ficasse a saber no funeral por vocês ou por algum fofoqueiro que a morta estava grávida e começasse a juntar as peças todas.

– E o dinheiro? Tens de me explicar isso, Asier.

– Fiquei com tanta raiva quando ganhou a lotaria... Nessa altura, eu já estava a pensar em acabar tudo. Ela estava grávida, e penso que isso a mudou, ela procurava estabilidade para o filho e por isso o Jota não servia. Insistia para que eu deixasse a Araceli e ficasse com ela, dizia que o bebé provavelmente era meu, apesar de termos tomado precauções. Ela dizia que podia ter acontecido, na sua imaginação, talvez. Sabes como ela era, repetia uma mentira até ela própria

acreditar nela e achava que a podia repetir ao mundo e que todos acreditariam. Eu queria deixá-la, estava cansado daquela história, de que ela e o Jota se controlassem cada dia menos. Acho que ele não tinha a certeza de que nós estávamos envolvidos, mas suspeitava de alguma coisa, estava sempre tenso e era seco comigo. Não era a maneira de ser dele, mas era um cobarde, acho que não tinha coragem de me perguntar.

– De modo que a ias deixar, e ela ganhou a lotaria – resumi.

– Não te lembras da aposta que fizemos no acampamento há vinte e quatro anos?

– Que aposta?

– A aposta que fizemos, quando ela me disse: “No dia em que eu morrer, serei mais rica do que tu.”

– Não me lixes, Asier. Ainda te lembras daquela parvoíce?

– Aquela parvoíce iluminou-me o caminho e fez de mim quem sou hoje. Foi por isso que me tornei farmacêutico, não foi por adorar preparar fórmulas magistrais. Deu-me um objetivo, fez-me ver claramente que não queria ser como o meu pai, um perdedor, que eu não queria passar dificuldades, queria vencer. Juro-te que essa frase esteve todos os dias presente na minha mente, desde o dia 4 de julho de 1992, quando essa maldita a verbalizou.

“Essa maldita...”, anotei mentalmente.

– E sabes que mais? Não, não ganhou a aposta. No dia em que morreu não era mais rica do que eu. Estávamos iguais, tínhamos ambos um milhão e meio de euros no banco.

– De modo que ela ganhou a lotaria e tu ficaste com o dinheiro.

– Disse-lhe que ia deixar a Araceli para ficar com ela, que seríamos uma família, mas pedi-lhe uma prova de que ela também se ia comprometer.

– A conta no banco com os dois titulares.

– Sim, quanto a isso não houve tantos problemas como eu esperava. Ela não se importava com dinheiro, tinha as necessidades materiais de um mendigo e o que ganhava com a banda desenhada era mais do que suficiente para ela. Não era uma pessoa materialista, vivia todo o dia no seu mundo mental, não tinha tempo para ir às compras, isso era demasiado mundano para ela. Não se importou nada de partilhar comigo esses três milhões de euros.

Olhei em frente, frustrado.

Depois olhei para o meu relógio de pulso.

O meu avô esperava-nos, a mim e a Germán, para jantarmos em Villaverde. Alba e a mãe jantavam juntas em Laguardia, e tinham convidado Estíbaliz, que não tinha família e de outro modo iria jantar sozinha ou connosco. Eram sete e meia da noite, tinha de terminar a conversa, mas quanto mais perguntava, mais

queria que Asier continuasse a falar. Conhecia-o de ginjeira; não era habitual ele ser tão honesto e abrir-se daquela maneira, não ia ter muitas outras oportunidades como aquela.

...

– E não ficou incomodada por teres levantado duzentos mil euros tão depressa? – insisti.

– Não vais acreditar, mas nem falámos disso, o tema nunca surgiu. Talvez ela não visse diariamente o saldo daquela conta, ou talvez porque eu levantei esse dinheiro numa segunda-feira e na quinta-feira ela já estava morta.

– Sabes quão culpado isso te faz parecer diante de um juiz?

– E tu sabes que te estou a dizer a verdade, apesar de me poder prejudicar, precisamente porque essa é a porra da verdade, Unai? – respondeu chateado.

– Que vais fazer com o dinheiro?

Pensou por momentos, apesar de se supor que uma mente fria como a dele já tinha todos os planos feitos.

– Quando acabares a tua investigação e apanhares o culpado, quando já ninguém pensar que sou eu, separo-me da Araceli. E levanto os milhões. Felizmente casámo-nos com separação de bens, não vai poder ficar com nada. Com esse dinheiro faço tenções de pagar as minhas dívidas e de tirar um tempo para pensar no que quero fazer.

– Não sabia que precisavas disso, pareces sempre tão...

“Seguro de si?”, pensei para mim próprio.

– Não sei se quero ser farmacêutico: era só uma maneira de ganhar dinheiro e está cada vez mais difícil. Não quero gastar a minha fortuna pessoal a remar num navio que se está a afundar. Talvez feche os dois negócios e invista, ou me dedique a gerir o meu património até me reformar. Não sei. Tudo o que mais queria nesta vida era ter dinheiro, para não acabar como o meu pai, e a Annabel deu-me isso. Curioso, não achas?

Era suficiente, mais do que suficiente para os meus ouvidos. Dei por terminado o interrogatório com o estômago às voltas, não sei se por causa do anis-estrelado do vinho, se por causa do que Asier me acabava de contar.

– Já terminámos. Podes ir, Asier.

– Sim, vou-me embora. É melhor – disse, levantou-se e começou a descer as escadas de Fuegos. – Sabes o que te digo, Kraken? Que me azedaste o vinho quente e que me estragaste a maldita véspera de Natal. Vou para casa, porque a Araceli e os meus pais estão à minha espera. Feliz Natal.

Fiquei sentado mais um pouco a observá-lo a descer de mau humor e a desviar-se das pessoas que regressavam apressadas às suas casas para preparar o

jantar mais familiar do ano.

Não tinha a certeza se o devia pôr sob proteção porque ia ser a próxima vítima, se pedir ao juiz que emitisse um mandado de captura porque o meu amigo tinha motivos e frieza mais do que suficientes para ter matado Rebeca, Annabel e Jota com as suas próprias mãos.

[10](#)-Resbalar em espanhol significa escorregar. (N. da T.)

O pico Dobra

15 de julho de 1992, quarta-feira

As tensões entre os quatro membros do grupo iam-se notando nos mais ínfimos pormenores.

– Olha, empresta-me uma lâmina de barbear?

– Acabaram.

Mentira.

Pequenos atritos, pequenas maldades entre eles.

As confissões, as brincadeiras, toda a antiga cumplicidade se foi apagando à medida que os dias passavam e que os quatro amigos, conquistados, observavam a ninfa que habitava no dormitório deles como alguém que vivia realmente num outro mundo mais interessante do que aquele que conheciam até então.

Unai observava o seu amigo Jota com preocupação, punha-lhe água no vinho sem ele se aperceber, afastava-o da zona de tensão onde vivia Annabel e os seus até então melhores amigos de um grupo que parecia indissolúvel.

Talvez fosse Lutxo quem provocava mais. Kraken isto, Kraken aquilo... sobretudo se Annabel estivesse presente.

Saúl observava todas as manhãs a cena que se repetia, e a meio da semana decidiu intervir. Aproveitou a oportunidade para os levar a Puente Viesgo uma tarde, com a desculpa de que a zona estava rodeada de castros da Cantábria. Iniciaram a subida para o pico Dobra enquanto lhes explicava que o nome daquele monte era na verdade um teónimo, um lugar com nome de deus, e que vinha do celta *Dubron*, “lugar onde abunda a água”. E que ali perto foi encontrado um altar para o deus indígena Erudino.

Também controlava Jota, que conversava muito perto de Beca, e ele não achava graça nenhuma a isso. Estavam a tocar as mãos? Não conseguia ver bem, de onde estava e acelerou o passo.

De qualquer modo, aproveitou que subia a encosta naquela sufocante tarde de julho ao lado de Unai para abordar o jovem.

– Não gostas muito das piadas do teu amigo, pois não? – começou ele, apalpando terreno.

– Não gosto de alcunhas – disse Unai –, nunca são inocentes.

– Na verdade, não me parece que sejas o tipo de miúdo que deixa que o gozem na escola.

– Não se trata de mim, mas sim... do meu irmão. Tenho um irmão mais novo, o Germán. Tem onze anos e acondroplasia.

– Nanismo.

– Como preferir.

– Tens de o defender.

– O problema não é eu ter de o defender ou não. Mas um dia não estarei no recreio, um dia ele terá de se defender sozinho, percebe?

– Percebo.

– Não suporto alcunhas – repetiu. – Há sempre más intenções por trás.

– Mas a tua não é uma alcunha, é um totem.

– Um quê?

– Os antigos também usavam apelidos, escolhiam o animal cujas forças queriam assumir e tornavam-nas suas. Faz o mesmo, usa-o com orgulho.

– Mas é uma lula, não me vejo como uma lula.

– É considerado um animal mitológico desde a Idade Média. Já nos portulanos, as cartas de navegar usadas antigamente, e nos bestiários apareciam desenhados, tal como as serpentes marinhas ou os leviatãs. Aparecem nos textos nórdicos, nos *eddads* recitados pelos escaldos ou poetas da cultura *Viking*. E agora, mil anos depois, afinal existem. Apareceram encalhados nas nossas costas, aqui no mar Cantábrico. Eu acho que é um animal extraordinário, um sobrevivente discreto, uma colossal força da natureza que não precisa de se exhibir. Na verdade, não me parece um fardo demasiado grande para se carregar.

“O que sabes tu dos fardos que eu carrego?”, pensou Unai.

Era verdade. Nem Saúl sabia dos fardos de Unai, nem Unai sabia dos fardos de Saúl.

Ambos continuaram a subir em silêncio, cada um atento ao casal que seguia poucos metros à frente. Saúl de olhos postos em Rebeca; Unai, no seu amigo Jota, com quem estava preocupado desde o episódio de Gaztelugatxe.

...

Embora não fosse muito dado a conversas e a confidências, obrigou-se a encontrar o momento adequado, e quando por fim chegaram ao pico Dobra e se sentaram todos a descansar, Unai abordou o seu bom amigo Jota calmamente e sem testemunhas.

– Eh pá, estás bem? – perguntou-lhe, sentando-se ao seu lado.

– Estou ótimo.

- E a cena da Annabel e do Asier?
- Pela parte que me toca, foi só sexo, e não tivemos nada mais. Em relação ao Asier... que aproveitem. Não vão durar muito.
- Também acho que não. Aquilo não era fazer amor, mais parecia fazer alguma coisa relacionada com ódio, mas amor... não, nem por sombras. Mas o Asier não me preocupa, é duro que nem uma pedra. Estou preocupado contigo... a sério que estás bem? Podes falar comigo.
- Estou a falar a sério, Unai. A Annabel Lee descartou-me tão depressa que nem me deu tempo para me apaixonar por ela, de verdade. Foi uma decepção, isso sim, não vou negar. Mas ontem falei com a minha mãe, e o meu pai está pior. E eu aqui, a divertir-me. Disse-lhe que ia para Vitoria, e ela respondeu-me que nem pensar, que tem tudo controlado, que descanse para me preparar para o que aí vem, que são muitos turnos à noite em Txagorritxu. Ela tem razão. Faz-me bem estar aqui, estou a ganhar forças para... Não digas a ninguém, Unai, mas não me vou matricular em Arquitetura.
- Como assim?
- Mudei de ideias. Quero ser fotógrafo e estudar Belas-Artes.
- Unai levou as mãos à cabeça.
- Tens a certeza?
- Nunca me senti tão bem como esta manhã, quando fui a Santillana e me devolveram os rolos fotográficos revelados. Tens de ver as fotos. Nunca imaginei que pudesse tirar fotos como aquelas. Têm uma força que... não sei, sou eu nelas, não sei como te explicar. O mundo hostil, o sentir-me preso... está tudo lá para quem queira ver. Vou ser fotógrafo, Unai. Que se lixem as maquetes e a reabilitação de estruturas.
- Que se lixem – concluiu Unai, sorridente e preocupado em partes iguais.

...

Horas mais tarde, Unai vagueava sozinho no dormitório dos rapazes. Como ficava num primeiro andar baixo, chegava-lhe o murmúrio das pessoas a preparar a mesa, espalhando pratos e talheres.

Sentiu o som dos seus passos a subir as escadas.

Sabia que era ela, ninguém se movia como ela naquela casa centenária.

– Curioso, tu e o Asier – disse Unai quando Annabel Lee entrou, fingindo que, distraído, dobrava umas calças de ganga.

Ela olhou-o como se ele fosse uma criança pequena, e talvez o fosse para aquela idosa disfarçada de adolescente.

– Não o fiz para neutralizar a hostilidade dele, se é o que pensas. A hostilidade dele não me incomoda; na verdade, mantém-me preparada.

Unai franziu os lábios. Não sabia como é que Annabel Lee fazia, mas deixava-o sempre desconcertado. Mas o pior para ele, o que o mantinha em estado de ebulição, era que estava a ficar viciado naquele desconcerto.

– Então? – insistiu, pedindo um esclarecimento, um “explica-me lentamente para que eu consiga entender”.

– Para lhe demonstrar que não é invulnerável.

– Como?

– É preciso aparecer alguém como eu para fazer explodir a vossa cena. Ninguém é invulnerável.

– Não fales como se me conhecesses desde sempre – replicou ele, aborrecido.

– Mas eu conheço-te desde sempre. E agora, querido Unai... agora que já limpámos o caminho e que os teus amigos estão fora de jogo, vais começar a ligar-me de uma vez por todas? Podemos retomar a nossa história no ponto em que a deixámos?

– Querida Annabel Lee... Não é assim que as coisas funcionam.

E o jovem desceu as escadas a correr, com o coração a bombear muitos mais litros de sangue do que deveria.

Barba Azul

26 de dezembro de 2016, segunda-feira

Na segunda-feira, depois das festas, Esti e eu encontrámo-nos para conversar. Tínhamos muito para pôr em dia. Passei a apanhá-la na casa que arrendara depois de ter terminado com o seu ex, no número 1 de Portal de Castilla. Estíbaliz não tinha tido uma ideia melhor do que ir morar numa rua famosa por albergar a casa mais estreita de Vitoria. Era como se ela não quisesse companhia e com essa decisão estivesse a dizer ao mundo que estava muito bem sozinha naquela casa à sua medida.

Caminhámos em silêncio até ao parque Florida e entrámos no jardim, que naquela época festiva exibia as figuras do presépio em tamanho natural.

Famílias inteiras com os filhos de férias passeavam ociosas entre as figuras das lavadeiras, oleiras e ovelhas. Tiravam fotos ao legionário romano e procuravam Herodes para tirar uma *selfie* com ele.

Escondemo-nos dos caminhantes numa pequena encosta escondida atrás do edifício do Parlamento, onde um banco de pedra que imitava o tronco de uma árvore nos serviu de abrigo.

Esti vinha com uma camisola vestida onde se podia ler: “Sê inteira e todas as coisas virão a ti. Lao Tse”.

- O que é isso? – perguntei-lhe.
- Prenda de Natal da Alba.
- Ela agora é tua mentora?
- Viu-a, gostou dela, pensou em mim e ofereceu-me na Noite de Natal, só isso
- disse e encolheu os ombros.
- É mesmo verdade que a amizade faz o mundo girar. Fico muito feliz – escrevi.
- Como correu o jantar?

– Íntimo, calmo, acolhedor, aconchegante... Familiar. A mãe dela recebeu-me como se eu fosse uma criança pequena. É uma mulher muito calma, como se tivesse escolhido ser assim depois de ter sido o centro das atenções, como se tivesse decidido ver assim o mundo, com calma... Não tem nada a ver com a maneira de ser da minha mãe.

– Ela era nervosa como tu?

– Fraca.

E obrigou-se a mudar de assunto.

– Sondaste o Asier? – perguntou.

– Sim.

Contei-lhe tudo o que tinha conseguido sacar a Araceli e Asier, que tinham álibis para os homicídios, se é que Araceli não estava a esconder nada nem a mentir por ele, e falei-lhe também da relação de Annabel Lee com os meus dois amigos.

As explicações longas deixavam-me exausto, apesar de costumarmos trazê-las preparadas de casa.

– Como o Asier reconheceu que ambos estiveram com ela, por muito que negue a sua paternidade, qualquer um dos dois pode ser o pai. Vamos pedir ao juiz Olano para nos deixar fazer um teste de ADN com o material orgânico que a doutora Guevara recolheu do feto da Ana Belén Liño, para podermos comparar com o ADN do José Javier Hueto – disse a minha colega, concentrada no meu penoso discurso.

– Achas mesmo necessário? – escrevi. – Um dos possíveis pais está morto, e o outro não podemos relacionar com nenhum dos locais dos crimes, não temos uma única prova física de que tenha estado nesses lugares, e temos o possível depoimento da esposa a confirmar-lhe o álibi.

– Ajudar-nos-ia muito saber que o pai da criança é o Jota. Pelo menos o teu amigo Asier deixaria de estar em perigo.

– Isso depende de quanto o assassino souber sobre essa paternidade – fiz-lhe ver. – De qualquer modo, vamos em frente. Fala com a Alba, para que ela peça ao juiz. Precisamos de avançar.

Falei-lhe também da amiga recente de Annabel Lee, a que apareceu nas redes sociais quando ela anunciou a sua gravidez.

Esti tomou nota e disse que ia pedir a Milán que procurasse possíveis candidatas. Ela vigiava as contas de Annabel desde o início da investigação, ia encontrar qualquer indício mais depressa do que qualquer um de nós.

– Fala-me da morte da mulher do Saúl. O Paulaner já te passou a informação do acidente? – perguntei-lhe.

– Sim, logo de manhãzinha. É uma morte muito estranha e muito triste: a Asunción Pereda Argüeso saiu de madrugada, no escuro, para passear nas imediações do seu chalé na costa da Cantábria. No relatório consta que o Saúl estava em casa, a dormir, e que a filha do casal, a Rebeca, na altura com doze anos, tinha ido nesse fim de semana dormir a casa da tia materna, a irmã da Asunción Pereda, de quem parecia ser muito próxima.

– Porque dizes que foi “estranha”?

– Pelos vistos, a mulher do Saúl caiu num poço que estava ao nível do chão num dos campos traseiros do chalé. A polícia concluiu que ela não o viu devido à escuridão. Tropeçou nele, bateu com a cabeça com força nas paredes do poço ao cair, que era muito estreito, tinha apenas um metro e vinte de diâmetro e seis de profundidade. E quando o Saúl acordou, se apercebeu da sua ausência e chamou a polícia e os vizinhos para a procurarem, a sua mulher já estava morta.

Esti ficou num silêncio um pouco teatral, como que à espera da minha reação ou de que eu dissesse alguma coisa inteligente.

– Mmm... não te deste conta? – perguntou com um ar misterioso.

– De quê?

– Uma mulher num poço, morta por afogamento; não vês a ligação com as outras vítimas?

– Até à data é morte accidental, não é uma vítima de homicídio – lembrei-a.

– Unai, não me aborreças. Não achas que é demasiado drama familiar morrer-lhe a mulher, uma filha e agora a filha adotiva suicidar-se?

– Dá-lhe o nome de drama familiar, Esti. Olha para a tua própria família, olha para a minha. Dá-lhe o nome de drama ou então é a vida que por vezes é muito merdosa, mas não me parece que o Saúl tenha perfil para ter feito semelhantes atrocidades, e muito menos à própria filha e à Ana Belén. – Tive de escrever esta parte, porque tinha a cabeça a andar às voltas naquele dia.

– Porque é que dizes isso?

– Porque convivi com ele. Era demasiado empático, preocupava-se realmente connosco. Seria capaz de morrer pela Rebeca. Isso não se finge.

Estíbaliz levantou-se; era daquele tipo de pessoas que não aguentava estar muito tempo sentada ou quieta. Começou a andar, ponte acima, ponte abaixo, não sabia se devia acreditar em mim. Custava-lhe acreditar em mim. Creio que preferia não acreditar em mim.

– Pois então, pobre homem, que vida mais horrível... – cedeu finalmente. – Ou alguém quis lixá-lo desde sempre e ele não conta, por algum motivo.

– Não sei, a sua irmã arrogante, ou algum rival na universidade, alguma história amorosa com uma colega casada... o que for.

– É isso que não compreendo – disse, e voltou a sentar-se ao meu lado, concentrada nos seus pensamentos. – É um homem extremamente atraente e carismático, exala sexo por todos os poros. Viste como as alunas o olham, e ele sabe. Não se voltou a casar depois de ficar viúvo, há mais de vinte e cinco anos. Não combina com ele esse perfil de eterno viúvo ou de monge.

– Deve ter tido as suas histórias, como todos nós as temos. Deve ser uma pessoa discreta; isso não o torna suspeito de nada.

– Não, mas que um aluno murmure que é um assassino de mulheres e a alcunha de Barba Azul... Estive a perguntar. Conheces a história verdadeira do autêntico Barba Azul? É de deixar os cabelos em pé.

– Não, na verdade não conheço. É pertinente?

– Pelo menos os paralelismos são curiosos. O Barba Azul é uma personagem de um conto infantil de Perrault, foi publicado no século XVII e falava de um homem rico e famoso entre as mulheres devido à sua espessa barba azul. Conseguia casar-se com elas graças ao seu dinheiro, apesar da má fama que o precedia por ter ficado viúvo demasiadas vezes. A sua última esposa transgrediu a proibição de entrar num quarto que lhe estava vedado, onde encontrou os corpos pendurados das suas esposas anteriores, e foi salva no último momento pelos seus irmãos depois de lhes pedir ajuda. É mais uma fábula que castiga a curiosidade feminina, como o relato bíblico de Adão e Eva, a mulher de Ló, Pandora...

– Sim, estou a acompanhar-te – incitei-a.

– O pior é que o conto de Perrault é uma adaptação da história real de Gilles de Rais, um barão francês que nasceu em 1405 na Bretanha. Era uma fera no campo de batalha, apadrinhou Joana d’Arc, mas investiguei um pouco mais o seu perfil e à luz da criminologia do século XXI tinha uma personalidade psicopática e suspeita-se que uma forma grave de esquizofrenia.

Uma avó passou de mão dada com a neta muito perto de nós e Estíbaliz calou-se até terem desaparecido em direção à gruta do Menino Jesus.

– Agora pensa-se que participou na Guerra dos Cem Anos para aplacar o seu instinto de matar e provocar sofrimento alheio – continuou. – Em França transformou-se num herói, mas quando queimaram Joana d’Arc, algo nele se quebrou, iniciou um período negro, começou a fazer sacrifícios rituais, e nas aldeias à volta do castelo de Tiffauges aconteceram durante vários anos raptos de filhos de camponeses que ficaram sempre por resolver. Centenas. Os crimes e os desaparecimentos só terminaram quando a Igreja interveio e o bispo de Nantes o condenou à morte. Morreu enforcado e queimado na fogueira; na verdade, quase uma Tripla Morte.

– Não fiques obcecado com isso – avisei-a.

– Vou relatar-te as torturas a que submetia esses rapazes e raparigas, todos eles confessados por ele. Chegaram até aos nossos dias graças às atas detalhadas do julgamento. Desliga o interruptor da empatia, porque esta noite não vais dormir.

Desliguei-o, ou assim pensei.

– Muito bem, conta-me tudo.

Estíbaliz relatou-me o que eu quis ouvir e o que eu não quis.

A narração pormenorizada do que um homem pode chegar a fazer a uma criança só porque tem a força a seu favor.

Prefiro omitir os detalhes. Para quê?

A história do verdadeiro Barba Azul deixou-me maldisposto.

Que alguém tivesse torturado, violado, desmembrado e assassinado milhares de crianças durante oito anos com total impunidade, por muito que tivesse acontecido na França do século XV, irritava-me devido à excessiva permissividade por parte das autoridades da altura.

Olhavam demasiado para o lado, não atuavam.

Estava eu a fazer o mesmo?

Não estava a impedir o responsável por tantas mortes?

E enfrentei um dos meus “mas” mais arraigados: o de confiar nas pessoas boas.

Tinha evitado o conflito com a Golden Girl desde o início. Apesar dos avisos de MatuSalem, tinha deixado os dias passar evitando um frente a frente sem ecrãs pelo meio, mas sim duas pessoas a olharem-se nos olhos e a darem uma explicação.

Tinha chegado a hora de voltar ao cantão das Pulmonías.

O cantão das Pulmonías

26 de dezembro de 2016, segunda-feira

Quis surpreendê-la, e antecipando que sabia a minha localização geográfica pelo telemóvel *hackeado*, deixei-o mais uma vez em casa e aproximei-me da sua toca com o meu novo telemóvel escondido no bolso interior do casaco. Como se a Golden fosse perigosa...

Talvez estivéssemos todos demasiado paranoicos e encontrássemos suspeitos até nas estátuas da rua Dato.

Caminhei pelo centro antigo, concentrado e perdido em pensamentos, procurando a melhor maneira de abordar com ela a situação, até que finalmente entrei nos jardins do portão situado no cantão das Pulmonías, que por estar num pátio interior mantinha o frio melhor do que um frigorífico, e a neve da última vez que caíra ainda continuava branca nalgumas sebes.

Era uma paisagem calma e idílica, como um oásis urbano que foi bastante útil para me acalmar os nervos e apagar as imagens tétricas que Estíbaliz me tinha plantado na cabeça com a história do maldito Barba Azul.

Se alguém me tivesse dito que por trás de uma aparência tão pacífica ficava o quartel-general de umas das piratas informáticas mais lendárias da Europa, não teria acreditado.

Bati à porta com os nós dos dedos. Ouvi-a a andar pelo corredor, arrastando a perna operada.

– Sim?

– Sou eu, o Unai, preciso da tua ajuda. Acho que estou a ter problemas de novo com o cartão – gritei-lhe, com o discurso preparado, através da porta.

Demorou alguns segundos a pensar um pouco e, por fim, decidiu abrir-me a porta.

– Vamos lá ver esse cartão... já não se fabricam como antigamente – resmungou da porta, sem tirar a corrente de ferro.

Estendeu-me a mão à espera do cartão SIM inexistente.

Improvisei, peguei na sua mão de pergaminho e beijei-a graciosamente, ao estilo de Germán.

Funcionou.

Enterneceu-se.

Deixou-me entrar no seu *bunker*.

Sabia que estava a tirar as suas próprias conclusões, que procurava uma explicação para o facto de não ter detetado a minha aproximação à sua casa, mas a desculpa do cartão dava-me uma certa cobertura.

– Não me vais oferecer umas bolachinhas? – perguntei-lhe com o meu sorriso mais felino.

Queria que me permitisse passar do corredor, que me deixasse sentar na sua sala. Queria tê-la à minha frente, sem evasivas, para me explicar o inexplicável.

– Vejo que a tua fala melhorou bastante, Kraken. Não sabes como fico feliz por ti. Mas também sabes que não gosto que os vizinhos te vejam a rondar a minha casa. Em Vitoria toda a gente te conhece. Isto não é nada bom para nós. Vamos, entra.

E fez-me segui-la pelo corredor, com o seu andar retorcido por causa da operação recente e o cabelo branco a balançar à medida que caminhava.

Não morava no apartamento típico que eu esperaria de uma reformada. A decoração era funcional e moderna, nada de bibelôs de porcelana ou de panos de crochê.

Tinha milhões de CD e DVD a abarrotar os módulos de estantes de uma casa que não dizia muito sobre a personalidade da dona, como se tivesse sido mobilada para ser arrendada.

Não quis apalpar terreno primeiro, antes de mais porque Golden era uma dessas pessoas capazes de manter uma conversa e sacar mais informações do que as que eu queria sacar-lhe a ela.

Sentei-me num sofá que cedeu com o meu peso e esperei que ela ocupasse uma cadeira de sala de jantar perto de mim.

– A tua vida está assim tão mal que procuras respostas em fóruns de jovens suicidas? – perguntei-lhe à queima-roupa e sem silenciador.

A detonação da minha pergunta fez-se sentir em todo o apartamento. Deixou-o silencioso, como se a cortina de um palco tivesse caído e os espectadores se tivessem apercebido de que era tudo ficção.

Golden franziu a testa durante um milésimo de segundo, mas recompôs-se. Disfarçava bem. Devia ser ótima a jogar póquer.

– Isso não tem nada a ver contigo – limitou-se a responder.

– Mas procuras “alguma coisa” que está na base de “alguma coisa” que tem a ver comigo. Já para não falarmos das armas *Taser*, Golden.

Olhou-me com uma expressão de infinita ternura, como quando um camponês sabe que vai buscar um bezerro para ser abatido.

– Isto é mais perigoso para ti do que imaginas, querido Kraken. É melhor responderes à minha pergunta, sem estratégias. A longo prazo vais perceber que estou a tentar salvar-te a vida. Diz-me: foi esse miúdo, o MatuSalem, quem te avisou?

– Vamos deixar o MatuSalem à margem disto. Não me respondeste.

Golden demorou o seu tempo. Depois acabou por ceder.

– De acordo. De acordo. Não fui honesta contigo, devo-te uma explicação – murmurou em tom sombrio.

– Vês? Já começamos a concordar um com o outro. Deve ser o Natal.

– Sim, deve ser o Natal. Põe-te confortável, Unai, porque tenho muito para te contar. Vou buscar umas bolachas salgadas e um pouco de vinho para as acompanhar.

Assenti, se bem que não fazia tenções de beber vinho na casa de uma *hacker*, e ela foi com o seu andar assimétrico até à cozinha.

...

Não me lembro de nada do que aconteceu a seguir.

Não me lembro de ela me dar uma pancada, nem me lembro de que objeto contundente usou para o fazer.

Sei racionalmente, agora que o tempo passou, que a Golden não quis que eu morresse.

Deixou aberta a porta do apartamento antes de fugir, para que a sua vizinha coscuvilheira do terceiro andar aparecesse e visse o meu corpo caído no chão da sala e ligasse para o 112.

Consegui ouvir, ou talvez fosse o meu cérebro a inventar, o que disse depois de me bater, olhando para mim de cima, sem um único gesto de arrependimento:

– Maldito puto – murmurou. – Toca a fugir novamente. Que vida, esta. Maldito puto, o Matu.

Mas não lhe perdoo, não lhe perdoo.

Não se bate na cabeça de um homem que já foi atingido por um tiro na cabeça.

O hospital de Santiago

9 de janeiro de 2017, segunda-feira

O juiz Olano emitiu um mandado de busca e captura contra Gloria Echegaray, também conhecida como Golden Girl, cujo paradeiro era desconhecido.

Estive internado treze dias no hospital de Santiago, a equipa médica que me viu não me deixou mexer até que a TAC mostrou inequivocamente que o traumatismo cranioencefálico era leve, não havia sequer uma hemorragia interna para absorver, e que o sangue que entrou na minha boca e me deixou um sabor a ferrugem quando acordei foi por causa da rutura de um vaso próximo do osso temporal, muito impressionante, mas provocado por um golpe superficial.

Nos primeiros dias, doía-me a cabeça; nos seguintes, doíam-me as pernas por não as mexer; nos últimos dias, doía a cabeça aos enfermeiros porque não havia quem me aguentasse inativo. Queria simplesmente acabar com a investigação, agora que tínhamos dado um passo gigante, mesmo que me tivesse custado um horrível hematoma na têmpora direita.

Quando já estava minimamente restabelecido, Estíbaliz apareceu com os resultados do exame de ADN: confirmava-se que Jota era o pai do bebé de que Annabel Lee estava à espera.

Demorei vários dias a assimilar a notícia, talvez porque não quisesse assumir que havia uma relação tão direta entre a morte dele e a sua futura paternidade.

Contudo, o meu internamento teve algumas vantagens, como a presença constante de Alba logo de manhã, à hora de almoço e à noite. Todos os dias. A sua barriga ia crescendo à medida que a nossa relação como casal se consolidava.

Às vezes trazia-me um *tablet* e víamos filmes antigos de que ambos gostávamos. *Os Suspeitos do Costume*, *Wicker Park*... joias raras de série B que nos foram unindo e me permitiram, finalmente, conhecê-la melhor, a densa e misteriosa Alba.

No dia 9 de janeiro deram-me alta.

Nessa altura, a minha pequena família tinha duplicado, e o avô e Nieves Díaz de Salvatierra, a mãe de Alba, trocavam receitas de chocos com tinta, e Germán, a minha terapeuta da fala e Alba saíam na rua Dato nas minhas costas, pois

sabiam que a inveja e as saudades de um bom *pintxo* de tortilha de batata me tornariam um ser insuportável.

Aproveitei as horas mortas sem visitas para melhorar a fala, preparar pequenos discursos, bater o meu recorde de vinte e cinco palavras, que chegou às trinta e oito no dia em que saí do hospital. Desafiava-me constantemente, fi-lo por mim, mas também para que a minha filha não conhecesse um pai lesionado.

Havia uma certa euforia no ar: finalmente tínhamos uma suspeita.

Alguém tangível, se bem que se tivesse esfumado e não houvesse nem rasto dela.

Golden parecia habituada a fugir simplesmente com a roupa do corpo, porque no levantamento que se fez da sua casa no cantão das Pulmonías, não ficou nenhum equipamento informático por rastrear. Os meus colegas dos crimes informáticos levaram todos os CD e viram um por um, mas eram apenas cópias do seu trabalho para a Cisco, suspeito que a parte oficial que não infringia a lei.

Aconteceu na manhã em que me deram alta.

A nossa *cracker* particular, Milán, trouxe-me as novidades ao hospital, no exato momento em que eu me vestia e me preparava finalmente para sair à rua e afastar-me da várias rotinas da vida hospitalar.

– Inspetor Ayala, não podia esperar. Descobri a verdadeira identidade da Golden – disse, parando para respirar, como se tivesse subido os três andares pelas escadas e precisasse de tomar ar.

Talvez o tivesse feito.

Ela apanhou-me a despir a bata ridícula que mal me cobria as coxas e tinha aquela abertura traseira por onde entrava bastante ar.

– Calma, Milán. – Inclinei-me para ela e pus-lhe a mão no ombro.

Milán repeliu o meu contacto afastando-me o braço. Como se tivesse sido atingida por um choque elétrico.

Afastei-me, sentido um pouco de pena. Não era preciso ser um especialista em perfis para perceber que Milán era uma dessas pessoas pouco habituadas ao contacto físico; perguntei-me que infância teria tido alguém tão alheio ao mundo dos afetos.

Milán tirou vários *post-it* do seu casaco grosso, vermelha que nem um tomate, procurando não me olhar nos olhos nem à minha bata.

– Sabe – explicou, nervosa –, você deu-nos a informação de que a Golden Girl era uma mulher que tinha nascido em Vitoria em 1948, cujo nome era Gloria Echegaray, que viveu no cantão do Seminário, na rua Fray Zacarías Martínez, número 9, durante quase quarenta anos, com Benigno Larrea Ruiz de Eguino. Mas a primeira coisa que me fez desconfiar foi este homem não existir: não consta em nenhuma base de dados, nem no INE. Mas tem número de segurança

social. Claro que deve ser falso e alguém falsificou apenas o documento necessário.

– Isso não pode ser. – Tive de me sentar na cama, perplexo. Eu próprio tinha feito vista grossa quando Golden falsificou uma licença de matrimónio que nunca existiu para poder ficar com o apartamento que partilhara com o seu companheiro durante décadas, e que a Câmara Municipal de Vitoria lhe recusava porque viveram juntos sem documentos legais.

Na altura calei-me porque Golden arrendava alguns quartos naquele andar e um deles era um fugitivo com mandado de captura por violência doméstica. Fui ter com ela, colaborou, e pude prender o infeliz que batia nos filhos e na mulher.

Não tive o sangue-frio para a denunciar, mas aproveitei-me dos seus conhecimentos informáticos para lhe pedir favores não oficiais, e há anos que devíamos e cobrávamos favores mutuamente.

Uma relação pouco saudável, reconheço.

Mas nunca imaginei que o seu companheiro de quarenta anos não existisse, e que me tivesse mentido desde o início e jogado a carta da pobre infeliz reformada e desamparada para a ajudar a conseguir uma casa no centro histórico da cidade. Não fiquei nada feliz por saber que se aproveitou de mim desde o início.

– Continua – pedi-lhe. – Disseste que a identidade da Golden Girl também é falsa.

– Sim, disseram-me para procurar Gloria Echegaray, que consta como empregada na empresa Cisco, mas antes de 1993 não há nada sobre ela. O que me levou a investigar a impressão digital no seu cartão de cidadão, que afinal é falso, e encontrar uma coincidência com a de Lourdes Pereda Argüeso, cujo cartão de cidadão está caducado e não consta como falecida, mas que deixou de aparecer os documentos em 1993, data que coincide com o aparecimento da nova vida de Gloria Echegaray: carta de condução, número de segurança social...

– Como disseste que se chama realmente?

– Era disso mesmo que ia falar a seguir. Não sei se está ciente deste dado: Lourdes Pereda Argüeso, nascida em Santillana del Mar, Cantábria, em 1949, há 67 anos. O seu apelido é o mesmo da falecida esposa de Saúl Tovar, aquela que temos investigado nestes dias.

– Pode ser apenas uma coincidência de apelidos.

– E da mesma terra onde nasceram. Também investiguei isso, a esposa de Saúl Tovar, Asunción Pereda Argüeso, nasceu doze anos depois, em 1961, no mesmo ano do marido. Acho que são irmãs, inspetor. Não tive tempo de verificar a identidade dos pais, mas, se for a mesma, não teremos qualquer dúvida a esse respeito.

Deu-me uma ligeira tontura, apesar de ter conseguido disfarçar a minha raiva e perplexidade diante de Milán. Mas tive de ficar sentado na cama, com a bata aberta e o rabo à mostra.

– Quer dizer que, na verdade, a Golden Girl é tia da Rebeca – consegui dizer.

Agora compreendia porque começou a investigar quando encontrou no meu telemóvel a morte de Annabel Lee: viu o mesmo *modus operandi* do assassino ou assassinos da sua sobrinha.

Ou pelo menos era isso que eu queria pensar.

O jardim da sequoia

9 de janeiro de 2017, segunda-feira

Sei que devia ter ido diretamente para casa descansar, mas as novidades que Milán me trouxe fizeram-me desviar da rota que devia ter seguido e passei à frente da porta da minha casa na praça da Virgen Blanca sem parar, em direção à Catedral Nova.

Nas escadas da entrada principal, diante de uns jatos de água que jorravam diretamente do asfalto, vários jovens *skaters* costumavam praticar os seus saltos e manobras com os seus *skates* personalizados.

Gostava de os observar pelo canto do olho quando passava diante do templo, sempre que ia tomar um copo e comer um *pintxo* ao Sagartoki, mas também porque Alba vivia no número 22 da rua do Prado e às vezes deixava-me acompanhá-la. Tinha notado algumas vezes a presença de um jovem de capuz branco e cabelo azul. O *skate* do patriarca bíblico também se destacava dos outros.

Naquela manhã gelada, com um nevoeiro denso, fui diretamente à sua procura.

Aproximei-me dele por trás e esperei que terminasse a sua acrobacia. Os colegas avisaram-no da minha presença com um gesto, e sei que estive prestes a fugir montado no seu *skate* brilhante, mas segurei-o pelo seu braço de pássaro e MatuSalem devolveu-me um olhar furioso.

- Estás empenhado em lixar todas as minhas identidades *offline*?
 - Preciso da tua ajuda – limitei-me a murmurar.
 - Vamos para um lugar menos público – aceitou, contrafeito. – Não sabes o que quer dizer ser discreto, pois não?
 - Curioso, vindo de alguém que até sabe onde tomo o pequeno-almoço todas as manhãs.
 - Bem, pelo menos estás a falar – assinalou, tapando o rosto com o capuz.
 - Vamos ao jardim da sequoia, anda, que isto é muito sério – repliquei.
- O jovem cerrou os dentes, os seus olhos de arcanjo olharam fixamente para uma gárgula da Catedral Nova.
- Tudo bem, mas só desta vez.

– Combinado – prometi, e acompanhei-o, contornando a catedral até ao recinto que escondia a árvore gigante junto às antigas Ursulinas.

Ali não havia câmaras e nunca tinha visitantes, por isso convidei-o a entrar e ele seguiu-me com algum receio.

– Podes dizer – disse, uma vez lá dentro, diante do tronco da sequoia.

– A Golden fugiu – informei-o.

– Isso é verdade, se bem que impreciso.

– Explica-te.

– Os únicos factos verificáveis são que a Golden desapareceu da rede e apagou todos os rastros que deixou, incluindo na Deep Web.

– Desde quando? – perguntei.

– Desde o dia 26 de dezembro. Tornou-se invisível.

– Podes usar os teus superpoderes para a localizar?

– Agora é o mometo em que me explicas o que aconteceu no mundo real. Esse hematoma tão feio na testa tem alguma coisa a ver?

– Ela atacou-me, bateu-me na cabeça e está em fuga. Temos um mandado de captura para a encontrar. A identidade que usava era uma mentira, nunca mais voltou a usá-la.

– O diabo da velha.

– Consegues localizá-la? – insisti.

Ele suspirou, como sendo impossível.

– Deixa-me ver se te explico bem devagar e tu prestas atenção e compreendes o que te digo, o que nem sempre é fácil com os adultos: se ela deixou o mundo *online*, não há nada para eu encontrar.

– Estás a dizer-me que o melhor *hacker* que se conhece não consegue encontrar uma velha glória como ela?

– Comigo esses jogos de egos não funcionam; sabes que a minha única razão é retribuir o favor ao Tasio. Vou continuar a proteger-te lá em baixo, mas também te aviso: se voltares a aparecer no meu mundo real dessa maneira e as pessoas à minha volta se aperceberem de que estou a colaborar com a bófia, acabou-se.

– De acordo. Se vires um autocolante com uma cruz branca na minha varanda, encontramo-nos no dia seguinte à uma e treze na cripta da Catedral Nova. Está bem assim?

– Está bem assim – disse, mas por um segundo fez uma expressão de “Boa, isso é fixe”, mas evitou dizê-lo em voz alta.

– Então fica combinado. *Agur*, Matu.

– *Agur*, Kraken.

Voltei a casa sentindo uma frustração tão grande que me pesava nos ombros e me subia até à cabeça magoada.

Mais do que as suas palavras, tinha percebido a impotência de MatuSalem. Sabia que o jovem fizera de tudo para seguir o rasto da Golden Girl e que não a encontrara. Tinha perdido aquela arrogância infantil dos que tentaram e se depararam com um muro de gelo. Sabia que não íamos encontrar a Golden, a não ser que ela quisesse ser encontrada.

Mal sabia eu que a gentil reformada já estava a mexer os cordelinhos para me envolver mais uma vez nos seus planos.

...

Foi ao entrar na porta do meu prédio e ao abrir a caixa do correio para o libertar da propaganda acumulada, que encontrei uma carta sem remetente, dirigida a Kraken. Não tinha selo, alguém tinha entrado na porta do prédio e colocara-a na minha caixa do correio, uma caixa de correio que não tinha o meu nome por razões de segurança.

Peguei nela com todas as reservas do mundo; era simplesmente branca, não era pesada, imaginei uma única folha no seu interior. Afastei-me um pouco por cautela e abri-a:

*

Kraken, sei que saís hoje do hospital. Ao meio-dia em ponto no local arqueológico de Atxa, não haverá outra oportunidade. Não avises ninguém ou não apareço. Nada de telemóveis nem de dispositivos de rastreamento.

E faz-me um favor, não dispares sobre tudo o que mexa.

Golden Girl

As três ondas

18 de julho de 1992, sábado

O acampamento chegava ao fim, os vinte e um dias já tinham praticamente passado, e Saúl decidiu que no último fim de semana visitaríamos a praia de Deba, na costa de Guipúzcoa.

– Deba – explicou-lhes na noite anterior, todos à volta da lareira do casarão – é um teónimo celtibérico, que se repete ao longo de toda a costa da Cantábria. Nas Astúrias, na Galiza, no País Basco. Existem rios com o seu nome, montanhas, vilas, praias... é o nome da deusa Deba. Vem do termo indo-europeu *deywo*. No antigo idioma dos Celtas significa simplesmente “deusa”.

– Que nome tão bonito – disse Unai a Annabel.

– Sim, gostava de fazer qualquer coisa especial ali – respondeu ela em voz baixa, mas não lhe deu mais explicações, como se o olhar que lhe lançou e fez com que Unai se arrepiasse não lhe desse já promessas mais do que suficientes.

Mas Unai captou um certo nervosismo no ar, uma certa tensão, que nunca chegou a desvendar, apesar de saber que Jota decidira contar a Saúl o que a sua filha Rebeca lhe tinha confessado, todas aquelas efabulações.

Saúl estava estranho.

Ausente, alheado, zangado porque ela voltara a traí-lo; aquela miúda não tinha remédio. Por mais que ele a amasse, por mais que... Rebeca não conseguia compreender o conceito de família, de cuidarem uns dos outros, de que tudo ficava entre eles, de que tudo perdurava neles. Sentia raiva, mesmo depois da maneira como a educara. Sentia-se cansado de ter de passar de novo pelo mesmo. A ameaça da infâmia, da suspeita, do escárnio público. Não o podia permitir. Não se podia permitir.

Tranquilizou Jota:

– É uma recaída, já nos tinham avisado. Procura não falar com ela, nem encorajá-la nas suas fantasias. Espero não ter de me ausentar do acampamento para a internar de novo.

E por nada deste mundo o bom do Jota queria que voltassem a internar a menina, nem que o acampamento acabasse antes do previsto, por falta do diretor.

Em parte, porque estava a tentar esticar o tempo ao máximo possível antes de ter de enfrentar a realidade que o esperava em Vitoria.

Por sua vez, Rebeca, treinada para detetar a mais ínfima oscilação no humor de Saúl, por uma questão de sobrevivência, percebeu de imediato que alguma coisa tinha alterado a relação do seu pai com ela. Acabaram-se os sorrisos, os gestos de cumplicidade, agora era simplesmente o Barba Azul com o seu olhar terrível.

– Papá, passa-se alguma coisa?

– Amanhã à noite, Beca. Amanhã, filha.

:::

Chegaram a Deba à tarde, alguns voluntários de anos anteriores juntaram-se a eles e acabaram por formar um grande grupo de jovens que se dividiram pelos bares locais. Acabaram na praia, todos sentados, descontraídos, formando um círculo de irmandade, de despedida daquilo que tinham vivido. Era o último fim de semana do acampamento. Todos sabiam que aquele parêntesis nas suas vidas estava prestes a terminar, todos voltariam às suas rotinas, em Santander, em Vitoria, e alguns deles nunca mais se voltariam a ver.

Unai sentou-se num dos bancos da frente do minibus durante a viagem de ida. Precisava de estar sozinho para pensar um pouco sobre o que achava que ia acontecer naquela noite. Mas depressa se apercebeu de que alguma coisa não estava bem entre Saúl e a filha. Durante as duas horas de viagem desde Cabezón de la Sal até Deba não trocaram palavra. Saúl frio; Rebeca como uma libélula, não parava de mexer a perna num tique nervoso que estava quase a enlouquecer Unai.

Quando finalmente desceram do minibus, Saúl descarregou o caldeirão de bronze e as garrafas cheias de hidromel.

Unai aproveitou para se aproximar da menina.

– Está tudo bem?

– Sim, claro, Unai. – Rebeca conseguiu fingir um sorriso.

Não tinha por que ser desagradável com ninguém.

Unai tinha-se portado sempre bem com ela. Ficava a varrer a cozinha à noite, ajudava-a com os sacos do lixo.

“Se calhar está triste por voltarmos para Santander, porque lhe faz lembrar a mãe”, pensou o jovem.

– Mais tarde falamos um pouco, se quiseres, está bem? – ofereceu-se ele.

– Sim – aceitou Rebeca.

Pelo menos alguém conversava com ela. Porque Lutxo, Asier e Ana Belén...

Era melhor nem pensar nisso.

Eram as últimas horas, não voltaria a vê-los. Nunca mais.
Que ardessem. Que ardessem todos no inferno.

...

Saúl tinha uma lenda preparada para a ocasião, uma história de tradição oral recolhida em 1865 por uma senhora idosa de Deba.

– A maldição das três ondas. Conhecem?

Todos negaram com a cabeça, nenhum deles era da zona e a lenda era antiga, muito antiga.

– Conta a senhora que naqueles anos, em meados do século XIX, vivia em Deba um pescador com a esposa e a filha. Também tinha acolhido o sobrinho e um jovem marinheiro chamado Blinich. Dizem que o pescador passou por um período de azar na pesca e que durante muitos dias chegou a casa, preocupado, com as redes vazias. Mas numa noite de faina em que os três pescadores ficaram a dormir no barco, Blinich sonhou com duas mulheres que lhe apareceram. Falam de bruxas, lârnias, ninfas da água... Quem sabe, são variantes da história. A questão é que as mulheres avisaram Blinich de um naufrágio inevitável e de que naquela mesma noite o barco teria de enfrentar três ondas enormes. A primeira, de leite. A segunda, de lágrimas. A terceira, de sangue. A mulher mais velha confidenciou-lhe que a única maneira de as vencer era atingindo a onda de sangue com um arpão, mas que ela morreria. Blinich, ao acordar, nervoso e exaltado, contou tudo ao seu patrão, mas este não deu crédito ao seu relato e saíram para a pesca.

– ... e as três ondas chegaram – interrompeu-o Jota, o mais sugestionável dos três, o que dava voltas a todas as histórias no seu saco-cama.

– Assim foi. Quando saíram do porto, chegou-lhe uma grande onda branca, era de leite. Depois tiveram de enfrentar o melhor possível a onda de lágrimas. Mas quando chegou a imponente onda de sangue, o pescador sabia que tinha de acabar com a maldição e atingi-la com o arpão. Assim que o fez, o mar ficou calmo e as redes encheram-se de peixe.

– Um final feliz, então – adiantou-se Lutxo, sempre atento às explicações daquele que esperava vir a ser seu professor na universidade.

– Nada disso. Quando o homem chegou a casa com os seus cestos cheios de peixe, encontrou a sua mulher a agonizar, que o amaldiçoou por lhe ter causado a morte atingindo-a com um arpão. A filha também se zangou com o pai, por ser o responsável pela morte da sua querida mãe, e desapareceu misteriosamente. Nunca mais se voltou a vê-la em Deba. Quando o pescador perguntou a Blinich pelas duas mulheres que lhe tinham aparecido no sonho, o marinheiro confirmou-

lhe que foram a sua mulher e a sua filha. O pescador ficou sozinho em sua casa, doente de melancolia. Como veem, é um final muito triste.

Saúl fez uma pausa teatral para conseguir o efeito que queria nos jovens, depois apontou para a praia.

– Olhem para o mar. Hoje é a noite perfeita para esperar pelas três ondas.

– Porquê hoje? – perguntou Unai.

“Sim, isso mesmo, porquê hoje?”, pensou Rebeca, encolhida ao lado do seu pai, com as pernas cruzadas na areia.

– É noite de lua cheia. Hoje veremos uma lua enorme, desta perspetiva. Existe uma palavra linda, *ardora*, para descrever a fosforescência da superfície do mar, formada por um cardume de peixes prateados, como as sardinhas. Na Galiza, também se refere ao reflexo da lua no mar. Será como um grande corredor branco que refletirá a luz da lua.

“É uma noite de *ardora*, de prata”, pensou Annabel Lee. Era um bom tema para a banda desenhada que tinha entre mãos e decidiu avançar. Sorriu a Unai, combinaram para mais tarde com o olhar.

Saúl continuou com a sua última *masterclass*. Gostava de ter audiência, esse lado viciante de ser ouvido e de captar a atenção de muitos.

– A lenda, na minha opinião, tem elementos rituais, de rituais da água, como eu digo sempre. Está de novo presente o elemento feminino: o da mulher que morre e o da filha que desaparece. Depois o leite, as lágrimas, o sangue, como elementos líquidos associados à evolução da vida humana. Leite materno ou esperma paterno, lágrimas pelos dramas inevitáveis da vida, sangue como símbolo de morte e de regeneração... Se me perguntarem do meu ponto de vista como antropólogo, e dada a antiguidade do topónimo de *Deba* ou *Deva*, uma das deusas mais importantes do panteão celta, da tríade das deusas celtas: Nabia, Reva e Deva, acho que a lenda tem elementos muito arcaicos de fecundidade e purificação.

Todos acenaram com a cabeça, passando entre eles o hidromel que Saúl levara e pensando em qualquer coisa menos na fecundidade e na purificação.

– O que eu gostava de acrescentar às vossas vidas, quer se matriculem no curso de História quer não, é a certeza de que quase todas as celebrações do ano, todas as festas, todas as tradições das vossas cidades ou vilas provavelmente evoluíram de outras mais antigas. Desde o *Samhain* celta, que foi levado pelos imigrantes irlandeses para os Estados Unidos como Halloween, e que na Galiza era a noite de Samaín, e para os Romanos a festa da colheita, à noite de São João, que era a celebração do solstício de verão, ou a noite de Natal, o solstício de inverno. Os momentos-chave do ano na cultura dos nossos bisavôs, os solstícios e equinócios, coincidem com as grandes festas da Igreja Católica. Quero que, de

cada vez que visitarem um templo, se perguntem pelas ruínas que se escondem debaixo dele, pelo lugar de poder que os vossos antepassados escolheram. Isso basta-me.

Anoitecia; algumas nuvens desfaziam-se e perdiam-se calmamente diante deles.

Saúl espreguiçou-se e olhou para o relógio. Deu por concluído o acampamento. Mais um ano.

– Têm duas horas livres, encontramo-nos às onze da noite no autocarro. Podem ir ao centro, beber uns copos nos bares. Divirtam-se, vocês merecem.

Os jovens levantaram-se, Annabel aproveitou a agitação para segurar no pulso de Unai e impedi-lo de se erguer.

– Não vás com eles ao centro – sussurrou-lhe. – Fica comigo na praia.

Unai assentiu com a cabeça em silêncio. Queria que o momento chegasse, tinha pensado nele desde que subira para o comboio, vinte dias antes.

– Vou dar-lhes uma desculpa qualquer, espera por mim nessa rocha – murmurou-lhe ao ouvido.

Ela sorriu à laia de resposta.

Unai correu para alcançar os seus três amigos.

Jota, a andar aos esses porque gostava muito, muitíssimo, do hidromel de Saúl, e sabia que nunca mais o ia voltar a provar.

Lutxo e Asier, na deles, talvez entusiasmados com a perspectiva de conhecerem alguma rapariga local e acabarem a noite em grande.

– Amigos! – gritou Unai vários metros mais atrás. – Vou ficar no autocarro. O hidromel caiu-me mal e dói-me muito a barriga.

– Vomita – sugeriu Jota em modo especialista.

– Não, nem pensar – respondeu Unai. – Vou dormir um bocado para ver se passa, que a seguir temos de voltar e não quero estragar a viagem a ninguém.

– Como queiras – responderam Asier e Lutxo ao mesmo tempo. “Mais fica para nós”, pensaram ambos, satisfeitos e expectantes.

E os três amigos começaram a andar em direção ao centro de Deba.

Unai deu meia-volta e voltou para a praia. Concentrado, procurou a sua ninfa ao longe, apesar de já ser quase de noite.

Ali estava ela, junto à rocha prometida. Apressou-se a ir ao seu encontro, mal reparando na menina.

– Olá, Unai. Ficaste para falar comigo? – perguntou ela aliviada. – Muito obrigada, a sério! Muito obrigada. Se quiseres podemos sentar-nos à beira-mar.

Unai parou de supetão, sem deixar de olhar para a figura longínqua de Annabel Lee.

– Rebeca... ah... amanhã. Amanhã falamos de tudo o que quiseres, e despedimo-nos como deve ser, e se quiseres escrevemo-nos este verão e vou visitar-te, a ti e ao teu pai, quando for a Santander. Mas agora tenho de ir, está bem?

– Sim... Claro.

E Rebeca deu meia-volta, presa naquela praia onde Saúl estava a guardar o caldeirão de bronze e lhe tinha pedido para voltar com ele.

Rebeca assumiu finalmente a negra realidade da sua vida: “Ninguém me pode proteger. Ninguém me quer proteger. Vai acontecer e estou sozinha.”

E enquanto via Unai a caminhar para o seu próprio ritual de passagem, Rebeca tentou dar um sentido às palavras que Saúl lhe murmurou quando todos os jovens se levantaram:

– A deusa espera-nos.

Havia um duplo sentido que ela captou, aterrada.

A sua imaginação disparou.

Os minutos passavam, anoitecia na praia de Deba e Rebeca sabia que com a chegada da lua vinha o inevitável.

O local arqueológico de Atxa

9 de janeiro de 2017, segunda-feira

Onde raios ficava o local arqueológico de Atxa? Olhei para o relógio, eram 11h20. Não havia tempo para colocar um dispositivo de localização, nem para avisar Esti e elaborar um plano. Tinha de ir sozinho ou íamos perder a Golden.

Subi as escadas da minha casa duas a duas, deixei os telemóveis, o *hackeado* e o novo, procurei no cimo do armário até encontrar o colete à prova de bala, e vesti um blusão de penas que me tapasse bem o pescoço.

Se a Golden fazia tenções de me disparar com uma arma *Taser*, como fez com Jota e Annabel, pelo menos ia dificultar-lhe a vida. Calcei umas luvas pela mesma razão. E pus um gorro na cabeça, teria preferido ir com um capacete, estava farto de ser atingido no crânio.

Peguei na pistola; não gostava muito de andar armado, mas... Tinha de ser, para quê explicar, isso só me transtornava.

Saí para a rua e atravessei em vinte segundos a praça da Virgen Blanca e a praça Nova, entrei no Posto de Turismo e dirigi-me a uma das raparigas que sorria para mim do outro lado do balcão:

– Sabe onde fica o local arqueológico de Atxa? É urgente – perguntei-lhe de supetão.

– Vou procurar de imediato – respondeu rapidamente. Que era o mesmo que dizer: “Sei tanto como o senhor”.

Enquanto procurava, revi mentalmente todos os sítios arqueológicos que conhecia em Vitoria e na região. Não me soava nada familiar.

A jovem, com óculos escuros de massa e cabelo curto, mexeu-se com agilidade em frente ao computador e fez um gesto para que me aproximasse.

– Aqui, fica no Anillo Verde, na zona norte, entre Yurre e Gobeo. Não é muito conhecido e por isso não recebe muitas visitas turísticas. Quer que lhe imprima um mapa para ver como se chega lá?

– Deixe estar, que eu vejo – disse. – Pode procurar fotografias para eu ter uma ideia de como é?

“Para ter uma ideia do que vou encontrar.”

Engoli em seco quando me mostrou: do local restavam apenas umas pedras no chão que marcavam as paredes e os quartos daquilo que em tempos foi um povoado pré-romano e depois um acampamento militar romano com uma certa importância.

O que me deixou desconfortável foi a sua proximidade do rio Zadorra e a presença de tantas árvores nas margens, choupos e carvalhos. Fez-me lembrar demasiado o local do crime de Rebeca em Fontibre.

Apesar do arrepio que me percorreu a espinha sob o peso do colete à prova de bala, agradei a informação e saí a correr à procura do meu carro. Olhei para o relógio: faltavam vinte minutos. Não ia chegar a tempo.

...

Estacionei como pude em frente aos chalés da avenida de Zadorra, atravessei a rua e entrei no parque. A relva e as árvores estavam despidas, o frio do inverno gélido e as geadas matinais tinham destruído muitas plantas. Era quase meio-dia e o sol albino não tinha intenções de aquecer. A neblina não se dissipava naquele lugar tão frio.

Vi um cartaz com um mapa da zona e entrei por um caminho estreito onde ninguém tinha passado naquele dia. Subi uma pequena colina e lá avistei outro letreiro feito de troncos que assinalava o local arqueológico de Atxa.

Saí daquele pequeno labirinto e lá em baixo, à minha frente, ervas daninhas crescidas ocultavam o que devia ter sido um povoado.

Abrangia talvez três metros de largura por quatro de comprimento. Ignorei os pequenos postes para que o contornasse e meti-me no povoado, à procura de alguma coisa que nem eu próprio sabia muito bem o que devia ser.

Foi então que ouvi o ruído de um motor.

Voltei-me, nervoso.

Uma pequena mota de baixa cilindrada subia na minha direção pelo caminho estreito.

Levei a mão à pistola num gesto de que nem eu mesmo me apercebi. Suava que nem um porco, apesar do nevoeiro.

Da encosta surgiu um homem louro e robusto numa motoreta ridícula de uma empresa de entregas. Levava uma caixa vermelha na parte de trás da mota. Perscrutou-me com cara de poucos amigos e parou à minha frente.

– É o Unai López de Ayala? – gritou-me com voz de gralha.

– Quem pergunta?

– Pergunta Joserra, empregado da empresa Poliki, de entregas urgentes. Se é o Unai, tenho uma encomenda para si. É meio-dia em ponto e nem sabe como me custou encontrar este sítio.

Olhei-o com desconfiança. Muita desconfiança.

– Pois nunca ouvi o seu nome antes. O da empresa, quero dizer.

Parecia uma piada de mau gosto. *Poliki* em basco significa “devagar”. Quem é que dá esse nome a uma empresa de entregas urgentes?

– Somos novos. Ouça, pode assinar-me este papel para eu me ir embora?

– Mostre-me a embalagem primeiro, mas abra a caixa devagar – ordenei-lhe e tirei a pistola.

Não confiava que aquele homem não pudesse sacar de uma arma *Taser* e ferir-me a cabeça.

– Caramba! Ouça, eu só venho entregar uma encomenda – exclamou o gigante ao ver a pistola. Mas levantou as mãos obedientemente e pô-las atrás da cabeça sem que eu lhe ordenasse.

– Sou inspetor da polícia – disse-lhe, mostrando o meu distintivo. – Faça o que... lhe digo. Muito devagar.

O homem de cabelo claro aproximou-se da caixa e abriu-a. Tirou lá de dentro um envelope gordo e fez tenções de mo trazer.

Olhei para o relógio, era meio-dia e cinco. Podia ser uma carta bomba. Perfeitamente. Sabia qual era o procedimento a seguir.

Devia ter pedido ao mensageiro que pousasse o envelope com cuidado no chão, sair dali a correr, chamar os meus colegas dos explosivos para que viessem com os seus robôs e tratassem do pacote.

Não o fiz, afastei-me cerca de quinze metros, sem deixar de apontar a arma ao mensageiro. Havia alguma coisa nele que não batia certo.

– Abra o pacote e descreva-me o que lá está dentro, se é que não sabe o que é.

À medida que me afastava, para a beira de uma berma que terminava, metros abaixo, no caudal do rio, apercebi-me de uma mancha húmida que crescia entre as pernas do uniforme vermelho. O gigante estava a urinar-se.

Não me ligou e abriu o envelope depressa e a correr, como uma criança no dia de Natal.

– É um *tablet* – gritou-me. – E tem um *post-it* cor-de-rosa colado. Diz... diz: “Não é uma bomba.” Bem que nos lixou. Podia ter posto isto fora do envelope.

“Pois podia”, concordei com ele sem lhe dizer.

Aproximei-me do mensageiro e agarrei no *tablet*.

– Que porcaria de trabalho precário. Bem que eu disse à minha mãe... – murmurou para o colarinho da sua camisa do uniforme. – Preciso que me assine este papel.

Fiz um gatafunho e estendi-lhe, por meu turno, o meu caderno.

– Escreva o seu nome e número de bilhete de identidade – disse-lhe, mais descontraído. – E não fale disto a ninguém, nem no trabalho, nem em casa. É

segredo de justiça.

– Como se alguém fosse acreditar em mim... – murmurou, infeliz.

Montou, não sei como, na minúscula mota e escapou dali como se eu tivesse raiva.

Assim que fiquei sozinho no sítio arqueológico, liguei o *tablet* e vi que no ecrã me esperava um *chat* privado aberto.

– Olá, querido Kraken. Sinto muito pela pancada na cabeça.

Aceitei o convite para a conversa, e comecei a escrever.

– Tens muita força para alguém com sessenta e muitos anos.

– Encara isso como um aviso para não me subestimares.

– Percebido. Não voltará a acontecer – prometi-lhe. Prometi a mim mesmo.

– Sinto muito por esta forma de encontro, mas não vou permitir que me detenhas, não tenho nada a ganhar.

– O que queres? – interrompi-a.

– Ajudar, apesar de tudo. Ajudar.

– Ajudar em quê, Golden?

– Tens de deter a Rebeca. Conheço-a bem. Não vai parar.

Rebeca?

Porque é que a Golden falava da Rebeca como se estivesse viva, se a pobre menina tinha sido assassinada em 1993?

Amesterdão

9 de janeiro de 2017, segunda-feira

– Comecemos então pelo início, mas explica-me tudo bem explicadinho, porque acabaste de me confundir todo. Primeiro: és tia da Rebeca. Até aí chegámos sozinhos.

– E já é muito – escreveu. – Têm pessoas competentes a trabalhar na vossa equipa, nunca pensei que o descobrisses.

“Um ponto para a Milán”, pensei. Mas calei-me, não queria oferecer de mão beijada à Golden nada do que estava a descobrir nos últimos tempos.

– Agora é a tua vez de me dares alguma coisa – insisti. – O que tens para me contar sobre a Rebeca e o seu desaparecimento?

– Conheceste o meu cunhado Saúl. Tudo começa e acaba com ele.

– Agora vais dizer-me que para ti também era o Barba Azul.

– Espera até leres o que tenho para te contar, e decide tu mesmo, Kraken.

– Muito bem, começa – rendi-me.

– A minha irmã Asun morreu em circunstâncias muito pouco credíveis. Sempre estive convencida de que foi o Saúl quem a empurrou para o poço, embora eu não tenha esperança de que, tantos anos depois, o consigas provar e prendê-lo. Mas pelo menos eu posso parar toda esta sangria e o que ele causou.

– Já me dirás o que o Saúl causou.

– É uma longa história...

– Quanto mais depressa começares...

– Muito bem: o Saúl e a Sarah, a sua irmã mais velha, sempre tiveram algo estranho entre eles. Pertenciam a uma família chique de Santillana del Mar, diziam-se coisas... A mãe, doente e acamada nos últimos anos de vida, como acontecia antigamente. O pai, muito rígido e religioso, como os de antigamente. Costumes espartanos, nomes bíblicos, missa aos domingos ao meio-dia. Morreram passado pouco tempo, de qualquer maneira. Os irmãos, naquelas circunstâncias, estavam muito unidos, ninguém sabia explicar por que razão o Saúl começou a rondar a minha irmã mais nova. Ela era muito nova na altura, ainda não se tinha desenvolvido praticamente nada. Mas a minha irmã ficou

fascinada com o Saúl, como todas as raparigas de lá. Casaram-se muito novos e tiveram a Rebeca com dezoito anos.

– Estou a seguir-te – escrevi.

– O Saúl isolou a minha irmã, era tão encantador como controlador. Afastou-a de mim e da minha família, a desculpa era a Rebeca, sempre a Rebeca. Eu visitava-as frequentemente no seu chalé, quase sempre às escondidas do Saúl. Ele nunca me viu com bons olhos, tentou afastar-nos. Houve alturas em que pensei em desistir e deixá-los em paz, mas algo não batia certo. Não acreditava no mundo cor-de-rosa do Saúl, nem na vida perfeita e idílica que nos pintava.

– Porque não, Golden?

– Já te explico. Depois da morte da minha irmã, mantive-me em contacto com a Rebeca, quase sempre às escondidas do Saúl. Eu era madrinha dela e sempre fomos muito unidas, quer a visitasse, quer não. Ela sofreu muito, mas voltou-se para o pai. E o pai também a isolou, criou-se uma relação doentia entre o Saúl, a Rebeca e a Sarah, fazendo esta de segunda mãe muito severa. Ela era uma criança com muita imaginação, o pai enchia-lhe a cabeça com imagens de histórias antigas, rituais, lugares mágicos. A Rebeca refugiou-se num mundo imaginário que não existia, concentrou-se nos livros que o pai lhe dava para ler, para o conquistar. Sem a minha irmã, a relação entre eles tornou-se muito pouco saudável.

Até aí estava de acordo com a Golden. Testemunhara isso no acampamento: a dependência mútua entre eles, o facto de estarem atentos a toda a hora um ao outro.

– Às vezes passava meses sem ver a Rebeca. Depois do acampamento no povoado da Cantábria em que tu estiveste, bem como as outras vítimas, fui visitá-la. Estava mudada, ausente, quase adulta. Muito triste. Fiquei preocupada com ela. Não me quis contar nada, mas fiquei muito assustada. Um dia, em abril de 1993, fui visitá-la ao seu chalé. O pai dela estava na universidade, encontrei-a a pôr roupa numa pequena mochila. Estava mal, fisicamente mal. Tinha a barriga inchada, não conseguia escondê-la por baixo da camisola. Espreitei por baixo e fiquei sem palavras, Kraken.

– Estava grávida?

– Não, mas tinha estado. Tinha acabado de dar à luz dias antes, na sua própria casa, assistida pelo Saúl e pela Sarah. O bebé morreu, um rapazinho que nasceu prematuro, segundo lhe disseram o pai e a tia. Normal; naquela altura, a Rebeca tinha catorze anos e era muito pequena.

– Quem era o pai?

– Era o Saúl.

– O Saúl?

– Sim, Kraken. O Saúl gostava delas muito jovens e ainda pouco formadas. Na nossa terra corriam rumores horríveis desde sempre.

– Define “rumores horríveis”.

– Que ele e a sua irmã Sarah tinham sido vistos de mãos dadas, a beijarem-se e a tocarem-se, nos palheiros... desde pequenos. Eram histórias mórbidas da terra. Histórias de incesto. Mas a irmã mais velha dele cresceu e as histórias pararam, eles já não pareciam tão unidos, e ao Saúl ela parecia-lhe indiferente quando se tornou uma mulher adulta.

Incentivei-a a continuar, mas não tinha a certeza de quanta porcaria conseguia assimilar na minha cabeça numa manhã.

– Foi por isso que se casou tão jovem com a minha irmã. E foi por isso que se viu livre dela quando ela amadureceu e, aos trinta anos, já tinha formas de mulher. Deixou de lhe interessar. Era isso que me contava a minha irmã, que passavam meses sem que o Saúl mostrasse o menor interesse em ir para a cama com ela. Quando a Rebeca fez doze anos, a minha irmã estava a mais naquela casa.

– A Rebeca contou-te que o pai lhe fez isso?

– Sim, Unai. A Beca adorava o pai, tinha-o num pedestal. Imagina o choque de teres de assimilar no teu cérebro de treze anos ambas as realidades. Amas o teu pai, idolatra-lo, e ele abusa de ti.

– Que fizeste quando ela te contou?

– Decidi tirá-la de lá. Apoiar a decisão dela de fugir.

– Inventaste o desaparecimento dela.

– Inventei um assassínio. Queria envolver o Saúl, que ele pagasse pelo que tinha feito. Convenci a Rebeca a fugir comigo, disse-lhe de que lhe arranjava uma nova identidade, um novo passaporte, que nos iríamos embora daquele país e que ela nunca mais voltaria a saber do pai, mas para isso precisávamos de convencer o Saúl de que a Beca estava morta.

– Foste tu quem enviou as fotografias para o jornal e inventaste todo o ritual celta em Fontibre?

– Eu tirei as fotografias e enviei-as para o jornal. Pensei que seria suficiente para que investigassem o Saúl. Mas nunca o culparam, nem sequer suspeitaram dele. É um encantador de serpentes, um manipulador nato. Mas foi a Rebeca quem teve a ideia de aparecer pendurada com a cabeça mergulhada em Fontibre, simulando um ritual celta. Ela percebia dessas coisas, o pai passara toda a vida a meter-lhe essas histórias na cabeça. Eu pensei que aquele *modus operandi* ainda o incriminaria mais, mas não foi isso que aconteceu.

– Sabes que o que fizeste foi simular um crime, e que isso dá pena de prisão?

– É por isso que te estou a escrever aproveitando os dados de um cartão SIM roubado que não vos vai levar a lado nenhum quando descobrirem a sua origem.

“Já contava com isso”, reconheci, mas não o escrevi.

– Levaste-a para Amesterdão?

– Vejo que chegaste mais longe do que eu pensava. Tens o meu respeito, Kraken.

Ignorei o elogio, não o tinha conquistado.

– O que aconteceu lá? Como é que ninguém se apercebeu de que apareceste com uma miúda de catorze anos?

– Não te vou falar dos meus contactos no mercado negro naquela época. Comprámos uma nova identidade e constei como mãe adotiva da Rebeca. Comecei a trabalhar para a Cisco com a minha nova identidade, tivemos uns anos muito bons, felizes, tranquilos, longe do passado.

– E o Saúl não tentou entrar em contacto contigo quando a filha dele desapareceu, nem foste interrogada pela polícia?

– Não. Como te disse, a minha relação com o Saúl era nula, e eu vivia na época sem paradeiro fixo. Entendo que a polícia nunca encontrou motivos para falar comigo, era simplesmente uma parente sem contacto com o pai da criança.

– Continua, então.

– A Rebeca foi muito boa aluna, um pouco solitária. Protegia-se, fugia dos rapazes. Sempre achei isso normal, dadas as suas circunstâncias. Estava centrada. Por causa do meu trabalho, às vezes passávamos temporadas noutras cidades europeias: Paris, Milão, Genebra... Amei-a como à filha que nunca tive, fiz de mãe o melhor que soube... mas fiz tudo mal.

– Porque dizes isso?

– Não estive com ela quando começou a mudar.

– Onde está a Rebeca agora?

– Era isso que andava a procurar desde que reconheci o seu *modus operandi* no dia em que apareceste com o teu telemóvel estragado e vi a Tripla Morte celta. Rastreei todas as compras de armas *Taser*. Nada me levou até ela, mas sei que está por detrás disto, é a assinatura dela. Tens de compreender que comigo aprendeu tudo sobre segurança informática.

– Ou seja, a nobre arte de ser *hacker*.

– Chama-lhe o quiseses, mas leva isto a sério. A Beca está a rondar-te.

– Corro perigo?

– Correm perigo todos aqueles que ela acha que não deviam trazer filhos ao mundo. Sinto muito por me ter metido na tua vida íntima, mas fui testemunha de muitas das tuas conversas com a Alba Díaz de Salvatierra, pelo menos do que tu lhe respondias por escrito. Se o filho da tua chefe é teu, sim. Se não é teu, não.

Diz publicamente, diz publicamente que não és o pai da criança e ficas a salvo. É melhor isso, e que vivas, do que o teu filho não ter pai, não achas? Ou dois possíveis pais a quem pôr flores no cemitério.

“Pois isso decido mais à frente, se não te importas”, pensei, mas não disse nada.

– E o Asier? Também corre perigo? – perguntei-lhe, sobretudo para mudar de assunto.

– Se o Asier não estiver morto a esta altura do campeonato, então já não corre perigo. Acho que a Rebeca conseguiu que a Annabel lhe confessasse o nome do verdadeiro pai, o Jota, e por isso também o matou. E o Lutxo está a salvo desde que não engravide ninguém.

“Bonito método contraceptivo chamado Rebeca”, pensei.

– Se te estou a escrever é para te avisar, Unai. Tenho de te contar como era a Rebeca.

– Sim, conta.

– Herdou essa parte manipuladora e encantadora do seu pai. Não dava ponto sem nó, não fazia nada nem se preparava para nada sem um motivo por trás. Depressa descobri que era muito mimada. O Saúl educou-a mal e satisfazia-lhe todos os caprichos, algo que eu não pude nem lhe quis permitir, ainda para mais numa sociedade tão austera como a holandesa. Por seu lado, a Rebeca continuava a estudar História por conta própria, visitava museus... Um dia viu o anúncio de uma exposição temporária que ia estar patente no Museu de História de Amesterdão. Vinha fascinada porque leu no cartaz que se ia expor o Caldeirão de Gundestrup.

– Conheço a peça.

– Dias depois contou-me que se tinha inscrito como voluntária do museu, que tinha começado a seguir há vários dias o pessoal contratado para aquela exposição. Forçou uma baixa atropelando com a sua bicicleta uma das estagiárias, partiu-lhe o tornozelo e ofereceu-se aos Recursos Humanos do museu no próprio dia em que a estagiária acidentada entregou o seu papel da baixa. A Rebeca apresentou um CV falsificado, trabalhou lá durante duas semanas e roubou o caldeirão, a peça principal. Tudo para fazer a merda de um ritual com os animais de estimação dos nossos vizinhos. Contou-mo como sendo uma travessura, pensando que eu ficaria orgulhosa por ela ter sido tão audaz. De seguida devolveu o caldeirão, deixou-o perto do museu.

– Como permitiste que ela fizesse isso, Golden? Não me pareces ser o tipo de pessoa que aceita esse género de ações.

– Zanguei-me muito com ela. Nem imaginas como aquilo me deixou furiosa, mas a Beca não compreendeu. Para ela, as vidas daqueles gatos e daqueles cães

não tinham qualquer valor, estava eufórica com o seu feito. Expulsei-a de casa.

– Desculpa?

– Ela já era maior de idade, eu já lhe tinha dado estudos e recursos suficientes para ganhar a vida, além de uma nova identidade. Durante os anos em que eu a criei, ela respeitou a única condição que eu lhe impus para que viesse viver comigo: não procuraria o seu pai, não o investigaria, jamais entraria em contacto com ele. O Saúl era perigoso, a irmã dele tinha muita influência junto de entidades oficiais e eu iria parar à prisão pelo rapto de uma menor. Mas a Rebeca tinha assuntos pendentes por causa do que aconteceu no povoado de Cabezón de la Sal. Culpava os quatro vitorianos e a namorada dos quatro por não terem impedido o que lhe acontecera. Quando me trouxeste o teu cartão SIM, juntei as peças e apercebi-me de que tu eras um deles.

– Então não sabes nada dela desde que...

– Desde 1998. Nunca me perdoei, tinha de a ter levado a um psicólogo, tentar que mudasse, mas expulsei-a de casa... Vamos ser realistas, Unai, o que achas que ela fez, mudar? Não, estava sozinha e tinha mais uma pessoa a quem odiar, além dos cinco do acampamento. Tinha a certeza de que viria atrás de mim, assim que me apercebi pelo teu telemóvel que tinha começado a matar. Estava a ajustar contas com o passado.

– Mas em todos os atos criminosos há um detonador, um fator traumático, um ponto de não retorno que faz com que se decida e comece a matar – escrevi-lhe.

– O que achas que a impulsionou passados tantos anos?

Golden pensou durante alguns segundos, do outro lado do *chat*, onde quer que estivesse escondida.

– Tenho uma teoria: os jovens suicidas.

– Referes-te à Gimena Tovar?

– Sim, a filha que o Saúl adotou depois do desaparecimento da Rebeca. Penso que a Rebeca viu a notícia e pensou que essa jovem se suicidou por causa do que o Saúl lhe fez, os mesmos abusos que a ela. Creio que foi esse o detonador, que foi nessa altura que a Rebeca entrou em ação e começou a contactar com todos vocês, se é que não o tinha feito antes.

Pensei na primeira vez em que eu tinha estado à espera de um filho, em 2014. Perguntei-me se a teoria de Golden estava certa, ou se Rebeca também nos seguia naquela época e teria tentado matar-me no caso de a gravidez de Paula ter seguido em diante. Afastei aquele pensamento, tinha de me focar no presente e no que estava ao meu alcance evitar.

– Foi por isso que criaste perfis falsos nos fóruns de suicidas?

– Ainda não encontrei sequer um rasto da Gimena Tovar, mas tenho quase a certeza de que vou encontrar. Quero saber os motivos dela, esses jovens

costumam ser bastante transparentes quando estão escondidos atrás de um *nick*. Nos fóruns por onde andei, encontrei de tudo um pouco: miúdos dispostos a suicidar-se depois de terem sofrido *bullying* na escola, miúdas com anorexia, outros com desgostos amorosos... e também abusos, bastantes casos de abusos não detetados pelas pessoas à sua volta.

– Voltando à Rebeca, porque se quer vingar de nós e não do Saúl? – perguntei.

– Não foste treinado para lidar com vítimas de violência sexual, Kraken? Não há nenhuma que não se sinta culpada: “Eu não devia ter ido com ele”, “Eu não o devia ter convidado para minha casa”, “Eu não devia ter vestido aquela saia”, “Eu não devia ter dado um beijo ao meu pai”, “Eu não devia...”. Passei anos a ouvi-la a justificá-lo, sempre que eu o atacava. Defendia-o, odiava-o, mas era o pai dela, tem complexo de Electra, ela sabe disso e por isso sente-se culpada. Foi por essa razão que dirigiu todo o seu ódio contra vocês, ela nunca vai fazer mal ao Saúl, ela ama-o demasiado. De uma forma muito doentia, ela ainda está apaixonada por ele, continua a vê-lo como o pai mais bonito do mundo, o mais inteligente, o melhor. Continua presa ao seu feitiço.

Ela tinha razão, se Rebeca era a culpada, encaixava bem no perfil e no *modus operandi* de quem matou Annabel Lee e Jota.

– Dá-me alguma coisa para que possa agir imediatamente, Golden. Porque não me estás a dar nenhum dado em concreto que eu possa apresentar aos meus superiores. Diz-me: quem é a Rebeca agora?

– Ainda não sei, mas podes ter a certeza de que vocês os quatro que estiveram no acampamento já a conheceram, ou que ela vos está a rondar.

– Por onde começo, então?

– Por qualquer pormenor que a exponha. Os nomes, por exemplo. A Beca nunca deixava nada ao acaso. Herdou esse traço maquiavélico do pai. Não te esqueças, ela é manipuladora, camaleónica... Vão existir muitas Rebecas diferentes até juntares as peças todas.

– Continuas sem me dar nada em concreto, só uma história que não podes provar, ainda por cima quando estás a fugir à justiça. Não vão acreditar em mim, Golden. Na esquadra não vão acreditar em mim e o juiz não me vai facilitar a vida.

– Isto é tudo o que sei, Kraken. Estou a pôr-me em risco, e não sou propriamente a Madre Teresa de Calcutá. A partir de agora, estás por tua conta. Cheguei até aqui, mas não contes mais comigo. Quero viver o que resta da minha vida em paz, se é que a Rebeca não vem atrás de mim. Adeus, Kraken. Isto é uma despedida.

– Espera! – pedi-lhe. – Se precisar de alguma coisa de ti, ponho na janela da minha varanda uma cruz preta, está bem?

Mas um segundo depois o ecrã ficou às escuras, e eu fiquei na dúvida se voltaria a ter, alguma vez na vida, notícias da esquiva Golden Girl.

Regressei pelo caminho de terra até ao parque, entrei no carro e voltei a casa com a cabeça a ferver: de modo que tinha um braço de ferro com Rebeca.

Se eu era o pai da filha de Alba, ela matava-me. Se era Nancho, eu estava salvo.

Palmas para mim. Com a minha filha pelo meio.

Assim que fechei a porta de casa e recuperei de novo o telemóvel, liguei a Tasio, para Los Angeles.

– Como está a correr a série? – perguntei.

– Estou a viver a vida de um *showrunner* e ao ritmo louco da sala dos guionistas. Sabes que horas são na Califórnia?

Ignorei o comentário dele, mas calculei que seriam cinco da manhã.

– Conta-me, já escreveste o guião de *O Silêncio da Cidade Branca*?

– Está quase, mas ainda não terminei. Porque perguntas isso, Kraken? – O seu tom de voz mudou. Tinha conseguido acordá-lo.

– Tenho de te contar uma coisa que desconheces, porque quero que a incluas.

– Se enriquecer a trama, perfeito. Sou todo ouvidos.

Deba

18 de julho de 1992, sábado

Tudo aconteceu numa noite tranquila de mar de prata numa praia com nome de deusa celta.

Para Rebeca, aconteceu como na lenda: uma onda de leite, outra de lágrimas – as dela – e à terceira investida, de sangue.

– Era isto que querias? Era com isto que sonhavas? – sussurrou-lhe Saúl ao ouvido, com uma raiva que parecia lava.

Rebeca calou-se, não era que pudesse falar.

– Não podes continuar a fazer isto, filha. Não podes continuar a contar o que contas, vais destruir a nossa família, vais destruir-me. E eu não quero... Não quero voltar a internar-te. Tens de te curar, mas vamos tentar que recuperes fora. Diz-me que vais tentar.

Rebeca assentiu com convicção suficiente para acalmar Saúl.

Ele levantou-se, viu as horas.

Não havia mais ninguém naquele recanto escuro da praia.

– Entra no mar e lava-te, anda – ordenou à filha. – Três ondas são suficientes.

E ela odiou-o por isso.

Não só por a ter magoado, não só pela confiança traída. Foi pelo cinismo do Barba Azul, por se permitir gozar com os rituais, por manchar também o que os tinha unido até então. Rebeca jurou que não seria historiadora. Nunca mais. Odiaria para sempre a História, os Celtas, as lendas, o passado... O passado. Acabava de acontecer e Rebeca sabia que durante toda a sua vida ia odiar o seu próprio passado.

:::

A primeira vez de Unai foi outra história.

Annabel esperava-o na praia, afastada, era uma sombra escura e nem o reflexo da lua no mar permitia distinguir os seus traços.

Unai não queria fazer o papel de virgem inexperiente, não queria que fosse ela a montá-lo. Tinha roubado umas pequenas conchas à beira-mar, percorreu as partes do corpo da jovem que o vestido não tapava com elas. Annabel ficou surpreendida com a iniciativa e ronronou um pouco, a adorar o toque. Unai aproveitou a sua surpresa para lhe aprisionar os pulsos com uma das mãos. Não queria que ela controlasse a situação, como fez com Jota ou com Asier, queria que com ele fosse diferente, queria arrancar-lhe aquela máscara de indiferença, confirmar se por baixo daquela pele de lua havia um coração que batia ou uma carcaça sem emoções.

Quando ela, impaciente, o tentou despir, ele impediu-a.

– Sem mãos, Annabel.

Houve um momento de surpresa nas pupilas dilatadas da jovem.

– Muito bem – concordou ela. – Não vai ser tão perfeito, mas...

– Esquece a perfeição.

E Annabel começou a levantar-lhe a *t-shirt* dos Nirvana com os dentes. Eles riram-se um pouco enquanto ela tentava, sem grande sucesso. Mas com o toque da boca, dos dentes, da saliva, Annabel Lee percorreu a cintura de Unai, que tinha muitas cócegas e aquilo deixou-o em brasa. Depois seguiram-se as calças, que foi mais complicado porque a braguilha estava prestes a explodir.

Então foi a vez de Unai, que lhe baixou as alças do vestido com os dentes e entreteve-se bastante tempo naquele pescoço, e naqueles ombros e seios e umbigo, e rebolaram bastante, dando voltas na areia, mas quando finalmente a penetrou viu simplesmente uma jovem de quinze anos que se estava a divertir tanto como ele. E era isso que ele queria, era isso que ele queria.

Unai ficou um pouco sonolento quando terminaram, teria ficado a dormir na praia, mas ela já estava a pensar noutra coisa, olhando para o relógio.

– Temos uma hora e meia até que todos voltem do centro. Vamos para o autocarro. O Saúl deu-me as chaves. Quero repetir isto, Unai. Mas lá estaremos mais confortáveis e sem areia.

O que ia dizer Unai? Vestiram-se, depois de sacudirem a areia, confiantes, entre risos, e duas sombras encaminharam-se para o parque de estacionamento onde os esperava o autocarro trancado.

Annabel Lee abriu a porta de trás e subiram as escadas íngremes do veículo. A penumbra do interior pareceu-lhes tão apetecível que bastou-lhes olhar nos olhos um do outro para arrancarem novamente as roupas, no meio do corredor, e para se envolverem outra vez. Unai nem sequer se apercebeu de que Annabel Lee lhe mentira em relação à hora e que deixara a porta aberta.

Pôde intuir, num momento de lucidez, o momento em que Jota, Lutxo e Asier subiram às escuras, um pouco bêbedos, e os apanharam em pleno ato.

Em Arnía

10 de janeiro de 2017, terça-feira

– Devias ter-me avisado, o que fizeste foi uma loucura – repetiu Estíbaliz ao volante, de novo em direção a Santander.

Estava zangada, sim. E irritada, também.

– A Alba já me deu nas orelhas, podes mudar de assunto?

– Não, não posso. Estás a ir por tua conta e risco, ontem arriscaste-te e muito. E se fosse uma armadilha? Tens consciência de que podias ter acabado de cabeça para baixo, pendurado num pinheiro?

– Num choupo.

– Desculpa?

– Pendurado num choupo. As árvores que vi na margem do rio Zadorra eram choupos, e um ou outro carvalho.

– Não brinques comigo, Kraken, que estou quase a tirar-te da investigação.

– A Golden impôs as suas condições, não teríamos... não teríamos o que ela nos deu se eu não tivesse aceiteado.

– E o que é que ela nos deu, Unai? O que é que nos deu? Não temos uma única prova para levar ao juiz, só uma hipótese de investigação que hoje temos de confirmar e que nos pode ainda atrasar mais um caso em que já estamos a demorar muito para obter resultados. Agora percebo melhor a Alba quando nos aperta. Não tenho nada. Não temos nada – corrigiu-se. – Só caldeirões que aparecem e desaparecem, e pessoas penduradas sem quaisquer provas físicas nos locais dos crimes para sustentarem as nossas teorias peregrinas. Até agora, o nosso único avanço foi a confirmação de que a Ana Belén e o Jota estavam à espera de um filho.

Optei por ficar calado durante o resto do trajeto. Estíbaliz estava sob uma enorme pressão há várias semanas, e sabia que tinha os nervos à flor da pele. Tinha levado uma enorme bronca doméstica quando contei a Alba o que aconteceu no local arqueológico de Atxa.

Era como se nenhuma das duas valorizasse justamente o avanço que a revelação de Golden significava, como se a minha segurança fosse mais

importante para elas. Eu estava frustrado, muito frustrado. Só queria ver a cara de Saúl quando lhe disséssemos que Rebeca estava viva.

Regressámos à Universidade da Cantábria e perguntámos novamente por Saúl Tovar. Indicaram-nos uma aula e, como faltavam dez minutos para terminar, ficámos junto à porta de trás e ouvimos o final da sua aula.

Falava sobre rituais das tribos cantábricas. Um bom tema, sem dúvida que sim. Observei a sua entrega à audiência. Eram quase só mulheres. Mas tive de lhes reconhecer o bom gosto. Saúl brilhava quando expunha os temas que o apaixonavam. Parecia até mais jovem. Dominava o auditório como um ator domina o palco. Tinha aquilo a que chamam *presença*.

Mas houve um momento, quando estava prestes a concluir a sua aula magistral, em que olhou para a parte de trás do auditório e nos reconheceu, apoiados na parede. O seu olhar endureceu, não sei se mais alguém reparou.

– Por hoje é tudo. Amanhã há mais – limitou-se a dizer, sem terminar de explicar que raio faziam os cantábrios com as cabras que sacrificavam.

Houve alguns olhares de perplexidade entre as alunas, de seguida todas pegaram nas suas coisas e saíram em silêncio, não sem antes o abordarem com dúvidas, parabéns, promessas de tutorias...

Saúl demorou o seu tempo a recolher o material e a apagar o projetor. Nós esperámos até estarmos sozinhos para nos aproximarmos dele.

– Voltaram a fazer o mesmo. Já vos disse. Não vos quero aqui. Vou processar-vos por assédio – sussurrou com raiva, sem olhar para nós, enquanto guardava o comando do projetor na gaveta e a fechava à chave.

– Saúl, temos uma notícia para lhe dar relacionada com a Rebeca. É importante – adiantou-se Esti, olhando fixamente aqueles olhos de bruxo.

Pela gravidade da sua expressão, Saúl compreendeu que algo sério tinha acontecido. Ficou quieto, como se esperasse uma pancada vinda do céu.

– Têm finalmente novidades da Rebeca? – A voz dele soou entre tensa e aliviada.

– Sim – respondi-lhe.

Saúl suspirou, inspirou novamente, manteve o olhar fixo no chão e pôs os braços na cintura, como se precisasse do apoio deles.

– É melhor irmos para um sítio mais privado e mais discreto. Venham a minha casa, sigam-me com o vosso carro e aí podemos conversar calmamente.

Esti e eu trocámos um olhar por uma milésima de segundo. Parecia de novo uma armadilha, claro. Infelizmente eu conhecia o lugar. Estava gravado a ferro e fogo nas minhas memórias mais negras.

– Muito bem, eu vou consigo no seu carro, a inspetora Gauna vem atrás de nós – impus a ambos.

O meu tom de voz não dava margem para dúvidas. Esti olhou-me de mau humor quando saímos da sala de aula, eu aproveitei para lhe mostrar discretamente e longe do olhar de Saúl a pistola que levava debaixo do casaco.

Só para o caso de ser preciso.

...

Chegámos ao chalé de Saúl Tovar, em plena Costa Quebrada, em apenas vinte minutos. Saúl vivia numa urbanização dispersa que dava para a enseada da praia de Arnía.

Nada tinha mudado em quase vinte e cinco anos.

Tinha uma casa que era obviamente grande demais para ele, muito masculina, sem qualquer vestígio da filha que até há uns meses tinha vivido com ele.

Uma sala enorme, que mais parecia uma biblioteca, cheia de livros, alguns deles formavam pilhas no chão. Teve a sensação de estar a visitar o seu cérebro. Saúl estava desconfortável enquanto nós lhe inspecionávamos disfarçadamente a casa.

Por cima da lareira reinava a reprodução de uma estela cantábrica com o lábaro e uma pequena coleção de punhais e pontas de lança, talvez fossem armas originais da Cantábria com mais de dois mil anos, ou talvez fossem cópias modestas depois de uma vida inteira passada em sítios arqueológicos. Não me considerava um especialista para poder diferenciar.

– É melhor falarmos no terraço, a brisa do mar ajuda sempre a desanuviar o ambiente – propôs-nos nervoso.

Esti e eu concordámos e passámos para a parte traseira da casa, que dava acesso direto à praia de Arnía. A leste viam-se os pequenos ilhéus chamados urros de Liencres e a ilha de Castro. A minha colega estava extasiada com a paisagem abrupta das falésias agrestes, eu conhecia bem a fúria daquele mar, ainda não tinha feito as pazes com o meu passado, e a tensão crescente que sentia ao regressar àquele lugar maldito fazia pulsar a cicatriz que a bala me deixou na cabeça.

Devia ser da humidade. Sensações incómodas, nada mais.

Sentámo-nos numas cadeiras de madeira que eram demasiado grandes para Esti, ela parecia minúscula no meio das almofadas, e esperámos pelo convite para tomar uma bebida que não chegou.

– Digam-me de uma vez, encontraram o corpo da Beca? – perguntou-nos, esfregando as mãos com nervosismo, num gesto que creio que não conseguiu controlar.

– Não, Saúl. O corpo da Rebeca não apareceu e é provável que não apareça, dado o rumo que tomou a investigação do seu desaparecimento nos últimos dias.

Sabe, temos uma testemunha muito próxima dela que afirma que ela está viva.

As mãos enormes de Saúl, sempre tão expressivas, ficaram quietas, pararam de repente.

– Como? Como assim, ela está viva?

Saúl recostou-se e depois sorriu. Foi o sorriso mais autêntico e aliviado que vi em séculos.

– Mas... e as fotos? Nós vimo-la morta, lembram-se? Era a minha filha, tenho a certeza, não era outra rapariga. Era a minha filha... e estava morta.

– Esta testemunha disse-nos que a Rebeca fugiu de casa e que fingiu a sua morte para não ser encontrada. Partiram dela essas fotografias a fingir a sua morte.

– Então é verdade... está viva. Trouxeram-ma de volta, e eu que durante tanto tempo desconfiei da vossa eficiência. Não sabem as vezes que sonhei com estas palavras, com esta conversa... – disse numa voz rouca, emocionado.

Levou as mãos à cara, secando as lágrimas com um certo pudor. Era a pura imagem do alívio, da felicidade, de um pai a presenciar um milagre.

Levantou-se, um pouco desajeitado, e aproximou-se de mim com a intenção de me abraçar. Eu levantei-me depressa e recebi aquele abraço.

Era forte, sem contenções, um abraço de agradecimento de verdade. Não dávamos muitos abraços assim no nosso trabalho. Não sabia muito bem como lidar com a situação, apesar de dominar o protocolo de dar boas e más notícias, mas de nada servia para aquele momento em concreto.

– E... onde está? Posso vê-la? Posso falar com ela? Tenho tantas coisas para lhe contar...

– Saúl, talvez não nos tenhamos explicado bem – interrompeu-o Estíbaliz, com voz de enterro. – Será melhor que se volte a sentar.

– Mas está viva ou não? – interrompeu-nos, nervoso, sem compreender. – Não brinquem comigo, por favor. Já sofri bastante.

– Como lhe estávamos a explicar, recebemos um testemunho que nos conta uma versão que ainda precisamos de confirmar. Não temos nenhuma prova de que aquilo que diz seja verdade, mas achámos necessário informá-lo primeiro. Dado que o Saúl conhece bem a testemunha, visto que é da sua família, gostávamos que nos falasse dela para sabermos se podemos levar a sério o que nos contou.

– Família, uma mulher? Não é a minha irmã, pois não? A Sarah não... a Sarah não vos pode ter dito semelhante...

– Não foi a Sarah, Saúl – interrompeu-o Esti.

Mas não devia ter interrompido. Eu gostava de saber como é que ele ia terminar a frase.

- Então quem foi? Não me resta mais família.
- A sua cunhada, a Lourdes Pereda.
- Essa? Vocês dão crédito a essa vigarista? – gritou e as suas bochechas ficaram vermelhas e tensas.

Esperava uma reação parecida. A Golden também não parecia gostar muito de Saúl, dada a gravidade das suas acusações.

– A sua cunhada afirma que visitou a Rebeca nesta casa em abril de 1993, no mesmo dia em que ela desapareceu. Que a encontrou a fazer a mochila e que a jovem tinha decidido fugir de casa; que descobriu que ela acabara de passar por um parto e que quando perdeu o bebé decidiu partir. De acordo com o testemunho dela, a sua filha e a sua cunhada elaboraram o esquema das fotos para todos pensarem que ela tinha morrido e não a procurarem. Não queriam que a polícia considerasse a possibilidade de a Rebeca estar viva e de ter fugido.

– Que fez ela com a Rebeca? Para onde a levou? Não se pode esconder uma rapariga de catorze anos sem que ninguém se aperceba.

– Explicou-nos que comprou passaportes e identidades falsos no mercado negro. Viveram muitos anos em Amesterdão, onde a sua cunhada trabalhava na empresa Cisco. Afirma que falsificou os documentos para que ela constasse como filha adotiva dela.

– Amesterdão... Eu chorava-a em Fontibre e estão a dizer-me que a Rebeca foi criada e cresceu em Amesterdão.

– Acha... possível? – perguntei, embora me estivesse a controlar um pouco. Eu também estava tenso e emocionado.

– Custa-me muito imaginar que a Rebeca renunciasse a mim.

Não soube como interpretar uma frase tão rotunda.

– Explique-se – insistiu Esti.

– Não quero falar sobre isso agora. Precisam de saber que a vossa fonte, a minha cunhada, era a vergonha da família. A minha mulher e ela mal se falavam. A Lourdes sempre foi uma manipuladora e uma vigarista. Não sei se chegou a ir presa, há décadas que não sei nada dela, mas dizia-se que andava metida em crimes de falsificação de dinheiro, não tinha domicílio fixo, sempre a fugir à justiça. A minha mulher sofreu muito por causa da Lourdes, e ela quase que acabou com a saúde dos meus sogros. Não sei, realmente não sei que crédito dar ao que me estão a contar.

– É curioso, a sua cunhada, por seu lado, afirma que foi o Saúl quem isolou a irmã dela depois de se casarem tão jovens.

– Havia muito amor entre mim e a Asun. Não manchem isso – disse ele sem pensar.

– Não estamos aqui para o julgar. Queremos simplesmente transmitir-lhe as palavras dela e que as conteste com os argumentos que ache convenientes – disse Estíbaliz pacientemente. – Ela até chegou a afirmar que suspeita de que a morte da sua mulher não tenha sido acidental.

– Já chega. Em quem é que vão acreditar, numa criminosa confessa, que vos admitiu ter raptado uma menor, ter-lhe mudado a identidade e escondido durante vários anos, ou nos vossos próprios colegas da esquadra de Santander que estiveram no poço onde a Asun caiu e não viram qualquer sinal de ter sido um crime?

– Acreditamos em si, Saúl – interrompi. Precisávamos que confiasse em nós, porque a parte mais dura da conversa ainda estava por vir. – Não demos crédito às suspeitas dela.

As minhas palavras pareceram acalmá-lo.

– Mas temos de falar consigo de um tema muito delicado. E vou pegar naquilo que o Saúl acabou de dizer, que lhe custa pensar que... a Rebeca renunciou a si. – Respirei fundo para continuar. – A sua cunhada afirma que a Rebeca lhe contou que o Saúl abusou dela.

Saúl alisou o cabelo, ficou parado a olhar para o mar Cantábrico e demorou a responder.

– Lá vamos nós. Parece que essa história me vai perseguir sempre – murmurou como se não falasse connosco.

– Como assim?

– A Rebeca já contou essa história antes, mas ninguém acreditou nela. Foi por isso que a internámos meses antes do acampamento em que participaste, Unai.

– E no acampamento ela contou ao Jota; ele não me explicou do que se tratava, mas foi isso que a Rebeca lhe contou, não foi?

– Chegados a este ponto, têm de abrir os olhos e ver estes documentos – disse e levantou-se da cadeira.

Saúl entrou no chalé e subiu as escadas.

Esti levantou-se a correr atrás dele. Sabia que ela também estava armada, mas fiquei preocupado quando seguiu Saúl com um “espere, eu acompanho-o”.

Eu também entrei na sala, nervoso, com a mão na pistola.

Sem a tirar do coldre, mas alerta a qualquer ruído ou pedido de ajuda por parte da minha colega.

Depois fez-se um silêncio que me pareceu, não eterno, mas muito longo.

“Deixa-te de merdas e sobe de uma vez”, ter-me-ia dito o avô, e decidi obedecer-lhe e aproximei-me das escadas.

Não precisei de subir, eles estavam a descer.

Saúl trazia uma pasta com documentos debaixo do braço. Estíbaliz avisou-me com o olhar que mantivesse a arma guardada.

Compreendi de imediato que aquilo que Estíbaliz tinha visto ou lido ia mudar de novo o curso da investigação.

O urro de Manzano

19 de julho de 1992, domingo

A madrugada acordou com a ameaça de tempestade. O calor insuportável dos dias anteriores cobrava a sua fatura e o ar estava carregado de eletricidade. Uma faísca teria feito tudo ir pelos ares.

Assim se sentia, em parte, Unai. Às sete da manhã saiu do seu saco-cama pela última vez e comprovou com uma certa tristeza que Annabel e Lutxo tinham saído como sempre para ir dar o seu passeio matinal pelo bosque de sequoias antes do amanhecer. Mas disse a si mesmo que não tinha importância, que na noite anterior Annabel se tinha decidido, que o que houvera entre eles tinha sido diferente do que se passou com Jota e Asier.

Especial, único.

Pelo menos foi isso que Annabel Lee lhe sussurrou.

Desceu as escadas, pensativo, e entrou numa sala de jantar vazia.

Como um autómato, recordando as carícias, e as coxas, e as investidas e as mordidelas – ui, as mordidelas – dirigiu-se à despensa e pegou numa tablete de chocolate artesanal que lhes restava e que tinham comprado do fundo comum.

Unai não era um aproveitador, o avô ensinara-o a respeitar as coisas dos outros e a ser educado em qualquer circunstância, mas naquele dia nem se apercebeu de que se sentou sozinho na sua cadeira da sala de jantar e que acabou com a tablete inteira de chocolate de Santillana à dentada. Olhava abstraído para um ponto indeterminado na parede que em tempos foi branca, diante dele, enquanto repetia sem parar na sua cabeça o que acontecera nas últimas horas.

Estava um pouco em estado de choque.

A vida podia ser muito bonita quando não era cruel.

...

Rebeca também passou a noite em choque, escondida e encolhida no seu saco-cama. Atenta a todos os ruídos, para o caso de o Barba Azul voltar.

Ouviu o motor de vários carros que estacionaram do lado de fora da casa, conhecia os rituais do acampamento. No último dia juntavam-se os estudantes universitários que tinham trabalhado ali em verões anteriores e davam por concluído mais um ano.

Não quis descer para tomar o pequeno-almoço com o grupo, ninguém a chamou, até mesmo o pai a deixou em paz naquela manhã.

Ouviu o burburinho, as risadas e a agitação do último pequeno-almoço pacientemente, tentando fazer-se de muito pequena para ninguém reparar na sua presença, ou melhor, na sua ausência.

Depois, por fim, voltaram a ouvir-se os motores lá fora e perderam-se. Saúl tinha adiantado no dia anterior a sua intenção de passar a última manhã nas falésias próximas do seu chalé, entre as praias de Portío e de Arnía, apenas a meia hora de Cabezón de la Sal.

Pois bem, que se perdessem, pensou Rebeca.

Que fossem todos.

Só queria que aquele maldito acampamento acabasse de uma vez por todas, mas também estava aterrada com a perspectiva de voltar para sua casa sozinha com o Barba Azul.

Ouviu uns passos pesados a subir as escadas, as suas costas arquearam-se inconscientemente.

– Ainda há alguém neste quarto? – ouviu gritar.

Era a voz de uma rapariga, não soube de quem.

– Eu... – respondeu com uma voz fraca. Não é que tivesse forças para muito mais.

A rapariga entrou, Rebeca reconheceu-a, era Marian, uma estudante do terceiro ano de História que já tinha passado noutros anos pelo acampamento. Era um pouco masculina, grande e desajeitada. Os rapazes não lhe ligavam nenhuma, tal como a ela. Para uma mente de catalogadora como a que Rebeca herdara do seu pai, sempre lhe pareceu que ela tinha um parafuso a menos, era demasiado tonta e impulsiva.

– “Eu” quem? – perguntou Marian espantada, entrando no dormitório.

– Sou a Rebeca, a filha do professor Saúl – identificou-se ela, sem sair do seu saco-cama cor-de-rosa da Hello Kitty.

– Rebeca, tens de vir! Vamos à praia dar um passeio. Anda, vens comigo no meu carro. Não sei como é que o teu pai se esqueceu de ti e te deixou aqui sozinha. Fiquei para guardar tudo e deixaram-me as chaves da casa. Anda, levanta-te – disse a gigantona, puxando pelo braço da menina.

– Não, não, eu não vou. – Rebeca enroscou-se dentro do saco-cama como se fosse um bicho da seda.

Olharam uma para a outra. Marian, com uma *t-shirt* vermelha antiga dos Jogos Olímpicos de Barcelona. Rebeca, que nem morta ia sair daquele casulo de penas de pato.

– Passa-se alguma coisa contigo.

– Não... nada – disse a menina, mas a sua voz saiu muito fraca e soou precisamente ao contrário.

Pacientemente, Marian sentou-se no colchão, junto ao saco-cama de Rebeca. Tinha jeito para as meninas pequenas, era praticamente ela quem criava a irmã. Tinha mão nelas, pensou, orgulhosa.

E com palavras doces e um pouco de graxa foi ganhando a confiança dela para que lhe contasse...

Vinte minutos depois, saiu do edifício, vermelha como um tomate. Às vezes ficava assim, quando estava muito chateada com alguma coisa, quando se alterava era como um bisonte da gruta de Altamira: enfurecia-se e não havia quem a parasse.

Mas o que a pobre Rebeca lhe tinha contado... ainda por cima ela já tinha ouvido rumores na universidade, acerca do Barba Azul, da sua mulher, da sua irmã. Até podia parecer que Marian não prestava atenção às aulas, mas nos corredores ela estava mais do que atenta.

Pediu à menina que ficasse no quarto, fechou a casa à chave e arrancou no seu *Ford Fiesta* a cair aos pedaços em direção à Costa Quebrada.

...

Unai relaxava sentado ao pé do mar. Diante dele tinha três urros, ilhéus cujas formas caprichosas faziam lembrar arcos e colunas. O urro Mayor, o Menor e o urro de Manzano, inclinado pelo vento como se fosse um bonsai.

Os seus amigos fingiam conversar e davam um passeio, vários metros mais à frente.

Não teve de recusar nenhum convite para se juntar a eles, ninguém lhe disse “vem connosco”.

Imaginou que estavam chateados por o terem apanhado na noite anterior. Ele percebia... Claro que percebia. Também lhe aconteceu o mesmo quando viu Jota e Asier... tinha um pouco de vergonha de os olhar nos olhos depois de o terem surpreendido em flagrante.

Deixou andar, acreditou que com o tempo lhes passaria. Claro que pensava falar com Jota, a sua amizade era importante para ele e queria ter a certeza de que estava tudo bem entre eles. Quanto a Annabel...

Annabel recusou o convite dos quatro amigos para ir à praia de Portío dar um passeio com eles. Estava um tempo húmido e asfixiante, e viam-se umas nuvens

bastante cinzentas e carregadas. Ia cair uma tempestade de verão em breve, não era preciso ser o avô de Unai para se aperceber.

Pelo canto do olho, Unai viu uma das alunas mais velhas, a que era tão alta e forte como ele. Dirigia-se em passo decidido para o final do penhasco, na direção onde Saúl se afastara de todos, perto da praia da Arnía. Talvez já estivesse cansado de tantos adolescentes e precisasse de uma folga.

Mas Unai depressa se esqueceu de ambos porque Annabel Lee sentou-se entre as suas pernas e apoiou a cabeça no seu peito. Foi como se tivesse trazido a tempestade, porque nalgum céu distante trovejou e o eco precedeu a voz da jovem.

– Trouxe-te um desenho – sussurrou-lhe na sua voz de mar.

E estendeu-lhe um papel arrancado do seu caderno de argolas onde se via um túmulo diante do mar e dois perfis de amantes sentados num penhasco que podiam ser eles.

Unai recebeu-o como se fossem as tábuas dos Dez Mandamentos. Com surpresa, mas também com um certo sentido de responsabilidade, como sendo uma encomenda divina.

– Vou guardá-lo... – conseguiu dizer.

– Promete-me que o terás sempre contigo. Pelo menos até ao dia da minha morte – murmurou-lhe ela solenemente, junto ao lóbulo da orelha.

Naquelas condições, nada se negava, pensou Unai.

E começaram a cair gotas, grossas, quentes, muito quentes, pesadas.

– Prometo-te – respondeu, entre outras coisas porque sabia que era a única resposta que Annabel Lee aceitaria.

A jovem olhou com irritação para as nuvens e para a chuva intensa que elas traziam, como se estivesse a repreendê-las por lhe mancharem uma cena que ela preparara com tanta dedicação. Pegou no desenho de Kraken e protegeu-o da chuva entre as capas duras do seu caderno.

– Vamos? – sugeriu Unai. – A mim não me incomoda a chuva, nunca me incomodou, muito menos a de verão. Mas podemos ir embora, se quiseres.

– Claro que não, parece uma cena de *O Monte dos Vendavais*, ficamos – decidiu ela.

– Pergunto-me o que vai acontecer amanhã, segunda-feira, quando já estivermos em Vitoria. Vamos voltar a ver-nos, eu e tu? – atreveu-se a dizer.

“Vais esquecer-te de nós todos e voltar para o grupo de motoqueiros da tua mãe?”, pensou, mas não disse.

– Claro que vamos continuar a estar juntos – respondeu ela levemente ofendida. – Já te disse: somos tu e eu desde o infantário. Isto foi apenas o início, em Vitoria vamos continuar a ser namorados.

Unai abraçou-a, aliviado. Não se conteve. Estavam um pouco molhados, a franja preta de Annabel pingava-lhe gotas pela cara.

– Tinha medo... tinha medo de ter sido só mais um no acampamento.

– Isso é o que acontece quando não acreditas em mim – murmurou ela ao mar, deixando-se abraçar, mas um pouco ausente.

Unai também se descontraiu, olhando para o horizonte.

Só então a viu. Um ponto vermelho no mar.

Levantou-se de um salto. Annabel não gostou muito daquela interrupção.

– Viste aquilo?

– Define “aquilo” – respondeu ela secamente, ainda sentada e molhada.

– Era um saco vermelho ou uma boia muito grande! Era alguma coisa, tenho a certeza, eu vi... – gritou, preocupado, examinando a espuma branca deixada pelas ondas bravas.

– Eu não vejo nada – respondeu ela, mas Unai apercebeu-se de que ela nem sequer tinha olhado.

O rapaz desatou a correr na direção por onde tinha visto ir a aluna de História.

– Saúl! Saúl! Viste aquilo? Aconteceu alguma coisa? – gritou enquanto corria pela falésia.

O percurso estava um pouco traiçoeiro, as primeiras gotas tinham-no molhado e era fácil escorregar.

O que tinha sido um chuveiro tímido depressa se transformou numa chuva bastante violenta, o mar estava a ficar agitado e Unai desacelerou um pouco para observar a costa novamente.

Foi então que viu de novo e ficou gelado quando compreendeu: era o corpo da estudante, com a sua *t-shirt* vermelha, que balançava nas ondas, perto de um dos ilhéus. Às vezes flutuava, outras vezes afundava-se.

Saúl chegou a correr, com o rosto preocupado, em resposta aos gritos de Unai.

– A Marian caiu! – informou-o o diretor a vários metros de distância. Escorregou com uma rajada de vento, desde lá de cima, e caiu à água. Bateu várias vezes nas rochas antes de cair ao mar, não sei se está viva ou morta. Vamos ao meu chalé, vou chamar o 112, têm de enviar uma equipa de resgate.

– Não vão chegar a tempo, Saúl! A equipa de resgate não vai chegar a tempo. Vamos! – decidiu Unai.

Saúl seguiu-o, pouco convencido.

Unai desceu a correr em direção ao sítio onde estavam os seus amigos.

Asier, Lutxo e Jota olharam para ele com uma certa indiferença quando o viram chegar a correr, seguido por Saúl, e um pouco depois por Annabel, mais preocupada com o seu caderno do que com outra coisa.

– A Marian caiu à água! Temos de fazer uma corrente entre todos! Vamos, está a poucos metros da margem! – gritou-lhes.

A expressão dos três amigos mudou e seguiram-no pelas rochas, até ficarem em frente do urro contra o qual o corpo de Marian batia uma e outra vez, como se fosse um boneco da tempestade.

Mas ela mexeu-se, levantou um braço, como se estivesse a tentar bracejar, talvez à procura de refúgio na rocha gigante. Isso deu esperanças a Unai, que descalçou as pesadas botas de montanha e se lançou ao mar primeiro.

O impacto contra a água foi maior do que esperava. O mar parecia sólido naquele dia, uma onda violenta afundou-lhe a cabeça durante mais tempo do que o conveniente.

Conseguiu sair e respirar uma lufada de ar. Recuperou forças, fixou-se no objetivo, uma *t-shirt* vermelha a quinze metros em linha reta, e nadou com os seus enormes braços. Pela primeira vez na vida ficou feliz por ter a alcunha de Kraken.

“Se pelo menos me servirem para salvar uma vida, que se riam de mim, que se riam, isso não me interessa”, pensou com a sua mente pouco oxigenada.

E lembrou-se de Lutxo: “Onde está ele?”

Já devia estar a poucos metros dele, formando uma corrente até terra firme.

Virou a cabeça na direção da margem enquanto lutava com a onda seguinte.

Começava a sentir-se fraco, a força das ondas tinha-o posto no seu lugar em poucas braçadas. Estava a aproximar-se de Marian, mas não tinha a certeza se ele próprio não ia precisar de ajuda para voltar a terra.

Unai deu uma última braçada e teve uma visão fugaz: os seus três amigos, Saúl e Annabel, de pé, observando a cena a partir da praia, sem qualquer intenção de formar uma corrente nem de se lançarem ao mar.

Concentrou-se na *t-shirt* vermelha dos Jogos Olímpicos de Barcelona e ganhou distância até se aproximar do corpo da estudante, que batia contra a base do ilhéu, com a roupa presa nos picos afiados dos penhascos.

Observou Marian: ela estava inconsciente e tinha um corte aberto na cabeça. Desesperado, pensou pela primeira vez que ia morrer, sob o olhar atento e passivo dos seus amigos, da sua nova namorada e do seu aplicado professor.

A Costa Quebrada

10 de janeiro de 2017, terça-feira

– É melhor voltarmos a sentar-nos – disse Estíbaliz. – Saúl, tem muito que nos explicar.

– Eu sei, inspetora. Eu sei – murmurou com uma expressão séria.

Questionei Estíbaliz em silêncio, com um “que diabo se está a passar”, e ela devolveu-me um “já vais ver” com o olhar.

– Podem explicar-me – intervim.

– Tome, é melhor ler – disse Saúl, e estendeu-me uma pasta com o que parecia ser documentação clínica, tendo em conta o logótipo do hospital que encabeçava todas as páginas.

– Faça-me um resumo – disse enquanto folheava um grosso molho de relatórios e exames médicos, alguns deles escritos à máquina, outros, muitos, escritos à mão com a letra ilegível de médico.

– A Rebeca tinha, tem, tinha... – franziu os lábios com impotência. – O diagnóstico dela era muito complexo. A Rebeca foi diagnosticada com um transtorno psicótico paranoico agravado pela dor não superada da morte da mãe... e um complexo de Electra mal resolvido.

– Troque isso por miúdos, Saúl – pedi-lhe.

– Todas as raparigas passam por um período na sua vida em que se apaixonam pela figura paterna. Chama-se complexo de Electra, como o mito grego da filha de Agamémnon, o rei de Micenas. Isso acontece quando têm quatro anos, fantasiam que são as companheiras do pai e que a mãe está a mais. É um estágio normal do desenvolvimento; na verdade, é necessário para a sua formação, pois quebram o vínculo de dependência que têm até então com as mães, que se tornam durante algum tempo adversárias, inimigas. O mesmo acontece com os rapazes. No caso deles, chama-se complexo de Édipo, por causa do mito criado por Sófocles no *Rei Édipo*. O que vos quero dizer é que é universal porque se repete em todos nós. A minha filha passou pelo seu período de Electra e de rivalidade com a mãe quando era pequena, como qualquer rapariga, mas depois de perder a Asun, o seu complexo de Electra voltou e a sua imaginação fértil

deu-lhe asas. Não foi só isso: a morte da mãe serviu como gatilho para que a sua mente frágil se desequilibrasse. As fantasias dela exacerbaram-se e perdeu o contacto com a realidade. Uma psicose como as que aparecem nos manuais.

Estíbaliz e eu cruzámos o olhar por um segundo, não estávamos à espera daquilo.

– Havia uma enorme distorção entre o que acontecia, uma relação normal e saudável que a Rebeca e eu tínhamos como pai viúvo e filha, e o que se passava na cabeça dela – continuou. – A minha filha não passou pelas fases normais do luto numa criança que perde a mãe num acidente aos doze anos. Pareceu assumi-lo, sem prantos nem luto, e seguiu em frente como se não tivesse acontecido nada. Feliz, sorridente, faladora... Era doentio. Eu estava devastado e ela insistia em ir ao cinema de mãos dadas, em passearmos na avenida Pereda com um gelado da Regma... Tornou-se caprichosa e um pouco tirânica, eu fui um pai brando e complacente, admito. Pedi ajuda à minha irmã, que era mais firme do que eu a impor limites. A Rebeca não aceitou bem que a Sarah viesse viver connosco durante uns tempos, e a seguir veio a calúnia...

– Que calúnia?

– Contou à minha irmã que eu lhe tocava, prefiro não partilhar os pormenores porque ainda me perturbam. A minha irmã sabia que não podia ser verdade e consultou um colega do hospital de Valdecilla. Ele fez-nos ver a gravidade do estado mental da Rebeca e, depois de a avaliar, aconselhou-nos a interná-la. Foi o pior momento da minha vida. Os antipsicóticos que lhe prescreveram, inibidores da dopamina e da serotonina, transformaram-na numa espécie de *zombie*. Metia dó vê-la assim, senti um peso enorme.

Olhámos para ele.

Acreditámos nele.

Pobre homem.

– Têm tudo aí: os exames, a medicação, as datas do internamento e da alta... Tentei tratar de tudo com o máximo de discrição para não a prejudicar, mas teve de perder três meses do ano escolar e não recuperou. Não pôde assistir às aulas, e não estava preparada para os exames. Viu-se obrigada a repetir o ano depois do verão em que nos conheceste.

– Mas a gravidez foi real – interrompi. – Mentiu-nos nisso.

– Sim, reconheço que sim. Foi real, e ela escondeu-a até ao final. Sim, mentivos porque esse facto não nos ia levar a lado nenhum, visto que achávamos que ela estava morta. E também porque... não é fácil, não é fácil reconhecermos que temos uma filha adolescente que ficou grávida. Para quê remexer em tudo aquilo? Com que sentido?

– E o bebé?

– Nasceu morto, era demasiado prematuro para um corpo de catorze anos. Eu e a minha irmã encontrámo-la em trabalho de parto no quarto dela. Foi muito rápido, era um ser minúsculo, um menino, e ela expulsou-o sozinha assim que dilatou. A minha irmã incinerou o feto num forno crematório graças aos contactos que tinha no hospital. Não ficou qualquer registo dele, embora hoje me arrependa. Devia tê-lo denunciado naquele mesmo dia à polícia, abrir uma investigação para saber quem era o pai, mas achei que isso ainda prejudicaria mais a Rebeca e a desequilibraria mais. Não queria voltar a vê-la internada. Dias depois, desapareceu. Sempre pensei que tinha combinado encontrar-se com o pai e que ele apareceu sozinho ou com o seu grupo de amigos, e que a mataram para a calar. Talvez tenha ameaçado contar tudo. Não sei.

– Com o seu grupo de amigos, dizes... – assinalou Estíbaliz. – Tens suspeitas de quem era o pai?

– Claro que tenho suspeitas. A Rebeca engravidou no verão de 1992, durante os vinte e um dias em que durou o acampamento no povoado cantábrico. Os únicos rapazes com quem se relacionou foram os quatro voluntários e eu. Digame, inspetor Ayala, qual de vocês os quatro a engravidou?

– Digo-lhe, com toda a certeza, que eu não lhe toquei. Nem me passou tal coisa pela cabeça.

– Talvez acredite em ti. Estavas demasiado interessado na Ana Belén Liaño. Mas confiei em vocês, e um dos quatro seduziu a minha filha. Sempre acreditei que um de vocês, ou vários, a tinham matado, mas se isso não é verdade, se ela simulou o ritual...

– O ritual?

– A Tripla Morte celta, isso é evidente. A Rebeca sempre ficou muito impressionada com as múmias do pântano... Levei-a a Milão para ver uma exposição temporária do Homem de Lindow. Foi uma viagem maravilhosa, inesquecível para ambos.

– Saúl, várias pessoas foram mortas seguindo esse ritual: queimadas, penduradas e afogadas. Acha que a sua filha podia ser a responsável por essas mortes? Ninguém a conhecia melhor do que o Saúl. Pense bem na sua resposta, por favor – pediu-lhe Estíbaliz.

Saúl levou algum tempo, dirigiu-se a um aparador e pegou numa foto de Rebeca em que apareciam abraçados e sorridentes, bem próximos, com aquela mesma enseada como pano de fundo.

– Quero acreditar em vocês... Pensar que a Rebeca está viva – disse olhando fixamente a imagem da filha –, mas só têm a palavra de uma vigarista.

– Acha que a Rebeca também enganou a sua cunhada? – perguntei.

– Se a versão da Lourdes for verdadeira, é evidente que a Rebeca a usou para fugir e voltou a usar a história dos abusos. A minha filha sabia que a nossa relação era má, não era preciso muito para pôr a minha cunhada contra mim. A Rebeca era capaz de convencer qualquer pessoa das suas invenções. Toda a gente. Era uma menina doce, muito inteligente, espreitada. Na cabeça dela, estas invenções existiam, segundo me contava o psiquiatra. As suas histórias eram verdadeiras, tinham acontecido realmente. A Rebeca acreditava que eu e ela tínhamos uma história de amor, que saíamos juntos para ir ao cinema, como casal. Sentia-se humilhada por ser uma criança, tinha pressa em crescer, em ser adulta. Muita pressa.

– Tenho de lhe perguntar, pois agora, vendo em retrospectiva... ela nunca entrou em contacto consigo? Nunca houve nada que o tenha feito pensar que a sua filha lhe estava a enviar uma mensagem, alguma coisa...? – perguntou Estíbaliz.

Saúl olhou-nos com tristeza, como se fôssemos crianças ingénuas. Pareceu-me que nos falava um ancião.

– Comigo? Desculpem se vos dou um banho de realidade, mas a menos que me deem alguma prova, que não têm, a minha filha desapareceu com catorze anos e não há nada que me faça pensar que está viva, só o testemunho de uma delinquente e manipuladora profissional. Não quero viver isto de novo... Não quero voltar a ter esperanças, não fazem a mínima ideia de como é doloroso.

– Só queremos que se tente lembrar e que... – insistiu a minha colega, mas Saúl não a deixou terminar:

– Basta! Já chega! Aparecem no meu trabalho, lançam-me esta bomba e vão-se embora a seguir, brincar aos investigadores. Há mais de vinte anos que é assim, perdi outra filha há poucos meses, quanta dor acham que um pai consegue suportar? Quanta?

Eu não sabia, e não tinha qualquer intenção de descobrir.

Saúl pôs-se de pé, a conversa tinha terminado.

– Está na altura de se irem embora. E por favor, Unai, se alguma vez me tiveste apreço, não voltes a fazer-me o que me fizeste hoje. Não voltes a contar-me nada da investigação da Rebeca, a não ser que me tragam os seus restos.

– Prometo-lho. Sinto muito pelo que aconteceu hoje – afirmei, e pus-lhe a mão no ombro.

Olhámo-nos, não gostava de causar tanta dor a ninguém. Tocar no seu ponto sensível, brincar com o mais sagrado.

Estíbaliz e eu arrastámo-nos cabisbaixos até ao carro.

Naquele dia tínhamos passado pela típica situação que fazia com que odiásse a minha profissão.

Saúl nem se despediu de nós, fiquei com a impressão de que mal conseguia conter o choro quando fechou a porta, demasiado depressa.

Entrámos no carro e ali ficámos, em frente à enseada de Arnía.

Eu conduzi, apenas uma centena de metros. Estacionei diante da enseada, deixámos o chalé de Saúl para trás, não queria que nos visse, mas precisávamos de apanhar um pouco de ar fresco antes de regressarmos a Vitoria.

– Anda, vamos sentar-nos ali – sugeri à minha colega. Ela agradeceu a sugestão.

– Se o que o Saúl nos contou é verdade... temos uma assassina psicótica... – disse-lhe assim que nos sentámos na relva fria.

– Sim.

– ... que inventou a violação do Saúl no acampamento – continuei.

– Prossegue.

– Um dos meus amigos engravidou-a.

– E...

– Fugiu com a Golden, depois de a convencer de que o Saúl a tinha violado, para se afastar dele e da ameaça de voltar a ser internada, e agora começou a matar – concluí.

– Porquê agora? Porque é que começou a matar ao fim de tantos anos?

– Partimos do princípio de que aos catorze anos não podia – pensei em voz alta.

– É verdade.

– A Golden acha que o que desencadeou isto foi a notícia nos jornais do suicídio da Gimena. Talvez se tenha identificado com ela, talvez tenha montado uma história e a imaginou também vítima de abusos e grávida.

– Ou talvez tenha achado que o pai tinha perdido o interesse nela, com vinte e três anos, porque tinha crescido e já não o atraía, como fez com a sua mãe. Tanto faz, mas a notícia desequilibró-a – disse Estíbaliz, fazendo de advogada do diabo. – Tu és o *profiler*, Kraken. Esta hipótese faz sentido? O que vimos nos locais dos crimes não é mais típico de um psicopata, de alguém frio e premeditado? Não dizes que os crimes dos psicóticos são explosões súbitas de violência? Pensava que eram doentes mentais que obedeciam às vozes nas suas cabeças – disse com voz rouca, e sei que algo a perturbava, porque pigarreava sempre que estava incomodada.

Tirei o meu caderno do bolso interior do casaco. Não tinha vontade de me esforçar verbalmente naquele dia, e não estava pronto para dar uma *masterclass* sobre traçar perfis de criminosos.

– Em primeiro lugar – escrevi –, ser psicótico não significa ser violento. É um erro muito comum que impede estes doentes de serem totalmente aceites na

sociedade e é um verdadeiro obstáculo para a sua recuperação. Só uma pequena percentagem deles comete crimes e essa percentagem é semelhante à das pessoas que cometem crimes sem terem qualquer doença mental. É verdade que eles o fazem quando obedecem a essas vozes ou a essas fantasias. Há uma lacuna entre a realidade e a fantasia que constroem na sua cabeça. Já assumimos que a cena do crime é complexa, elaborada... mas talvez não seja a representação de uma fantasia, mas sim uma missão. Isso encaixaria no perfil de psicótico messiânico. Acredita ter o direito de castigar os futuros pais, de decidir por eles que não merecem criar aqueles bebés ainda por nascer e de os entregar às deusas, às *Matres* dos altares. A Rebeca executou a Tripla Morte segundo os autores clássicos que conviveram com os Celtas a deixaram descrita. Mas, na verdade, isso não é a fantasia dela. A fantasia dela é que o pai a desejava, teve relações sexuais com ela e que a gravidez foi fruto daquele incesto. Foi isso que contou à Golden, talvez ela própria acreditasse nisso, talvez tenha tido relações com...

Pensei... Quem eram os principais candidatos?

– Não me parece que tenha dormido com o Lutxo – escrevi depois de me lembrar daqueles dias tão longínquos –, nem com o Asier. Eles tinham outros gostos, nem sequer olhavam para ela. Talvez tenha ido para a cama com o Jota, ele era mais infantil do que nós, e eles os dois passaram algum tempo juntos. Talvez tenha tido alguma coisa com o Jota. – “Depois de a Annabel Lee ter acabado tudo com ele”, pensei. – Talvez por isso o tenha matado agora.

– E a Ana Belén Liaño?

– Talvez por ela ser a sua rival e ter dormido com o Jota, ou agora por ter engravidado dele. Talvez aqueles dias tenham marcado o desenvolvimento dela. Não sei por onde pode ir o pensamento de uma mente tão complicada que passou por vários traumas: a morte da mãe desequilibrava-a, isso é óbvio. Depois começou a sua fantasia doentia com o pai, a única referência que lhe restava. Alimentou a ideia de que o filho era de ambos, que seriam de novo uma família e ela substituiria o papel da mãe ausente. Depois, quando perdeu o bebé, tudo se voltou a desmoronar e tratou de fugir para não ser internada, ou com medo das consequências quando soubessem que o pai era o Jota.

– Ou talvez o tenha feito para proteger o Jota do escândalo – disse a minha colega.

– Pode ser. O Jota também era um miúdo e nesse ano perdeu o pai, um escândalo destes ainda o ia deixar mais em baixo, a família apertava muito com ele, e a Rebeca sabia.

– Se assim for, é uma boa notícia. Os crimes não são obra de um psicopata, não estamos a investigar um *serial killer*. Matou o Jota e a Ana Belén e já não vai matar mais. Isso faz com que não estejas em perigo.

– Esperemos que sim, mas não podemos descartar nada. São meras suposições – lembrei-a.

– Eu sei... só estava a dizer os meus desejos em voz alta – murmurou, concentrada. – Diz-me, Unai. Depois de tudo o que testemunhámos hoje... achas que a Rebeca pode ser a assassina?

– Ainda me custa a acreditar que uma mulher possa ter força suficiente para pendurar alguém numa árvore de cabeça para baixo.

– A Golden fê-lo há vinte anos com a Rebeca – objetou Estíbaliz.

– Era uma miúda de catorze anos e a Golden era uma adulta. Não conta.

Estíbaliz olhou-me com um olhar desafiador. Não percebi a sua expressão.

– Sabes? – disse. – No outro dia disseste-me que a amizade move o mundo. Isso fez-me pensar. Na verdade, não é a amizade, mas sim a alavanca.

– A alavanca?

– Sim, Arquimedes disse: “Dá-me um ponto de apoio e moverei o mundo.”

– Continuo sem perceber, e olha que estou a tentar.

– Vamos a Villaverde. Explico-te lá, quando te puser de cabeça para baixo.

A horta do avô

10 de janeiro de 2017, terça-feira

O avô emprestou a Estíbaliz uma corda de vários metros e ela saiu sozinha para a horta, depois de me ordenar: “Vai lá ter daqui a quinze minutos”. Fiquei na cozinha com o avô, que estava muito calado, mais do que o habitual.

– Que se passa? – perguntei-lhe.

– Anda, sobe comigo lá acima, filho. Tenho de te contar uma coisa – respondeu na sua voz rouca.

Segui-o pelo corredor e pelas velhas escadas de madeira que nos levaram ao piso superior.

Ficou a olhar para as peles de raposa que estavam penduradas suspensas nos ganchos de ferro das vigas e apontou como se aquilo me fosse dizer alguma coisa.

– Acho que alguém veio cá acima e andou a bisbilhotar – disse finalmente.

– Alguém? Mas quem?

– Se eu soubesse dizia-te, filho.

– Avô, explica-te – pedi-lhe, um pouco preocupado.

– Estas peles estão no mesmo sítio há mais de cinquenta anos, e só eu, tu e o teu irmão é que vimos cá acima desde que ficámos sozinhos. Nunca tropeçámos nelas nem as mudámos de lugar. Mas alguém subiu há pouco tempo e duas delas estão ao contrário.

Era verdade; eu não me tinha apercebido antes, mas não estavam paralelas à parede, e sim na diagonal.

– O vento.

– Qual vento qual carapuça, estão tesas que nem um carapau e o vento nunca as mexeu um milímetro. Filho, não gosto de te preocupar, mas alguém veio aqui e não é da família. Anda – ordenou-me, e aproximámo-nos das caixas onde eu guardava recordações e vidas passadas.

– Estão todas fechadas como tu as deixaste, mas a do verão de 1992 está um pouco aberta.

– É verdade – reconheci ao aproximar-me.

E eu tinha a certeza de que tinha fechado bem aquela caixa depois da reunião com a minha equipa. Fazia-o sempre, para que o interior não se enchesse de pó.

– Diz respeito ao caso que estás a investigar agora? – perguntou atrás de mim.

– Sim, avô. Isto não é uma coincidência – disse e peguei na primeira foto, pensativo.

A foto de grupo em que estávamos todos: o meu grupo de amigos, Saúl, Rebeca, Annabel e alguns alunos da universidade, entre eles Marian, com a sua *t-shirt* vermelha dos Jogos Olímpicos de Barcelona.

O avô aproximou-se e também a observou, mas não tirou os óculos do bolso da camisa, por isso eu sabia que ele só estava a ver caras desfocadas.

– Avô, qual é a tua opinião sobre um homem que ficou viúvo e perdeu as suas duas filhas?

O avô ficou tenso por momentos e pigarreou antes de falar.

– Pensava que tu e a Paula esperavam um menino e uma menina.

No início não compreendi. Não compreendi que eu e Saúl partilhávamos um passado negro e que o avô confundiu as nossas biografias.

– Não estava a referir-me a mim. Falava do caso em que estou a trabalhar – tive de o esclarecer, incomodado.

Resumi-lhe a história de Saúl Tovar e pedi-lhe que pusesse os óculos para lhe mostrar quem era quem na foto.

– Estás a perguntar-me se acho que o teu professor é um assassino por ter perdido as três mulheres da sua família?

– O que te parece, visto de fora? – perguntei.

O avô pensou por momentos antes de responder.

– Pode ter alguma coisa que ver com as mortes delas sem ser o assassino. Há homens com defeitos ou com pecados que provocam a desgraça das pessoas à sua volta, sem serem eles a disparar a arma, se é que me faço entender.

– Não, não estou a perceber, avô.

– Sabes, conheci um homem antes de ir para a frente de batalha, em 1936. Fazia negócios com ele quando levava cereais a Laguardia. Não era má pessoa, mas era fraco, um bêbedor que não sabia dizer que não a uma garrafa, mesmo que fosse de vinagre. Levou a família à ruína, durante o pós-guerra passaram muita fome. A mulher teve uma doença pulmonar, o filho mais velho foi para Irún como camionista, mas saiu torcido, começou a contrabandear pacotes na fronteira e morreu numa briga muito longe de casa. O mais novo saiu fraco como o pai, tinha sempre depressões, e encontraram-no no rio Ebro, com uma corda ao pescoço e uma pedra pendurada na ponta. O pai não os matou, nem tinha intenção de o fazer, mas a verdade é que toda a família está enterrada no cemitério antes de ter chegado a sua hora. Percebes o que te quero dizer? Parece

ser o caso do tal Saúl. Nunca falámos sobre isso, mas voltaste muito diferente daquela colónia de férias na Cantábria.

– Diferente como?

– Foste um rapaz e voltaste um homem. Eu já sabia que não serias engenheiro, que o que aconteceu àquela rapariga... Mas tens de deixar ir, filho, já levas um grande peso aos ombros.

“Talvez, avô, mas talvez agora seja precisamente quando não devo deixar ir. Talvez agora seja o momento em que tenho de averiguar o que aconteceu exatamente naquele domingo de julho naquela falésia.”

– A rapariga, do acidente... Uma vez disseste-me que foi esta, não é verdade?

– disse depois de pôr os óculos e apontar para a foto.

O avô era muito bom fisionomista, daqueles que na missa anual na ermida de Okon a 15 de agosto, quando todas as pessoas das aldeias da montanha de Álava se juntavam, deduzia que este de Navarrete era primo do dos doces de Urtari, e que aquele *franganote* de Villafria não podia ser filho da Antonia e do Mauleón porque não era nada parecido com eles.

Assenti ao olhar para a imagem.

– E tens a certeza de que essa rapariga morreu?

– Claro que tenho, levaram-na para a morgue, avô. Não se sai de lá a andar.

– É que.. é que essa cara é muito parecida com a de alguém que eu vi há pouco tempo, mas não te sei dizer onde. Mas vi-a.

E eu acreditei nele. Não fazia sentido nenhum para mim, mas a vida tinha-me ensinado a nunca questionar as verdades absolutas do avô. Guardei aquela informação de reserva, para o caso de me ser útil no futuro.

– Ninguém me ouviu? – interrompeu-nos uma voz de pardal atrás de nós, apoiada na parede.

– Desculpa, Estíbaliz. Não te ouvimos subir.

– Já estou há algum tempo a chamar-vos lá de fora. Claro que com estas paredes... Vamos, Unai, lá para fora. E que o teu avô nos acompanhe, caso alguma coisa dê para o torto e eu precise de alguém forte de verdade.

– Tu mandas, chefe.

Seguimos Estíbaliz até à horta do avô, e ela pediu-nos para ficarmos debaixo da enorme pereira, uma árvore que tinha muitas décadas de vida, talvez até mais de cem anos. Não sei, já era enorme quando eu era pequeno e tinha ramos grossos o suficiente para brincarmos aos enforcados.

– Imagina que te disparo com uma arma *Taser* e que caís ao chão – disse-me Esti. – Os teus músculos não reagem durante vários minutos. O teu sistema central está fundido, estás à minha mercê. Deita-te no chão.

– Isso é mesmo necessário?

– Lembra-te de que agora estás à minha inteira disposição. Senão esta experiência não funciona.

Deitei-me entre duas fileiras de alhos-franceses.

Esti passou a corda à volta dos meus tornozelos e apertou-a com força, com mão de especialista. Não gostei de me sentir imobilizado, fazia-me lembrar o que Nancho me fizera, e eu não me queria lembrar de Nancho.

– Agora vou virar-te, não te podes defender, e amarro-te as mãos atrás das costas.

Comi um pedaço de terra quando Estíbaliz me virou, um pouco brusca. Olhei além das folhas das couves-flores e vi que o avô estava a rir-se a bandeiras despregadas com a cena.

– Sim, vou ser o polícia – disse, divertido.

– Não piores as coisas, avô – implorei, irritado.

– Agora vem a minha demonstração empírica de que, usando o ramo da árvore como ponto de apoio para uma alavanca, qualquer pessoa pode levantar um peso maior do que o seu: vamos ver um peso pluma a fazer levitar um kraken – disse Estíbaliz, e atirou a corda para cima do ramo mais robusto da pereira, a mesma a que eu subira centenas de vezes quando era criança e que tinha resina pegajosa nos nós.

Depois afastou-se da árvore e começou a elevar-me puxando pela corda sem grande esforço.

– Se ficares maldisposto ou te doer a cabeça, diz-me logo, não quero deslocar nada aí dentro – gritou-me, concentrada em segurar na corda.

Pôs-me de cabeça para baixo e pude ver o meu mundo invertido. A serra à altura da minha cabeça e o céu com as suas nuvens aos meus pés.

Era estranha aquela mudança de perspetiva. Talvez fosse uma indireta da vida para que eu me aplicasse na minha história.

– Demonstrado! – gritou Estíbaliz, triunfante.

– Muito bem, agora baixa-me! Com carinho, com muito carinho – pedi-lhe aos gritos.

Não contava com o efeito secundário do sangue a descer-me para o cérebro devido às leis da gravidade, e senti a cara quente e um peso que não me agradava nada no sítio onde outrora se alojara uma bala.

Esti não deve ter ouvido a parte de me descer com carinho ou as leis da física impuseram-se e foi incapaz de baixar o meu peso mantendo uma velocidade constante. A corda deu um puxão, ela soltou-a e eu caí no meio dos alhos-franceses.

– Filha, que raio de maneira de o fazeres aterrar. Destruíste-me o jantar de hoje – disse o avô, que se apressou a vir em meu auxílio sem saber se havia de fazer

cara de gozo ou de preocupação. – Estás bem?

– Muito bem, avô. Não foi nada.

Esti pegou na corda e tirou-a com uma expressão de triunfo no olhar.

– Ficou demonstrado que posso fazer subir o peso de alguém três vezes mais pesado do que eu. A assassina pode ser uma mulher sozinha. Esquece a teoria dos três encapuzados. A *Taser* compensa o corpo a corpo, a alavanca compensa a diferença de tamanho e quando a assassina os mergulha de cabeça no caldeirão, ou seja lá o que fez com o Jota, já os tem completamente neutralizados e não precisa de usar a força. Os Celtas não sabiam nada.

O avô, sempre discreto, pegou na corda enrolada que Estíbaliz lhe passou e desapareceu silenciosamente pelas escadas esculpidas na pedra da horta.

Ele dizia sempre que era assim que se iria: calado e a assobiar. Eu sabia que era mentira, que ele não se iria nunca, mas ninguém se atrevia a contradizê-lo.

– Creio que a Rebeca se aproximou da Annabel quando soube que ela estava grávida. Acho que se tornaram amigas, subiu à montanha com ela, sacou-lhe a informação de quem era o pai e a seguir matou o Jota. Num sábado à noite, bêbedo, era fácil que acompanhasse uma rapariga a casa – disse Estíbaliz.

“Então tenho de mudar o perfil”, pensei, convencido pela demonstração irrefutável da minha colega. “Riscar o homem ou homens, e assumir que possa ter sido a Rebeca, ou a mulher em quem se transformou, a autora das mortes da Ana Belén e do Jota.”

Mas como tirar a máscara a alguém que se preparou durante anos para nos assombrar?

O palácio Conde de San Diego

19 de julho de 1992, domingo

Uma última investida das ondas empurrou-o vários metros na direção do urro de Manzano. Urrai agarrou-se como pôde ao corpo da jovem com um braço. Com o outro impulsionou-se e alcançou a rocha. Puxou o corpo inerte de Marian para junto dele e percebeu, aterrado, que a rapariga estava morta ou inconsciente.

Também percebeu, claramente, que não sairia dali vivo sem ajuda.

Que não tinha guardado forças para voltar a terra, e muito menos arrastando uma carga tão pesada como o corpo da jovem...

... e não parava de chover.

Unai abraçou-se à estudante, e aquele abraço, de vida e de morte, era muito diferente do que tinha dado minutos antes a Annabel Lee, que lhe pareceu deslavado, supérfluo, normal.

Quando se sentiu suficientemente estável, atreveu-se a levantar a cabeça e viu que o grupo em terra tinha apenas três membros.

Unai adivinhou, desejou, ansiou que Saúl e Annabel tivessem ido a correr buscar ajuda.

E sim, a ajuda chegou, dizem que quarenta minutos depois.

Nessa altura, os braços de Unai estavam todos esfolados por estarem agarrados à rocha cortante do urro e por segurarem o corpo frio de Marian.

Mantiveram-no em observação durante algumas horas e levaram Marian para a morgue.

Unai insistiu para que não avisassem o avô. Colocaram-lhe ligaduras nos braços e os amigos visitaram-no no quarto.

Nenhum dos quatro se olhou nos olhos. Tinha sido tudo demasiado violento.

Lutxo ainda tentou dizer uma piada sobre um kraken e uma múmia, mas não funcionou.

Ao fim de algum tempo bastante desconfortável, eles foram-se embora em silêncio, um pouco impotentes e desajeitados.

– Disseram que já te podes vestir para nos irmos embora. O Saúl vem buscar-te com a Annabel. Vão trazer-te roupa seca – disse Jota, a sussurrar, como se

estivesse na missa.

Unai olhou-o de soslaio e soube que ele tinha acabado com as reservas de vinho tinto que restavam no armazém do casarão, destinadas a um *kalimotxo* planeado que nunca se chegou a preparar porque ficaram sem dinheiro para a *Coca-Cola*.

“Não te inibas, Jota. Hoje é o dia, para quê parar?”, quis dizer-lhe com raiva.

Mas tinha demasiadas questões na cabeça para começar por aquele que fora, até há escassas três semanas, o seu melhor amigo desde a infância.

Os amigos foram-se embora, carrancudos e silenciosos, e Unai esperou, deitado na cama estreita, pela visita seguinte.

– Os médicos disseram que a Marian sofreu um traumatismo muito violento, morreu por causa de uma das pancadas na cabeça ao cair. Não se afogou no mar – informou-o Saúl Tovar, sentado aos pés da cama. – O que te estou a tentar dizer é que não podias ter feito nada por ela. Já estava morta. É muito comum acontecer a quem cai em falésias.

Unai ouviu as frases lapidares como se fossem uma sentença, também não conseguia olhar para Saúl naquele dia.

O professor captou as cambiantes de irritação do jovem.

– Nem toda a gente tem instinto de herói como tu. Devias ser polícia, mas não podes guardar rancor das outras pessoas, têm direito a ser cobardes – disse, fechando a sua mão enorme à volta do tornozelo de Unai como se fosse uma pulseira. Pretendia ser um gesto para lhe dar força e confiança, mas Unai não gostou.

Não gostou nada.

– E o Saúl? – limitou-se a perguntar.

– Eu tenho uma filha de treze anos. Pensei nela e em não a deixar sozinha no mundo com uma família de acolhimento.

Unai corou até às orelhas.

– Desculpe, fui demasiado duro a julgá-lo.

– Desculpas aceites – respondeu ele um pouco seco, talvez cansado dos acontecimentos de um dia tão lúgubre. – Anda, veste-te.

E deixou-lhe a muda de roupa, as calças de ganga e uma *t-shirt* que não combinava lá muito. “Bom”, pensou Unai, “a única coisa que quero é sair daqui e tirar estes pensos...”

Vestiu-se à frente do professor, que o olhava fixamente, sem melindres, e nesse momento entrou Annabel, que também não se importou porque já tinha visto antes tudo o que havia para ver.

– Deixo-vos sozinhos. Não se demorem – disse Saúl antes de sair, severo –, porque têm de apanhar o comboio de volta para Vitoria e já estamos atrasados.

Ficaram a sós, os recém-estreados amantes, ambos em silêncio, sem saberem muito bem o que dizer.

– Quase que lixaste o que nós temos – disse ela finalmente.

– Desculpa? – perguntou Unai sem compreender.

– Por pouco morrias no mar ruidoso. Não é assim o poema. Quem morre primeiro sou eu. E tu lançaste-te para salvar uma morta.

– Ela não estava morta – interrompeu-a com um grito.

– Ela estava morta, arriscaste o que temos por nada.

“Já chega. Por hoje já chega.”

– Falas como uma lunática – rebentou. – Não posso acreditar que sejas tão cínica. Hoje morreu uma rapariga e não fizeram nada para a salvar.

– Mas tu, sim, não podias ficar quieto, tinhas de ser o herói.

– Não, tinha de a salvar. Ponto final.

– Então é isso – murmurou ela no seu mundo, sempre no seu mundo. – É isso que tu és...

– Hoje não estou com paciência para os teus enigmas, Ana Belén – disse ele, levantando-se do colchão e dirigindo-se para a porta.

Queria deixar para trás aquele quarto branco, aquele acampamento, aquele cheiro a maldade e cinismo que Annabel Lee usava sempre preso às botas.

– Não te dás conta? Nascestes para salvar vidas, e não te estou a dizer para te tornares nadador-salvador.

Na verdade, foi isso que Unai fez durante o que restava do verão. Apresentou-se na Câmara Municipal de Bernedo e conseguiu ser nadador-salvador nas piscinas geladas da vila, que, por estarem do lado norte da montanha, a água custava a aquecer e só eram boas para corajosos.

Anos depois, quando Unai terminou o curso, um pouco desmotivado pelas perspetivas laborais que não o entusiasmavam, estourou o duplo crime do dólmen.

E ele ficou obcecado. No início, pelo aspeto histórico dos assassínios quando as segundas vítimas apareceram no povoado celtibérico de La Hoya, perto de Laguardia. Depois por causa de Tasio Ortiz de Zárate, o seu herói particular, e quando deu por isso, só pensava, falava e sonhava com a investigação policial. E lembrou-se das palavras de Annabel Lee:

– Nascestes para salvar vidas, está dentro de ti e para isso é preciso vocação. Acredita, alguns namorados da minha mãe eram polícias, e só vivem para isso. Tudo o resto é secundário.

Unai preocupava-se por causa do seu perfil obsessivo.

Achou que era melhor usá-lo numa causa que o deixasse dormir de noite, e não se deixar perder por labirintos escuros como os de Jota e a sua tão ansiada

criatividade. Ou os de Asier: o dinheiro. Ou o complexo de inferioridade de Lutxo, que o obrigava a ser extremamente competitivo com tudo e todos, a começar por si mesmo.

Nenhum daqueles era o seu objetivo, até lhe eram bastante indiferentes: criatividade, dinheiro, ego.

Por isso, e também por causa do seu passado familiar que ainda doía por dentro, percebeu claramente: investigação criminal.

...

Quando regressaram ao palácio Conde de San Diego, em Cabezón de la Sal, o ambiente era sombrio e não havia espaço nem humor para abraços de despedida.

Os cinco vitorianos, o grupo de Unai e Annabel, puseram as mochilas no porta-bagagens do minibus e Saúl levou-os num silêncio tenso até à estação de comboios.

A verdade é que todos queriam deixar para trás aquele palácio. Esquecer as últimas horas, as últimas semanas. Todos e cada um deles juraram nunca mais voltar àquele lugar, como se o palácio estivesse amaldiçoado e fosse culpado de todos os acontecimentos.

Unai teve alguns segundos para se despedir de Rebeca, que olhou com olhos aterrados para as ligaduras que envolviam os braços do jovem.

– Sinto muito o que te aconteceu, Unai – disse na sua voz de pintainho.

– A culpa não foi tua – respondeu ele, e encolheu os ombros. Aquele gesto doeu-lhe, mas disfarçou diante da jovem.

– Sim, claro, eu sei... – limitou-se a dizer ela, baixando a cabeça.

– É verdade, eu e tu temos uma conversa pendente – lembrou-se Unai.

– Não! – interrompeu-o ela, dando um pequeno grito. – Não, não te preocupes, não é nada, a sério. Eu estou bem, está tudo bem. Não há nada para contar.

Unai não percebeu bem aquele ataque de verborreia de Rebeca, mas sorriu-lhe porque era isso o esperado dele e deu-lhe dois beijos na cara.

Ela afastou-se, um pouco tímida, porque o pai dela os observava à distância, enquanto fingia falar distraidamente com Lutxo e com Asier.

Jota aproximou-se de Rebeca e Unai nesse momento, tinha posto a sua mochila da *Levi's* nas entranhas do minibus e também se queria despedir da menina.

– Bem, muito obrigado por tudo, por me teres ensinado a tapar a cabana, a fazer barro para as paredes... e por tudo, Beca – disse ele, cúmplice. Aproximou-se dela, que lhe dava um pouco de pena, e deu-lhe a mão para a ajudar a descer o passeio.

Saúl não gostou daquele pormenor e da cumplicidade que existia entre eles.

Era normal, de qualquer forma.

Nenhum pai, por mais jovem e compreensivo que seja, gosta de ver a sua filha de treze anos a dar a mão a um rapaz de dezasseis.

O Portalón

10 de janeiro de 2017, terça-feira

Estíbaliz andava de um lado para o outro na horta do avô como uma barata tonta. Tive de a parar pondo-lhe as mãos nos ombros. Só então ficou quieta e me olhou nos olhos.

– Passa-se mais alguma coisa, não passa? – perguntei.

– Unai, quero falar contigo sobre uma coisa, mas estou tão paranoica com tudo isto dos telemóveis e dos teus *hackers* – disse Estíbaliz.

– Diz-me.

– Não vamos entrar na internet para te mostrar, não me fio em nada, acho que até eu posso estar a ser seguida, por isso vais ter de confiar na minha palavra.

– Confio. Sempre – respondi, incrédulo.

– Bem, talvez um lugar tão remoto e com pouca ligação à internet como esta horta seja o melhor sítio para to contar. Vamos sentar-nos.

Apontei para o pequeno muro de pedras que separava a horta do avô da do Aquilino e sentámo-nos, apesar de as pedras estarem geladas e o musgo seco como um esfregão, devido ao frio de janeiro.

– Trata-se da conta de Facebook da Annabel Lee. Mandeí a Milán procurar a misteriosa amiga que se aproximou dela há uns meses, mas ela ainda não me deu um nome. É a primeira vez que a Milán me falha em algo tecnológico: entrega-me sempre a informação que lhe peço quase no mesmo instante, como se não tivesse mais nada para fazer na vida.

– E isso é bom, certo?

– É muito bom. Ela é fora de série. É por isso que não compreendo como é que não encontrou um nome, Genebra, que chama muito a atenção. É uma utilizadora que começou a escrever comentários no mural da Ana Belén, depois de ela ter anunciado a sua gravidez. Pode seguir-se o rasto das suas conversas públicas, com um pouco de paciência, até ao momento em que combinam falar em privado. O mais curioso é que o perfil dessa Genebra é falso. Mal tem atividade, não há fotos de ninguém que confirme a identidade dela, só imagens góticas,

possivelmente tiradas da internet para agradar aos gostos da Ana Belén. Aparece a informação de que é de Vitoria, mas pouco mais.

– Aonde queres chegar?

– Que estava perfeitamente ao alcance dos conhecimentos da Milán encontrar esta conta falsa mais do que suspeita. Se eu a consegui encontrar após uma busca de várias horas. Não paro de me perguntar por que razão a Milán me falhou precisamente neste assunto da amiga misteriosa, pois provavelmente foi com ela que a Annabel deu o último passeio em San Adrián.

– A Golden disse-me uma coisa... uma referência aos nomes – recordei-me um pouco inquieto.

– Os nomes?

– Sim, que começasse pelos nomes, que para a Rebeca tudo tem um significado. Já te apercebeste?

– De quê?

– A Golden disse que ela e a Rebeca viveram, além de Amesterdão, em Milão, Genebra...

– Os seus nomes... Milán¹¹, Genebra... São os nomes dos lugares onde a Rebeca viveu.

– Mas é mais do que isso. O Saúl... – Arrepiei-me, devia ser por causa do frio.

– O Saúl disse que visitou com a Rebeca uma exposição sobre múmias dos pântanos em Milão, e que foi muito especial para ambos.

Estíbaliz ficou a pensar durante um momento, levantou a cabeça, os ramos nus da pereira do avô silvavam sobre nós por causa do vento.

– A Milán é boa pessoa, tudo isto são estranhas coincidências, e eu e tu estamos paranoicos – disse lentamente, com os olhos fechados e a cabeça encostada à velha árvore.

Em parte para me convencer, em parte como um desejo lançado ao céu.

Milán fazia-me lembrar alguém, alguém do meu passado. Soube-o desde o primeiro momento em que ma apresentaram, mas continuava sem saber a origem daquela incómoda sensação.

– Vamos então voltar para Vitoria – disse Esti. – Vou falar com a Alba, ela tem acesso ao histórico da Milán, vou contar-lhe as nossas... não são suspeitas, pois não, Unai? Só nos queremos proteger.

– Sim, vamos regressar. Eu também quero fazer uma visita a uma pessoa.

:::

Assim que cheguei a Vitoria, liguei-lhe do meu antigo telemóvel. Asier era um dos que tinha ficado de fora da lista das pessoas da minha inteira confiança.

– Asier, preciso de falar contigo agora.

– Agora é impossível, amigo – interrompeu-me. – Estou a almoçar no Portalón com um fornecedor farmacêutico.

– Não saias daí quando acabarem, estou a caminho. Quando chegar, conversamos. – E desliguei, para não lhe dar oportunidade de escapar ao nosso encontro forçado.

Dirigi-me ao final da rua Correría, na parte norte da Amêndoa Medieval, em frente à praça da Burullería, a uma antiga estação de mala-posta agora transformada em restaurante a funcionar há mais de seiscentos anos. O lugar discreto que eu precisava para falar de assuntos igualmente discretos.

Atravessei a entrada sob um arco de pedra e perguntei pelo meu amigo já no interior, uma empregada de mesa vestida de *neska* mandou-me subir as escadas para uma vetusta sala de jantar com vigas de carvalho junto à antiga capela da mala-posta.

Asier já estava sozinho, tinha despachado o comercial e esperava-me pacientemente, a julgar pelo seu semblante. Achei-o com mau aspeto. O ano novo não lhe estava a assentar bem, nem o peso dos seus recentes milhões, ou talvez o seu casamento estivesse a desmoronar-se por causa do stresse. Não tinha a certeza.

– Como está a tua cabeça? – cumprimentou-me. – Passaste a véspera de Natal no hospital.

– Passei-a a ver *Os Suspeitos do Costume*. – “Com a Alba”, omiti. – Não foi um mau programa.

– Esse filme é mesmo bom. Sobretudo o que diz sobre o diabo.

Não percebi, devia ser por estarmos na hora da sesta.

– O que diz sobre o diabo?

– A frase de Baudelaire citada pela personagem de Verbal: “O maior truque do diabo foi convencer toda a gente de que não existia.”

Fiquei a olhar para ele em silêncio. Estava a falar-me do diabo e de truques? Tudo bem.

– Tenho de te fazer algumas perguntas – disse, pigarreando.

– Já imaginava. Ultimamente é difícil eu e tu combinarmos encontrarmo-nos para tomar um simples café. Anda, dispara, que daqui a uma hora tenho de estar na farmácia – disse-me um pouco mal-humorado.

– Quero que me contes tudo o que te lembras da Rebeca, a filha do Saúl.

– Ui... aquela miúda. – Fez um esgar de desagrado, não tinha memórias agradáveis.

– Aquela miúda o quê?

Asier começou a torcer entre os dedos um daqueles guardanapos mínimos de papel, e deixou-o como se fosse uma corda.

– Não tive grande contacto com ela. O que queres saber?

– Porque é que a tomaste de ponta e a evitavas. Eras muito hostil com ela.

– Vais prender-me por causa disso? – perguntou e levantou o sobrolho com uma certa petulância.

– Calma, Asier.

– Tens razão, desculpa. É que este assunto deixa-me nervoso. O passado estava tão bem no passado, não é verdade?

– Diz isso ao Jota.

Suspirou, magoei-o:

– De acordo: Rebeca. Vejamos. Ela era um pouco estranha, na primeira noite levou-me até à cozinha e começou a chorar. Contou-me uma história tão doentia que tive vontade de voltar para Vitoria. A verdade é que pensei: “Onde raio é que me vim meter?”

– O que é que ela te contou, Asier?

– Que o pai dela lhe tocava, assim, de repente. “Olá, chamo-me Rebeca e o meu pai toca-me onde não deve.” E que o pai e a tia dela eram namorados. Que ela confiou na tia, que era médica, para lhe contar que o pai lhe tocava de forma imprópria, e que foi a tia quem escreveu o relatório e que a internaram na ala psiquiátrica do Hospital de Valdecilla.

– Sim, isso já sabia – disse enquanto acabava de beber o meu *cappuccino*.

– A miúda contou-me, completamente histérica, que era tudo mentira, que não tinha inventado nada, e que se tinha apercebido de que o pai e a tia tinham sido namorados quando ficaram sozinhos no mundo, sem os avós. Não me lembro muito bem da história familiar, não estava a prestar atenção à informação, só me queria ir embora daquela cozinha e que o Saúl não me apanhasse naquela primeira noite com a filha a chorar desalmadamente.

– Procura lembrar-te, pode vir a ser-me útil.

– Que a sua avó esteve muitos anos acamada por causa de uma promessa a não sei que virgem, que ela não conheceu o avô, mas que em Santillana diziam que era um homem muito estranho, que morreram, que a sua tia era quase médica e que o seu pai, o Saúl, foi viver com ela. Era uma história de abusos e de incesto, pareceu-me saída de uma fantasia infantil. Além disso, a Rebeca defendia em parte o Saúl. Dizia um monte de merdas a respeito dele, mas na frase seguinte contradizia-se e jurava que o amava muito. Pareceu-me mesmo que tinha um parafuso a menos. Sei que o Saúl avisou o Jota para não acreditar nela, e o Jota disse-me que a miúda lhe tinha contado a mesma coisa, a ele e à Annabel. O Saúl parecia preocupado e afetado, tu terias acreditado nela? Também te contou a mesma história?

– Acho que me tentou contar, mas ficámos com uma conversa pendente.

“Que a morte da Marian arrancou pela raiz”, acrescentei na minha cabeça.

– Pois essa miúda estava louca e soava como louca.

– É verdade. O Saúl confirmou-nos o diagnóstico de transtorno de personalidade paranoide. – Respirei fundo e procurei ordenar as palavras. – Tinha o complexo de Electra, estava apaixonada pelo Saúl. Fazia aquilo para chamar a atenção dele.

– Sim, dava para perceber isso no acampamento.

– As tuas suspeitas eram verdadeiras – continuei. – Inventou os abusos e a relação incestuosa entre o pai e a tia.

– Caramba, que mente mais podre.

Assenti. Não gostava dos termos usados por Asier, mas estava basicamente de acordo com ele.

– O que importa isso agora? Não me contaste que mataram a miúda um ano depois?

– Está viva e pode vir atrás de nós.

– Como é que ela está viva?

– Vou perguntar-te algo privado. Já me negaste seres o pai do filho da Ana Belén, mas tu e a Ara estão à espera de um bebé?

Não lhe quis dar a informação de que Jota era o pai do filho que Annabel esperava. Em parte, porque era informação confidencial; em parte, porque quanto mais eu soubesse e menos ele soubesse, melhor podia gerir este jogo de estratégia em que as nossas conversas se tinham tornado.

– Que eu saiba, não. Já te contei quais são as minhas intenções em relação ao meu casamento moribundo assim que terminares a investigação, e eu tenha liberdade para mexer nesses milhões sem que me ataquem e eu acabe na prisão. Já o fizeram antes, o tal de Tasio passou vinte anos na sombra por causa da vossa incompetência.

Cerrei os dentes, não era o momento certo para o mandar passear... por enquanto.

– É por isso que é melhor responderes à minha pergunta, Asier, não quero passar pelo mesmo contigo. Tens a certeza... de que não vais ser pai?

– Não, Unai. A não ser que a Ara tenha engravidado e me tenha escondido.

– Mais alguém?

– Nem pensar. Estamos em Vitoria, Unai... E não me respondeste à minha pergunta: como assim, a Rebeca está viva?

– Temos o testemunho da cunhada do Saúl, a tia da Rebeca. Segundo ela, a Rebeca não morreu. – Parei para ganhar fôlego. Eram muitas frases seguidas. – Achamos que está viva e que matou a Annabel e o Jota. Conheceste ultimamente

alguma mulher que possa ser ela? Trinta e oito anos, boa formação, era morena, mas agora pode ter qualquer aspeto físico.

– A minha mulher – respondeu ele, e a sua voz soou como uma chicotada, pois ficou tenso de repente.

– Como assim, a Araceli?

– A minha mulher – repetiu em voz baixa. – A Araceli está aqui. Sê discreto, pode ser? Ela não tem de saber nada disto.

Foi então que compreendi. Araceli estava a poucos metros de nós, na soleira da sala de jantar privada. Há quanto tempo ali estava e quanto tinha ouvido?

Levantámo-nos ambos quando se aproximou, como crianças apanhadas em flagrante.

– O que fazes aqui? – perguntou Asier, antes de lhe dar um beijo tosco nos lábios.

Araceli cruzou os braços; eu achava-a cada vez mais parecida com Annabel, com aquele novo corte de cabelo. Será que Asier também via as semelhanças?

– Não posso vir visitar o meu marido?

– Mas hoje não estavas em... San Sebastian?

– Bilbao. Estava em Bilbao. Já acabei as aulas e disse para mim própria: “Vou fazer uma visita surpresa ao meu marido”, e vim ao restaurante onde vens todas as terças-feiras para ver se nos vemos de uma vez por todas. Fiz mal? Olá, Unai – disse-me, e deu-me dois beijos que cheiravam ao seu perfume, a flores. – Ainda não te tinha cumprimentado, desculpa. Estava a explicar ao meu marido porque decidi vir surpreendê-lo.

– Olá, Ara – limitei-me a dizer, não queria intrometer-me mais do que devia.

– Está tudo bem? – perguntou-nos. – Aconteceu alguma coisa? Estão com caras muito sérias.

– Tudo bem – disse, disfarçando o melhor que pude. – Sentia a falta de um pouco de normalidade com os meus amigos, só isso.

– Sim, eu também. Estamos todos muito estranhos. Não há maneira de nos juntarmos todos de novo. Mas é normal, depois de tantos funerais... Temos o índice de mortalidade mais alto de todos os grupos de amigos do Norte. Primeiro a Martina, agora o Jota...

– Isso era para ser uma piada? – interrompeu-a o marido.

– Tudo bem, deixa estar. Não há maneira de te animar.

– Já me estava a ir embora, amigos – apressei-me a dizer.

Felizmente, naquele momento tocou o meu telemóvel novo e retirei-me discretamente, depois de me despedir com cara de caso, e descí as escadas antes de atender a chamada de Estíbaliz.

– Unai, falei com a Alba acerca da Milán Martínez, e segundo a sua ficha, nasceu em Santander. É estranho, não achas? Nunca fez qualquer comentário a esse respeito e sempre evitou acompanhar-nos nas investigações que fizemos na Cantábria.

– Mas isso não é suficiente para suspeitar dela – disse. – Em que é que estás a pensar, Esti? Eu conheço-te.

– Que alguém te *hackeou* o telemóvel antigo e que tu mudaste para um novo, mas... só te peço para teres a mente aberta. E se a Rebeca está a seguir toda a investigação a partir do teu telemóvel novo?

– O que me estás a perguntar é... se a Rebeca é a Milán? Vamos falar com ela agora mesmo e vamos esclarecer tudo – disse, tentando pensar com algum bom senso. Apesar de não conseguir parar de pensar na frase que Asier dissera: “O melhor truque do diabo foi convencer toda a gente de que não existia.”

Se a Rebeca não estava morta, podia ser qualquer pessoa. Até mesmo... a Milán?

– Onde estás, Unai? Estou a ir para a torre dos Anda. Segundo a Alba, é essa morada que aparece como domicílio habitual da Milán Martínez.

– Eu estou mesmo em frente, a sair do Portalón. Espero por ti.

Passado pouco tempo, voltámos a reunir-nos debaixo do portão do imponente edifício medieval na praça da Burullería.

Estíbaliz tirou o telemóvel e marcou o número de Milán.

– Eu e o inspetor Ayala estamos a comer a sobremesa no Portalón e pensámos: vamos visitar a Milán, que me contou que tinha arrendado uma casa na torre dos Anda.

– Eu nunca lhe disse onde vivo, inspetora – ouvi Milán dizer com a sua voz áspera.

– Ah, não? Então deve ter sido o Peña.

– Não me parece – disse ela.

– Acontece que estamos aqui em baixo e temos curiosidade porque nunca conhecemos ninguém que vivesse na casa mais antiga de Vitoria. Podemos vê-la? Vou tocar à campainha, abres-nos a porta, por favor?

Milán demorou vários eternos segundos a abrir-nos o portão.

Quando chegámos à sua porta, no último andar, ouvimos o barulho de alguém a arrumar a casa à pressa e sem muito cuidado.

Estíbaliz, cautelosa, voltou a tocar à campainha.

Milán abriu-nos a porta em roupão, com o cabelo molhado e sem nada por baixo, e só nesse momento compreendi a incómoda sensação de familiaridade que tinha sempre que a via, bem como as dúvidas do avô: Milán não era Rebeca,

não podia ser, porque Milán era igual a Marian Martínez, a estudante de História que eu não consegui salvar há vinte e quatro anos.

[11](#)-Milán é Milão em castelhano. (N. da T.)

A torre dos Anda

10 de janeiro de 2017, terça-feira

Dei instintivamente um passo atrás. Ver Milán com o cabelo molhado fez-me lembrar demasiado a última imagem que tinha de Marian, nos meus braços, nas rochas do urro de Manzano.

– Marian? És a Marian?

Milán ficou muda perante a minha pergunta. Estíbaliz não estava a compreender nada.

– Quem é a Marian? – perguntou-nos.

– Não sou a Marian – afirmou Milán, com a mão ainda hesitante na maçaneta da porta. Será que nos ia fechar a porta na cara?

– És igual à Marian, só agora é que me dei conta – insisti. – Mais velha do que ela, mas...

– Mas não a Marian.

– Podemos falar com calma na tua sala, Milán? – interrompeu Estíbaliz, já com um pé no corredor.

– Claro, só não esperava que me fizessem uma visita, inspetores. Desculpem a desarrumação – murmurou e apertou com força o cinto do roupão.

Percorremos o corredor da casa centenária, mas ao passarmos diante de um dos quartos, tanto eu como Estíbaliz parámos hirtos.

A parede daquilo que era um simples escritório, sem outros objetos para além de um portátil ao centro, estava forrada com fotografias e *post-it* cor-de-rosa, verde e cor de laranja. Os cor-de-rosa para as fotos de Saúl Tovar. Eram dezenas. Fotos de Saúl na infância, em jovem, nos tempos do acampamento, e também a dar conferências ao longo dos vinte anos em que eu lhe tinha perdido o rasto. Mas ela não, pelo que nos contava aquele estranho *wonderwall*.

Os verdes para Asier, Lutxo, Jota e para mim. Tinha seguido momentos do grupo partilhados nas redes sociais, e todas as minhas aparições na imprensa durante o caso do duplo crime do dólmen. Fotografias que eu acreditava serem privadas forravam o escritório dela.

Os *post-it* cor de laranja assinalavam a cronologia da vida e morte de Annabel Lee. Acompanhavam a sua carreira no mundo da edição desde que começou a publicar, há mais de vinte anos. Apresentações, sessões de autógrafos, fotos com leitores. Tinha muito mais material gráfico do que nós dispúnhamos.

Aproximei-me da parede e arranquei uma fotografia igual à que eu tinha no sótão de Villaverde. Estávamos todos, mais novos, com menos peso nos ombros, sem saber o que nos ia acontecer apenas alguns dias mais tarde...

– Milán, tens de nos explicar isto – disse e voltei-me para ela com a foto na mão. – Ou melhor, Marian?

– Alguém me explica quem é a Marian? – gritou Estíbaliz.

– Era.

– Quem era? – insistiu a minha colega.

– Era a minha irmã mais velha. Morreu ou mataram-na no acampamento celta de 1992.

Foi então que compreendi: o ar familiar, os mesmos traços que já tinha visto antes. Olhos muito juntos, a constituição espartana feita para combate.

– Tua irmã? Não sabia que a Marian tinha uma irmã mais velha.

– Tinha família, inspetor Ayala. Vocês podem ter continuado com a vossa vida sem fazerem muitas perguntas. Mas ninguém deu explicações aos meus pais, que já eram mais velhos, e aquilo devastou-os, mas calaram-se para não incomodar. Mas eu era muito nova e fiquei sem... a minha irmã, que me estava a criar. Preciso de saber se foi um acidente, se a mataram, se ela se atirou... Ninguém pareceu preocupar-se muito com o que lhe aconteceu, simplesmente nos devolveram o cadáver dela num domingo à tarde.

– Espera, espera... como assim, se a mataram? Ela caiu do penhasco.

– Viu? – murmurou com raiva, arrancando-me a foto.

– Não.

– Alguém viu?

– O Saúl.

– Isso mesmo. O Saúl.

– Achas que o Saúl não nos contou a verdade, que ele a empurrou da falésia?

– Você foi o jovem que se atirou à água, estava perto de certeza. O que aconteceu realmente?

Recordei o que não queria recordar. Daquele dia só me lembrava da violência das ondas que me magoou os braços e como pesava o cadáver da irmã dela. Sensações muito físicas, isso foi tudo o que o meu cérebro registou. Mas como dizer-lhe isso?

– Eu e a Annabel estávamos sentados no cimo do penhasco, perto da praia de Portío. – Tive de me concentrar para dizer uma frase tão comprida. – A tua

irmã... Ela perguntou-nos pelo Saúl, furiosa, e foi falar com ele. Passado pouco tempo, vimo-la no mar, junto ao urro de Manzano.

– Como pôde cair? Ela não era idiota; não faz sentido que se suicidasse à frente do seu professor e convosco tão perto.

– O Saúl disse que foi uma rajada de vento.

– Havia vento nesse dia, inspetor?

– Tinha começado a chover, mas é verdade que não havia vento onde eu e a Annabel estávamos. Depois começou uma tempestade de verão que tornou o mar mais agitado.

– Acha mesmo que uma rajada de vento ia levar a minha irmã pelos ares? – gritou sem se conseguir conter.

Fiquei lívido. Nunca tinha parado para pensar na força que era precisa para desequilibrar uma pessoa de oitenta quilos.

– Já chega! – interrompeu-nos Estíbaliz, pondo-se no meio de nós. – Os dois. Vamos para a sala conversar calmamente. Vão explicar-me tudo bem explicado desde o início, para eu perceber.

E apesar de ambos sermos muito mais altos do que Estíbaliz, e de ela ocupar pouco espaço naquela sala, a verdade é que era difícil contestar a sua autoridade.

Obedecemos e acabámos sentados na pequena sala do apartamento de Milán. Das janelas via-se a praça da Burullería, o Portalón e o antigo Museu de Arqueologia, penso que era a zona mais medieval da cidade, era fácil perdermos naquelas vistas, mas nem eu nem Estíbaliz estávamos para distrações.

– Suponho que tenho muito que vos contar – balbuciou com a cabeça afundada no roupão.

– Imagino que nos vais contar que pediste para entrar na nossa Unidade quando apareceu o cadáver da Ana Belén Liaño.

– Isso mesmo. Eu tinha o inspetor Ayala sob controlo. Por causa da história do Kraken na imprensa e porque o único nome que deram aos meus pais foi o do rapaz que se lançou ao mar para resgatar o cadáver da minha irmã.

– Estava viva – repeti inconscientemente vinte e quatro anos depois.

– De certeza?

– Não... – tive de admitir. – Sempre me disseram que não estava, mas eu lancei-me ao mar porque achava que ela estava viva.

– Vamos lá acabar com isto de uma vez – interrompeu-nos Estíbaliz de novo. – Depois podem pôr a conversa em dia, mas, Milán, tens de compreender que eu tenho de esclarecer alguns assuntos contigo. Encontrei um perfil falso na conta de Facebook da Annabel Lee. Alguém que diz chamar-se Genebra e que encaixaria no perfil da amiga que se aproximou da vítima quando ela anunciou a sua gravidez. Porque é que não nos reportaste nada?

– Porque não é o único perfil falso que encontrei: Brianda, Alana... o inspetor Ayala disse-me para estar atenta aos nomes. Lembrei-me de rastrear todos os nomes de origem celta de seguidores que contactaram com ela. Até agora encontrei mais dois que não levam a lado nenhum, apesar de uma delas dizer que se chama Linett, que significa “ninfa”; a outra chama-se Begoña Kortajanera, como vê, o nome não diz muito, mas ambos os perfis são falsos, completamente falsos. Mas não quero incomodar os meus superiores até encontrar alguma coisa de concreto, estou a fazer mal?

Estíbaliz demorou alguns segundos antes de responder:

– Não, penso que fui eu quem se precipitou nas conclusões. Em todo o caso... tenho de te perguntar, Milán. Onde estavas no dia 17 de novembro de madrugada?

– Aqui em casa, a dormir. Como quase toda a gente.

– Mas não tens maneira de nos provar que estás a dizer a verdade.

– Não. Como quase toda a gente – repetiu com a sua lógica imbatível.

– Sim, e na noite de 3 para 4 de dezembro? Era um sábado, saíste? Alguém te viu?

Milán franziu a testa, nervosa. Inclinou-se para trás e apoiou-se nas costas do sofá.

– Isso não lhe posso dizer – respondeu e cruzou os braços no peito.

– Como assim, não me podes dizer? Alguém te viu ou ninguém te viu? – insistiu Estíbaliz.

– Não lhe posso dizer.

– Milán, é simples. Só tens de dizer se alguém pode corroborar que não estavas perto de Cuesta, te encontraste com José Javier Hueto e o mataste em Barbacana.

– Já lhe disse que não lhe posso dizer onde estive, nem se alguém me viu – repetiu obcecada.

– Ela não quer dizer nada para não me comprometer, inspetora – disse Peña, que saiu da porta da casa de banho, em frente à sala, nu.

Passada a surpresa inicial, Esti ficou a olhar com muito agrado, vários segundos mais do que ditava o decoro, para a penugem quase albina que Peña exibia no corpo.

– Subinspetor Peña, explique-se – tive de interromper, porque ninguém ia começar a falar.

– Porque estive comigo nesta casa toda a noite de sábado, a madrugada e o domingo inteiro. Podemos prová-lo, mas as fotos são um pouco fortes. Vai ser necessário?

A Malquerida

13 de janeiro de 2017, sexta-feira

Foi um dos piores dias do ano, apesar de janeiro ainda estar a começar. E não foi por ser uma sexta-feira 13. Não foi por isso.

O dia amanheceu frio, sem luz, um desses dias gelados em que um frio de morte se mete por baixo da roupa e não há agasalho capaz de aquecer o corpo ou o espírito. A minha cidade branca, mais branca do que nunca com a geada da madrugada.

Alba não quis dormir naquela noite em casa, deu-me uma desculpa de que não me lembro pelo WhatsApp do telemóvel novo e desligou. O resto das minhas mensagens nem lhe chegaram.

Tinha-a sentido fria e ausente comigo no trabalho nos últimos dias. Nenhuma química, nenhum piscar de olhos, nenhuma cumplicidade. Talvez a gravidez começasse a pesar-lhe, talvez a preocupasse a ameaça permanente de ter outro susto com a eclampsia, como o que vivemos. Aliviado com aquela explicação, comprei-lhe castanhas assadas e convidei-a para almoçar na La Malquerida, muito perto de casa. Fui expedito e não lhe dei hipótese de recusar. Era o que dava estar desesperado.

Esperei por ela num canto do bar, um pouco nervoso, com as castanhas a aquecerem-me as mãos geladas, perguntando-me se me ia dar uma tampa.

Mas apareceu. Alba apareceu, tão bonita como triste, com o seu sempiterno casaco de penas branco e comprido que a fazia parecer a dama do lago de algum conto medieval.

Cumprimentou-me, distraída, e todas as minhas tentativas de fazer conversa foram morrendo, uma a seguir à outra, até ficarmos presos a um espesso silêncio.

– Sabes por que razão esta esquina se chama La Malquerida? – perguntou distraída. – Por causa de um ilustre antepassado teu, Pedro López de Ayala, o comuneiro.

– Também tem um pouco de ti – lembrei-a –, ele foi conde de Salvatierra.

– Pelo que sei, parece que era má rês, até entrou numa disputa com a mãe, María Sarmiento, no século XV, por causa de umas terras, a sua segunda mulher

separou-se dele, apesar de terem filhos, e teve de procurar refúgio junto do seu maior rival, o deputado geral de Álava. E foi aqui, no beco que dá para a Porta de San Miguel que dizem que viveu a Malquerida – disse com uma certa amargura na voz.

– Deteto muita hostilidade, e não... não faço ideia do que se passa – disse-lhe, e estendi a mão, aquecida pelas castanhas, mas ela afastou-a.

– Unai, vamos para tua casa. Não quero testemunhas do que vou falar contigo.

– Sim, vamos para casa. Não sabia se querias subir – concordei.

Pagámos a conta apressadamente e subimos para a toca quente no terceiro andar.

E fechei a porta atrás de mim, mas naquele dia o calor da casa tinha-se perdido. Alba estava fria e não havia maneira de fazer subir a temperatura.

Fiquei parado em frente dela na sala, ela olhava com uma certa tristeza através da janela que dava para a praça da Virgen Blanca, como se estivesse a despedir-se daquelas vistas.

– O que se passa, Alba?

“Porque é óbvio que alguma coisa muito grave aconteceu.”

– O Tasio Ortiz de Zárate, o trigémeo do meu marido morto...

– Sim, eu sei quem é o Tasio – interrompi-a. Não precisava que me lembrasse do drama que escondia cada uma das suas palavras.

– O Tasio ligou-me. E enviou-me isto. Julga por ti mesmo – disse, e aproximou-me o ecrã do telemóvel.

Alba mostrou-me a imagem digitalizada de uma fotografia antiga. Dois bebés recém-nascidos, idênticos, que se aconchegavam muito juntos.

– Quem são esses?

– São o Tasio e o Ignacio.

– Mas porque é que o Tasio te mandou esta imagem?

– Diz-me tu, Unai.

Sim, tinha de lhe dizer, já o devia ter feito antes. E eu sabia.

– Falaste com o Tasio, contaste-lhe o que se passa connosco, disseste-lhe que estou grávida e que a filha que vou ter é nossa. Pediste-lhe para incluir essa parte da minha vida num guião de uma série que vai ser vista por milhares de pessoas, pelo amor de Deus! – gritou-me.

– Estava a proteger-vos – consegui dizer.

– À minha filha? É assim que a proteges? – disse, levantando a voz.

– Se o Tasio não incluir a nossa história de amor no guião, todos pensarão que a filha é do Nancho. Vai crescer com o estigma de ser filha de um assassino em série.

Alba olhou para mim incrédula e impotente. Nunca a tinha visto daquela maneira, completamente fora de si.

– Devias ter-me perguntado primeiro! – gritou de novo. – É isso que fazem os casais, Unai. Mas parece que te esqueceste do que é conviver com alguém. O que fizeste tem consequências para mim e para a bebé. O Tasio não se ficou por aí.

– Não percebo.

– Pediu-me para fazer um teste de ADN quando ela nascer: ele e o Ignacio querem saber se ela é sobrinha deles. Dizem que nunca pensaram em ter descendência e que lhe querem legar todo o património dos Ortiz de Zárate, apesar de saberem que são filhos bastardos do doutor Urbina; mas não têm mais família viva e por isso preferiram esconder esse facto e ficar com a fortuna familiar.

– O... o que foi que disseste?

– Expliquei ao Tasio que não quero fazer um teste de paternidade à minha filha, que a vou criar como sendo tua filha, e que essa será a história que lhe vou contar. Mas o Tasio insiste em que quer estar presente na vida da sobrinha. E eu... não quero que a minha filha tenha a menor dúvida de que não é filha do Nancho, mas com o Tasio e o Ignacio empenhados em desempenhar o papel de tios... Como raios é que vou impedir isso? Irra! Pensaste nisso quando decidiste ligar-lhe sem me consultar? Pensaste em como iria destruir a nossa vida, a minha e a da minha filha?

– Só pensei que prefiro que toda a gente pense que é minha filha, mesmo que isso me ponha em perigo em relação à louca da Rebeca.

– A louca da Rebeca... Nem sequer consigo pensar nisso agora, em como podes ser tão estúpido para te pões na mira dessa maluca publicamente. Gostas disso, queres acabar pendurado, com a cabeça enfiada num caldeirão.

– Cuidado, Alba – avisei-a.

– Cuidado, dizes. Tu é que devias ter cuidado. Desde que permiti que fizesses parte desta investigação, não só não me deste um único suspeito para apresentar ao juiz, como nos colocas a todos em perigo com as tuas asneiradas.

– Eu sou assim, Alba! Como podes ver. Sou impulsivo, não penso nas... nas coisas, quando se trata de ti. Foi assim desde o princípio. – Respirei fundo, procurei focar-me. Não funcionou. – Arrependo-me muito da forma, mas não do que fiz – continuei, para quê parar? – Não faço tenções de deixar que meio mundo pense que é filha de um assassino em série.

– Estou farta! Não somos um casal, nunca chegámos a ser, e muito menos uma família. Continuas a fazer o que te dá na gana, não só com a investigação. Não sabes trabalhar em equipa e também não sabes funcionar como casal. Não pretendo deixar que continues a tomar decisões que me dizem respeito sem me

consultares. Estás a decidir por todos, por mim e pela minha filha. Estás a repartir-nos como se fôssemos um cromo ou um despojo de guerra. Tens de decidir se vais entrar na vida dela, ou sair... Estás realmente a pensar nas necessidades dela ou nas vossas carências afetivas?

– Não me metas no mesmo saco do Tasio! – rugi fora de mim.

Foi então que ela pegou no seu casaco branco, colocou-o nos ombros e ficou parada a alguns metros de mim.

– Isto é um adeus, Unai – disse, e eu sabia que a sua decisão já estava tomada.

– Cansei-me de tentar. Podes ver a bebé, podes criá-la, vamos fazê-lo juntos, mas cada um na sua casa e com a sua vida, como pais separados.

“Fantástico”, pensei. “Fomos um casal durante milésimos de segundo e vou ser pai solteiro.”

Mas Alba desapareceu, mais Branca do que nunca, e pareceu-me ser de novo a desconhecida que nunca cheguei a conhecer de todo numa madrugada de *jogging* poucos metros mais abaixo, no varandim da igreja de San Miguel.

...

Peguei no meu antigo telemóvel a espumar pela boca, no novo não tinha o número de telefone dela e não queria que MatuSalem me seguisse ali também.

– Não há maneira de me deixares dormir em paz uma única noite... Sabes que horas são em Los Angeles, Kraken? – disse Tasio num tom áspero, a dez mil quilómetros da Virgen Blanca.

– Não sei nem me interessa.

– Ah...! – Demorou uns segundos, mas pareceu compreender. – A Alba, suponho.

“Sim, amigo. A Alba.”

– Vou direto ao cerne da questão – disse-lhe. – Não tens direito nem podes impor a tua presença na vida dessa criança.

– Posso ir a tribunal e exigir um teste de paternidade, como bem sabes.

– Serias capaz de fazer isso?

– Quero estar presente, Kraken. Quero fazer parte da vida dela. E dar-lhe o que negámos ao pai dela, ao Nancho.

– Não uses a minha filha para saldar as tuas dívidas pendentes.

– Prova que é tua filha e então não terei qualquer direito sobre ela.

– Sabes que a Alba não quer fazer o teste. Quem me dera que o fizesse, acredita em mim. Mas eu quero criá-la, e nesta altura não me importa quem é o pai biológico.

– Ao contrário de mim. A mim importa-me muito quem for o pai biológico, porque, se tivessem a certeza, não estaríamos envolvidos nesta discussão tão

abstrata. Vou ser muito claro: quero que ela seja uma Ortiz de Zárate e que use orgulhosamente o nosso apelido.

– Nem sequer tu és, e não sei qual é o mal dos nossos apelidos.

– Não me lixes, Kraken, que te posso fazer muito mal. Ainda não acabei o guião – replicou, e era de novo o mesmo recluso duro que um dia conheci atrás das grades.

– Não me ameaces – avisei-o. – Deixei o teu *hacker* meter-se na minha vida, espiar-me, e não vos denunciarei... e agora fazes-me a folha? O que entendes tu por lealdade? O MatuSalem devia dar-te algumas lições.

– Não quando se trata do meu sangue.

E ele a insistir.

– Não te vou lembrar como trataste o Nancho, o teu próprio sangue, quando ele foi ter convosco.

– Precisamente – respondeu.

Tínhamos chegado a um beco sem saída, é o que acontece quando se está tão alterado. Procurei respirar fundo, mas nunca funcionava comigo quando estava tão mal como naquela sexta-feira 13.

Tinha de procurar outra estratégia, tentar que ele fosse razoável, não por mim e pelos danos que me podia causar, mas pelo enorme poder que eu lhe oferecera de bandeja para destruir a vida de Alba e da bebé.

– Tasio – continuei –, tu viveste a rejeição de uma cidade como Vitoria...

– Vivi e continuo a viver, no presente. Por que raio vou continuar a viver assim em pleno inverno se estão vinte e quatro graus na Califórnia?

– E queres que a tua sobrinha sofra o mesmo? Não é melhor que achem publicamente que ela é filha de um herói?

– Muito esperto, Kraken. Muito esperto. Mas os teus truques de *profiler* não funcionam comigo. Vou seguir em frente. Eu e o Ignacio vamos estar presentes na vida dessa menina. E tu não nos vais poder impedir.

– Maldito sejas – gritei-lhe e perdi por completo a paciência. – Tudo o que eu sempre quis foi uma família e tu deixaste-me sem ela!

Ao dizê-lo em voz alta, atingiu-me como um bloco de gelo. Porque tive consciência de que a rutura com Alba era definitiva, e que a minha estupidez tinha destruído qualquer hipótese de eu, ela e a sua filha algum dia sermos uma família.

Santillana del Mar

14 de janeiro de 2017, sábado

Não consegui dormir, e quando não consigo dormir não paro de pensar nas coisas. E não queria pensar mais do que o necessário na dor de saber que tinha perdido Alba. Eu conhecia-me e sabia os meus limites. Por isso troquei uma obsessão por outra: Rebeca Tovar.

“Quem és tu agora, Rebeca?”

“Quem és tu agora...”

Voltei à origem, onde tudo começou: Santillana del Mar, a terra da família Tovar.

Liguei o telemóvel novo, era fiável. Telefonei-lhe no sábado logo de manhã. Sabia que era tão madrugadora como ele.

– Inspetor Ayala, alguma novidade? – perguntou-me com uma voz ao mesmo tempo cautelosa e surpreendida.

– Não te estou a ligar para te dar na cabeça. Confio em ti, Milán. Preciso que faças um pouco da tua magia.

– O que for preciso, chefe – disse aliviada.

Expliquei-lhe o que precisava. Para ela era simples: encontrar todas as moradas associadas a um aluno da Universidade da Cantábria.

Nem sequer quis estragar o sábado a Estíbaliz. Queria avançar, e talvez Alba tivesse razão: eu funcionava melhor em modo solitário. Precisava de estar sozinho, completamente sozinho. Quando estava sozinho, as coisas corriam-me melhor, pelo menos não destruía as vidas das pessoas que amava.

Entrei no carro e cheguei a Santillana del Mar duas horas depois do meu telefonema para Milán.

Encontrei o rapaz com um olho de cada cor na morada que a minha colega me deu: uma loja à entrada de uma casa soalheira onde vendiam unicamente um copo de leite com *sobao*, o bolo típico da Cantábria.

Esperei com a paciência de um caçador furtivo que atendesse a pequena fila de turistas.

Quando olhou em frente com o copo de leite na mão, deu um salto e tentou fugir pelas traseiras da loja, escadas acima.

– Nem tentes fazer isso – disse-lhe muito sério, fechando a mão à volta do seu braço fino.

– Não quero que as pessoas da terra me vejam consigo.

– Não devias ter corrido a maratona na faculdade, génio. Pensavas que íamos desistir de te interrogar?

– Não, acho que não... O que quer? – disse, com a loja vazia, sem deixar de olhar para o exterior.

– Que me expliques aquilo que disseste do Barba Azul. Não me tem deixado dormir, jovem.

– E a mim sem pai, nem lhe digo nada.

– Vais ter de me explicar isso.

– Suponho que ele merece... – murmurou.

– Quem merece o quê?

– Que alguém fale mal do meu pai nesta terra e diga a verdade a respeito do que ele fez, de uma vez por todas.

– Sou todo ouvidos. O que tem o teu pai a ver com o Saúl Tovar?

– Ambos estiveram com a mesma mulher.

– Com a mulher do Saúl?

– A mulher? Coitada, como podes dizer uma coisa dessas depois do modo como tudo acabou. Não fui eu que inventei a alcunha de Barba Azul. Quando a Asunción Pereda morreu, as pessoas perderam o medo de falar. Aqui sempre se disse que ele se viu livre dela assim que ela lhe deu uma filha, que era um homem muito estranho, com gostos esquisitos e que as mulheres de verdade lhe eram indiferentes. Tinha-as aos molhos, pelo menos aqui, e ele rejeitava-as a todas. Não, estou a falar da bruxa da irmã dele, a Sarah Tovar. Essa empertigada destruiu a vida da minha mãe. Olhe, é melhor entrar, vamos para a parte de trás da loja, se lhe parecer bem, não quero que nos vejam juntos e que alguém o reconheça, pois é o Kraken de Vitoria, não é?

Soltei um grunhido em modo de resposta. Como tudo aquilo era cansativo.

Naquele momento, uma mulher muito mais velha saiu da sala dos fundos e aproximou-se do rapaz.

– Está tudo bem, filho? Ouvi vozes.

– Está tudo bem, avó. É um professor da universidade, ficámos felizes por nos vermos. Pode ficar a atender por um momento, pois temos de conversar?

Entraram na loja dois americanos com um guia turístico debaixo do braço. A avó pegou na bandeja de *sobaos*, pronta para os atender.

Aproveitei para me esgueirar por baixo do balcão, subi com ele por umas escadas de madeira e entrei numa espécie de quarto dos fundos com um ar *retro*, inundado pelo cheiro a leite de vaca. Fez-me lembrar o aroma da minha infância, dos lanches a ver desenhos animados na televisão a preto-e-branco, com a presença protetora dos meus pais.

O jovem convidou-me a sentar numa velha cadeira de ferro e alumínio e sentou-se ao meu lado um pouco tenso.

– Conta-me lá: o que é que sabes?

– Sabe, eu acho que o meu pai andou atrás da Sarah Tovar a vida toda; era mais velho do que ela, mas conheciam-se daqui da terra e ambos estudaram Medicina e trabalharam nos anos noventa em Valdecilla. Posso contar-lhe o que ouvi a minha mãe dizer: que os membros da família Tovar sempre foram estranhos, que a mãe da Sarah e do Saúl passou os últimos anos de vida acamada, que o pai era muito religioso e severo, que os dois irmãos eram muito unidos, mas mesmo muito unidos. Não sei se me faço entender.

– Prefiro que sejas claro.

– Aqui, na vila, sempre se disse que a Sarah e o irmão mais novo andavam juntos, toda a gente os tinha apanhado de mãos dadas e a beijarem-se nalgumas ocasiões.

– Em muitas terras pequenas há esses rumores macabros – assinalei.

– Não está a perceber. Toda a gente. Desde os mais coscuvilheiros aos mais discretos. Todas as famílias, parentes, vizinhos, todos... Não, não era um mexerico de terra pequena. A minha mãe dizia que o meu pai ficava muito chateado com esse rumor. Com o tempo fiquei a saber que a Sarah o rejeitou demasiadas vezes, e ele acabou por se casar com a minha mãe, que não lhe interessava muito. A minha mãe morria de ciúmes por saber que eles trabalhavam no mesmo hospital.

– Foi o teu pai quem tratou da filha do Saúl.

– E logo a seguir os meus pais separaram-se.

– Porquê?

– Porque a Sarah, que já tinha uma posição importante no hospital, e o meu pai começaram a ter um romance. O meu pai foi-se embora com ela, uma noite não veio dormir a casa. A minha mãe não aguentou mais e pôs-lhe as malas à porta. A minha mãe estava grávida de mim, foi muito duro para ela ter-me sozinha. O meu pai sempre pagou a minha pensão, mas foi um pai ausente, nunca esteve lá para mim, nem na minha primeira comunhão, nem no Natal... simplesmente ignorou-me. Como pode imaginar, não tenho muito apreço pelos Tovar, e incomoda-me muito ter de andar na universidade e ver o professor Saúl todo o santo dia.

Um pai ausente...

O jovem continuou a desabafar, mas eu olhava para ele com peso na consciência, perguntando-me se daqui a vinte e quatro anos seria a minha filha a contar a um interlocutor anónimo a história do seu pai ausente.

A fonte dos Patos

24 de julho de 1992, sexta-feira

Unai tentou avançar, um pouco aflito, por entre a multidão que saltava e brincava na rua Kutxi.

Tinha passado a semana em Villaverde, a ajudar o avô na colheita e tentando recuperar do que acontecera na Cantábria.

O seu irmão Germán, que na época era uma criança de onze anos, assustou-se quando o viu regressar com as ligaduras nos braços. O avô, sem grande alarido, sussurrou-lhe: “Depois contas-me o que aconteceu, não vamos assustar o menino.” Quando Germán foi dormir, o avô pôs-lhe uma pomada caseira com ervas de Ripa, que era uma gosma, mas que cicatrizava muito bem.

Passados poucos dias pôde tirar as ligaduras, e tudo voltou à normalidade mais depressa do que Unai esperava.

Ao primeiro telefonema tímido que Jota lhe fez, seguiram-se os de Lutxo e Asier. Todos evitaram falar do que se tinha passado no último acampamento, foi uma espécie de pacto de silêncio que cumpriram durante toda a vida. Tinham uma data importante a chegar em breve: na sexta-feira era a véspera do dia de Santiago, o dia da *Blusa*, e naquela noite prometeram incendiar Vitoria e todo o centro antigo e esquecer todos os problemas entre eles, e as más recordações, e...

Tudo, queriam queimar isso tudo.

Houve uma página na sua pequena agenda que Unai ignorou durante todos os dias daquela semana. Na primeira página, a do A, Annabel Lee tinha-lhe escrito na sua letra gótica um número de telefone e um “liga-me” a que Unai não sabia se devia obedecer ou ignorar.

Estava chateado com ela, com a sua indiferença pela morte de Marian. Unai pressentia que com Annabel nada ia ser fácil.

Foi o avô, na sexta-feira ao meio-dia, quem o avisou de que tinha uma chamada:

– Uma moça, quer falar contigo – informou-o simplesmente, enquanto Unai descarregava o trigo no armazém.

O jovem subiu as escadas três a três e lançou-se sobre o telefone.

- Estou? – pigarreou.
- Não me ligaste.
- Não, não te liguei.
- Amanhã, sábado, à meia-noite. Procura-me no Rojo. – E desligou.

...

Naquela noite de sexta tinha combinado sair com o seu grupo de amigos, como se nada tivesse acontecido, e todos retomaram a amizade tal como se lembravam dela antes do acampamento na Cantábria... Comportaram-se com um certo alívio ou talvez com fingida indiferença.

No sábado, já vestidos de blusas, passaram o dia na rua, comeram uma sanduíche de tortilha e jantaram quatro *pintxos* na rua Dato.

Quando a noite caiu sobre eles, dirigiram-se para a encosta de San Vicente e seguiram pela rua Kutxi e pelo Pinto.

Custava muito aos quatro manterem-se em contacto. Unai encontrava-se com os amigos de Villaverde, Jota com os do coro, Asier com os do básquete... e naquela noite Vitoria inteira estava concentrada no centro antigo da cidade.

Chegou a meia-noite e Unai ainda estava no final da Kutxi. Despediu-se de Jota e disse-lhe: “Encontramo-nos daqui a duas horas no Okendo, vou ter com uma pessoa”, e saiu do penúltimo bar a abarrotar com intenção de regressar à rua na direção contrária da onda de blusas e *neskas* que seguiam rua abaixo.

Perdeu a boina pelo caminho, era uma de Elosegui que o avô lhe emprestara porque já não usava, e bastou um dia para a perder. Mas parou para a procurar e encontrou-a no chão, junto ao portão da Casa del Cordón.

Enfiou a boina na cabeça e entrou finalmente no Rojo, que estava a abarrotar.

Tinha chegado quinze minutos atrasado ao seu encontro com Annabel. Procurou-a ao balcão, procurou-a entre as pessoas que dançavam *La Negra Flor* dos Radio Futura e cantavam “Ao final da Rambla...” em cima dos barris metálicos de cerveja, procurou-a junto dos vidros com motivos vermelhos, mas não viu nem sinal da sua... namorada?

Bastante frustrado, Unai deu o encontro por perdido e pensou em voltar ao Okendo para ir ter com os amigos novamente.

“Amanhã ligas-lhe e pedes-lhe desculpa, e combinas com ela como deve ser”, disse para si mesmo.

Mas então pareceu-lhe ver o seu longo cabelo a entrar na casa de banho e seguiu-a.

Demorou um pouco a alcançar a porta da casa de banho porque o bar estava a abarrotar. Foi ao entrar que se deu conta de que estava ocupado por mais do que uma pessoa. Por mais do que uma pessoa que ele conhecia.

Porque Annabel, vestida de *neska*, estava sentada no lavatório da casa de banho, com a saia levantada e as meias brancas descidas até aos tornozelos. Uma blusa, de costas, arremetia contra a rapariga, com as calças às riscas descidas até aos tornozelos.

Unai reconheceu de imediato o cabelo por baixo da boina do seu... amigo? Lutxo.

Desta vez... a terceira em que Unai surpreendia Annabel naqueles preparos com os seus amigos, nem sequer se desculpou como das outras duas vezes. Limitou-se a olhar Ana Belén Liaño nos olhos e a dizer-lhe as suas últimas palavras:

– Tu e eu não vamos falar nunca mais na vida – disse, e antes de dar meia-volta pôde ver como Lutxo interrompeu a sua dança para se voltar, talvez surpreendido, talvez não, e lhe fez um cumprimento com a boina.

Depois, o rapaz obeso continuou o que estava a fazer.

:::

Esqueceu-se, esqueceu-se de tudo. Nos dias que se seguiram às festas de Santiago, Unai fugiu para Villaverde e refugiou-se lá.

Tinha a desculpa do seu trabalho como nadador-salvador nas piscinas de Bernedo, e passou o fim de semana de 1 de agosto a ajudar o avô a juntar fardos de palha e ensinou Germán a conduzir o John Deere, sentado em cima dos seus joelhos; o pequeno estava muito meloso e um pouco preocupado com a ausência, durante várias semanas, do irmão mais velho – o seu herói –, não fosse dar-se o caso de ir e nunca mais voltar, como os seus pais.

Unai não queria voltar a Vitoria durante o verão inteiro, e limitou-se a ir ao último dia das festas da Virgen Blanca, a 9 de agosto, porque Asier e Jota insistiram, e ele também não queria que a história com Ana Belén influenciasse assim tanto a sua relação com o seu grupo de amigos.

De qualquer forma, Unai rasgou a página do A da sua agenda de papel, e até anos depois ter passado a agenda de contactos para o telemóvel, Unai teve um pequeno caderno que começava no B, e colocava os Antonios e os Aguirres noutras letras.

Foi naquele dia 9 de agosto, depois de se despedir do Celedón na praça da Virgen Blanca, quando esperavam por Lutxo no final da Herrería, na fonte dos Patos, para voltarem para as suas casas.

Lutxo chegou finalmente, um pouco tarde e um pouco alterado.

Unai não o viu chegar, ou pelo menos não viu o soco que o atingiu na bochecha direita.

– Está contigo? Está contigo de novo? – gritou-lhe Lutxo. – Disse-me que está com outro e que eu o conheço. És tu?

Unai, aturdido pelo soco que o atingiu sem que o esperasse, perdeu o equilíbrio e caiu ao chão.

– Estás louco. Achas que vou voltar a andar com ela? – conseguiu responder com a mão na cara. Doía-lhe o osso do maxilar, doía-lhe muito.

– Não me respondeste.

– Sim, respondi.

Unai tremeu de raiva no chão, mas não se levantou. Lutxo estava gordinho, mas estava furioso, além disso estava ganzado e não se controlava. Deixou-o dar-lhe um par de pontapés inofensivos na barriga. Magoaram-no um pouco mais do que esperava. Unai fechou os punhos e levantou-se lentamente.

– Vai-te embora, Lutxo – disse-lhe. – Tens de te ir embora agora.

E perante a surpresa dos três amigos, Lutxo desatou a chorar.

– Não percebes, ela chamava-se Annabel Lee por minha causa. Fomos namorados em crianças, no infantário! – gritou-lhe.

– Mas tu andaste na escola de San Mateo... – respondeu Unai sem compreender. – Ela andou na da Senda, comigo.

Foi a vez de Jota, incrédulo, intervir.

– A Annabel andou contigo no infantário?

– Sim... bem, pelo menos é disso que me lembro – soluçou Lutxo.

– Eu não vos quero magoar, mas o nosso amor era mais forte do que... – começou Jota.

– Poupa-te ao ridículo – interrompeu-o Unai. – Ela contou-me o mesmo.

– Porra – interveio Lutxo ainda com os punhos cerrados –, veio-me com a mesma história do infantário e de que éramos namorados desde crianças e que eu era o primeiro e o único...

– Filha da mãe, a mim disse-me o mesmo – admitiu Jota, abatido –, que andámos juntos no infantário das Desamparadas... e que tinha mudado de nome por minha causa e por causa de um desenho que me ofereceu no último dia, quando a vida e os adultos nos separaram...

– Merda – limitou-se Asier a dizer, corroborando a quarta versão da mesma história.

Aquilo foi demais para Lutxo e para as suas expectativas. Ainda precisava de um culpado.

De modo que voltou a bater em Unai no mesmo lado da cara, o direito, que desta vez fez ferida por causa do impacto e começou a sangrar.

– Foste tu, foste sempre tu! – gritou para Unai. – De nós os quatro eras tu quem era especial para ela. O resto foi um mero jogo.

– Asier, levanta-o – pediu Unai tremendo dos pés à cabeça. – Tens de o levar daqui imediatamente.

Asier compreendeu e arrastou de novo o amigo pela Herrería.

– Vamos, convido-te a beber um último copo – prometeu-lhe.

Talvez por ser uma proposta tão inusitada, Lutxo deixou-se levar e afastaram-se do perigo que era Unai naquele momento.

Jota ficou ali de pé, também com vontade de beber uma última cerveja ou o que quer que fosse. Mas o estado lamentável do amigo foi mais forte do que a sede de esquecer aquela noite.

Aproximou-se dele, passou o braço enorme de Unai à volta do ombro e aproximou-o da fonte.

– Porque é que o fizeste, Unai? Porque é que te recusaste a bater-lhe de volta? – perguntou-lhe Jota.

Unai meteu a cabeça na fonte dos Patos para limpar o sangue e diminuir o inchaço que já lhe deformava a cara.

“Porque o teria matado”, pensou o jovem. “E não seria a primeira vez que alguém morre por minha causa.”

A erva daninha

15 de janeiro de 2017, domingo

Demorei vários anos a compreender os motivos por que Annabel Lee quis ser apanhada de cada vez que teve relações com cada um de nós. Chamavam-lhe Erva Daninha, disse-me uma vez.

E ela foi realmente isso para os quatro. A erva daninha que deixámos crescer e minar a nossa confiança divertida. O fim da nossa inocência. O final do último rasto da infância.

Annabel não foi só uma pessoa, foi algo mais... era como uma das personagens simbólicas das suas bandas desenhadas: a velha decrépita disfarçada de donzela que na verdade é a Foice, o idoso barbudo que esconde o Mentor, o carteiro viajante que faz as vezes de Jornal, o jovem recruta que obedece às ordens sem as questionar e encarna o Soldado.

E vinte e quatro anos depois tinha voltado, lambendo as feridas, falsamente curadas, para nos lembrar de que nunca cicatrizaram. A sua simples menção bastava, como nos antigos feitiços, para que o seu efeito devastador nos destruísse de novo a vida e voltasse a abrir brechas num grupo de amigos que acreditávamos ter sobrevivido.

A capela do hospital

16 de janeiro de 2017, segunda-feira

Fiquei o resto do fim de semana na Cantábria. Não queria voltar à gélida Vitoria, nem ao meu gélido apartamento, nem às minhas gélidas circunstâncias sentimentais. Fez-me bem o ar marinho da casa rural que arrendei em Somocuevas, em plena Costa Quebrada.

O meu quarto dava diretamente para a relva na parte de trás da casa, e à minha frente, quando acordei, tinha os penhascos que odiei durante tantos anos. Mas obriguei-me a olhar para eles, a passar horas a observar o embate das ondas até que me habituei ao ir e vir delas, e chegou uma altura, a primeira vez em décadas, em que o nó em forma de sentimento de culpa que sentia no estômago deixou de me oprimir. Já não estava dentro do mar, à sua mercê. Agora era um adulto que observava da cama um glorioso amanhecer de inverno.

Passei pelos penhascos e regresssei à praia de Portío, em frente ao urro de Manzano onde Marian Martínez morreu, e tentei perdoar-me por não ter superpoderes e por não ter conseguido salvá-la quando era apenas um miúdo de dezasseis anos arrastado pela tempestade perfeita. Reconciliei-me, por fim, com o mar Cantábrico.

Depois do testemunho do filho do doutor Osorio, estava a desenhar-se na minha cabeça uma verdade alternativa ao relatório que Saúl Tovar nos mostrou.

E se Rebeca...?

O avô dizia sempre que todas as boas perguntas começavam com um “E se”. Eu usava sistematicamente o seu sensato método socrático e não gostava do caminho que as minhas deduções estavam a tomar.

Pelo que implicavam. Pelo que supunham.

Mas aquele fim de semana de folga não foi em vão: decidi aproveitar a minha estadia na Cantábria e tracei uma estratégia um pouco ardilosa para não voltar à minha cidade de mãos vazias.

Na segunda-feira de manhã, bem cedo, entrei no hospital de Valdecilla e localizei a senhora da receção que tinha conhecido na minha visita anterior, lancei-lhe o meu melhor sorriso e aproximei-me dela num tom confiante.

– Pode chamar imediatamente o doutor Osorio e pedir-lhe que vá à capela? É urgente.

– Claro, estou a ligar-lhe para o consultório – respondeu, toda ela sorrisos.

De seguida subi ao andar de Endocrinologia e aproximei-me do balcão. Um rapaz jovem atendeu-me distraidamente.

– Pode mandar a doutora Tovar ir à capela? É urgente.

Fiz uma cara de enterro, uma daquelas caras tristes a quem ninguém pode negar um favor.

– Vou avisá-la imediatamente.

– Obrigado. Agradeço-lhe muito – respondi e perdi-me pelo corredor, fingindo uma dor inexistente.

Assim que perdi o enfermeiro de vista, meti-me pela saída de emergência e voei pelas escadas abaixo como se o hospital estivesse a arder.

Minutos depois, Sarah Tovar apareceu à porta da capela solitária e estremeceu ao ver o psiquiatra.

Ambos ficaram alguns segundos em silêncio.

– Há quanto tempo – murmurou uma voz rouca de homem.

– Há quanto tempo – respondeu uma voz seca de mulher.

– Não tens mais nada para me dizer ao fim de tantos anos? Daqui a alguns dias vou reformar-me. Já não terás de me ver mais... – disse ele.

– Parece que a Rebeca não morreu – interrompeu-o Sarah.

Seguiram-se alguns segundos em que ninguém disse nada.

– O que é que disseste? – disse ele finalmente.

– A polícia foi falar com o meu irmão Saúl e agora garantem que a minha sobrinha não foi assassinada, que há uma testemunha que afirma que ela fugiu de casa e que as fotos foram tiradas para simular a morte dela e para que não a procurássemos. Sabes alguma coisa a esse respeito?

– Se sei alguma coisa? – gritou o psiquiatra, alterado. – Se sei alguma coisa? Tenho de te lembrar que me acusaste de fazer aquilo tão horrível? Que nem te passe pela cabeça meter-me outra vez nos vossos assuntos podres... estou fora. E se essa rapariga está viva e não morreu, deves-me um pedido de desculpa.

– Não penso fazê-lo. E baixa a voz, que estamos na casa de Deus.

– Maldita sejas, mulher orgulhosa. Usaste-me, fornicaste comigo e puseste em perigo a minha carreira. Destruíste o meu casamento e tudo por causa do teu irmão, nunca perdooi a mim mesmo o que fiz a essa pobre criança.

Sarah Tovar demorou algum tempo a responder:

– Como fico feliz por isto ser um adeus, doutor Osorio. Porque espero que o senhor e os seus pecados apodreçam nos quintos dos infernos – disse Sarah por fim, com a sua voz monocórdica, e abandonou a capela em silêncio.

O psiquiatra sentou-se num banco com o olhar perdido e eu aproveitei para sair do confessionário onde estava escondido.

– O que é que lhe fez, doutor? – perguntei. – Que diabo fez à Rebeca Tovar?

O hotel Real

16 de janeiro de 2017, segunda-feira

O psiquiatra ficou mudo quando me viu a aproximar-me dele com o telemóvel na mão.

– Não se incomode em desmenti-lo. Está tudo gravado.

Levantou-se de um salto, ajeitou a bata branca e encarou-me com um acesso de dignidade.

– Isso é ilegal, nenhum juiz admitirá uma prova obtida sem o meu consentimento.

– Mas seria suficiente para que um comité médico o julgasse.

Fiz uma pausa antes de continuar; felizmente foi bastante dramática.

– E acredite em mim... encontraria maneira de lhes fazer chegar esta gravação. Já para não falar na imprensa.

O doutor Osorio percebeu que eu estava a falar a sério, e eu estava realmente. Naquele momento estava disposto a quase tudo.

– Daqui a alguns dias não voltarei a exercer nunca mais – suplicou finalmente –, não me pode fazer isso.

Sentei-me ao lado dele no banco. Uma Virgem observava-nos com um olhar sério.

– É simples – disse. – Não o farei se me contar o que aconteceu há vinte e quatro anos.

– Não me ameace em vão, é pura fanfarronice.

“De acordo”, pensei.

Procurei na internet o número central do hospital.

– Hospital de Valdecilla? Quero falar com a direção, estou a ligar da esquadra de Vitoria – disse perante o olhar horrorizado do médico.

– Não, por favor, desligue!

– Não penso fazê-lo – informei-o com o telemóvel na orelha.

Puseram-me a ouvir a melodia das *Quatro Estações* e eu esperei pacientemente.

– Desligue, pelo amor de Deus! – pediu-me, cada vez mais alterado. – Falarei consigo, mas faça o favor de desligar.

Obedeci-lhe. Ele tinha compreendido que a minha ameaça era a sério e suspirou, rendido.

– Suponho que um dia terei de pagar pelo mal que fiz a essa menina.

– Podemos começar pela verdade, se lhe parecer bem.

– Pois sim, começemos. Chegou a hora de deitar cá para fora tudo o que escondo há tantos anos...

Durante alguns minutos ficou em silêncio, a esfregar as mãos. Imaginei que estava à procura de uma forma de ordenar o passado na sua cabeça.

– Sabe, a menina não tinha qualquer evidência de psicose. É verdade que sentia um amor exagerado pelo pai, um certo complexo de Electra, mas era muito imatura para a idade, era muito infantil e aquele comportamento estava dentro das variações típicas da infância. Não era, nem pouco mais ou menos, suficiente para a internar. Por outro lado, o luto não resolvido pela sua mãe era uma invenção da Sarah. A criança às vezes estava triste, mas dizia que estava tão unida ao pai que estava a compensar satisfatoriamente essa carência materna. Mas ela foi ter com a Sarah bastante confusa, para lhe confessar o que o pai lhe estava a fazer. A Sarah contou ao Saúl e ambos decidiram que não podiam permitir um escândalo daqueles. Queriam dar-lhe uma lição para que não voltasse a contar a ninguém que o pai abusava dela. Por isso, a Sarah veio ter comigo, sabia que eu beijava o chão que ela pisava desde que éramos novos.

Eu estava a ouvi-lo, mas tinha ficado preso no pormenor de que a Rebeca não tinha qualquer evidência de psicose.

– Então... é verdade o que a Rebeca contou?

– Penso que sim. Recolhi o testemunho dela, a menina falava em toques, nada mais. Mas o seu relato era consistente. Se quiser a minha opinião como médico, eu acreditei nela. Coincide com a personalidade narcisista do pai e com a sua idade de atração.

– Idade de atração?

– Os pedófilos têm uma idade de preferência. No caso do Saúl Tovar, penso que a faixa etária dele é a pré-puberdade ou meninas antes da adolescência. Ou mulheres pouco desenvolvidas que aparentam muito menos idade, como a sua esposa, e talvez... talvez as suas primeiras experiências tenham tido lugar com uma rapariga ainda não desenvolvida, com essa idade. Em Santillana corriam todo o tipo de teorias sobre o que acontecia no seio dessa família. Até então, sempre me neguei a dar-lhes crédito, mas quando ouvi em primeira mão a história que a menina me contou, percebi que tinha estado cego a minha vida toda, a negar o óbvio.

– O que fez então? – perguntei-lhe. Mas estava a ficar maldispuesto, muito maldispuesto.

– A Sarah pediu-me para falsificar um diagnóstico, expliquei-lhe a gravidade do que me pedia, mas... aproveitei-me da situação: em troca pedi-lhe que dormisse comigo, mesmo que fosse só uma vez. Não estou orgulhoso disso, peço-lhe que não me julgue, que para isso estou cá eu. Ela concordou, era muito religiosa, como sabe, mas prostituiu-se pelo seu irmão Saúl. Foi então que eu soube que os rumores que corriam em Santillana eram verdade. Eles os dois estavam juntos, desde sempre.

– E o que aconteceu?

– Algo tão frio como ela ter cumprido a parte dela e eu ter cumprido a minha. Passei uma noite com ela e eu, pobre inocente, aos quarenta anos, como um jovem apaixonado, achei que ela passaria a noite comigo, e não fui dormir a casa, fomos para o hotel Real, pois eu queria que fosse algo bonito, inesquecível. Não foi assim. Foi uma mera transação, ela não voltou a falar comigo em privado, e há vinte e quatro anos que nos evitamos nos corredores deste hospital. Também não voltei muitas vezes à minha terra nos últimos anos. Sentia-me sujo e um mau marido pelo que fiz, incapaz de enfrentar as coscuvilhices e o papel de vilão que desempenhava neste filme de quinta categoria que era a minha vida.

– Mas tem lá um filho...

– Um filho que não me quer ver.

– Um filho com quem nem sequer tentou ter uma relação – escapou-me. – Desculpe se me excedi... mas ele tem vinte e cinco anos. Estão ambos a castigar-se pelo que aconteceu uma noite antes do seu nascimento.

– Não sei se me resta coragem para isso... O que vai acontecer agora, vai denunciar-me?

– Tenho de escrever um relatório onde explico o seu papel, falar com a esquadra de Santander e o juiz determinará. Eu só apresento provas e factos que são pertinentes para a investigação – recitei em tom profissional. Costumava fazê-lo quando os casos acabavam por ser demasiado pessoais e corria o risco de me envolver.

O doutor Osorio ficou a olhar fixamente para a Virgem, como se aquela pequena estátua tivesse todas as respostas.

– Pois bem, ele que me julgue. Se tenho de pagar, que pague de uma vez. Qualquer coisa é melhor do que esta nuvem sobre a cabeça que me persegue há vinte e quatro anos.

Pude ver que o homem assumia a sua decisão sobre o rumo dos acontecimentos, com um enorme alívio para a sua consciência castigada. Mas eu só conseguia pensar em Rebeca, que repetiu o oitavo ano, que foi intoxicada com

antipsicóticos de que não precisava, que teve de fugir da sua própria casa depois de dar à luz um bebé morto...

– Sim, devia pagar – disse sem conseguir conter a raiva. – O que fez a essa criança... quer os abusos fossem verdade quer não, não tem perdão. Talvez a tenha desequilibrado e agora duas vidas pagaram por isso. Que a sua consciência também carregue esse peso.

E fui-me embora daquela maldita capela que guardara durante tantas décadas os segredos de várias vidas destroçadas.

Somocuevas

16 de janeiro de 2017, segunda-feira

Depois da revelação do doutor Osorio, voltei pensativo e preocupado para a casa de Somocuevas onde tinha passado as duas noites anteriores. Como se fosse um autómato, sentei-me em cima da relva da falésia e fiquei a observar o mar bravo e a espuma que rebentava aos pés dos urros.

“De modo que não estavas a mentir, Rebeca. Quiseste avisar-nos a todos, e todos te falhámos.”

O facto de Rebeca não ser psicótica e de não ter inventado os abusos do seu pai fez-me pensar numa nova hipótese muito perturbadora... mas precisava de a confirmar. E não com testemunhos que Saúl pudesse rebater ou negar; precisava de o confirmar empiricamente e queria aproveitar a minha estadia na Cantábria para avançar.

Peguei no meu telemóvel novo e liguei para Estíbaliz, contando-lhe as minhas novas descobertas.

– Tens a certeza? Até agora o Saúl era um pai santo para ti.

– Fala com a Alba, por favor, Esti. Pede-lhe o que te disse, é muito urgente. Liga-me assim que tiveres uma resposta.

Estíbaliz demorou a ligar; estava prestes a voltar para o quarto quente que tinha atrás de mim quando o telefone tocou.

– O juiz Olano confirmou o mandado. A contragosto, mas acedeu, dada a falta de avanços na investigação. Tens uma impressora à mão?

– Sim, na receção devem ter um computador, envia-me já o documento – apressei-a.

Nem mais um dia, não queria que aquela infâmia durasse nem mais um dia.

Liguei a Paulaner e pu-lo ao corrente da situação. Ele encarregou-se de falar com o juiz e transmitir-lhe o que o doutor Osorio me tinha confessado. Mas não perdemos tempo, pusemos uma equipa em ação e duas horas depois estávamos à porta do chalé de Saúl Tovar com um mandado de busca na mão e o secretário judicial de Santander a nosso lado.

Saúl recebeu-nos um pouco maltrapilho, com a sua barba azul e grisalha demasiado comprida e umas olheiras fundas por baixo dos olhos.

– Que raio se passa aqui, Unai? – exigiu saber, um pouco soturno, quando leu o mandado. – O que procuram exatamente?

– É melhor que se mantenha à parte, Saúl. Deixe-me simplesmente fazer o meu trabalho.

Ficou parado à minha frente com um misto de terror e de firmeza. Medimos forças durante alguns segundos, depois cedeu, afastou-se e deixou-me passar.

O inspetor Lanero ficou à entrada, vigiando Saúl para garantir que ele não fazia nenhum movimento estranho. Eu subi aos quartos no piso superior, o andar nobre da casa, onde supus que ficavam os quartos. Calcei as luvas de látex que tinha sempre no carro.

Precisava de algo de Gimena.

Encontrei o quarto dela ao lado do de Saúl, parede com parede.

Estava decorado de um modo bastante infantil, com peluches e esse tipo de coisas. A cama estava feita, a secretária onde estudava arrumada, sorria-me em várias fotos na parede, uma delas do dia em que se graduou, com uma batina e um chapéu. O seu pai abraçava-a por trás, estavam sorridentes e exultantes.

Abri os armários, estavam praticamente vazios. Saúl tinha-se visto livre de quase toda a roupa da filha.

Procurei algo, um pouco desesperado, algo que me servisse.

“Vamos, isto não pode terminar assim. Gimena, tens de ter deixado uma marca neste mundo”, pedi cada vez mais nervoso, para ver se alguém me ouvia no céu.

E ouviu.

Estava prestes a dar meia-volta e a abandonar o quarto quando me apercebi de um objeto que resistira à purga de Saúl: no fundo das estantes mais altas do roupeiro repousava, embrulhado em plástico, o chapéu do traje académico de Gimena.

Peguei nele com a devoção com que se pega numa oferenda religiosa e libertei-o com cuidado do plástico. Dentro do chapéu encontrei dois cabelos presos às costuras, um deles com um folículo capilar. E aquele cabelo deu-me a esperança de que necessitava para seguir em frente com a minha teoria.

Etiquetei o meu achado para preservar a cadeia de custódia das provas e descí as escadas com o chapéu guardado num saco de plástico.

Saúl teve de se apoiar numa das colunas do terraço quando me viu passar com o meu troféu, penso que por momentos perdeu o equilíbrio, se bem que depressa se recompôs e fingiu a calma de sempre.

– Já se vão embora? – perguntou ou talvez tenha implorado.

– Isto é para si, Saúl. Posso estar descansado de que se vai apresentar e deixar que lhe tirem uma amostra de ADN?

Saúl desdobrou as folhas e leu, com as suas mãos grandes a tremer um pouco:

*

A presente carta dirige-se a si, de modo a que se apresente no Hospital Universitário Marqués de Valdecilla para se submeter à recolha de três cotonetes de saliva da cavidade oral, para entrega posterior aos membros da Polícia Judiciária de Santander por parte do agente designado.

*

A maçã de adão de Saúl subiu e desceu várias vezes antes de assentir em silêncio.

– Vão-se embora, por favor – murmurou, creio que rendido.

E todos abandonámos o chalé com uma expressão séria.

– Em que pensa, inspetor Lanero?

– Que há risco de fuga. Vamos pedir ao juiz que nos deixe vigiar a casa; não confio nele.

– Estou totalmente de acordo. Ponham em marcha um dispositivo de vigilância. Vou voltar para Vitoria, vamos ver o que nos dizem do laboratório.

Agora só precisava de convencer a Golden.

O rio Zadorra

16 de janeiro de 2017, segunda-feira

Cheguei a Vitoria à tarde; tinha combinado encontrar-me com a doutora Guevara e entreguei-lhe o material genético, mas ainda precisava de mais uma coisa, e só a Golden ma podia dar, apesar de nem saber se ia conseguir entrar em contacto com ela.

Voei para minha casa e pus dois pedaços de fita adesiva preta em forma de cruz no vidro da varanda.

Não podia fazer mais nada, de modo que esperei.

Esperei...

E esperei.

De duas em duas horas descia ao portão para ver a caixa de correio. Não havia nada. Sabia que era demasiado cedo, que podiam passar dias até o seu contacto passar pela praça da Virgen Blanca e a avisar do meu pedido de ajuda.

Custou-me a adormecer nessa noite. Fiz os meus exercícios vocais, repeti parágrafos inteiros em voz alta. Qualquer coisa para me manter a mente ocupada e não pensar nem em Alba nem em Rebeca.

Na manhã seguinte, Esti ligou-me, contei-lhe que continuava à espera, e como ela não me pediu que fosse à Portal de Foronda, não saí de casa durante todo o dia.

Na minha toca quente tinha os nervos em franja por causa da espera.

Também precisava de estar um pouco sozinho, de digerir a minha rutura com Alba, aceitar que já não éramos um casal.

O tempo passava e a Golden não dava sinais de vida.

Aconteceu o mesmo na quarta-feira de manhã.

E à tarde.

Talvez a Golden tivesse fugido de vez para o estrangeiro e não soubesse o que estava a acontecer em Vitoria.

Talvez estivesse a forjar uma nova identidade e pretendesse deixar para trás o seu passado, o de Rebeca e o meu.

Na mesma quarta-feira recebi um telefonema de Paulaner a confirmar-me que Saúl tinha ido no dia anterior ao hospital e que tinha feito o teste de ADN. Mantinham-no sob vigilância, não fosse fugir.

Foi na quinta-feira de manhã que recebi no correio uma carta sem remetente.

Na ausência de vizinhos, abri-a ali mesmo, na entrada estreita do meu prédio. Era a Golden, a marcar nova reunião no local arqueológico de Atxa, às cinco da tarde daquele mesmo dia. Sem telemóveis, sem escutas, sem colegas. Obedeci. Já tínhamos passado por aquilo antes.

...

O mensageiro gigante chegou pontualmente na sua mota minúscula, desta vez nenhum dos dois estava tão nervoso. Cumprimentou-me com um “Olá, inspetor!”, como se fôssemos amigos de toda a vida, e nos víssemos todos os sábados no centro antigo, e deixou o embrulho no chão do parque, aos pés do sítio delapidado. Desta vez não urinou nas calças.

– Preciso da sua assinatura, se não se importa – indicou-me.

Fiz um rabisco e tirei o *tablet* quitado que a Golden me enviou com o *chat* aberto no ecrã.

Sentei-me na relva seca a olhar para o rio Zadorra e para as plantações de cereais que se estendiam diante dos meus olhos. Um veado distraído passou ao longe, e desatou a fugir assim que se apercebeu da minha presença. Serviu-me de aviso, não queria que a Golden desatasse a fugir com o que lhe ia propor.

– Diz-me – esperava-me ela.

– Não vais gostar nada do que te vou pedir, mas antes de dizeres que não, vou pôr-te ao corrente da situação – escrevi.

E contei-lhe tudo o que tinha acontecido durante a minha última visita à Cantábria.

– De modo que me queres para...

– Sim. Não há mais ninguém vivo que o possa fazer. Só restas tu – insisti.

– Então encontraram a campa do bebé da Rebeca?

Aquilo deixou-me confuso. Campa?

– De que campa falas?

– Disseram à Beca que ela teve um menino que nasceu morto, que eles se encarregariam de lhe dar um enterro cristão, que era melhor ela não saber onde o tinham sepultado.

– Sepultado? O Saúl disse-me há pouco tempo que o tinham cremado. Não, Golden, a minha suspeita é outra – escrevi.

E contei-lhe.

Ela demorou alguns segundos a responder.

– Já tinha pensado nisso nestes últimos meses, mas não quis acreditar que fosse possível – escreveu finalmente.

– Mas suspeitaste, diz-me que suspeitaste alguma vez.

– Sim, quando descobri o grupo dos jovens suicidas. Foi por isso que quis investigar. Tinha as minhas suspeitas, mas não te disse nada.

– Eu cheguei à mesma conclusão, é por isso que preciso de ti agora.

– Sabes o que me estás a pedir?

– Tenho consciência disso, Golden. Mas é pela Rebeca. Temos de saber o que lhe aconteceu realmente. É a única maneira.

Ela estava desconfiada e o seu receio era normal.

– Jura-me que isto não é uma armadilha para me apanharem.

– Ninguém vai atrás de ti. Eu não estou na secção de Crimes Informáticos, não me interessa o que fizeste no passado se não tiver nada a ver com a Investigação Criminal, e não és suspeita de nada.

– E a minha agressão a um inspetor?

– O juiz concordará em ignorá-la se colaborares. Sabes que não vou fazer queixa de ti, mesmo que o Ministério Público o faça.

– Nem sequer pelo rapto de menores?

– É precisamente por isso que temos de ir atrás do Saúl.

A última frase que escrevi ficou no ecrã mais de um minuto sem resposta. Comecei a temer que a Golden se tivesse assustado com a minha proposta e que aquela fosse a nossa última conversa.

Felizmente, pouco depois as letras começaram a aparecer no ecrã.

– Não faço tenções de aparecer, não me posso arriscar.

Travei-a antes que entrasse em pânico:

– Não preciso de ti inteira, só de uma parte – insisti.

A Golden demorou o seu tempo a responder.

– De acordo. Mas espero que saibas que só o faço pela BK.

Não percebi muito bem a que se referia.

– BK?

– Sim, BK, Beka. Quando mudámos de identidade, a Beka manteve a sua alcunha: BK, de Beka, como lhe chamávamos em casa. Era assim que assinava os *emails* – explicou-me.

– De acordo, fá-lo pela BK. Vou explicar-te como vamos fazer.

E dei-lhe as instruções detalhadas para conseguir um *kit* caseiro para fazer um teste de ADN. Sabia que um advogado de defesa conseguiria anular aquela prova porque não estava garantida a cadeia de custódia das provas, mas só me interessava que o teste demonstrasse o que eu suspeitava. Se as minhas suspeitas fossem verdadeiras, podia convencer a Golden mais facilmente, já com Saúl

preso, para que a colheita das amostras se realizasse de maneira fiável e servisse em julgamento.

– Só mais uma informação: sabias o que a Rebeca queria estudar?

– Pode ter-se formado em qualquer área, possivelmente alguma coisa relacionada com informática. Adorava História, mas não queria estudar o mesmo que o pai, e eu dissuadi-a dessa ideia sempre que a mencionava, para que não houvesse a mínima possibilidade de se cruzarem na vida profissional. Também dizia que gostaria de trabalhar com crianças, por isso às vezes dizia-me que queria estudar Psicologia ou Pedagogia. Como vês, era uma típica adolescente, com muitos interesses e que não se decidia. Ajudei-te?

– Ainda não sei. Pode ser que sim. Preciso que me entregues essa amostra o quanto antes, Golden.

– Combinado. Vou fazê-lo antes de me arrepender.

E na sexta-feira de manhã pude levar a amostra à doutora Guevara.

– Quatro ou cinco horas – disse-me. – Hoje à tarde ligo, assim que tiver os resultados.

Voltei para casa, sempre a olhar para o relógio. À tarde fui à minha sessão com a terapeuta da fala, e para me fustigar um pouco enquanto esperava calcei os ténis e saí para correr um pouco em direção a Olárizu.

O Palácio da Justiça

20 de janeiro de 2017, sexta-feira

Estava a correr de volta pelo Prado quando o telemóvel novo tocou na minha braçadeira e atendi. Era Estíbaliz com a sua pressa habitual.

– Vem ao Palácio da Justiça. Já temos os resultados – ordenou-me.

Obedeci sem questionar e apareci em fato de treino no edifício triangular. Entrei no gabinete da doutora Guevara e encontrei-a com Alba e Estíbaliz.

– Subcomissária, doutora, inspetora... – cumprimentei as três enquanto recuperava o fôlego depois do meu último *sprint*.

– É melhor sentar-se, inspetor Ayala – disse Alba num tom sério.

Tinha umas olheiras que sugeriam que não tinha dormido bem nos últimos dias.

Senti-me uma besta por ser o culpado de ela estar a ter uma gravidez tão complicada.

– O inspetor tinha razão – continuou. – Estamos chocadas com os resultados dos exames. Conte-lhe, doutora Guevara.

– Enviei as três amostras para que realizassem um teste PCR, e com os resultados que o laboratório me enviou pude fazer a minha interpretação. Sabem, tal como lhes expliquei quando realizámos o teste de ADN ao feto da Ana Belén Liaño, para que uma paternidade seja considerada comprovada é necessário encontrar um valor igual ou superior a 99,73 por cento. Neste caso não há dúvidas: a Gimena Tovar é filha do Saúl, mas também é sua neta. Por outro lado, do lado da mãe, a amostra da Lourdes Pereda também nos indica um parentesco, embora não tão próximo. Resumindo, esta mulher é provavelmente tia-avó da Gimena.

– De modo que a tua teoria é verdadeira, Unai – disse Estíbaliz. – A Rebeca deu à luz a Gimena, fruto de uma relação incestuosa...

– Violação – interrompeu-a Alba, mais dura do que nunca –, ela tinha treze anos, segundo a lei não tem identidade sexual; mesmo que o tivesse feito voluntariamente, é considerada uma agressão sexual. O facto de o agressor ser,

ainda por cima, uma figura de autoridade como o seu pai acrescenta alguns anos à pena da possível condenação decretada pelo juiz.

Eu também fiquei chocado. Uma coisa era tentar adivinhar o que podia ter acontecido no seio daquelas consanguinidades familiares. Outra coisa muito diferente era que os genes nos contassem a abjeta verdade, sem margem para dúvidas.

– O pai e a tia mentiram à Rebeca, disseram-lhe que teve um nado-morto e que o enterraram – pensei em voz alta. – A mim o Saúl disse-me que ele e a Sarah Tovar o tinham incinerado. Tudo mentira.

– Ficaram com a menina – interrompeu Estíbaliz. – O que precisamos de saber foi como é que a esconderam, ou quem é que ficou com ela, ou qual era a intenção deles em relação à criança, porque a Rebeca fugiu de casa poucos dias depois do parto, mas o Saúl não sabia de antemão as intenções da Rebeca.

– Penso que a Sarah esteve por detrás disso – afirmou Alba. – Era a cúmplice do seu irmão, talvez pensasse criá-la ela, talvez lhe fosse fácil fingir uma adoção. De qualquer forma, temos de interrogar ambos os irmãos. Também vamos precisar da confissão do psiquiatra que tratou da Rebeca Tovar.

– Ele vai concordar – disse eu. – O inspetor Lanero já está ao corrente do envolvimento do doutor Osorio.

– Vou ligar ao juiz Olano para o informar desta reviravolta no caso e para que assine os mandados de detenção pertinentes. E vamos ligar também para a esquadra de Santander para montar uma operação conjunta e prender o Saúl – informou-nos Alba, bastante séria.

– Perfeito – adiantou-se Estíbaliz, tão desejosa como eu de acabar com o assunto de Saúl Tovar.

– Lembro-lhes que isto não resolve o caso dos assassínios da Ana Belén Liaño e do José Javier Hueto. Continuamos a achar que a Rebeca Tovar está viva graças às declarações de uma testemunha, a sua tia, e que o seu motivo é a vingança, mas não temos mais nada além de suposições e, se for ela a autora dos crimes, ainda não me trouxeram qualquer avanço sobre a sua identidade. Para não falar da vossa gafe embaraçosa com uma das nossas melhores agentes, a Milán Martínez – sublinhou Alba.

– Gostava de intervir neste ponto – interrompeu-nos a doutora Guevara.

– Diga.

– Sabem como me senti mal por na análise do local do crime da Ana Belén Liaño não termos conseguido recuperar uma única prova física do seu agressor ou agressora. Depois da morte do Andoni Cuesta... eu e o inspetor Muguruza trabalhamos muitas horas durante estas semanas com as poucas provas que conseguimos salvar. Não gosto que a morte de ninguém seja em vão.

Encontrámos uma coisa: no casaco da Ana Belén havia vários fios de cabelo compridos e pretos. Presumi que eram todos dela. Mas como recuperámos no total sete com raiz, mandei-os para análise, e um deles tem um perfil genético muito diferente. Pertence a outra pessoa.

– Que grande descoberta, doutora – felicitou-a Alba depois de se sentar.

Fiquei um pouco preocupado com ela, notei-a cansada.

– Então podemos ter finalmente uma prova física do assassino ou da assassina. Mas, corrija-me se estiver enganada, só nos serve para provar que alguém esteve ao pé dela nalgum momento antes da sua morte, nem sequer conseguimos provar que esteve em San Adrián, não é verdade? – disse a minha chefe.

– Sim, mas agora vêm as boas notícias: no caso do José Javier Huerto, encontrámos no casaco dele mais alguns cabelos, e encontrei igualmente um preto comprido. Recordo-vos que neste país 57% das pessoas têm cabelo castanho, mas só 26% tem cabelo preto, isso reduz bastante a nossa busca. E não é pintado.

– A Rebeca era morena. Tinha o cabelo quase azul, como o pai e a tia – lembrei-me. – Continue.

– Aproveitei e enviei os dois cabelos para análise, e são da mesma pessoa. Por isso, temos uma coincidência de que a mesma pessoa com cabelo preto, liso e comprido esteve muito próxima das vítimas durante a morte delas ou pouco antes. Isso é tudo o que o juiz verá. O que não temos é a identidade dessa pessoa. Deixem-me comparar na base de dados com o ADN de delinquentes, mas, pelo perfil de que falam, é bastante provável que não encontremos nada aí e que se trate de alguém sem cadastro.

– Muito obrigada pela sua perseverança, doutora. É uma descoberta que nos pode ajudar a incriminar o assassino ou assassina. Se encontrarmos a Rebeca Tovar, sob qualquer identidade, basta tirar-lhe uma amostra para saber se esteve com ambas as vítimas – concluiu Alba.

E deu por terminada a reunião. Apesar de ser quase fim de semana e de a tarde estar bastante desagradável, saímos os três do Palácio da Justiça com um brilho de esperança nos olhos.

– É verdade, Unai, agradece ao teu avô da minha parte. No outro dia passou por Laguardia e deu à minha mãe uns frascos de mel e uns sacos com amêndoas caramelizadas – disse Alba, e tirou um saco transparente do bolso do seu casaco de penas branco para me mostrar. – É enternecedor como cuida de mim.

– Eu digo-lhe – consegui dizer, meio emocionado e meio envergonhado.

Foi então que recebi a chamada inoportuna do meu irmão. Alba aproveitou para se despedir com um gesto e Estíbaliz e eu ficámos sozinhos na avenida.

– Unai, como estás? – perguntou Germán.

- Ocupado, na verdade. O que se passa?
- Preciso de falar contigo. Mas é melhor falarmos com calma, vais a Villaverde neste fim de semana?
- Sim, amanhã vemo-nos lá. O teu assunto pode esperar?
- Pode. Então amanhã falamos? – disse, apesar de a voz dele não soar muito aliviada.
- Amanhã sou todo teu, Germán – prometi.

...

Chegámos ao chalé de Saúl apenas duas horas e meia mais tarde. Alba tinha montado o dispositivo e dois carros-patrulha da esquadra de Santander, com Paulaner no comando; já tinham rodeado a vivenda quando Esti, Milán, Peña e eu aparecemos.

A costa estava mal iluminada por alguns candeeiros distantes de outras urbanizações e o vento recebeu-nos um pouco mais furioso do que era habitual.

Soube que alguma coisa tinha corrido mal, muito mal, quando vi Paulaner a sair com um gesto derrotado para nos receber.

– O que aconteceu? – gritou-lhe Estíbaliz impaciente, e levou a mão à pistola, num ato reflexo.

– Não vai precisar dela, inspetora. O Saúl Tovar já não representa perigo para ninguém.

– Não! – escapou-me, e entrei a correr em casa dele, saltando o perímetro que já estava montado.

Encontrei o seu corpo no chão da sala.

Saúl estava deitado e seminu, com as mesmas calças de ganga velhas com que nos recebeu na segunda-feira de manhã. O seu rosto já não era a beleza gloriosa de olhos verdes.

Uma das réplicas dos punhais cantábricos tinha-lhe atravessado o coração.

O casebre de Santillana

25 de maio de 1968, sábado

A mãe chamou Sarah novamente, tinha acordado de muito bom humor. Era o aniversário da menina: com onze anos já se sentia crescida, mas ainda não o suficiente.

– Que deseja, mãe?

A mãe, da cama, ordenou-lhe que entrasse no quarto.

– Esvazia-me o bacio e traz-me o pequeno-almoço. Hoje está um dia maravilhoso, não achas? – disse a mãe, risonha, olhando pela janela.

O casebre dos Tovar não tinha uma vista especialmente bonita, dava para uma rua estreita, e se uma pessoa olhasse para fora só conseguia ver a parede de um antigo solar.

– Ah, e vai com o teu irmão lá abaixo à cave, que o teu pai está a chamar-vos para não sei o quê!

A menina engoliu em seco e apressou-se a levar-lhe uma bandeja com um copo de leite e bolachas.

– Mãe, não se quer levantar, com o dia que está?

– Já falámos sobre isso, filha. Fiz uma promessa à santa Juliana e não faço tenções de a quebrar.

– Mas hoje é o meu aniversário, e podíamos sair para apanhar um pouco de sol.

“Temos de sair, mãe. Não podemos ficar nesta casa porque já sei o que se vai passar com o pai”, implorou-lhe Sarah em silêncio.

– Não, filha, nem pensar!

– Então que saia o Saúl para ir brincar com as outras crianças, que o esperam na praça.

– De onde é que te veio esse gosto em não obedecer? Vá, desce com o teu irmão. Eu vou dormir mais um pouco.

– Sim, mãe.

– E desceu as escadas de mão dada com o irmão, e lá em baixo esperava-os o pai deles. O pornógrafo amador pegou na sua câmara de filmar caseira, tal como

o pai dele fizera nos longínquos anos trinta com aquela *Kodak* de 16 mm trazida de França.

Deu instruções às crianças. Sarah olhava fixamente para o seu irmão mais novo:

– Olha-me nos olhos. Não deixes de me olhar nos olhos. Eu protejo-te, Saúl.

– Não, eu a ti – disse o menino.

– Eu a ti.

– Eu a ti.

– Eu a ti.

Era a maneira que as crianças tinham de se abstrair. Só queriam que tudo acabasse depressa para ambos, que as instruções do pai de ambos ficassem num canto escuro daquela cave húmida.

Um altar no céu

20 de janeiro de 2017, sexta-feira

Peña e Milán entraram atrás de mim, e talvez fosse o primeiro cadáver que ela via, porque saiu a correr do chalé, e Peña seguiu-a, provavelmente preocupado. Imaginei-a no jardim, a respirar um pouco de ar marinho para não vomitar.

Minutos depois, Peña entrou com um semblante sério.

– Como está a Milán?

– Não está muito bem. Podias ir lá fora falar com ela, por favor? – murmurou-me.

Encontrei-a sentada numa das cadeiras onde dias antes eu e Estíbaliz tínhamos tido uma conversa com Saúl. Não chorava, mas tinha a cabeça entre os joelhos, e o monte desorganizado de cabelos impedia-me de lhe ver a expressão.

– Como vai isso, colega?

– Nunca vou saber a verdade, sabe? Já não há forma – disse com a sua voz gutural.

Sentei-me a seu lado, tão aturdido como ela com a morte de Saúl Tovar.

– Sonhei durante vinte e quatro anos que encontrava a força necessária para vir até cá exigir-lhe uma explicação – confessou-me. – Mas nunca me atrevi. Queria olhá-lo nos olhos e achava que assim saberia se ele tinha empurrado a minha irmã pela falésia. E hoje vim a tremer, morta de medo, prendê-lo. E agora fiquei sem saber a verdade.

– Talvez nunca viesses a saber. O Saúl é... era – corriji-me, maldição – muito persuasivo. A mim... olhou-me nos olhos e contou-me que a filha era psicótica. Sou um *profiler*... e acreditei nele. Abracei-o, tive pena dele por toda a sua desgraça. Ele ter-te-ia seduzido. Seduziu-nos a todos.

– Você não é muito bom a consolar.

– Temo que não seja – tive de admitir. – Tenho de ir lá para dentro, Milán.

– Eu compreendo. Eu estou bem, a sério. Vou ficar bem.

E voltei para o covil do Barba Azul.

O inspetor Lanero já tinha ligado ao juiz, e este à equipa forense.

Na ausência da confirmação da autópsia, avançou com poucas dúvidas tratar-se de um suicídio.

– Uma forma de se suicidar muito pouco habitual: é complexa e uma pessoa precisa de saber muito bem o que está a fazer para cravar uma arma branca no coração. Sei que é típico dos suicidas despirem a roupa no lugar onde vão desferir o golpe – disse o médico-legista depois de observar o cadáver.

Pelo estado em que encontrámos o corpo, Saúl tinha-se matado na terça-feira, logo depois de ter regressado do hospital Valdecilla onde foi entregar a sua saliva.

Ele sabia que descobriríamos a correspondência do seu ADN com o de Gimena. Sabia que ligaríamos as pontas soltas. Sabia que perceberíamos que Gimena era sua filha e neta. Não quis enfrentar a prisão. Ou talvez aquilo que tanto o preocupava: o desprezo público. Mas pelo menos deixou-nos a certeza.

É curioso como ele saiu bem daquela história toda.

Na imprensa local saiu naquele mesmo sábado na edição *online* uma breve notícia:

*

Foi encontrado morto na sua casa um professor da Universidade da Cantábria, S. T., 55 anos. A comunidade universitária está consternada com a notícia. Na segunda-feira será homenageado pelo reitor e pela reitoria da faculdade de Filosofia e Letras pelo seu trabalho na divulgação da cultura celtibérica local.

*

A redação do *El Periódico Cántabro* não o associou a nenhuma investigação e limitou-se a noticiar a sua morte. Saúl ter-lhes-ia ficado muito agradecido.

Eu não parava de pensar no cabelo preto, comprido e liso que a médica-legista tinha encontrado nos casacos. Seria a sua irmã, Sarah, quem estava por detrás daquelas mortes? Talvez devesse pedir à doutora Guevara para comparar os cabelos encontrados com o ADN da irmã de Saúl, mas não corríamos também o risco de ela se suicidar ou fugir, se lhe aparecêssemos em casa com um mandado para colher a sua amostra? Havia outra opção, mais fácil, que era comparar o ADN de Saúl com o dos cabelos. Se fossem de Sarah Tovar, a correspondência genética seria igual.

Mas não tinha a certeza daquela hipótese.

Todos nós, da equipa de Vitoria, tínhamos regressado à nossa cidade calados e circunspectos. Talvez o mais afetado fosse eu, que o conhecera. E Milán, que continuava a criticar-se por não ter agido antes.

:::

No dia seguinte, enquanto esperava pelos resultados da autópsia, fui almoçar a Villaverde. Queria espairecer um pouco da investigação. Encontrei o avô nas

avelaneiras, a tirar as ervas daninhas. O meu irmão não estava em lado nenhum.

– O Germán ainda não chegou? – perguntei ao avô depois de ir para junto dele e começar a arrancar também algumas ervas daninhas.

– Não, e disse-me que hoje vinha logo de manhã. Não sei porque se atrasou.

– Talvez tenha trabalho no escritório.

– Deve ser isso – concordou o avô, e ambos continuámos com os nossos afazeres.

Liguei-lhe por volta das três e meia. Não tinha aparecido, e Germán avisava sempre. Não atendeu o telemóvel, e no escritório foi para o atendedor de chamadas automático, convidando-me a marcar hora.

Comemos em silêncio o feijão com pimenta e o chouriço que o avô assara no fogão a lenha da cozinha.

Ele foi fazer a sesta e eu passei a tarde pensativo, a olhar para a lareira. A descansar. A recompor-me.

Quando escureceu, começámos a preocupar-nos a sério com a ausência inexplicável do meu irmão.

– Avô, o Germán disse-te mais alguma coisa, além de que vinha de manhã? – perguntei, depois de reunir lenha para manter a casa quente durante a noite.

– Sim, filho, contou-me uma coisa e disse-me que hoje queria falar disso contigo.

Tanto eu como Germán contávamos ao nosso avô tudo sobre o nosso trabalho, mesmo aqueles assuntos de que não podemos falar por estarem em segredo de justiça. Mas contar ao avô era mais seguro do que falar com uma estátua, porque dali não saía nada, e havia a vantagem de os quase cem anos do avô porem os nossos problemas em perspetiva.

– Achas que me devias contar?

– Não sei se devia ser eu a dizer-te. Sabes, ele estava um pouco preocupado com algo que tinha encontrado sobre a namorada.

– A namorada dele, a Beatriz, a minha terapeuta da fala?

– Sim, alguma coisa no consultório dela. Lembras-te de te ter falado daquele edifício de San António ao qual desmontaram a cúpula para pôr uma série de metralhadoras durante a Guerra Civil?

– Sim, avô. A casa de Pando-Argüelles.

– Pois o Germán contou-me que o edifício não tem escritórios para arrendar. Que foi comprado por uma promotora e que a obra ficou parada antes de acabarem de a reformar, e que apareceu no escritório dele um cliente com um assunto relacionado com o leilão. Por isso, achou estranho que a sua namorada trabalhasse lá e investigou, mas não aparece nenhuma Beatriz... Korres?

– Sim, Korres.

– Disse que ela não pode ter arrendado um consultório lá, que legalmente a promotora não o pode fazer. Não sei, disse que queria falar contigo antes de falar com ela, para ver qual é a tua opinião.

– Penso que o deve ter arrendado ilegalmente.

– Deve ser isso. Mas o miúdo não costuma não aparecer. Vamos ligar-lhe de novo?

– Sim, vamos.

Liguei para o nosso grupo de amigos, mas às onze também não tinha dado sinais de vida em Vitoria. Todos presumiram que estava com Beatriz, mas liguei-lhe e tinha o telefone desligado.

Eu e o avô esperámos em frente à lareira, mas à meia-noite convenci-o a ir deitar-se, que eu iria no dia seguinte a Vitoria a casa dele, para ver por onde andava.

– Avô, ele já é adulto. Deve estar com a namorada no cinema ou querem um pouco de intimidade. Talvez por uma vez na vida não tenha sido tão responsável como sempre, ou se tenha esquecido de avisar, está bem?

– Claro – disse o avô, mas era como ouvir: “Não me tranquilizaste nem por sombras, filho.” – Pois amanhã, quando falares com ele, diz-lhe que hoje bem cedo encontrei-me com uma das vossas amigas, a mulher do Asier, que andava aqui a rondar na aldeia e me disse que gostava de falar com um de vocês, mas não sei com qual.

– A mulher do Asier, a Araceli?

– Sim, ela, mas não a percebi bem, estava um pouco nervosa. Ela disse: “Estou à procura do teu neto”, ou algo do género. Mas foi-se embora apressada. Amanhã dizes ao Germán.

“Por que raio teria vindo a Araceli a Villaverde à procura do Germán?”, pensei, espantado. “Ou queria falar comigo?”

Fui-me deitar sem sono. Preocupado, e chateado com o meu irmão por não ter aparecido e por não nos ter avisado.

Na verdade, a visita de Araceli também me deixou apreensivo. Não era uma amiga íntima, mas ultimamente parecia-me estranha, nervosa, alterada.

Pensei em fazer alguma coisa de útil enquanto as horas passavam escuras no meu quarto. Dei voltas à cabeça a matutar nos nomes. As três contas falsas que entraram em contacto com Annabel: Genebra, Linett, Begoña Kortajarena. Talvez nalgum daqueles nomes estivesse a chave. Um nome que para Rebeca tivesse um significado especial, talvez alguma coisa a ver com a cerimónia da Tripla Morte celta. Os enforcados, a corda, a proximidade dos altares, a água... Com alguma curiosidade, peguei no telemóvel que continuava ligado para o caso de Germán telefonar, e procurei o significado do nome *Rebeca*.

O que encontrei era, no mínimo, curioso. *Rebeca* era um nome bíblico, hebraico, mais precisamente. Podia traduzir-se como “corda” ou “laço”. Em grego, por seu lado, fazia referência à fertilidade. Em aramaico era considerada uma deusa da terra. Esposa de Isaac, filho de Abraão, que se casou com a sua própria irmã, Sarah. Era interessante encontrar uma alusão ao incesto tão direta numa família como os Tovar.

Procurei outros nomes, como *Saúl*. Também bíblico, também do hebraico. Significava “o desejado”. Muito *ad hoc* para alguém que tinha sido pura sedução. Continuei a procurar nomes antigos e cheguei ao de *Araceli*. *Ara* era a pedra no centro do altar onde se depositavam as oferendas; *caeli*, do latim *caelum*, “céu”. Para os Romanos, Ara Caeli era a pedra que lhes permitia comunicar com o sobrenatural.

Lembrei-me da ara das *Matres* de Barbacana, e da ara das ninfas de Araia, perto de San Adrián.

E houve um momento, já de madrugada, quando a luz do amanhecer entrava pelas frestas das portadas, que vi claramente o que não quis ver até então.

Um clone de Annabel Lee que se casou com Asier, que se tornou próxima de todos os membros do grupo, uma especialista em informática que pôde *hackear* o meu telemóvel facilmente, alguém que tinha motivos de sobra para matar Annabel assim que ficou a saber da sua gravidez, possivelmente porque achou que Asier era o pai. O cabelo preto e comprido nos casacos de Jota e de Annabel. Esteve com os dois pouco tempo antes de ambos morrerem. Foi uma certeza que tive, algo que sabia que o ADN me iria confirmar.

E lembrei-me do que me disse MatuSalem na cripta da Catedral Nova, quando me contou a origem do nome da empresa Cisco: “Às vezes não vemos a palavra inteira, mas uma parte é suficiente para ter um significado próprio.”

Quantas vezes lhe tinha chamado Ara sem pensar na sua relação com as aras das *Matres*?

Estaria a nossa esquiva Rebeca escondida sob a identidade de Araceli?

O palácio de Escoriaza-Esquivel

22 de janeiro de 2017, domingo

Esperei que fosse uma hora razoável e por volta das nove da manhã enviei uma mensagem pelo WhatsApp a Araceli. Pelos vistos estava acordada, porque respondeu imediatamente.

- Podemos tomar o pequeno-almoço juntos, Ara?
- Sozinhos ou com o Asier?
- Tu e eu sozinhos.
- Já tomei o pequeno-almoço. Encontramo-nos ao pé da muralha medieval, onde nos vimos na noite das velas?

Pareceu-me um bom lugar para falar com ela a sós, sem me expor demasiado. Não ficava longe, mas era uma paragem solitária a um domingo de manhã.

Combinámos daí a uma hora, despedi-me do rosto preocupado do avô, que não parava de ligar para o telemóvel desligado de Germán, e regressei a Vitoria com umas olheiras de todo o tamanho.

Araceli já estava à minha espera, mais Annabel Lee do que nunca, sentada no pátio do palácio de Escoriaza-Esquivel, na parte mais alta da Amêndoa Medieval. Estava um frio de rachar e ameaçava chover, mas sentámo-nos de costas para a muralha.

Preferi não perder tempo e perguntar de chofre.

- Sabes onde está o Germán, Ara?

Ela franziu o sobrolho e lançou-me um olhar receoso.

- Ainda não sabes nada dele?

Abanei a cabeça, frustrado.

- Também não sei nada dele desde ontem.

- Sei que foste ontem de manhã a Villaverde, querias falar comigo?

Ela ficou meia encavacada com a minha pergunta tão direta, e eu implorei a algum deus ela não me mentisse.

- Na verdade, não. Era com ele que queria falar.

- Porquê?

- É uma questão... profissional. E também pessoal.

Encostei-me para trás e juntei as peças todas.

– Oh, meu Deus! Agora entendo. Vais separar-te e querias tirar algumas dúvidas com ele, é isso?

Ela olhou para mim um pouco envergonhada.

– Como... Como é que sabes?

– Sou irmão de um advogado, não imaginas quantas pessoas à nossa volta vão ter com ele com esse tipo de questões.

– Bolas... sou mesmo transparente.

Não lhe contei tudo o que Asier partilhara comigo sobre o estado do casamento deles, ainda não era o momento.

– Porque é que me ligaste, Unai?

– Tens de me dizer a verdade sobre a mulher que morreu em San Adrián.

Araceli passou os dedos por algumas madeixas do seu cabelo preto, pondo-as no sítio.

– Já te disse que não a conhecia.

– Encontrámos um cabelo preto comprido no casaco que ela tinha consigo quando morreu. Vou pedir ao juiz um mandado para te fazer um teste de ADN e compará-lo; queres continuar com a tua versão?

Engoliu em seco, frustrada.

– Eras capaz de me fazer isso?

– Quero saber quem matou o Jota. Por isso, sim, era capaz de te fazer isso.

Ela cerrou os dentes e olhou para o chão. Manteve um silêncio que me pareceu de desamparo.

– O Jota contou-me – disse por fim.

– Contou-te o quê?

– Que a Ana Belén e o Asier estavam a ter um caso. O Jota estava completamente lixado, bastante bêbedo. Fiquei preocupada com ele, não merecia aquilo...

– Chegaste a conhecê-la? – interrompi-a.

– Sim, encontrei-me com ela em meados de novembro, talvez uns dias antes da sua morte, na verdade não me lembro. Entrei no telemóvel do Asier e combinei com ela fingindo ser o meu marido. Queria ter a certeza de que ela aparecia.

– O que aconteceu? Discutiram?

– Nada disso, era impossível discutir com ela. Era-lhe tudo indiferente, estava-se a borrifar para o Asier, estava-se a borrifar para o Jota... na verdade, foi muito frustrante.

Quase sorri, apesar de não ter graça nenhuma.

– Sim, ela era mesmo assim. Mas então mentiste-me, e essa não foi a tua única mentira. Estiveste com o Jota na noite em que ele morreu?

– Saímos todos à noite, também há cabelos meus no casaco dele?

– Diz-me tu.

Vi-lhe no rosto uma expressão de dor que nunca me tinha mostrado antes.

– Não é o que estás a pensar.

– Não sabes o que estou a pensar, mas posso dizer-te. Acho que pudeste matar ambos... Acho que o Asier podia estar a dormir nas madrugadas em que eles morreram. – Respirei fundo para continuar a falar. – Acho que pudeste matar o Jota, deixá-lo em La Barbacana e voltar para a cama com o teu marido.

Olhei-a nos olhos enquanto lhe lançava toda a minha raiva, mas ela levantou-se, corada, e eu fiz o mesmo, não queria que escapasse. Mas não estava à espera do que me disse a seguir:

– Estávamos juntos. O Jota e eu amávamo-nos, amávamo-nos muito. Ele era o melhor de vocês todos, boa pessoa...

– O quê? Tu e o Jota?

Era difícil para mim imaginá-los juntos. O abatido e desgrenhado Jota com a sempre impecável e segura Araceli. Que tipo de química, que necessidade podia haver entre eles? E o que mais me preocupava ainda: Araceli sabia que Jota estava à espera de um filho de Annabel?

– O Jota era bom, Unai! – praticamente me gritou fora de si.

– Eu sei, era o meu melhor amigo desde a primária. Vamos, senta-te – pedi-lhe.

Ela obedeceu, como se tivesse ficado sem forças com a sua confissão.

– O que se passou convosco? – perguntou, um pouco mais calma.

– O que se passou connosco foi a Annabel.

Araceli assentiu, com oito palavras compreendeu uma história que eu acreditava ser muito mais complexa, não sei. Não tinha muita vontade de me expor naquele momento.

Foi então que ouvi a melodia de *Lau teilatu* no meu antigo telemóvel. Era a minha terapeuta, Beatriz Korres.

Aliviado, fiz um sinal a Araceli para ficar onde estava, levantei-me e afastei-me alguns metros para atender a chamada.

– Beatriz, que alívio. Sabe onde está o Germán?

Mas havia alguma coisa diferente na voz dela, uma raiva, um tremor.

– Sim, claro que sei onde está o Germán, sou eu que o tenho – respondeu.

– Como assim, é a Beatriz que o tem? Está tudo bem? Parece um pouco... alterada.

Não percebia, não percebia nada.

– Alterada? E tu apercebeste-te disso, Unai? Tu que nunca te apercebeste de nada?

E já não era a doce e comedida Beatriz Korres que me tinha reensinado a falar durante meses. Agora era alguém que destilava muito fel em cada uma das suas palavras.

– Beatriz, não sei do que está a falar...

– Claro que não, como poderias saber? Esteve sempre à frente dos teus olhos e nunca evitaste nenhuma morte. O meu pai está morto por tua causa!

– O seu pai?

– Está a falar de quem?

– Sim, do meu pai. O Saúl Tovar. A culpa é tua de ele estar morto, Kraken!

E uma desconhecida que em tempos conheci desatou a chorar do outro lado da linha, com fúria, completamente fora de si, destroçada.

Foi então que caí em mim.

Os nomes: estava enganado.

As iniciais.

BK, Beca escondia-se atrás de Beatriz Korres, tal como a Begoña Kortajanera que entrou em contacto com Annabel Lee.

Foi como um clarão no cérebro. Um momento de lucidez que não chegava a tempo.

E soube que era demasiado tarde para o meu irmão.

A ermida de Okon

22 de janeiro de 2017, domingo

Imaginar o meu irmão pendurado numa árvore, com a cabeça mergulhada num caldeirão e inconsciente por causa do disparo de uma arma *Taser* foi demais para mim. Também a surpresa e a estupefação de encontrar Rebeca na pele de alguém a quem eu confiara a minha nova vida. Devia-lhe muito, dias e dias de pacientes repetições, palmadas carinhosas nas costas. Chupa-chupas de presente sempre que conseguia encadear mais uma palavra a uma frase.

– Rebeca, és tu? – repeti, incrédulo.

– Não tinha de morrer! – gritou-me ao ouvido, sem se conseguir conter. – Eu continuava a amá-lo, sentia a falta dele. A culpa é tua de ele ter morrido!

– O Saúl não morreu por minha causa, mas sim com medo de que todos soubessem o que te fez.

– Eu tive culpa disso, eu comecei tudo. Queria que ele me amasse, que acontecesse o que aconteceu.

– Não, Rebeca. Tinhas treze anos... ele manipulou-te para acreditares nisso. Foi ele que te persuadiu. Todas as vítimas de abusos têm em comum o complexo de culpa. Tu não seduziste o teu pai, não tens culpa do que aconteceu.

– Seduzi, sim, fui eu que comecei o jogo – disse, e a voz tremia-lhe.

Aquela era a sua verdade.

E chorou, não sei se porque estava atordoada com a morte de Saúl ou pela catarse de falar finalmente daquilo com alguém que esteve presente.

Há quase vinte e cinco anos tínhamos deixado uma conversa pendente. Jamais pensei que a concluiríamos daquela forma.

– Rebeca, é simplesmente a culpa. A tua cresceu e formou um quisto, tornou-se patológica e matou várias pessoas.

– Pessoas que não mereciam ter filhos.

– E eu também não mereço ser pai. Queres... queres... – gaguejei, era demasiada pressão para a minha cabeça.

– Respira fundo como te ensinei, Unai – disse-me mais uma vez.

E por momentos voltou a ilusão de estar a falar com a minha terapeuta da fala.

Fiz como me disse, respirei fundo e expirei contando até três.

– Queres castigar-me por não me ter apercebido do que aconteceu no acampamento... então fá-lo. Não te dei atenção, não te ajudei, permiti que o teu pai te violasse mesmo debaixo do meu nariz, e não vi nada. Diz-me que não mereço a morte.

– Não, não mereces ser pai. Não saberias proteger a tua filha. E a Alba também não merecia ser mãe.

A menção a Alba naquele contexto foi mais do que suficiente para me decidir.

– Não a metas ao barulho – gritei. – Isto é por causa do que aconteceu no povoado. Tu e eu. Vamos fazer uma troca: eu pelo Germán.

– Não brinques comigo, se achas que me podes montar uma armadilha...

– Não, isto não é uma armadilha. Diz-me um lugar... não vou largar o telefone até chegar aí, não avisarei ninguém. Eu em troca do Germán, sacrificas-me e tudo acaba para mim. Não é o final que mereço por não ter evitado o que o teu pai te fez?

Rebeca pensou durante longos segundos.

– De acordo. Na ermida de Okon. Há um pequeno tanque, com um *lauburu* ou a cruz basca e umas folhas de carvalho gravados.

– Eu conheço – interrompi-a. “Provavelmente foi o Germán quem te mostrou esse lugar”, pensei com raiva.

– Se ligares à tua colega, mato o teu irmão.

– Sabes que não vou ligar a ninguém, maldita sejas. Nem te atrevas a tocar num pelo da barba do Germán – disse dando voltas por baixo da muralha.

Naquele momento Araceli, alarmada pelas minhas idas e vindas pela praça, pelos meus gritos e pelos meus gestos alterados, aproximou-se de mim.

– Unai, passa-se alg...?

Tapei-lhe a boca, apavorado.

Se Rebeca descobrisse que mais alguém nos estava a ouvir, podia dar Germán como morto. E Germán não podia, não devia, não...

Fiquei bloqueado, fiquei bloqueado.

Araceli viu o terror na minha cara e obedeceu. Devia continuar a falar, Rebeca não podia aperceber-se de nada.

– A tua mudança física é... Estás irreconhecível.

– Empenhei-me em ser o modelo oposto de mulher de que ele gostava, pensei que assim estaria...

– A salvo. A salvo, no caso de a vida vos tornar a juntar... ou se ele descobrisse que estavas viva e voltasse a seduzir-te.

Ninguém respondeu do outro lado da linha, mas ouvia a sua respiração agitada, penso que estava a chorar. Obriguei-me a continuar a falar:

– Não tinhas a certeza de conseguir resistir às suas armas de sedução. Sempre amaste o teu pai, ele sempre te... atraiu, e apavorou ao mesmo tempo. Criaste este físico de mulher voluptuosa, nada menina, para te protegeres dele, e de ti mesma, não confiavas na tua capacidade de resistir.

Rebeca ficou em silêncio, era um tácito “sim”.

Aproveitei para tirar o caderno e escrever a Araceli:

– Não digas nada a ninguém. Preciso que vás a minha casa e faças uma coisa por mim. Corre, tens de te despachar, já!

Ela assentiu, consciente de que algo muito grave estava a acontecer.

Leu as instruções, atirei-lhe as chaves, a serra de madeira do avô voou numa elíptica elegante.

– Tem cuidado – escreveu-me antes de se ir embora a correr da praça.

– Não te posso prometer nada – escrevi-lhe.

Mas eu já corria a toda a pressa pelo cantão das Carnicerías, para chegar ao meu carro e arrancar o quanto antes para Okon.

Cheguei à ermida da Virgem de Okon mais de uma hora depois. Durante o percurso, eu e Rebeca mantivemos o contacto, sem desligar os telemóveis. Pedi-lhe autorização para reabastecer no posto de gasolina de Ventas de Armentia. Não achou graça nenhuma a que eu me demorasse, mas acabou por concordar.

A ermida ficava a meio da minha serra, apenas a umas centenas de metros da vila de Bernedo. Conduzi com cautela pelo caminho que levava à igreja, rodeado de árvores que no verão davam sombra e refrescavam. Em frente ao campo encontrei dois carros estacionados.

Deixei o meu junto ao campanário e saí a correr, com o telemóvel na mão, até ao lago que estava escondido numa área arborizada com mesas e bancos que serviam de área para piquenique. Poucas pessoas conheciam a fonte e o antigo lago, uma pequena piscina escavada na rocha num recanto afastado do bosque.

O meu coração praticamente parou quando vi a pequena figura do meu irmão a balançar sobre o lago. O seu elegante fato azul-marinho parecia desfasado no meio das folhas castanhas e douradas. Estava amarrado pelos pés a uma corda que o segurava no ramo alto de um carvalho. Os seus braços balançavam inertes e o seu cabelo preto tocava na água.

– Não avances mais, Unai! – travou-me Rebeca enquanto me apontava a arma *Taser*. – Despe esse casaco!

Compreendi as suas intenções instantaneamente. Queria atingir-me, mas também verificar se eu trazia um colete à prova de bala e se tinha uma arma.

– Estou desarmado! – gritei-lhe. – O que pensaste?

“Vai disparar”, pensei. “Vai sacrificar-me no lago.”

Em qualquer outra circunstância, o meu instinto de sobrevivência estaria a elaborar milhares de planos para a desarmar e enganar, mas ao ver Germán tão exposto...

Obedeci e deixei o casaco aos meus pés. Levantei os braços. Rendi-me.

– Agora aproxima-te – gritou.

Rebeca queria que eu estivesse ao seu alcance para poder disparar sobre mim, pois com a *Taser* só dispunha dos sete metros que os cabos permitiam.

– Despacha-te, não tenho o dia todo. Ainda tenho de verificar se as deusas estão satisfeitas com a tua filha – pareceu-me ouvi-la dizer.

– O que disseste? – perguntei, incrédulo, enquanto me aproximava com as mãos na nuca.

Mas Rebeca não tinha intenções de me responder. E não tinha intenções de me trocar por Germán e desamarrá-lo. Só então compreendi: Germán sabia quem ela era, conhecia a sua dupla identidade. Não podia deixá-lo vivo. Era uma armadilha, ia matar-nos a ambos.

Por isso, quando vi atrás dela um capuz branco e MatuSalem com o seu cabelo azul a disparar-lhe com uma arma *Taser* amarela nas costas, não fiz nada para o impedir.

O ciclo de descarga durou cinco segundos. Rebeca caiu inerte no chão de lama e de folhas amareladas. Ela entrou em convulsão sem controlo.

Matu não estava sozinho, Golden Girl acompanhava-o. A *hacker* idosa deixou escapar um grito e correu, com o seu coxear, para socorrer o corpo maltratado da sua querida sobrinha.

– Beca, querida! Sou eu, sou a tua madrinha. Rebeca!

Eu corri para desatar a corda que prendia os pés de Germán. O meu irmão tinha o rosto vermelho por estar de cabeça para baixo. Tive de me meter no lago quase até à cintura, com a água praticamente gelada, para lhe segurar o corpo.

– Já está, Germán. Já terminou tudo – murmurei-lhe, mas ele estava aturdido e desorientado, Rebeca tinha-o atingido com a *Taser*, provavelmente antes de o pendurar na árvore.

Saí com o meu irmão do lago, encharcado, e abracei-o no chão, como se fosse uma *Pietà*, uma dessas Virgens italianas que choram com os filhos nos braços. Senti um alívio tão grande por Germán estar a salvo que desmoronei, os meus nervos cederam e comecei a tremer como uma folha no rio.

– Muito eficaz pôr uma cruz branca e outra preta na tua varanda, Kraken – disse-me MatuSalem, que se pôs atrás de mim. – Ela monitorizou-me, eu a ela, ambos a ti... Imaginámos que o que precisavas de nós era a arma *Taser* que a Golden comprou na Deep Web.

Na verdade, o que queria era a presença de Golden, ou melhor, de Lourdes Pereda, a tia de Rebeca. Queria pô-las frente a frente para que Rebeca revivesse a parte boa do seu passado, mas não tinha a certeza se a minha mensagem ia chegar suficientemente depressa, de modo que ordenei a Araceli que pusesse também uma cruz branca para MatuSalem.

Um génio como ele depressa compreendeu a jogada. Eu confiava nos seus reflexos.

E ele teve-os.

Na verdade, salvaram-me a vida.

Se tivesse ligado a Estíbaliz, teria sido um “espera, vamos reunir uma equipa, nós encarregamo-nos, não vás sozinho...” Embora eu estivesse ciente de que depois daquele desastre a solo, teria de dar muitas explicações na esquadra... ou talvez não tantas assim.

– Têm de se ir embora, peguem nuns ramos e apaguem as vossas pegadas na lama. Não estiveram aqui. Eu disparei a *Taser*, o meu irmão não vai contar nada. A Rebeca não vos viu.

E peguei na *Taser*. Matu levava luvas, aquele miúdo pensava em tudo. Pus as minhas impressões digitais e coloquei-me na posição de onde ele disparou, as minhas botas enterraram-se firmes na lama.

Mas Golden continuava abraçada a Rebeca, que jazia no chão. Comecei a preocupar-me porque já devia ter começado a recuperar. Estava preparado para a imobilizar e deter.

– Golden, o que se passa? – perguntei-lhe.

– Não responde, Kraken. Não responde – murmurou embalando Rebeca como se ela fosse uma criança.

Corri até onde estavam; Germán também, como pôde. E não me passou despercebida a sua expressão de horror e de preocupação.

Procurei sentir-lhe a pulsação no pescoço, encontrei-a, mas Rebeca não respondia.

– Temos de chamar uma ambulância. A Rebeca entrou em coma.

Puente Viesgo

15 de maio de 1993, sábado

Sarah embalava a bebé meio adormecida, sentada numa cadeira de baloiço. Lá fora o sol convidava a dar passeios no bosque próximo, mas ela estava consciente do quanto se expunha se saísse e algum vizinho da aldeia a visse.

Ouviu o som do telefone e inquietou-se. Ninguém, salvo o seu irmão, lhe telefonava para aquele lugar recôndito.

– Sarah, tens de vir com a bebé – pediu-lhe rapidamente.

– Com a bebé? Não é um pouco arriscado verem-me perto da tua casa com ela?

– Vem com ela, já te conto – disse-lhe Saúl, e desligou.

E Sarah obedeceu, um pouco intrigada. Mas o irmão estava tão desorientado desde o desaparecimento de Rebeca... E ela preferia calar as suas suspeitas, sentia-se demasiado culpada por se ter entregue a Eulalio Osorio. Sabia que ele era capaz, que faltava sangue àquele homem para carregar com um pouco de culpa às costas. Se ela lhe falasse da sua culpa...

Mas desde que viu as fotos que mandaram ao jornal, não conseguia tirar esta suspeita da cabeça; teria sido ele quem matara Rebeca para evitar que a menina falasse?

Sarah vivia num chalé solitário perto de Puente Viesgo. Foi para ali que levou Gimena quando ela nasceu. Era demasiado pequena e frágil para se arriscar a fazer uma viagem com ela, mas queria começar uma nova vida em Londres. Talvez, no futuro, Saúl se juntasse a elas e pudessem formar uma família. Em Londres havia o Museu Britânico, talvez com os seus contactos pudesse encontrar um cargo apetecível para o irmão, agora que Rebeca já não estava lá para estragar o ambiente.

...

No dia seguinte, Sarah chegou à noite ao chalé do seu irmão. Estacionou à frente da porta, àquelas horas os vizinhos não a podiam ver a entrar com um bebé

nos braços.

– Dá-ma, quero vê-la. Não paro de pensar nela.

– É muito boazinha, não me dá qualquer problema. Se continuar a ganhar peso a este ritmo, depressa a poderei levar comigo. Só me falta pedir a licença sem vencimento no hospital, em Londres têm a papelada toda pronta, só falta a minha assinatura. Vai ser mais difícil a parte da adoção.

– Era sobre isso que te queria falar. Mudei de opinião – disse Saúl com a bebé nos braços. – Anda, entra. Tenho de te mostrar uma coisa.

– Dá-me a bebé, senão vai acordar – pediu ela um pouco receosa.

– Não te preocupes, ela gosta de mim. Ela gosta muito de mim. Olha como se aninha no meu colo. Eu levo-a. Segue-me.

Os dois irmãos subiram as escadas e chegaram ao quarto que até então tinha sido de Rebeca, ao lado do de Saúl.

Sarah deu um passo atrás quando entrou.

Estava tudo mudado. Não havia qualquer vestígio da cama onde Rebeca dera à luz apenas umas semanas antes, nem dos seus livros de História, nem dos seus pósteres com deusas celtas.

– Que fizeste, Saúl?

– Preparei o quarto para a Gimena. Montei-lhe um berço, pintei as paredes. Comprei-lhe roupa, fraldas, leite em pó... Já criei uma filha, sei como se faz. A Gimena fica esta noite em sua casa.

– Não! Disseste-me que eu ficaria com ela, não me podes fazer isto. Sabes que não posso ter filhos, eu queria esta menina. É especial, é... – Não pôde terminar. Às vezes Saúl dava-lhe um pouco de medo, quando lhe lançava o mesmo olhar que o pai, e naquele momento estava a olhar para ela com aqueles olhos que magoavam.

– Disse-te que precisava de um último favor. Vou registá-la no Registo Civil, tens de falsificar os papéis da adoção, é só uma ordem do juiz a dar-me a guarda da bebé. Tens acesso a outros casos de adoção. Por isso, faz isso simplesmente ou ambos caímos.

– Saúl, peço-te pelo que é mais sagrado, não me tires a minha menina! – implorou Sarah, mas sabia ser inútil.

Saúl deitou a filha na sua nova cama e cobriu-a com a mantinha nova.

– Seremos o pai e a mãe da Gimena, a nossa família vem em primeiro lugar. Desta vez vai correr bem. Desta vez vai correr bem – disse à irmã e abraçou-a.

Abraçou-a com força, ela tentou resistir, mas era tudo o que mais queria. Acalmou-se um pouco, olhou para a menina e a bebé sorriu. Gimena era doce e não se parecia nada com a criança chorona e problemática que Rebeca fora.

Durante meses os irmãos mal se falaram, Sarah não lhe perdoou por ter tido de se entregar a outro homem por ele, mas a doce Gimena limou as arestas ásperas e finalmente foram a família de três que Sarah sempre quis.

O seu próprio sangue, como o pai lhes ensinara.

Tudo estava bem até Gimena, incapaz de superar a indiferença do seu pai quando se tornou adulta, se ter suicidado.

A casa do avô

23 de janeiro de 2017, segunda-feira

O avô, Germán e eu passámos a noite em Villaverde, sentados no sofá em frente à lareira. A ambulância levara Rebeca a Txagoritxu, depois de MatuSalem e Golden terem desaparecido de Okon no carro a cair de podre de Matu. O meu irmão esteve em observação durante duas horas, fizeram-lhe análises ao sangue e perceberam que a namorada lhe tinha dado calmantes suficientes para matar um cavalo. Germán não se lembrava onde estivera desde sábado de manhã, quando foi ao consultório da minha terapeuta da fala em San Antonio beber um café.

Por outro lado, Alba não me atendia o telefone. Falei com Esti para que a informasse. De qualquer maneira, não queria saber nada do mundo, só queria estar com a minha família. Apoiarmo-nos mutuamente, ajudar Germán a recuperar.

– Preciso de ir para o hospital, alguém tem de velar por ela – murmurava, tentando aquecer-se por baixo da manta grossa do avô.

– Não te vão deixar estar ao lado dela esta noite. É melhor descansares. Amanhã vemos – repeti mais uma vez, na esperança de que me prestasse atenção.

– Preciso que ela me diga se estes meses foram um sonho ou se foram verdadeiros – disse-me, e havia tanta tristeza no seu olhar que só desejei encolher-me e desaparecer.

– Não me parece que fizesses parte dos seus planos. Ela aproximou-se de mim ao *hackear* o meu *email* e intercetando a mensagem que enviei à minha neurologista. Fez-se passar por minha terapeuta da fala. Voltei a ver a mensagem dela, já assinava como BK, consegues acreditar? Já estava diante do meu nariz e eu não vi. Penso que me localizou graças à visibilidade que os duplos crimes me deram no verão passado. Sabia da minha lesão, preparou uma identidade para isso.

– Gostava de acreditar em ti, mas não posso ficar com esta dúvida, consegues compreender, Unai?

– Não consegui... manter-te afastado dos meus infernos, Germán. Hoje nem te consigo olhar nos olhos. Sei que me vais pedir novamente para mudar de profissão e dedicar-me a outras coisas.

Germán levantou-se, o dia fora eterno, para quê arrastá-lo?

– Falamos amanhã, já tive suficiente por hoje. Mas... obrigado por me salvars a vida – disse e desapareceu pela porta em direção ao quarto.

“Sempre, Germán. Sempre.”

...

Cheguei ao meu gabinete de Lakua de manhã bem cedo. Quando abri a porta, um coro de aplausos e de felicitações aguardava-me. Todos os colegas das outras Unidades, o comissário Medina, Esti, Milán, Peña...

Brindámos com sidra, houve palmadas nas costas e sorrisos de alívio. Tínhamos capturado a assassina confessa, o Jogo da Força terminara. O caso dos Rituais da Água tinha sido resolvido.

O comissário veio ter comigo com um sorriso genuíno; por uma vez, parecia satisfeito. Afastou-me um pouco da confusão que reinava no meu escritório, procurando discrição.

– Muito bem, inspetor. Espero que se reincorpore em breve. Demonstrou-nos mais uma vez que está na posse de todas as suas faculdades. Esta Unidade deve-lhe muito.

– Muito obrigado, comissário. Que notícias temos do hospital?

– Esperemos que a Rebeca Tovar recupere, mas a equipa médica que a observou não está muito otimista.

– O que sabemos em relação ao que aconteceu?

– Que tinha uma malformação cardíaca congénita, que pensam nunca ter sido detetada. A descarga da pistola de eletrochoques foi fatal. Continua em coma, não sabem se vai acordar.

Assenti em silêncio. Não me alegrava.

O comissário olhou-me fixamente, procurando antecipar a minha resposta.

– Sabe que tenho de lhe perguntar: mas que diabo fazia com uma arma não regulamentada?

– Fazia parte da investigação que fiz na Deep Web para tentar seguir a pista da compra da arma *Taser* que a Rebeca usou com as suas vítimas – menti.

– Sabe que terá de escrever um relatório a explicar isso.

– Sim, sei. Os Assuntos Internos vão cair-me em cima?

– Escreva esse relatório e já veremos. Mas hoje é dia de celebrar. Onde está a sua namorada?

– Quem?

– A subcomissária. Ontem foi a inspetora Gauna quem me avisou da resolução do caso, o que me surpreendeu. Depois liguei à subcomissária Salvatierra, mas tinha o telemóvel desligado. Ainda não apareceu?

– Já virá, não se preocupe – respondi.

Mas despedi-me dele e fui ter com Estíbaliz.

– Onde está a Alba?

– Deve ter decidido tirar um fim de semana de folga porque não há maneira de me atender o telemóvel. Não devia já ter chegado? – disse com um copo de plástico na mão.

Peguei no telemóvel e liguei à mãe dela. Nieves atendeu de imediato.

– Nieves, desde quando não sabe nada da Alba?

– Desde sexta-feira, depois da hora de almoço. Passou pelo hotel para vir buscar as amêndoas caramelizadas que o teu avô lhe deixou. Nestes dias tem tido muitos desejos de doces, espero que não lhe suba o açúcar no sangue. A tua cunhada, a namorada do Germán, ligou-lhe e foram juntas. Porquê? Não foi trabalhar?

Tive de me apoiar na mesa porque senti uma leve tontura.

E foi então que compreendi: Germán foi uma armadilha, um despiste, outro truque do diabo para ganhar tempo.

As verdadeiras vítimas de Rebeca eram Alba e a minha filha.

A casa de Alba

23 de janeiro de 2017, segunda-feira

Estíbaliz e eu descemos as escadas a correr, como se fôssemos um só, e fomos de carro até casa de Alba, na rua Prado. Ninguém nos respondeu quando tocámos à campainha. Um vizinho que chegava das compras abriu-nos a porta, e subimos até ao seu andar, mas não atendeu nem se ouvia qualquer barulho dentro de casa.

Bati à porta, desesperado. Nada. O silêncio de Alba devorava-me as entranhas e a Estíbaliz as suas poucas reservas de paciência.

Olhámos um para o outro angustiados, parecíamos mais duas crianças perdidas do que dois profissionais com uma larga experiência naqueles dramas.

– Vou falar com a Milán – disse-me Esti nervosa –, para que rastreie o telemóvel dela.

Deixei-me cair no patamar do terceiro andar e fiquei sentado no chão, encostado à parede. A luz foi-se, ficámos às escuras, mas nem me apercebi. O medo que sentia era muito mais negro.

... E eu não parava de dar voltas à cabeça a algo que me pareceu ter ouvido Rebeca dizer.

– Ela disse alguma coisa sobre as deusas e a minha filha, que tinha de verificar se estavam satisfeitas. Não percebi o que queria dizer, pareceu-me demasiado enigmático.

– Não te preocupes com isso agora, Unai – respondeu a minha colega, depois de carregar no interruptor do corredor e trazer a luz de volta. – Temos de montar um dispositivo de busca assim que encontrarmos sinal do telemóvel dela. Tu és o *profiler* e resolveste o caso, faz-me uma lista de lugares possíveis para onde a Rebeca possa ter levado a Alba. Se não a matou antes de se ocupar do teu irmão no sábado, ainda a podemos encontrar com vida.

– Estava a pensar fazê-lo. Vou começar agora mesmo.

– A Nieves disse que a Beatriz, ou a Rebeca, a foi buscar às cinco da tarde. Ainda não tinha anoitecido. E encontrou-se com o teu irmão no sábado à uma da tarde, em Vitoria. Teve quase vinte e quatro horas para se ocupar da Alba, isso dá-nos um limite máximo de dez horas de ida e dez horas de vinda do lugar onde

a escondeu. É uma janela de tempo muito grande, geograficamente abarca demasiada distância.

– Vamos ver o que se passa com o telemóvel, mas talvez seja melhor avisarmos o Paulaner e coordenarmos uma equipa de busca na Cantábria – disse enquanto escrevia no meu caderno todos os possíveis cenários para o crime. – Muitos dos lugares da minha lista são lá.

– Eu encarrego-me do Paulaner. Já tens essa lista?

Arranquei o papel e passei-lho. Comecei pelos lugares na Cantábria que podiam ter marcado Rebeca: o povoado em Cabezón de la Sal, o palácio Conde de San Diego, o pico Dobra, Fontibre, o chalé de Saúl, todas as falésias da Costa Quebrada, desde a praia de Arnía até ao Portío. Eram demasiados. Em Vitoria tínhamos de ir ao seu consultório na casa Pando-Argüelles, Germán nunca chegou a saber onde morava a namorada. Em Álava só me lembrava de voltar ao túnel de San Adrián ou a Barbacana.

Peguei no telemóvel e liguei a Héctor. Pu-lo a par da situação em poucas palavras e pedi-lhe uma lista de sítios celtibéricos em terras alavesas com um rio, reservatório de água ou poça nas proximidades. Não havia muitos. Pedi-lhe para acrescentar à lista tudo o que lhe parecesse ser celtibero. Demorou pouco tempo a enviar-ma. Tínhamos de procurar nos castros de Lastra, de Olárizu, no sítio arqueológico de La Hoya...

– Diz-me que percebi tudo mal, Esti. Diz-me que isto não está a acontecer.

– A Alba está viva, Unai. A Alba não pode estar morta, alguém tão resistente como ela... é impossível ela estar morta. Impossível. Não nos vai deixar sozinhos. É a mais forte dos três – disse em voz alta, como se fosse uma ladainha.

Sáímos para a rua, e a chuva, maldita, fustigou-nos a cara com um vento e um frio que não auguravam nada de bom.

– Liga à Nieves e pede-lhe que venha a Laguardia e traga as chaves do apartamento da Alba. Precisamos de comprovar que ela não está lá dentro desmaiada por causa da eclampsia – ordenei-lhe.

Mas não, o apartamento estava vazio. Nem rasto de Alba.

Pusemos em marcha as equipas de busca em Álava e na Cantábria.

A meio da tarde chegaram boas notícias.

Uns montanhistas encontraram o telemóvel desligado à saída de Laguardia, numa sarjeta.

As câmaras de segurança analisadas pelos meus colegas da esquadra de Laguardia encontraram as imagens do carro de Rebeca, ou melhor, de Beatriz Korres. Sabíamos que elas tinham ido para norte, mas perderam-se assim que entraram nas estradas secundárias.

Tive uma breve desavença com o comissário quando terminámos a reunião de urgência em Lakua. Todos olhávamos para o céu escuro, preocupados. A morte de Andoni Cuesta era demasiado recente, e a noite ia cair com previsões de chuva e frio.

– Fique – ordenou-me o meu superior quando me dispunha a sair da sala.

– Não faço tenções de ficar – limitei-me a responder.

– É uma ordem direta; se não obedecer, terá consequências disciplinares. Não sabemos em que estado está a subcomissária, ou... os seus restos. Não faça isso a si mesmo.

– Tenho consciência disso, comissário. Já lhe disse uma vez, trata-se da minha filha.

E saí para ir procurá-las.

Naquela segunda-feira choveu toda a noite.

De Alba, nem sinal.

Na terça-feira juntaram-se voluntários às buscas. A lista era enorme e não havia tempo nem pessoal suficiente para uma grávida e a sua filha.

O avô, Germán, Nieves, Asier, Lutxo, Araceli, Nerea, Xavier... todos largaram os seus trabalhos e fomos procurá-la. Alba voltou a unir o que Annabel Lee separou, um sentimento de camaradagem que ia além das rivalidades, um “quero estar contigo neste momento tão duro”.

Paulaner dirigiu as buscas infrutíferas na Cantábria. Estíbaliz liderou as do norte de Álava. Eu foquei-me no Sul; montei a minha base de operações em Villaverde.

Houve só uma mancha naquele mar de solidariedade: o meu irmão. Todos os dias Germán ia, inexplicavelmente, ao hospital Txagorritxu visitar Rebeca. Não suportava aquilo. Aquela espécie de síndrome de Estocolmo.

À tarde foi-se embora novamente, disse-me adeus na cozinha, eu virei-lhe as costas e continuei a fazer o jantar para dois.

– Unai, filho, o Germán passou por muito. Não podem continuar sem se falar – disse-me o avô.

Não me apeteceu responder-lhe.

Depois de mais um dia exaustivo e de buscas infrutíferas, fui dormir a Vitoria. Queria estar sozinho.

O dia amanheceu feio. Chuva e frio, para variar. Uma chuva miudinha intermitente, às vezes um verdadeiro dilúvio. As ruas com guarda-chuvas pretos, o tempo muito zangado com não sei quem, e eu muito, mas mesmo muito zangado com o deus do tempo.

– Para de chover, para de chover de uma vez todas. Isto não as ajuda – repeti para o céu.

E eu, enlouquecido, subi à noite para o telhado, o mesmo telhado que nas festas da Virgen Blanca nos recebeu a mim e a Alba, o mesmo telhado onde tínhamos ouvido o *Lau teilatu* que já não tocava no meu telemóvel.

E estava um gelo, naquela noite gelou. Ninguém sabe o que é passar a noite ao relento em janeiro na Sibéria-Gasteiz, mas eu sim. Estava tão bem se ninguém me dissesse o que tinha de fazer, sem aqueles olhares de pesar...

– Ainda resta uma esperança mínima – disse-me Estíbaliz –, a de que a Rebeca acorde do coma e consigamos que nos diga onde é que matou a Alba, mas os médicos não acham possível, tem o coração muito danificado.

:::

Na quarta-feira de manhã voltei para Villaverde e encontrei um carro da Unidade estacionado em baixo da varanda da casa do avô. Corri escada acima, esperançado. Por fim uma notícia.

Mas quando entrei em casa encontrei Estíbaliz, que olhava pela janela da sala e se virou ao ver-me.

– Porque é que vieste? – perguntei-lhe quase com hostilidade.

“Aqueles olhos vermelhos são por outra razão, a Esti não esteve a chorar antes de cá vir. Aquelas lágrimas que lhe entram nos lábios a tremer não são pela Alba e pela Deba.”

Mas não falou, provavelmente estava a tentar ganhar forças.

– Vens dar-me as más notícias? – insisti. – Acharam que eras a pessoa mais adequada?

– Prefiro ser eu.

– Como és corajosa, Estíbaliz. Tão corajosa. Podia ser a Milán, o Peña, o comissário... mas vens tu, vens-me olhar nos olhos e dizer que...

– Sinto muito, Unai.

– Sentes muito porquê?

– Suspenderam as buscas. A Rebeca levou-a há cinco dias. Não me parece que vamos encontrar o cadáver. Estamos à espera de que o tempo melhore e que algum excursionista a encontre, onde quer que seja.

– Diz. Diz em voz alta. Diz o que ainda não disseste e todos vocês pensam.

– É melhor aceites que a Alba está morta.

“Muito bem, já o disseste.”

Foquei-me na lareira como a minha âncora. As chamas, a oscilarem. Naquelas chamas o tempo parou. Fiquei assim algum tempo, sem fazer nada. Alba estava morta e eu só era capaz de ficar quieto, como uma estátua no cemitério.

Senti-me muito cansado.

Felizmente chegaram reforços para me resgatar daquela tempestade, porque eu estava perdido e não sabia como voltar para terra firme.

O avô obrigou-me a sentar no sofá.

As suas mãos de centenário, com a sua pele rugosa e as veias gigantes, apertaram as minhas. Tentou transmitir-me algo, um “calma, filho, estou aqui contigo”.

Esse é o conselho básico do mentor, não é? “Continua a respirar.”

O movimento manteve a dor adormecida nas horas seguintes.

Aturdido, desolado, movia-me numa espécie de realidade paralela, onde o chão que pisava não era tão duro e o vento que soprava não era tão frio. Flutuava na inocência daqueles que não sabem de nada.

De nada.

Deixei-me levar.

As chamadas acumularam-se no meu antigo telemóvel. Parecia que o planeta inteiro me queria dar os pêsames. Só atendi a do comissário Medina, que remédio.

– Sei que já o informaram que demos por concluída a operação de busca. É impossível a subcomissária Salvatierra ainda estar viva, e com a chuva destes últimos dias... não posso permitir que morra outro dos nossos, como no túnel de San Adrián.

– Compreendo, comissário – interrompi-o.

– Dou-lhe os meus sentidos pêsames pela morte da sua namorada e do seu filho.

– Filha, era a minha filha e chamava-se Deba.

Deba, a minha pequena deusa que não chegou a nascer nem a proteger a sua mãe. Já lhe tinha dado esse nome há muito tempo. Tinha-me vindo como uma certeza, nem sequer tive de escolher.

Alba não partia sozinha. Saúl contou-nos uma vez que Tulónio, o deus guardião, esperava no porto pelos espíritos que chegavam vindos do rio da vida. Desejei que as recebesse a ambas.

“Só tens de esperar por mim. Voltaremos a reunir-nos. Um dia reunir-nos-emos os três e seremos a família que estávamos destinados a ser.”

...

De modo que hoje é o dia da aceitação. Há que ser adulto e assumir a realidade.

Que pararam de procurar o cadáver, que Rebeca pode ter mudado o seu *modus operandi*, que a dupla Saúl-Rebeca já tinha provocado demasiadas mortes: Annabel Lee, Jota, o filho por nascer de ambos, Gimena, Marian Martínez,

Andoni Cuesta, Asun Pereda, o próprio Saúl, daqui a alguns dias a própria Rebeca... Alba e Deba.

Tenho de começar a aceitar que a mulher que amo está morta e que nos vai custar encontrar os seus restos.

Não sei por que razão hoje foi o dia em que finalmente pude compreender com clareza, ou talvez com a maturidade e a distância emocional necessárias, o que aconteceu naquele povoado cantábrico.

Fomos quatro presas e três caçadores: Annabel Lee, Rebeca e Saúl observaram-me a mim, a Jota, Lutxo e Asier, seguiram-nos, catalogaram-nos e utilizaram-nos para o objetivo com que tinham ido para o acampamento.

Annabel Lee tirou-nos a inocência, não só a inocência sexual, mas também a crença infantil de que o nosso grupo e a nossa amizade eram indestrutíveis. Demonstrou-nos passados poucos dias que uma estranha podia acabar com tudo sem grande esforço da sua parte.

Talvez esse pormenor tenha sido o mais humilhante daquela derrota.

Para Rebeca éramos a sua última oportunidade perante os avanços do pai. Precisava de um herói com um rosto mutável que a defendesse e fizesse o correto: denunciar o adulto.

Nenhum de nós foi o seu herói.

Saúl moveu-nos a cada um dos quatro como peões de circunstância numa partida que nada tinha que ver connosco. Estudou as nossas carências afetivas e atendeu às nossas necessidades parentais à medida.

Não perdoo a Rebeca ela ter podido escolher e não o ter feito. Golden deu-lhe a oportunidade de uma vida afastada de abusos e de um pai nocivo. Ela escolheu continuar a provocar danos. Eu não vou ser assim, essa é a minha fortaleza. Alba não o teria querido.

Sei que eu e Nieves devemos começar com os preparativos de uma cerimónia em memória de Alba Díaz de Salvatierra e de Deba López de Ayala. Temos de seguir em frente, elas não vão voltar.

Aceitar a perda, cruzar a fronteira da aceitação.

Assim que isto acabar, quero subir a San Tirso, onde uma vez salvei uma vida.

Foi o que me deixaram Saúl e Annabel. A minha essência, o que sou: não vou fazer vista grossa. Eu próprio me atirarei do penhasco. Não vou ser de novo um triste viúvo, não sei quanto tempo vou estar neste mundo, de modo que vou saltar o luto.

Alba nunca se queixou, foi esse o seu legado.

Eu também não o vou fazer.

EPÍLOGO

Deba

25 de janeiro de 2017, quarta-feira

Germán começou a ligar ao meio-dia. Uma e outra vez. Não o atendi. Não tinha forças. Ele insistiu até que desliguei o telemóvel.

Sei que continuou a ligar porque ouvi o toque anacrónico do velho telefone na cozinha. Assumi que o avô atenderia. Dois minutos mais tarde, o avô veio dar-me a notícia:

– Filho, o teu irmão acabou de ligar. Disse que a Rebeca morreu.

Desatei a chorar desalmadamente. Já não aguentava mais.

– Não, filho, recompõe-te! Ouve-me, o teu irmão tem algo para te dizer.

– Não quero saber de nada! – gritei-lhe.

– Não estás a entender, o teu irmão ia todos os dias ao hospital perguntar-lhe pela Alba. Estava empenhado em que ela lhe dissesse antes de morrer. A Rebeca acordou por momentos e confessou-lhe tudo: está nas ruínas do mosteiro de Toloño.

Santa Maria de Toloño, no alto da serra de Toloño. Talvez tenha sido a própria Alba quem contou a Rebeca a história que eu lhe contei da origem celtibérica do nome da serra, talvez tenha sido Germán, numa tentativa de a impressionar.

Liguei o telemóvel, falei com Estíbaliz, em poucos minutos montámos uma equipa de resgate com um helicóptero.

Eu voei pelas escadas abaixo, até me esqueci de vestir o casaco.

Estava prestes a arrancar de carro quando o avô entrou e se sentou no lugar do copiloto.

– Aonde pensas que vais?

– Contigo, filho. Quando ia a Labastida, na altura do contrabando, muitos de nós passámos por essas ruínas à vinda de Pañacerrada. Conheço bem o terreno. Se te atrasar, deixas-me no caminho.

Ia dizer-lhe que não, mas ao vê-lo carregado com uma manta e um cantil com água e bolachas para a subida, apercebi-me de que ele sabia perfeitamente o que fazia. E que se eu chegasse antes da equipa de resgate, ia precisar muito de alguém com bom senso para me amparar diante do que ia encontrar.

...

Chegámos a Pañacerrada em apenas quinze minutos, o avô guiou-me por caminhos cada vez mais estreitos na floresta enquanto passávamos por algumas faias e eu forcei o carro a subir o máximo possível para ganharmos tempo.

Estacionei quando percebi que teríamos de continuar a pé, e o avô seguiu-me a bom ritmo. Pouco depois ouvimos o bater das hélices do helicóptero sobre as nossas cabeças. Dentro de uma hora ia anoitecer, eu sabia que se não encontrassem nada dariam a busca por terminada naquele dia e voltariam mais uma noite para casa de mãos vazias.

Apressei-me, nas últimas centenas de metros o avô ficou para trás, mas foi ele quem me indicou como chegar mais depressa às ruínas.

E cheguei, na mesma altura em que o helicóptero aterrava numa pequena zona plana.

Estíbaliz saltou e achei que o vento a ia levar, mas ela aguentou-se.

Procurámos perto das três paredes que restavam das ruínas do que em tempos foi um mosteiro gótico. Ali não havia nada. Só pedras, muitas ervas daninhas, arbustos pequenos e...

E eu vi algo mexer-se, algo branco.

“Não pode ser, é o casaco dela.”

– Aqui! – gritei.

E encontrei Alba, ou alguém enlameado e extenuado que em tempos foi Alba, coberta pelo seu comprido blusão de penas, com as mãos e os pés amarrados numas abraçadeiras de plástico. Enroscada à volta da barriga, imagino que numa tentativa de reter o calor corporal ou de proteger a nossa filha. Tinha os pulsos em carne viva. E um pequeno *kit* de sobrevivência improvisado junto ao seu rosto. Uma velha lata de *Coca-Cola* esmagada e inchada com a água da chuva.

– Ela está muito mal! Vamos estabilizá-la e levá-la para Txagorritxu! – gritou alguém que não recordo.

– Mas vai sobreviver? – lembro-me de perguntar.

– Não posso garantir nada, as suas pulsações estão muito baixas. Está em estado crítico.

– Está grávida de vinte e cinco semanas, tem eclampsia – informou-o a minha parte autómata, a que não estava morta de medo.

– Faremos o possível, mas não lhe prometo nada.

...

Falou-se durante muito tempo da capacidade de sobrevivência de um ser humano quando Alba, depois de algumas semanas entre a vida e a morte, ficou

livre de perigo. Foi também praticamente um milagre que Deba sobrevivesse àquilo tudo, mas o seu coração de colibri batia forte de cada vez que a víamos numa ecografia.

As amêndoas caramelizadas do avô que Nieves deu a Alba na sexta-feira do seu sequestro mantiveram-lhe o corpo protegido de uma baixa de açúcar.

Com os pés e as mãos amarradas, Alba só conseguiu sobreviver racionando as suas reservas e a água deixada pela chuva. Arrastou-se até encontrar o lugar mais resguardado nas ruínas e ficou à mercê dos deuses daquele local sagrado. Quero pensar que Toloño, ou o deus Tulónio, cuidou dela e de Deba. Alba diz que esteve num estado de consciência diferente.

Eu acredito que os nutrientes que lhe faltaram ao cérebro a mantiveram letárgica e que foi por isso que o seu corpo sobreviveu com o mínimo.

O avô, por sua vez, explicou-me a sua própria teoria com o seu pragmatismo habitual: Alba tinha hibernado. Entrou num estado de inatividade, como uma urso polar a proteger a sua cria.

Como *profiler*, pensei muito na mudança do *modus operandi* de Rebeca. Finalmente concluí que quis encerrar o ciclo da morte da sua filha, Gimena, matando a minha da mesma maneira que ela tinha partido deste mundo: em cima de um monte sagrado com nome de deusa celta, passando a noite ao relento e deixando Alba e Deba morrerem de frio.

Mas Rebeca não as conhecia tão bem quanto eu, não podia ter antecipado a sua força imensa.

...

Só voltei ao trabalho depois do seu nascimento, a 28 de abril, dia de San Prudencio. Não me separei nem um segundo de Alba durante as semanas em que esteve internada. A proximidade da morte pôs finalmente em ordem a nossa história. Decidimos tentar, mais uma vez. Aprendi a apreciar as texturas da nossa história, acostumei-me a isso.

Assisti ao parto, nunca me senti tão apavorado, mas quando ma entregaram, apenas um casulo embrulhado em mantas, e Deba segurou com força no dedo que lhe estendi, todas as dúvidas se dissiparam. Tive a certeza de que me tinha escolhido, e com aquela firmeza tão típica da sua mãe, creio ter percebido o que me queria transmitir: “Tu és meu pai, conheço o meu passado, tudo o que me trouxe até aqui. Mas decidi que tu vais ser o meu pai. Ponto final.” E aquele “ponto final” já definia a sua personalidade. A minha filha nasceu entre a chuva, mas nesse dia ninguém na sua família pareceu importar-se. Embalei-a e dancei em círculos com a cabeça dela apoiada no meu ombro, como se fosse um ninho. Deba aninhou-se, sabia estar em casa.

Loura de olhos azuis, como a sua avó Nieves, não se podia dizer que era uma bebé linda. Era demasiado parecida com o avô.

E sei que as más-línguas comentavam nas minhas costas que era a cara chapada de Tasio e de Ignacio. Na verdade, não me importa.

Mesmo que assim seja, tenha ela os genes que tiver, estou decidido a quebrar essa cadeia de violência que remonta ao Paleolítico.

Deba vai ter uma mãe que não quebra, um pai que iria até ao fim do mundo por ela, dois tios, Germán e Estíbaliz, uma avó...

...e um bisavô que continuará a estar de pé quando todos faltarmos.

AGRADECIMENTOS

Este livro trata da maternidade e da paternidade. Ao longo das suas páginas conhecemos pais bons e maus: nocivos, ausentes, indecisos, tiranos, avós que fazem de pais, tias que salvam e sofrem como mães... Gostei de refletir sobre a decisão consciente que implica para cada um de nós sermos um bom pai ou uma má mãe, independentemente da bagagem que a vida nos pôs às costas.

Resta dizer que o que acontece neste romance não tem nada a ver com a minha história pessoal: simplesmente queria dar voz a todas as Rebecas do mundo. Se uma só se salvar porque um leitor não virou a cara para o outro lado, toda a minha carreira literária terá valido a pena.

...

São muitas as pessoas a quem tenho de agradecer o apoio que me deram:

À minha mãe, que herdou a capacidade para resolver problemas do avô, pelo seu trabalho intenso de documentação oficial de tudo o que está relacionado com Villaverde.

Aos meus irmãos, Nuria e Raúl. Cresci numa família muito unida, e sou muito feliz por os ter como companheiros de vida.

A toda a minha família e vizinhos de Villaverde, porque em nenhum momento duvidaram deste sucesso.

A todos os vitorianos e alaveses que recomendaram e ofereceram *O Silêncio da Cidade Branca*. Uma das maiores satisfações que uma escritora pode ter é transformar-se em profeta na sua terra.

Isso aconteceu-me.

Graças a vocês.

À Câmara Municipal de Vitoria e ao seu Posto de Turismo, em concreto, a Gorka Urtaran, Nerea Melgosa e Delia García, pelo seu apoio sem reservas.

Ao Club Rotary de Guardamar, por serem tão boas pessoas.

A todos os jornalistas da imprensa, televisão e rádio, pela divulgação.

Aos livreiros, pelo seu trabalho de recomendação. Foi o que tornou esta Trilogia da Cidade Branca o fenómeno que é hoje.

A todos os *bloggers* literários, por encherem as redes com críticas maravilhosas. Não sei o que faria sem vocês.

A todos os leitores e seguidores das contas de evagarciasaenz no Facebook, Twitter e Instagram. Vocês são o meu impulso diário.

Graças a vocês continuo a escrever.

A toda a equipa da Planeta: Belén López, Raquel Gisbert, Emili Albi, Zoa Caravaca, Laura Franch, Lolita Torelló, Isa Santos e Silvia Axpe. Tornaram este milagre possível, e facilitaram-me a vida. Dou muito valor à vossa qualidade humana, ao vosso impulso e à vossa força. Gosto de trabalhar com boas pessoas.

A José Creuheras e a Carlos Creuheras: pela vossa humanidade, sobretudo pela vossa humanidade.

A toda a rede comercial da Planeta: sem vocês nada disto teria acontecido, obrigada por levarem o Kraken a todos os cantos do país.

A Carlos Revés, Jesús Badenes e David Fernández: obrigada por aqueles dias magníficos na cidade branca... e por tudo o que aprendi com os melhores.

A Javier Sanz, obrigada pelo teu empenho para que o Kraken fale todas as línguas do mundo.

A Mikel Lejarza: por apostares no Kraken.

Por outro lado, muitos profissionais me emprestaram o seu conhecimento para esclarecer as minhas dúvidas pontuais. Qualquer erro ou mudança ao serviço da ficção partiu de mim:

Ao chefe de formação da Academia de Polícia Basca de Arkaute e ao chefe da Unidade de Investigação Criminal de Ertzaintza de Vitoria, pela sua boa-disposição ao ajudar-me com as questões de criminologia.

A Enrique Echazarra, por me tirar dúvidas sobre alguns locais.

Ao Posto de Turismo da Câmara Municipal de Salvatierra, pela ajuda com os percursos de chegada ao túnel de San Adrián.

A Gregorio Pérez e Juli Otaza, por me ajudarem quando precisei.

A Fausti Gisbert, terapeuta da fala, por me ajudar com a prática de consultas de reabilitação da fala de Unai.

À psiquiatra que me esclareceu conceitos sobre a herança genética da psicopatia.

A Oscar Puelles, por esclarecer as minhas dúvidas com o Hospital de Txagorritxu.

Aos meus professores em documentação criminal na academia. Desta vez foi muito mais duro, mas serviu-me para valorizar ainda mais o trabalho de todas as pessoas que fazem parte das Unidades de Investigação Criminal.

Por fim: aos meus filhos, Adrián e Dani, porque me estão a dar muito mais do que qualquer adulto e estão a descobrir uma Eva forte e feliz, cheia de recursos que desconhecia. São os meus professores de vida, e dedico-vos este livro.

A Fran, por seres a Montanha de que toda a Cersei precisa.

E a ti, meu querido e adorado avô, por continuares presente, apesar de já teres partido, por todas as vezes em que me sorriste, sentado na horta daquela foto no meu escritório e me murmuraste com a tua voz rouca: “deixa-te de tretas e segue em frente”.